3 1761 06184622 6

e to meu bom e velho amigo o
Ill.mo Sr. Dr. Moraes!
Of. o seu obr.
Porto-Alegre

O dedicatória autographa de aut

COLOMBO.

TOMO PRIMEIRO.

COLOMBO

POEMA

POR

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

TOMO PRIMEIRO.

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR Nº 69.

1866.

VIENNA.
IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1866.

LIBRARY
OCT 0 5 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

A SUA MAJESTADE

O

SENHOR D. PEDRO SEGUNDO,

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E

DEFENSOR PERPETUO

DO

BRASIL

O. D. C.

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

PROLOGO.

PROLOGO.

I.

O TRIUMPHO.

Troam na Iberia os hymnos da victoria
Que Fernando e Isabel do Mouro houveram.
Jaz vencida Granada! A Cruz guerreira
Da moderna cruzada resplandece
No rubro cimo da atalaia altiva,
Que domina de Alhambra os regios muros.
E os zimborios vidrados das mesquitas
Assentadas no gremio augusto e bello
Da abatida sultana do occidente!
Jaz vencido o koran: no sancto apriseo
Repousa a Hespanha á sombra do Evangelho.

Na ridente esplanada, ovantes, firmes,
Como troncos de ferro, ao sol fulguram
Pautados esquadrões, lucidas armas.
Rebombam no horizonte em densas nuvens
Os estrondos da rouca artilheria,

Que dos rinchos equinos augmentados,
E do rijo clangor das marcias tubas,
D'alto a baixo as montanhas estremecem!
Sobre o craneo hibernal das Alpuxarras
Estala o diadema eterno e frigido
De niveas carambinas: geme a terra;
Revolve o Darro o antigo leito, e mescla
De aureas palhetas as sangrentas aguas,
Onde exangues cadaveres fluctuam.
Retremem os zimborios esmaltados
Dos islamicos templos! Pavorosa
A sombra de Almansor, banhada em sangue,
Do poento jazigo em que dormia,
Se ergue, e lá foge ao funeral de um throno,
Que o seu braço escudara em cem batalhas.

Jaz vencida Granada! A Providencia
Quebra a espada de Islam nos frageis muros
De Sancta-Fé, erguida após o incendio.
O drama porfiado, que oito seculos
Ensanguentara a Hesperia, se desfecha;
Cai aos pés de Isabel estrebuchando
O orgulhoso colosso desse imperio
Que o braço de Fernando avassallara.
Na incude marcial não bate o malho
Do mourisco alfageme; acerbas lagrimas
O ferro mal temperam; só resôa

Através desses muros derrocados.
O tinir das cadeias dos escravos,
Em cuja mente a liberdade antiga
Não ousa aos céos erguer dubia esperança.

No regio acampamento o afan redobra:
Preliba a festa a marcial phalange
Aprestando mil jogos. Sobre carros
Rolam selvas dos flancos das montanhas,
E os tardos bois e os férvidos cavallos
Movem acervos de pesados troncos.
Rangem as serras, os machados talham,
Cava-se o chão, e os artefactos sobem.
No regaço gentil, nas mãos mimosas
Das felizes donzellas se engrinaldam
Odoras flores e laureis virentes;
E em seus dedos a agulha industriosa
Nos pendões e divisas emblemava
Com empenho amoroso imos arcanos.
Séricas tendas, pavilhões heraldicos,
No ar tremulam as douradas franjas.
Ascendentes palanques contorneam
O precinto faustoso da estacada,
Que o arauto firmara em torno á liça,
Onde em breve travando as aureas lanças,
Ha de em preito amoroso, em destros jogos,
Turba heroica ostentar valor e arte,

Domina a teia o cadafalso regio,
Adornado de telas brazonadas,
Que feitos e victorias preconisam
Dessa prole de heroes á cruz votada,
Que o crescente eclypsou co' a dextra invicta!

Era no dia em que o christão memora
A maga epiphania. Ao som festivo
Das iberias trombetas, fronticurvo,
Da tarima real descia o Mouro,
Vendo em seu throno o desengano e a morte,
E a gloria avita como um sonho illuso!
O ferreo guante do Hespanhol pesava
Sobre as ameias do rendido alcáçar.
Consummado era tudo! Escravo o bronze,
Que inda ha pouco nas hostes inimigas
A morte vomitava, aguarda o mando
De seu novo Senhor, que ovante marcha,
E ás portas bate da purpurea Alhambra.

Em murzellos frisões, ajaezados
Com mourisco primor, o Rei e a esposa
Fecham a marcha triumphante e grave,
Que ao som das charamellas e timbales
Soberana desfilla. No ar retinem
Os hymnos da victoria. Á frente marcham
Os reis d'armas, arautos, passavantes,

Sobre os hombros sustendo as massas de ouro.
Nas ferreas armaduras das cohortes
Que as alas ornam do real cortejo.
Se espelha o sol em fogareos ardentes.
E as lanças e as espadas dos guerreiros
Ephemeros cometas no ar lampejam.
Hoste briosa, de afamada estirpe.
Como estatuas de bronze augmenta a côrte,
E o prestito realça o regio Musa.
Mensageiro de paz, leão na guerra,
Alli ostenta do oriente as galas:
Sobre o punho do alfange temeroso,
Tauxiado em Damasco, entre saphyras
Flammeja do Indostão rubim monstruoso:
Vale o xairel de meio reino as terras.
E o seu dono e o ginete um vasto imperio!
Em negros alfarazes, a seu lado
Trinta Alarifes vão, de mouro sangue:
Ressumbra-lhes no rosto abaçanado
O desdem que o valor innato exprime.
Em castanhos corceis, Aldoradinis,
Alabezes, Vanegas e Maliques,
E os heroicos Gazules arrematam
O sequito mouriseo. Commandando
Provados martes, senhoreia o prestito
O sagrado pendão de Sancto Iago,
Á cuja sombra preito e homenagem

Deve um dia render metade do orbe!
Entre jograes e menestreis marchava
Co'a lyra de ouro um Bardo, ultimo garfo
Da caledonia estirpe, escapo ao ferro
Que Eduardo cruel brandira em Galles.
Com garbo marcial a pompa illustram
Equestres campeões d'alta linhagem.
Das pupillas vertendo fero lume,
E ao som dos hymnos que o valor deificam,
Do tinir das espadas, dos arnezes,
Os briosos corceis se engalam, rincham,
Ondeam, e nas frontes dos guerreiros
Fluctuam docemente as brandas plumas,
Qual formoso palmar que a brisa afaga.
A passo tardo macilento monge,
Coberto de burel, a Côrte segue:
Ximenes é seu nome: o resto a Hespanha
Ha de em breve dizel-o ao mundo inteiro.

De odoras flores, de virentes palmas
Se junca a estrada, que margeia os muros
Da vencida Granada, onde o cortejo
Triumphante alardeia augusta pompa;
E mal vingado havia asp'ra montanha,
Eis que da terra, que a seus pés echôa,
Prorompem, surgem lamentosas vozes!
Eram brados christãos, christãos escravos,

Que da noite hedionda das masmorras
Á luz do dia saudações mandavam!
Livres ordena que a seus lares voltem
A piedosa Isabel esses captivos,
Que no equúleo da dôr, da fome, e em trevas
Pela patria gemeram largos annos;
E esse monte dos Martyres chamou-se!

Á sombra larga de maciça torre,
Cuja grandeza a vista aos céos eleva,
Fronteiros param, attentando á porta,
Onde um marmoreo emblema provocava
De ha muito o mundo a conquistar Granada.
Rangem os quicios: Boabdil-El-Chico,
As chaves do seu reino e seu alcáçar,
Consternado, a Fernando entrega, e diz-lhe:
„Poderoso Senhor, Allah decreta
Que estas chaves que fecham tanta gloria,
Em vossas regias mãos eu deposite.
São as chaves que encerram as reliquias
Do cadaver augusto e venerando
Do arabico imperio, que oito seculos
Na Hespanha floresceo! Mas seja feita
A vontade de Allah!“

FERNANDO.

E o poderio
Das minhas armas nade vale, oh Mouro?!

BOABDIL.

Não; não creiás, Senhor; Deos é quem marca
Os dias dos imperios, não os homens.

FERNANDO.

Quando n'elles não ha Juliano, e Oppas!..
Relevo-te a ousadia: a dôr desvaira.

BOABDIL.

Mais desvaira a fortuna!.. Estava escripto,
Escripto estava, oh Rei! Na casa de Hercules,
Desde o berço da Iberia, mão occulta
Fatidico papyro aferrolhara,
Em que Allah prescrevêo nossas conquistas.
Não foi o braço humano, não de certo,
Quem do céo despejou centos de raios,
Que a pó e cinzas com assombro do orbe
O templo reduziram! Foi Rodrigo,
O peccador que surdo á voz celeste,
Insano profanou com ímpia dextra
Esse altar onde os evos occultavam
O aresto que fez ruír seu throno,
Seu plaustro deseixar-se, e o sceptro avito
Quebrar-se eternamente sobre as margens
Do rico Guadalete, em face a Xeres.
Stava escripto!.. Não foram vossas armas
Que meu throno abateram; foi o fado!
Aben-Hassan, meu pai. — Deos o ampare, —
Vio a par da derrota a estrella mesta

Do infortunio pousar sobre o meu berço.
Predice o céo meu fim; fatal decreto
Da morada de Allah baixou á terra.
Aqui mesmo, Senhor, nesta atalaia,
Berço e sepulchro da grandeza humana,
Uma horrenda visão teve elle um dia.
Dia nefasto nos annaes da hegira.

..Mergulhava no mar o limbo ardente
O sol; suave tarde a primavera
De andaluzas delicias revestia; ·
Sobre o bafo de meiga e fresca brisa
De nardo e lume um oceano ethereo
Vinha os labios ungir de almos encantos;
E o astro do Propheta a prumo ao cimo
Desta immensa guarita das vigias,
Brilhava puro e calmo, como a face
Da Hurí que nectarisa eternamente
Os labios do escolhido. De repente
O céo se enlucta, e as candidas estrellas
Em verdes flammas se convertem, cruzam,
Trovejando no espaço ronco horrendo!
Mais vermelho que o sol da terra surge
Um rompente leão! lança-se ao astro,
E o devora de um trago! A natureza
Parecia reentrar no chaos informe,
E em trevas sepultar-se! . . Só a imagem

No céo se via da medonha fera
Sacudindo da juba ensanguentada
Um graniso de fogo sobre os tectos
Desta infausta cidade! . . Meu pae, tremulo,
Sentio da morte a mão premar-lhe o seio,
E ardente desfiar-se de seus olhos
Sobre a nivea marlota sangue em bagas.
Horrorisado foge, titubante,
E o pateo dos leões assim varando,
Ouve um gemido que lhe vara o peito.
Da bacia de marmor, que no centro
Espadanas de sangue trasbordava
Sobre o dorso marmoreo dessas feras,
Já com sangue christão assás banhadas,
Um espectro phosphorico o assalta!
Como ardentes carvões chammeja a larva
Em muda exprobação olhar satanico!
Tira do seio ensanguentada espada,
E nos labios crueis a limpa, e cospe
No rosto de meu pai mancha indelevel . . .
Convulsivo sacode a fronte hirsuta,
E com ella lhe atira espedaçada
A c'roa augusta de Granada ás plantas;
E após sumio-se o agoureiro espectro! . .
Como um ebrio que vê fundir-lhe o raio
A taça de ouro, que emborcava aos labios
Em louca libação, gelado fica,

Assim ficou meu pae! . . Sôa um vagido
Nos regios aposentos, que o desperta!
Outro sôa maior! fóge, e procura
Lenitivo ao terror no casto seio
De minha terna mãe; e o que elle encontra?!
Era eu, vindo á luz naquelle instante!
Era eu, que á desgraça destinado,
Vinha ao mundo da dôr, do desengano!
Era eu, que dos olhos desprendia
A lagrima primeira, e n'ella ao vivo,
De um cirio á luz que o thalamo aclarava,
Vio meu pae com assombro reflectir-se
A imagem pavorosa das exequias
Do throno de Granada! . . . Estava escripto!
Os braços granadis ora algemados,
Aos braços dos christãos em força igualam,
E as aguas do Genil dão gume ao ferro
Para o ferro cortar de vossas armas. . .
Allah foi quem vencêo! . . Ante meus olhos
Julianos e Oppas, refractarios
As juras do koran, patentes vejo!
Nem a esposa me resta, que o máo fado
Me fez repudiar, cobrir de opprobrio,
Negando seu amor! . . Sangue, só sangue,
Avancerrage sangue em toda a parte
Minha esperança para sempre afoga!
Nasci em dia aziago . . . Eis vossas chaves.

Uma graça, Senhor! — sêde piedoso:
Tolerai o koran: elle é do Mouro
Um roteiro do céo. Inda outra graça:
Mandai que um alvanel a porta mure
Por onde Boabdil descêo do throno."

Dice: e o despeito brota-lhe nos labios
Espessa espuma. Não lhe verga o animo
Da despegada esposa o riso odioso,
Nem as faces traidoras dos escravos
Que n'elle viam perecer a patria;
Antes, rolando os inflammados olhos,
Um por um os confunde, e rei se mostra!

Convulsivo tremor a face augusta
Da formosa Isabel percorre, e estampa
Em seu terno semblante a piedade.
Fernando, ao lado d'ella, occulta o jubilo
Que em seu peito referve; e os olhos fictos
Na alcantilada torre, aguarda ancioso
Ver erguido o signal, a cruz argentea
Na mão de Talavera, e glorioso
Engolfar-se nos brados da victoria.

„Sancto Iago!" do alto da atalaia
Tres vezes brada o bispo; e Sancto Iago!
Vezes tres pela veiga inda reboa
Em prolongado som, que dobra em força.

Como a onda que os flancos arremeça
Em lisa praia, e recuando engrossa
Em marouço, que estoura reboando.

„Castella e Aragão!“ grita o rei d'armas,
Floreando tres vezes o estandarte
Do Apostolo guerreiro, cujo nome
A fé robora, e accende o amor da gloria.
Responde a artilheria, rufam caixas,
E no campo fluctuam ferreas massas,
Dardos de fogo rutilando em nuvens.
Fernando beija a terra; ao som das harpas
Grave Te Deum se entôa, a que respondem
Toda a côrte, guerreiros, e cantores.

Eil-o, o fero Boabdil, sobre alto monte,
Fugindo desses hymnos que concutem
Em seus tristes ouvidos sons funereos,
E o solio avito n'um sudario envolvem
De fumo e sangue. Em vão turbado intenta
Prender-se á doce imagem fugitiva
Da finada grandeza: é tudo baldo!
Nunca em seus olhos a amorosa Alhambra
Mais bella se estampou, nem sobre a terra
Granada alardeou tantos primores!

Sereno estava o céo, como o respiro
De puro infante, adormecido aos mimos

Da carinhosa mãe. E elle não via.
Nesses desejos da desgraça extrema,
Rolando os olhos no horizonte patrio,
Erguer-se um fumo lampejando estrondos,
Sublevarem-se os seus, tinirem armas,
Romper-se a cruz iberia, e novamente
O crescente raiar nos rotos muros,
Como um astro propicio . . . . Ah! nem via
Abrir-se a terra e submergir Granada,
Ferver em seu sepulchro um negro lago
Exhalando mortiferos vapores.
Pela ultima vez sua alma adeja
Em seus olhos, e diz enternecida
Saudoso adeos á patria escravisada,
Saudoso adeos ao throno, ao mando, e á gloría;
Um suspiro o acompanha, longo, intenso,
Suspiro que concentra um reino, um mundo:
E após o suspirar vio-se em seus olhos
Do infortunio rolar a fria lagrima. . .

Para elle volvendo a vista ardente,
Então a mãe que muda o acompanhava,
Com despeitoso orgulho assim lhe falla:
„Como fraca mulher, Principe, choras
O teu reino perdido? . . Sim, pranteia-o,
Já que homem tu não foste em defendel-o.
Inda ha pouco teu vulto enchia a Hespanha

De assombro e majestade! ora abatido,
Nega-te a propria terra um canto, um pouso
Em que possas dormir! . . E tu sabias
Que o manto de um plebeo não cobre a espadoa
Que um imperio sustenta; e tu me ouviste
Desde o berço dizer-te esta verdade:
Que não é rei quem rei morrer não sabe!"

Qual si adunco cilicio o repassasse,
Ou si um raio estrugisse em seus ouvidos,
A voz apaixonada da Sultana
Fere sua alma, e lhe desnuda o mundo.
Um ermo tenebroso, arida syrthe
Entre vagas que o céo fulmina irado,
A terra lhe parece. Amor do berço,
Delicias do consorcio, e a majestade
Em voragens profundas disparecem;
A morte é seu porvir, sua esperança!
Da patria a terra e o céo infaustos cercam
Seu ser real proscripto. Encara os mares,
E nas rubras caligens africanas
Renasce-lhe a existencia. Sólta as rédeas
Ao fogoso corcel, e afasta os olhos
Do afflictivo painel que o dilacera.

Penetram nas formosas galerias
Da encantadora Alhambra os vencedores;

O fero trote dos frisões recresce
Nas sonoras abobadas. Fernando
Não póde clausurar n'um vão silencio
A insolita impressão:
„Ah! vale o sangue
De meus nobres guerreiros esta regia
Tão bella e grandiosa, que escurece
Quantas conheço na afamada Hespanha!
Por ella inda mais sangue eu verteria.“

II.

ALHAMBRA.

Criador alvanel com dextra eximia
Incansavel no invento e na hardideza,
Sobre campos de esmalte, de ouro, e purpra,
Em relevo abrolhou plastica flora.
Alli, em viva mescla insufla o iris
Com magico fulgor nas arcarias.
Cambiantes volutas, aureas tarjas,
Laçarias mimosas, quaes não viram
Nesses paços e thermas assombrosos
O faustoso Lucullo, e o lydio Creso
Que pisava no Ophir, cingindo a fronte
Co'as gemmas do Pegu, da Taprobana!

D'entre myrtos e rosas, fonte occulta,
Que desliza por fios diamantinos
N'um thalamo marmoreo, freme e pousa,
Como de Adria o crystal grato á belleza.
Ao vel-a, reflectindo a bella imagem
Da alabastrina arcada que a rodeia,
Dirias que outro paço o mauro engenho
No fundo desse tanque edificara,
Que genios invisiveis habitavam!

Transparentes columnas, tenues hastes,
Dourados arcos, rendilhadas cupolas,
No ar suspendem maravilhas d'arte,
Que a mente assombram na estructura ousada!
Dos vitreos azulejos variegados
Manam fachas de luz; de luz se orvalham
Os muros peregrinos, recamados
D'iriantes trasflores, de arabescos,
Da soberana mole. Nesses atrios
De vida sensual, de amaveis crenças,
Mente inspirada engrinaldou legendas
Inflammadas de amor. Amor, combates
As artes divinisam nessa estancia
Onde vida ebriosa embala em sonhos
Um futuro risonho e perfumado,
E os sentidos embebe em devaneios
De encantador olvido.!. Alli as horas

Em magico languor se deslizaram
Ao meigo bafejar de olente aragem
Ao doce suspirar de erma doçaina,
Ao terno dedilhar de aureo alaúde,
Ao canto harmonioso das balatas,
E aos nocturnos, reciprocos anhelos,
Que a vida em ocio edenico mudavam.

No centro da arcaria redentada,
Em lavrados boccles, pendem, fulgem
Caudatos lustres de globosa fórma,
Que a noite espancam nas festivas horas;
Pendem condeças trasbordando flores,
Gaiolinhas de prata em que saltitam
Brilhantes aves, gorgeando alegres.

Cid-Yahi, e seu filho o Infante Alnáyer,
Convertidos á fé, a historia narram
Do avito alcáçar com sciencia herdada
A Fernando e Isabel. Entram na sala
Que dos Avancerrages guarda o nome.
Qual coqueiro plantado em taça argentea,
Rebenta-lhe do centro alto repucho,
Delicias aljofrando e alma frescura.
Helias resteas, varando as lumieiras,
Iris refrangem nos subtis effluvios,
Que alli perante o dia o ar esmaltam

Co'as lindas fachas das ethereas côres.
Brincam no leito do marmoreo tanque,
Entre coraes, e madreporeas flores,
Rubros peixinhos meneando a cauda.

Maravilham-se todos desse arrojo,
Que erguera ao céo tão bello pensamento!
Deslumbrados os olhos vão descendo
Desses arcos de argentea filigrana
Á sanca rendilhada que sustenta
Angulosas tribunas, e as arcadas
Embrechadas de esmaltes, que lhes abrem
Dous formosos divans em duas alas,
Protegidas de mysticas penumbras.
Como herança saudosa, juncto aos leitos,
Em vasos niponenses reclinadas,
Blandicias dimanando da corola
Se agrupavam mil flores, inda orladas
Do orvalho matutino! A mão sob'rana,
Que as colhêo nos jardins de Lindaraia,
Perdêo seu talisman: já não commanda,
Nem indultos concede: exule agora,
Asilo e protecção péde aos estranhos!
Galante offerta o Rei um desses vasos
Á esposa incomparavel, que gostosa,
Nivea rosa de um ramo destacando,
No casto seio graciosa a engasta.

Dos Zegres e Gomeles aleivosos
Narra Cid o furor da infanda inveja,
E o como astutos odios infundindo
No animo do rei, a honra eivaram
Da sultana Daraxa. Mostra o marmor
Inda tincto do sangue avanecrrage.
E a pedra em que o algoz, descarregando
O afiado iatagan, fez de um só golpe
Rolar da tribu insonte a fronte heroica,
E Granada perder seu forte apoio.
„De certo, oh Rei da Hespanha (diz o Mouro),
Si existisse esta gente hoje em Granada,
Com passos triumphantes não pizaras;
Que Mouros só por Mouros são vencidos.
Duplos canhões, milhares de pelouros
O insuperavel peito desses homens
Faria recuar. Castella inteira
Ainda em muitos seculos banhara
Co' o sangue de seus bravos esta terra,
Té que á gloria de Christo se curvasse
O braço fatalista do propheta
Que em Bysancio quebrou de Roma o sceptro.“

„Pela gorja que não!“ — Co' a mão na espada
Replica o Rei, enrubecendo os olhos.
Mas, sorrindo, Isabel meiga lhe atalha
A ferrea dextra; e bemfazejo riso

No rosto esparge do alterado esposo,
Que o guante estende ao Mouro, e alli lhe outorga
O almejado perdão.
Além proseguem.
Passam á sala, que appellida a historia
Do Juizo de Deos. Aqui fallecem
Ao metrico pincel as vivas cores!
Como brandos pedunc'los de aureos lyrios,
Surgem do pavimento columnetas
Que, no ábaco eloquente de divisas,
Erguem outras em fachas, suspendendo
Entrançadas arcadas, que pranteiam
Lagrimas de ouro das franjadas voltas.
Do embrechado sophito, entre ramadas
De ambar e de algas transparentes, descem
Lacerados tropheos, pendões poídos,
E abollados arnezes, regias armas
Que o islamico brio em cem batalhas,
A vida baratando, houve da Europa.
Tudo o peito sublima nessa estancia
Que o valor deifica, e a gloria inspira!
Seu atrio, muda lyra, burilado
De ovantes epinicios, de memorias,
O fogo dos combates n'alma instilla.

„Eis a sala, Senhor, (prosegue o Mouro)
Onde a pura Daraxa em ferrea prova

A nefanda calumnia ha confundido!
Por ella, e por conselhos de Esperança,
Sua escrava christã, Mouros fingindo
Quatro Martes da Hespanha aqui venceram
Os Zegres e os Gomeles fementidos.
Aqui, n'um breve encontro, a espada iberia
Em taes peitos venaes calou a morte,
E dos labios exangues arrancou-lhes
O grande manifesto da pureza
Da sultana, por elles diffammada,
E a innocencia da tribu avancerrage
Por seu fero ciume victimada!
Este chão era um mar de sangue, e o principe...

„Basta (grita Isabel) de tantos crimes!"
E assim dizendo, volta a face augusta
E no seio pungido de Daraxa
Benigna a encosta: corre o pranto regio,
Irmana a dôr no peito feminino
O destino reverso, e n'um instante
As Raínhas alli se nivelaram!

No pateo dos leões pára o cortejo,
Arroubado ante a insolita belleza
De seu ambulatorio sumptuoso!
Que estupendo artefacto! Ornam-lhe o centro
Sotopostas bacias de alabastro:

Luminoso bolhão, vitrea palmeira
Rompe do cimo, e engrinaldado désce
Sobre a estreita bacia, em cujo seio
Ferve e trasborda em trepidantes curvas
Sobre a outra maior, e espadanadas
Em fimbrias de crystal açouta a juba
Dos marmoreos leões que a contorneiam.
Ao murmurio somnifero e cadente
Das monotonas aguas, meselam, gemem
Captivas philomelas tristes nenias,
Que o coração repassam de saudades.
Fronteiros prostylões de aureas arcadas
Resaltam nos dous topos; maravilhas
Pelo céo andaluz abrilhantadas!
Filhas do amor do mystico oriente,
Que no berço da aurora procriara
Esses typos formosos de artefactos,
Que o Nilo e o Eridano jamais viram!

Avidos entram nos luzidos atrios,
E ignotas sensações veem agital-os!
Como escrinios de amor, thesouros d'alma,
Ternos mysterios inda revelando,
Os thalamos reaes viram n'uma ala
Circulada de flores e de fontes.
Suspensos, fluctuando ao doce anhelo
De mente sonhadora, parecia

Inda alli murmurar os echos d'alma,
E o meigo estalo de nectareos beijos,
E o mutuo suspirar do ensejo amavel
Em que amor põe o céo na flor dos labios.
Viram dos banhos a ciosa estancia,
E os limpidos crystaes que reflectiram
De humanadas Hurís as bellas fórmas.
Quando ao sahir dos tépidos aromas,
Envoltas n'alvo linho, transluziam,
Como Venus abrindo a concha eburnea,
E a Jove radiando a formosura.

Param na sala do segredo; estudam
Dos echos a traição no curvo tecto,
Que sciencia infernal entretecera!
Alli rebôa como a vaga ao longe
O halito mais brando de um menino:
Acustico artificio leva ao espia
Quasi os echos de occulto pensamento.

Oh prodigio das artes! cimbre augusto,
Rutilante alameda de ouro e prata.
Templo de luxo, de grandeza, e de arte!
Como um bosque de lume entre mil prismas
Que refrangem do iris toda a pompa,
A sala do divan assombra, acanha
No peito do Hespanhol o orgulho innato!

Em tres alas se alonga a regia immensa:
Tem por columnas, não lavrados fustes,
Mas palmeiras de bronze, entrelaçando
A plumosa ramagem no amplo tecto.
D'ellas pendem racimos lapidados
De crystaes, que em luzeiros se convertem.
Ornam-lhe os troncos enroscadas silvas,
Em pinhotas brotando dirandelas
Matizadas de cirios de mil côres.
Alli não descem lustres bracejando,
Nem arandelas de crystaes franjadas,
Iriando-se á luz: arte mais nova
A noite afasta com mais bello invento;
Em mimosas redouças se equilibram
Pombas de jaspe, que voar parecem,
Em cujos seios lamparinas ardem!
Os muros lateraes, em que rutilam
Aureos guadamecins, telas persanas,
Decantando as historicas proezas
Dos vinte e tres kalifas de Granada,
Ornam renques de argenteos candelabros,
Fontes sonoras desfiando prata,
E espelhos em que a luz tudo duplica.
No topo circular transluz, qual pallio,
A tarima real, toda cravada
De metaes e de gemmas preciosas.
No broslado coxim já não se assenta

O filho do propheta, e nem seus servos
O solio em alas respeitosos guardam!
O cortejo real occupa a sala.
Fernando e Isabel ao throno sobem
Como novos senhores: vassallagem
Colhem da côrte hispana e da mourisca.
Tres vezes o rei d'armas volteando
O guerreiro pendão, com voz sonora:
„*Castella e Aragão*“ bradou ás turmas,
E tres vezes na sala responderam:
Castella e Aragão!.. Por toda parte
Echôa o som festivo das bombardas,
Ao mundo proclamando: — Jaz vencida
A pujante Granada aos pés de Christo.

Curvados do infortunio, entram na regia
Mouriscos deputados, e ante o throno
De seus antigos reis, mal balbuciam
Homenagem forçada aos reis de Hespanha.
Qual curvada bonina ao sopro irado
D'ingente vendaval, Daraxa treme!
Abysmou-se a seus olhos patria e solio,
E esse augusto passado, que renasce
Nas tristes azas da cruel saudade,
E no espelho fatal dos desenganos!
Inutil pranto nas convulsas faces

Verte agora contricta: tanto custa
O diadema deixar, inda que punja
Como c'roa de espinhos! . . Musa, Alnayer,
E as tribus que os seguiram contra a patria,
Sentem n'alma troar-lhe a voz do inferno!
Si odio ultriz não tivessem, uniriam
Seu pranto ao da sultana . . . mas debalde!

III.

CONVERSÃO.

As preces os christãos de novo chamam
Suspensos, como outr'ora, no seu posto
Os tintinantes sinos, que abatera
Almansor dos sagrados campanarios
Da nobre Compostella, e que adornavam
Quaes lampadas opimas a mesquita.
Sôa o bronze christão, dual arauto
D'alegria e da morte. Vencêo Christo!
Escravo o semilunio desce, emquanto
Sóbe a cruz, e do céo abrindo os braços
Os homens une co'o divino amplexo.

Désce de Alhambra o triumphal cortejo
E ao novo templo se encaminha ovante.
Deserta está Granada! . . nem um Mouro
A encontral-o sahio! Todos escusos,
Somente — *Allah é grande* — resmoneam
Pelo chão da agonia rebaixados.

Como em sombria e solitaria nave,
Sob os passos de um monge, estala o templo,
Assim marchando a comitiva augusta,
Da deserta cidade o chão resôa.
Seguindo tortuosa e estreita rua,
Que no fundo se alarga entre alamedas
De esguios choupos e copados freixos,
Chega o cortejo ao adro majestoso
Da soberba mesquita, que o céo toca
Co'esmaltado zimborio e os esguios,
Atrevidos mirantes, cujas faces
De vidrado azulejo revestidas,
Como igneas columnas resplendecem.

Ao triumpho christão e ao sancto empenho,
Mais realce vem dar quadro impensado:
Sacudindo as cadeias e cantando,
Pallidos como a morte e como a fome,
Quinhentos cavalleiros se apresentam
Inda tinctos das trevas das masmorras,

Onde escravos gemeram largos annos!
Da provada constancia eram abonos
Seus roxos pulsos, mutilados membros,
As hirtas barbas, e as esparsas comas
Que as desnudas espadoas encobriam,
E esses peitos da patria sempre amigos!
Pára o cortejo. Dom Martim de Burgos
Co'um silencio eloquente se adianta;
A Fernando e Isabel a mão oscúla,
Quer fallar, mas não póde; o corpo dobra
E no chão, semimorto, arqueja e solta
Uma voz como a do echo entrecortado
Das ondas do oceano. Muito a custo,
Balbuciou de amor. . . de rei, . . de patria,
As palavras sublimes, . . . e desmaia!
Era a nuvem que o gozo obumbra ás vezes,
Crise do captiveiro á liberdade.
Quer tomal-o Isabel nos regios braços,
Deixando o palafrem, mas redivivo
Se ergue o velho do chão, e tròa o hymno
Que Moyses entoara sobre a margem
Do rubro mar, sepulchro dos Egypcios!
Todos a pé se lançam, todos junctos
Com grave devoção e á uma cantam
O sagrado epinicio; e ao templo sobem.
Na face adusta do marquez de Cadix,

Desse heroe que revezes jamais vira,
Rola uma gota pela vez primeira!
Foi de certo a primeira, pois seus olhos
Nem na infancia e na morte lacrimaram!
Mais sublime não é a grata scena
De um pai surgido das fumantes ruinas
De horrivel terremoto entre seus filhos
E abraçado co'a esposa delirante,
Das entranhas da terra renascida.

Nas bronzeas portas, entre incenso e luzes,
Recebe o regio par o sacro antiste.
O orgam sólta a voz: os anjos descem
Ao zimborio dourado, tremulando
As niveas azas que desprendem graças.
Fremem os hymnos na sagrada estancia,
Ungindo os muros do converso templo
De piedosa harmonia. Um lume sancto
Doura as frontes christans e abrasa os peitos
Dos que ahi já não vêm tripudiando
Os estultos derviches. Á cadeira,
Onde a sancta verdade se annuncia,
Sóbe Ximenes, e facundo arrasta
O regio Musa e seus fieis consocios,
Que unisonos clamaram: „Rei da Hespanha,
Rei de Granada, caridoso apura
Nossa alma infesta neste asilo sacro.

Naufrague no poial desta mesquita
Do embusteiro propheta a lei de sangue:
Abre nos peitos nossos um sacrario
Ao Christo humano, redemptor do mundo."

Désce do altar o pressuroso bispo,
Abrasado de amor e caridade;
Descem do throno os venturosos principes,
E á pia baptismal conduzem Musa,
E os Mouros todos que o lavacro imploram.
Victoria, canta o orgam, vence a Igreja;
Victoria, sôa o bronze nas alturas;
E a trombeta guerreira diz: Victoria!

Um fremito secreto abala as fibras
Da turba marcial. Desembainhadas
Cruzam no templo as lucidas espadas;
O bardo enceta com festivo accento
Um sublime epinicio, e as harpas de ouro
O canto adornam, que ennobrece o feito.
Cavalleiros investe o rei catholico
A seus nobres donzeis, que na Capella
De Sancta Fé velaram suas armas.
A Dom Martim de Burgos, por mór gloria,
Entrega a espada que consagra a honra,
E lhe ordena que faça cavalleiros
A seus socios presentes, adornados

De andrajos e feridas. Sobreleva
A inclita Isabel acto tão nobre,
Cingindo-lhes a espada aos rotos flancos,
E o principe João a espora equestre;
E o Rei a um por um lhes dêo nas faces
O beijo augusto, que a eminencia assella.

IV.

O FESTIM.

Ornada de pendões se abria ovante,
Qual aguia majestosa esvoaçando,
Ampla tenda no centro da esplanada.
Era a tenda real: do tecto esguio
Descia um firmamento de ouro e lumes,
Cruzando os fogos e os reflexos varios,
No salão projectando odoras sombras,
E gemmas nos tropheos d'armas vencidas.
Espolio de Granada. . . O sol occiduo
Tingindo o marmor de elevados templos,
Mais formoso não fere a terra antiga,

Nem salpica nas ondas encrespadas
Dos raios zenithaes o brilhantismo.
Quanto o solo andaluz almo brotara
Nos jardins da sultana alli se via,
Matizando em festões a nobre estancia:
Não eram flores como as vira a Iberia
Nas bellas tempes dos reaes palacios,
Sem cultivo, sem arte, e sem magia;
Eram mimos de olor, hymnos da terra,
Fragrantes beijos da estação mimosa,
Ou sorrisos do amor da natureza.

Sobre o candido linho resplendiam
Na curva e lauta mesa, em varias fórmas,
Os limpidos crytaes iris movendo,
E a baixella real brotando lampos
Entre os vasos e os cirios perfumados.
Soberana impressão n'alma infundia
Todo aquelle apparato: o ar continha
Reaes effluvios que no peito alentam
Valor e lealdade! Era um prodigio!
Qual topazio fluente tremulava
Nas orlas vivas das argenteas taças
O mosto crepitante, e o velho xeres,
Que outr'ora nos convalles redolentes
O sol lhe aprimorara a grata essencia,
Delicias do Anglo na Britania algente.

Si o longevo pocino á Livia dera
Largos dias ém Roma, este os adorna
De valor e prazeres! Farta o cheiro
Das varias iguarias; dos assados
O aspecto corpulento, adusto e odoro
Sacia a fome! Alli de industria haviam
Despelladas vitellas, tenros anhos,
Cevados javalis, arboreos cervos,
Emplumados pavões, inteiras corsas,
Monstros marinos, recheiados cysnes,
E as fructas dos vergeis em doçarias!
Havia muito mais, o que supera
A riqueza, os thesouros culinarios,
E as pompas da vaidade; havia o termo
De uma lucta, e a gloria da conquista.

Na planicie que ostenta a massa ingente
Das varias legiões, ardem mil fogos:
Sóbe o lume e corôa o viso alpestre
Das serras alcantis. D'encontro á noite,
E o céo escuro, representa a flamma
Serpente enorme, demarcando as raias
Da vencida Granada. Assim outr'ora
De Germanico o filho mentecapto
Em Baias, simulando o Macedonio,
Ao clarão de mil fragoas alinhadas,
Contendoras do sol, passara as aguas

Do golfo ameno em fluctuante ponte,
Ao mar lançando em festival delirio
O valor de um imperio!
Chega a hora:
A guerreira trombeta quebra os vôos
Do mudo pensamento: a côrte marcha
Entre fogos ardentes; as cortinas,
Em sanefas abertas, dão á turba
O espectac'lo real. Já comparecem
Donairosas, em galas resplendentes,
As donzellas gentis, e os ledos pagens,
Candidatos de amor, e a prole altiva
Que nos aureos brazões estampa as lides
D'avita gloria e de seus proprios feitos.
Já não escondem nas polidas armas
A fronte adusta e os esforçados peitos;
Nem ao flanco valente pende a espada,
Terror da maura gente. Pela estancia
Aureas gorras com plumas se distendem,
Pelotes de velludo, sobresaios
Matizados de perolas, e gemmas,
Byzantinas marlotas, e alguns mantos
De Veneza e Toledo, inda mui raros.
Com passo angelical, rosto divino,
Maravilha Isabel!.. Tinha na fronte
Formoso rosicler de pedrarias,
E a flava coma em aurea rede occulta;

De raso carmesim trajava a diva
Roçagante vestido, guarnecido
De um brilhante gorjal, em que se viam
Quanto a Scythia, a Alabanda, a India, a Armenia,
A Ethiopia, a Narsinga, e mais Çofala
Nos seus gremios encerram de mais bello!
Vinha a seu lado o taciturno esposo,
Juncção estranha de Tiberio e Augusto,
Trajando a opa de brocado, em martas
Toda forrada, e um gibão de lhama;
Cinto e adaga de ouro, collar amplo
De rica pedraria, e sobre a fronte
Gorra de meia volta, á luzitana.

Das trombetas reaes o som prenuncio
Dá signal ao festim. Em alta mesa
Os Reis se assentam, e a seu mando a côrte,
Sem que um cynico bufo apodos mescle
Á solemne funcção. Começa o prandio:
Tinem nos pratos os cortantes ferros,
Lavra o silencio nos convivas fervidos,
E os nedios excanções co'a joven dextra
O ebrifestante xeres circumfluem,
Gorgorejando em lagrimas risonhas.
Anima-se o prazer; cruzam nos ares
Os brindes da victoria; exultam todos,
Deslembrados da guerra e dos perigos;

Ebrios de gloria, no festim recordam
Mutuas proezas os galantes Martes.

„As armas de Castella!“ el-rei Fernando
Brinda, volvendo respeitosas vistas
Á divina Isabel, que em mutua gloria
Saúda de Aragão tambem as armas.
Bradam todos de pé, brindando ledos:
„A Fernando e Isabel, Reis de Granada!“
Responde a artilheria e as charamellas,
E a Veiga inteira em jubiloso brado.

Ergue o Bardo real a voz cadente,
Ao som das harpas que o festim rodeiam,
E dos labios desprende este hymno ovante:

BARDO.

Quebrou-te a força herculea o braço iberio,
Oh Granada suberba, oh throno de ouro!
Do céo da gloria se arrojou teu astro
Sobre um lago de sangue eternamente.
Inerme ao prelio a lança que brandias,
Rebotada não vibra o raio islamico;
Mudo o teu anafil, cultor de louros,
O mundo a conquistar não chama os Mouros.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

BARDO.

Sobre a grimpa tonante, de aço e bronze,
De altiva Comarés teu semilunio
Já fero não se apruma; o gladio hispano
Humilhou-te a pujança, espedaçando
Os suberbos pendões, que á sombra infame
De um Opas refractario levantaste.
Do teu astro infeliz a extincta gloria
Grava em lousa funerea a eterna historia.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

BARDO.

Co'as vitreas azas, perfumadas, brandas,
No trepido adejar fagueiras auras
Não virão, bella Huri, mais em teu seio
Meigos encantos bafejar donosas;
Nem teus beijos de fogo, delirantes,
Á sombra odora dos jardins virentes,
Hão de ternos vagar: fatal mudança!
De teu deserto harêm foi-se a esperança.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

BARDO.

Teus muros, baluartes inconcussos,
Ao sopro do Christão se anniquilaram!

O Leão de Aragão co'a illesa garra
O teu collo infiel curvou p'ra sempre;
E dos olhos ovantes despedindo
Raios de gloria, fulminou teu throno.
Cahiste, como a espada de um tyranno,
Que um povo livre afunda no oceano.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada.

BARDO.

A vaga do oceano, e o dromedario
Jà não pejam teus cofres no oriente!
Humilde, as plantas de Isabel a onda
Vem languida beijar, e adereçal-as
De perlas, de rubins, e diamantes.
Já não és o terror da Europa inteira;
Ao dardo do Hespanhol o chão mordendo,
Tua fronte ruío no baque horrendo.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granada,

BARDO.

Ao teu baque medonho o vão propheta
No inferno estremeceo; a Arabia inteira
Convulsa ergueo-se no deserto errante;
Vingou Fernando de Byzancio o opprobrio;
E o Anjo das nações, lá das alturas

Do immutavel destino, impelle a campa,
Que te esmaga e sepulta eternamente,
E do mundo te risca no occidente.

CORO.

Gloria, tres vezes gloria á invicta espada
De Fernando e Isabel, Reis de Granda.

„De Fernando e Isabel, Reis do oceano,“
Bradou de ignota parte voz sonora
Com italico accento! . . Quem tal ousa?

Grave silencio suspendeo as dextras
Dos alegres convivas, no momento
Em que as taças aos labios emborcavam;
E áquella occulta voz correspondendo,
Bradaram todos, como encontro d'armas:
„A Fernando e Isabel, Reis do oceano!“

Alegres vivas, estrondosos bravos
O canto victoriam. Meiga e nobre
Do regio punho a soberana tira
Aurea manilha de rubins cravada,
E donosa sorrindo ao vate a entrega,
Dizendo em clara voz ante a assembleia:
„Terás um'harpa de ouro, coroada
Do mais bello rubim que houver Granada.“
Acode-lhe Fernando: „És nobre, és grande!

„És da harmonia o rei! Bebe commigo.“
E ao Bardo offerta na cezarea taça,
Que elle proprio servira, aureo alicante.
Imita-o toda a côrte; chovem prendas
Escudos da miseria, que o futuro
Mais suave farão, mais deleitoso
Nas horas da harmonia, quando o engenho
Fecha os olhos ao mundo em que padece. .

Ergue-se o Rei, e finalisa o postre
Co' um brinde extremo aos campeões da Iberia,
E a seus novos vassallos, que hão de em breve
Aureas lanças romper, colher venturas
No glorioso theatro, onde os aguarda
A belleza e o amor em liça heroica.

V.

O TORNEIO.

De brilhante ouropel, de verde myrto
Juncada a liça estava. Um lago de ouro
Vertia o sol n'arena, circumdada
De inquieta multidão. Tudo está prompto.
Formiga o povo no ascendente estrado

Que a estacada limita; ondeiam, brilham
Plumosos gorros e toucados aureos;
Nas galas cortezãs fulgura a pompa;
Murmura a impaciencia; ávidos olhos
Alegres circumvoam; cresce a tempo
Ás soffregas donzellas: rompe a orchestra.

Em tudesco frisão encastoado
De armas luzentes, de gualdrapas de ouro,
Garboso passavante entra na liça:
Borneia a lança, e circumdando acata
Os festivos broqueis engrinaldados,
Que em altos postes a estacada adornam.
Proclama em alta voz dos lidadores
O nome, a fama, e as avitas glorias.
Fremem no ar as clangorosas tubas,
Brada o arauto, descobrindo a fronte:
— Viva El-Rei e a Rainha de Granada!
A ferro e aço aqui se vende ou compra,
Oh nobres cavalleiros, a proeza!"

Da tribuna real os véos se rasgam;
Estrondam vivas: como a onda em rolos
Reboando n'um antro, o povo applaude,
E ledo victoría a seus senhores.
Granisam sobre a arena cofres de ouro
Do regio camarim o Rei e a Côrte;

No ar adejam tremulantes lenços;
Espontaneo sorriso expande as faces,
Das matronas, e o povo borborinha.
Só nos peitos que amor perturba e inflamma,
Surdos echos dispertam dubios votos,
Que a esperança entre azar e gloria auguram.

Dá signal Isabel. A voz dos hymnos,
Tresentos alfarazes se enfileiram
Com mourisco primor ajaezados.
Croceos turbantes as morenas frontes
E as faces ennobrecem, cujas vistas
De sangue e bilis a pujança orlara.
Pende aos flancos da turma, em nivea charpa,
O damasquino alfange, e sobre os peitos
Tauxiada couraça , obra lombarda.
Curvas adargas emblemando amores
O luzido esquadrão embraça, e brande
Florídas lanças na manopla ferrea.

Nitrindo de calor segue um estado
De vinte o seis corceis, raça da Lybia;
Nas pandas grupas com dedaleo esmero
Dos finados Kalifas vão as armas,
Que nos muros de Alhambra apregoavam
Do Crisso á Veiga a peripecia immensa!
Nos opimos despojos, nos tropheos

De luzentes broqueis, nas bellas armas
E divisas de amor com que outr'ora
Tanto brilho e valor glorias colheram,
Fita os olhos Daraxa, e sente n'alma
Inturvado bulcão trazer-lhe a morte:
Cruel vergonha resuscita as éras
Que já foram tão bellas, que não voltam;
E a lagrima incendida do remorso
Na face a escravidão lhe tisna e ferra.
Peja-se Musa de viver, e a dextra
Que encostou ao punhal para finar-se,
Semimorta cahío: — Christão já era!
Alheia ao nobre arcano, a plebe indocil
Não decifra de amor as meigas phrases,
Que o affecto emblemara nos escudos:
Varados corações por debeis flechas,
Naves vogando á radiante estrella,
Debil rôla vencendo um'aguia altiva,
Fachos ardentes roborando um lyrio,
Grilhões dourados, mil divisas bellas,
Pensamentos gentis, doces effluvios
De encandecidos peitos, que a esperança
Delirante infundira nesses tempos
De Granada e de amor, de patria, e gloria.
Co' um formoso sorrir o rosto amavel
Dos pagens juvenis a scena extrema.

Qual montanha ambulante, invade a arena
O ar ennegrecendo, compassado,
Amestrado elephante: treme o solo
Ante os passos tardios de seus membros,
Que troncos seculares assimilham:
Pelas fauces eburneas trovejando,
Ronca o monstro tres vezes, concutindo
Em Granada e na Veiga o dessocego:
Converso o ar em medo abafa o moto
Da turba buliçosa; erguem-se os nescios,
E ao chão se cosem d'improviso salto.
Sereno avança o monstro; a fronte inclina
Em frente de Isabel; dobra o joelho,
Alça a tromba recurva, e lhe apresenta
A c'roa opima e a captiva espada
Do profugo Boabdil, que já vai longe.
Ajoujados camellos após marcham,
Alfaias granadis trazendo ao dorso:
E quaes escravos, que á catasta levam,
Finda o triumpho cabisbaixo grupo
Dessas tribus rivaes no amor e gloria.

Do Torneio o signal dão as trombetas.
Entram na liça ardentes lidadores;
E qual vespero sol que em crespo lago
Salpica as ondas de moventes lumes,
Tal resplendem no ar, ferindo os olhos,

As lanças e os broqueis e os aureos elmos
Das justadoras linhas, que refreiam
Dos briosos ginetes o transporte,
E o convulsivo ardor ante o combate.
Divide o campo e o sol perito arauto,
Que hade os golges julgar, julgar proezas
No festivo certame: alas fronteiras
Os Noveis luzidios e os Provectos
Na arena formam, emulando em garbo.
Relincham de alegria e a terra escarvam
Os mavorcios cavallos; ferve em torno
Alegre borborinho; exulta o povo!
Nas arestas do abysmo da incerteza,
Em occulta agonia roça a esp'rança
Das donzellas gentis, pois que aventuram
Na ponta de uma lança, n'um recontro,
De sua formosura a gloria e fama.

Meiga Isabel a Dom Martim de Burgos
Entrega a regia lança, em cujo engaste
Nivea charpa enlaçara, que ao combate
Do real camarim presida e mande:
Ao seu regio acenar rompem-se as lanças,
Ao seu regio acenar pára o combate.

Cercam as turmas brazonados pagens,
Listrados escudeiros, empunhando

Precautas lanças, que no ardor da pugna
A seus nobres Senhores favoreçam,
Si um revez desarmal-os. Sôa a trompa,
Respondem anafis e charamelas.
Dá signal Dom Martim; fluctua o povo,
E os nobres justadores, frente a frente,
No reste fixam com denodo as lanças:
Remettem-se com impeto medonho,
Treme a terra ao rufar das ferreas patas,
E a luz fuzila nas polidas armas.
Emmaranham-se as lanças, batem, quebram,
E o cavo som das armas restrugindo,
Simula a voz do raio em selva annosa,
Fendendo troncos que no bojo encerram
Os annaes do universo! Desmontados,
Poentos lidadores no chão rolam
Seus brilhantes arnezes e as rodelas
Ao som da gargalhada e da pocema
Que o povo estulto nos palanques sólta.
É tudo confusão! . . . Espessa abobada
De turbilhões de pó se eleva e abafa
Provectos e Noveis. Confuso acervo
De rôtas brafoneiras, lanças, elmos,
Alastra o chão; aqui e alli se aprumam
Titubantes guerreiros, que remontam
Nos suados ginetes, e outras lanças
De seus pagens recebem. Toca a trompa,

Floreia Dom Martim a insignia regia:
Suspende-se o combate: a postos voltam
Nos briosos frisões; os passavantes,
Arautos e reis d'armas em voz alta
Os campeões proclamam, cujas lanças
Com destreza feriram no torneio.

Mas eis que a teia invade um Cavalleiro
De armas negras coberto, tendo no elmo
Auriverde pennacho, e sobre o escudo
Velados os brazões: a côrte e o povo
Inquietas vistas no seu vulto fitam.
Ao arauto fallou em voz tão surda,
Que a tomaras por echo do silencio;
Perfilado na turma dos vencidos.
Prende os olhos do povo e da nobreza;
Na robustez do porte, garbo e graça,
Ressumbrava-lhe um ar de majestade.
Quem será? adejando o pensamento
Da varia plebe no fronteiro arcano,
Divagava no espaço da incerteza.

Resôa o som mavorcio das trombetas;
As lanças enristando se arremessam
As fogosas phalanges, e no encontro
Das armas sobre as armas, rebombaram
Como o estouro do mar, quando em marouços

Alpestres penedias escalando,
Penedos com penedos encapella.
Estruge de alegria o povo inteiro,
Descoram as donzellas; e as matronas
Sentem nos peitos rebentar vagidos.
Bulcão de pó se alarga, cobre a liça,
E a floresta de lanças: parecia
Que á voz do céo, em terra esboroado
Um alcaçar de ferro baqueava.
Ouvio no amargo exilio o estrondo horrisono
O triste Boabdil, e ás armas corre . . .
Mas o vento que o illude, o desengana!
Sôa o clarim a retirada a postos;
Rebelde a seu commando a hoste em furia
Tenaz pleiteia, revidando os golpes.
Como incudes por Cyclopes batidas
Em oucos antros, em sonoras furnas,
Retumbam as pancadas; elmos saltam
E se embutem na terra. Em raiva ardendo,
Os tudescos frisões se mordem, tascam
D'aço, carne, e gualdrapas mil pedaços.
Confundidos no ardor, travando os membros,
Apeam-se os rivaes; encruecidos,
Revezam as espadas, fuzilando
Raios de morte nos profundos golpes:
Fogo em chispas rebenta das couraças.
Com barbara pocema applaude o povo

O vaidoso combate; corre o sangue . . .
Baixa na liça Dom Martim seu lábaro
Entre as noveis espadas, e os reis d'armas
Cruzam as lanças suspendendo a lucta.
Grita o povo cruel: — Avante, avante!
E este brado feroz rolando os ares
No horizonte da morte foi perder-se!

Suspende-se o torneio; limpa a arena,
Os peritos reaes bradam tres vezes:
— Honra aos filhos dos bravos — e em seguida
As lanças victoriam, que no encontro
Louros colheram no amestrado golpe.
Cabe mór gloria ao cavalleiro incognito,
Que mal ouve o seu nome proclamado,
A manopla ao brocal do escudo passa,
O véo arranca, e patenteia as armas
Ao som dos vivas e guerreiros hymnos.
Ninguem o conhecêo! No livro heraldico
Das estirpes illustres, os reis d'armas
Taes emblemas não viram: será Mouro,
Franco ou Luso será? todos hesitam!

Na adarga oval, em azulado campo,
Cruzeiro sideral se via obliquo
Sobre a esphera armillar, e mais abaixo,
Em mar sereno portuchando as vélas

Gracioso baixel; aves estranhas;
Ridente plaga ao longe, em que se hasteia
O pendão de Isabel, e a cruz de Christo!
Por distico — *Plus ultra.* É Luso! é Luso!
Grita o povo; e Fernando empallidece;
Nobre ciume lhe esvoaça n'alma!

Dos noveis a victoria foi completa.
Seguem-se as justas. Damas e donzellas
Abrem o tribunal; e emquanto elegem
Os cabos justadores, sôa a orchestra
Epinicios de amor, que o Bardo exorna
Com impeto divino. Previdentes,
Na plataforma afoutos cavalleiros
Se refazem de sella, e novas armas:
Cingem devisas em que amor bordara
Segredos d'alma com protestos mutuos.

Dos noveis por tres vezes os reis d'armas
O negro Cavalleiro chefe aclamam,
E dos provectos o Marquez de Cadix.
Domina o ar e as turmas enfeitadas
O faustoso pendão do iberio illustre,
E o equestre escudeiro, em cujo peito
O fallante brazão lhe entronca a estirpe
Em regios thronos, desde o Tyrio ao Godo!
No pedestre escudeiro do contrario

Nua lança se vê: contrasta a gloria
Co'a modestia que o veste. Mas n'um lampo
Manda Isabel arabigo-ginete,
E n'um salto o mancebo o monta e rege:
Esse pobre mancebo ha de algum dia
Herdar o lustre, a gloria, e o grande nome
De seu pae, que encherá de espanto o mundo.

Um frade se ergue da estacada, acena
Ao modesto escudeiro, que, sorrindo
Como a rosto de amigo, a lança inclina,
Sobre a qual a mão sacra e piedosa
Um ligeiro pendão engasta, ornado
De uma Cruz escarlate em niveo campo.
E esse frade sumio-se derepente.

Ao som festivo abatem-se as bandeiras;
Com mutua gentileza se cortejam
Os rivaes campeões, que em frente ás turmas
Ao jogo envidam, borneando as lanças.

Dom Peres del Pulgar, o temerario,
Á frente rompe com galhardo empenho,
E com voz cavernosa, em campo raso,
Dona Ximenes por mais bella acclama.
„Pela gorja, que não,“ responde um joven:
„Leonor de Toledo é mais formosa!“

Assim com voz sonora afouto brada
Inigo de Navarra, garfo illustre
De Cantabria e Medina, em cuja fronte
A c'rôa imperial postera apruma
Um decreto de céo, sem que elle o sonhe!

Recuam os frisões; lanças enristam;
Como touros se investem, ferem, param,
Tremendo-lhes no peito as fixas armas,
E na terra os cavallos bracejando
Sem um palmo d'arena conquistarem.
Resoam derredor vivos applausos:
— Ambas são bellas — bradam; mas os emulos
Revitam no combate: Inigo falha
O conto deslizando na viseira
Do contrario, que o fere, e que o desmonta
Suspendido no ar; perde a postura,
E a trancos descompostos o ginete
Do combate o separa. Vencêo Peres,
Aquelle que ante as torres de Granada
A rainha vingou, fazendo em campo
De Tarfe a lança rebotar-se ingloria;
E invadindo Granada, ao som do alarma,
Sobre as portas de bronze da mesquita
Gravou co'a invicta espada — *Ave Maria* —
E ao pé da morte consagrou á Virgem
No fatidico arrojo o sanctuario,

Que inda ha pouco de Christo ouvio as vozes.
Revòa ao céo da gloria, entre mil vivas,
O nome de Pulgar, e o de Ximenes.

Alnayer, que Isabel avassalara
No alcaçar de Baza, regio sangue
Do famoso El-Zagal, rompe, e provoca
Rodrigo Cid, encontoando a lança
Na avita adarga que ennobrece a Hespanha:
— Catharina de Murcia, estrella d'alva,
Vence a todas na graça e nos encantos.
„Por Sanct'Iago, não“: replíca ao Mouro
Do Lidador o neto, em cujas veias
A electrica pujança anima o sangue.
„Por Sanct'Iago, não, Mouro valente;
Esperança de Yanes é mais bella,
E a minha lança o prove neste ensejo.“

No certeiro arremesso os elmos voam;
Quebram-se as lanças no segundo embate.
As espadas arrancam, relampeam,
Cruzam, batem, retinem . . . desce o labaro,
E os reis d'armas seus nomes alternando
Os proclamam iguaes no amor e gloria:
A côrte os victoría, e suas damas
As feridas co'os olhos lhes suavisam.

De Montemor senhor e de Alcandrete.
O de Cadix Marquez provoca em campo
Quem supere em belleza a Rosalía,
Senhora de Medina, Ronda e Murcia.
„Sigismunda de Castro“ diz Rosendo,
Seu dourado ginete campeando.

Recebe Cadix do novel o toque,
Como immovel estatua: ri-se o joven
Do pesado guerreiro, e recuando
Com duro arremessão desarma a dextra
Do provecto contrario, que, nova arma
Denodado empunhando, o elmo fende
Do novel imprudente, e em novo encontro
Desembraça-lhe a adarga; mal seguro
Perde o tino o donzel, e o guante afferra
Na larga brafoneira que arma o collo
Do seu fero ginete.

— Ergue-te, oh joven!
Dizia-lhe o Marquez; quando o mancebo
Reganhando a postura, lesto o conto
No gorjal do Marquez encrava ufano,
E — victoria . . . . mas não, bradar não poude.
Co'um bote a dextra mestra lhe abolara
O peito, e vomitando sangue, vôa
Pelas ancas equinas, estrondando
Qual penedo que ao mar rola e se afunda.

— Rosalía é mais bella, — brada ufano
O lidador ovante. Como um dardo
Dom Sisnando no escudo lhe corisca
Co'o trisulcado conto um desafio!
„Ignez, deosa de Ossuna, abate, obumbra
Da tua Rosalía a gentileza".
Remettem-se com furia; a joven lança
Desmalha o rico saio do guerreiro,
E verga do brocal a rija aresta
Que o impede de cahir. Dando-se ao largo,
Com mór revite em novo encontro estalam;
Mas no peito lustroso e tauxiado
Do formoso donzel penetra o ferro,
Que o alça, que o desmonta, e o rebola
No pó dourado da nefasta arena.

— Viva Cadix! estronda todo o povo;
Rosalía é mais bella, é das Hespanhas
A dama sem igual, a mais formosa."

Ninguem á frente sai: tremem da lança
Que no conto a victoria, e o exterminio
Manda certeira ao joven imprudente
Que ouse as armas medir, tocar no escudo
Do provecto guerreiro. Impio murmurio
Rumina o povo, o inconstante povo,
Que na aurora em triumpho exalça um nome

E após no occaso furioso o insulta;
Ebrio de amor n'um dia, em outro é de odio,
Tem na dextra a apotheose e o ostracismo,
E a estatua que adorou no lodo immerge.

Seis vezes os reis d'armas promulgaram,
Ao som dos hymnos, do Marquez a gloria;
E de tanto valor acobardados
Já nenhum dos donzeis ousa mostrar-se.
Dom Peres del Pulgar treme convulso,
Tintina-lhe no corpo o arnez e a espada;
Quer á frente surgir. justar de novo,
Vingar dos seus a affronta; mas o arauto
O recúa, co'as leis dos justadores.
— Por Sanct'Iago, diz, oh cavalleiros,
A Hespanha em vós não tem mais lidadores;
Que dirão estas damas, e estes velhos?

E n'isto um malfadado e valeroso
Donzel ante o Marquez borneia a lança.
Retumba de alegria a turba em massa,
E os guerreiros se investem; falha o bote;
Revidam n'um recontro novo embate:
Fere-o Cadix no mento; o joven curva
A elegante postura, e resupino
Na grupa do frisão lhe atira a lança,
Que resvala, e no ar rodopiando

Obliqua se enterrou, dando um zunido
Como um dardo que Alcides furioso
Das nuvens varejasse. Ergue-se o joven;
Nova lança borneia, investe a Cadix,
Mas de novo vencido morde a terra.

„Rosalía inda é bella! exclama o cabo,
Com vaidoso desdem medindo o joven,
Que iracundo, entre vascas, sobre a arena
O corpo estorce, maltratado, e inglorio.
Com brioso denodo, e imprevidentes
Sobre a terra rolaram mais tres jovens.
De um a um golpeando a dura lança,
A ousadia abateo, magoando os peitos
Das suas nobres damas. Campeando
O suado corcel, e a lança em punho,
O nobre vencedor ufano brada:
„Es de amor a rainha e a mais formosa,
Rosalia, por quem desprezo a vida.“
E só, como um leão victorioso,
O circo rege, passeando a salvo.

„Vinde, vinde, Marquez, colher o premio
De vossa galhardia, e gentileza“
Os arautos bradaram. Rompem vivas,
C'roam a lança invicta alegres hymnos
Do Bardo e Menestreis. Cheio de gloría,

Cortejado dos seus, ao cadafalço
Se dirige o Marquez. Erguem-se todos:
Ante elle se descobre o Rei com venia,
E no ensejo feliz em que a Rainha
Ao bravo diz com mavioso acento:
„Vossa gloria é tão grande, oh cavalleiro,
Que a Hespanha toda . . .“ como um raio avança
O negro cavalleiro, e arremessando
Violento cartel no escudo a Cadix,
O brazão lhe abolou! —
„Inda vos resta,
Oh suberbo Marquez, colher mais palmas:
Á turma dos noveis coube-lhe um chefe,
E este chefe não tem lança ociosa!“

Estatica Isabel na dextra augusta
Suspenso o louro tem, e a charpa de ouro!
Na garganta dos vates congelou-se
O metrico epinicio! mar turvado
Por subito pampeiro iguala o povo,
Que em confuso rumor se agita e falla.

O CAVALLEIRO NEGRO.

Rosalia é mui bella; ao céo da gloria
Tua lança elevou seu nome illustre;
Mas na terra outra dama a vence em tudo.
Aquella por quem venho respeitoso

Teu valor affrontar, e que protela
Teu brilhante triumpho, é mais formosa!
É um Anjo que a terra habita, e espalha
Majestade sem par no mundo inteiro.

CADIX.

O seu nome proclama.

O CAVALLEIRO NEGRO.

O mar e a terra
O seu nome encherão de eterna gloria;
O seu nome o futuro e a historia abrange;
Rainha de Rainhas, lustre, orgulho
Do sexo encantador.

CADIX.

Seu nome, dize?
Já seu nome; senão .... oh Cavalleiro,
Aqui mesmo o verás ....
E da viseira
Colerico bulção respira, e o lança
Na face do contrario, desbotando
Do altivo morrião as aureas plumas.

O CAVALLEIRO NEGRO.

Seu nome? É um mysterio! Não recues;
Profanal-o não quero: é um nome sancto.

CADIX.

Pela Virgem Maria, eu não combato
Senão contra infieis; e é outra a liça.

A brandir minha lança não costumo
Contra embustes, chimeras . . . . O seu nome?

O CAVALLEIRO NEGRO.

Não o digo; e a lucta não recuses;
Serei digno de ti, que á gloria aspiro,
E um orbe barateio sobre o conto
Da minha fraca lança. Cavalleiro,
Á fé te juro que essa dama existe,
E por ella no pó a fronte inclino.
Seu nome te direi, si fôr vencido;
Mas si Deos a victoria . . . .

CADIX.

Tu deliras!

O CAVALLEIRO NEGRO.

Tu me offendes, Marquez! Quando interrogo
A vontade do céo, jámais deliro.

CADIX.

Tu já sabes quem sou; tens dez minutos;
Si a receber a morte essa alma e corpo
Inda não preparaste, ora aqui mesmo;
As preces balbucia, que este toque
É o toque da agonia.“

E sobre o escudo
Co'a invicta lança um bote fulminou-lhe.
Rosalía tremeo; secreto frémito
Recolheo-lhe nos labios o sorriso.
Toda a côrte pasmou; e o Cavalleiro

A fronte altiva placido inclinando,
No ar balanceou as verdes pennas,
Qual virente palmito ao brando espiro
Que o céo bafeja em matutinas auras.

Com animo sereno o Marquez brada:
„Á liça, Luso audaz, que em tuas armas
O mysterio decifro; veja a Hespanha
Neste dia immortal a minha lança
Co'um bote aniquilar a extreme insania
De um Luso entre Hespanhoes: á liça, á liça."

Curveteia o corcel; no reste a lança,
O ibero pujante aguarda o emulo.
De um tranco volve o Cavalleiro negro
O tudesco ginete, e no borneio
Gruda a manopla, e espera, qual de bronze
Estatua equestre, que na trompa sôe
O terrivel signal. Lavra o silencio;
O folego suspende a côrte e povo:
Quasi se ouvia sob os peitos de aço
Bater o coração dos lidadores.

Os férvidos clarins abrem a lide.
Das hostes justadoras se arremettem
Os cabos triumphantes, e no encontro
As lanças estalaram! Pavorosos,

Nitrindo de furor, em pé recuam
Os ardentes cavallos. Bradam todos:
Boa lança, Marquez! Alçam-se as damas,
E, flores rosciando, a Cadix honram.
Somente entregue a sí, e ao seu destino,
Não colhe uma ovação e forasteiro.

Retomam novas armas, e se investem
Com dobrado vigor: ambos tocados,
Cavo som suas armas restrugiram.
Varados os broqueis, as rijas lanças
Nas couraças sulcando se inflammaram.
Palmas crepitam na dourada teia,
Alegres as donzellas no ar agitam
Niveos lenços e charpas multicores:
Assim na estíva pompa, em grato asilo,
Mimosas rôlas no festim nectareo,
Ao sibilo feroz de anta membruda,
A plumagem batendo, se alçam timidas
Pelos atrios odoros da floresta.

Não cedem no valor; de novo em prelio
As infragiveis lanças correm, cruzam,
Batem, resoam, vergam como a lamina
De agudo estoque n'um marmoreo peito.
No rispido encontrão ambos tremeram.
Dormente o braço cede, e no chão rola

Do Marquez o broquel, qual disco hellenio
Que em olympico jogo mede o estadio.
O negro cavalleiro então recúa,
Recúa o Hespanhol; ganham seus postos.
De novo embraça o valereso Cadix
Um aureo escudo, e o contrario envida.

Vizam, em regra ferem; resupino
Cai o Marquez nas ancas de ginete:
Do elmo cede o engaste; nua a fronte,
Seu rosto radiou mavorcio brilho.
Um subito palor obumbra a festa;
Soluçam as donzellas, e nas turmas
Sinistro borborinho se prapaga.
Mas Cadix reganhando o prumo, investe
Como um tigre furente; de um só golpe
As negras brafoneiras despedaça;
E a lança revirando abola e fende
O elmo côr da noite! Estrondam bravos,
Renasce em toda a liça alma esperança:
Castella vai vencer. Oh! como é grande
A explosão que fervendo amor da patria,
Sem querer pelos labios se despede!

Dão de redea aos alipedes cavallos,
E na volta, entre vivas, grita e bravos,
N'um choque extremo e horrendo as fortes lanças

Pelo ar em mil farpas voltijaram!
Desnudam as espadas, cruzam talhos.
Qual em noite calmosa, em selva escura,
Abrasados de amor o cirio accendem
Errantes vagalumes, taes os ferros
Retalhando o arnez revesam fogos.

Dá signal Isabel; estende o labaro
Dom Martim entre os dous; Fernando o susta.
De zelos inflammado, e esperançoso
Na estrella do seu bravo, inda invencido.
Em mutuo ardor, o prelio aventurando
N'um golpe extremo, a gloria barateam.
As espadas se cruzam, tinem, quebram,
Esgrimindo no ar quaes igneas serpes:
De uma a folha varando novo escudo
Vôa sinistra a se encravar n'um poste,
E trepida qual junco ao rijo sopro
Do plumbeo minuano; de outra a ponta,
Revirando no ar, espeta o flanco
Do palafrem de Cadix; jorra o sangue
Do brioso animal, que ajoelhando
Com impeto no chão, afrouxa, e rola
O lidador valente! As damas gemem.
Lesto se apeia o Cavalleiro negro,
E ao contrario se arroja, que o rececе
Entre as manoplas que espalmara a raiva!

Abraçam-se os leões, luctam, revolvem,
Arquejam, cospem sangue: um corpo fazem
Plantado sobre o chão. A turba exclama:
São iguaes no valor, iguaes na gloria!

Nos verdes campos dos sertões brasilios
Longo tamanduá deitado apara
Do tigre astuto o calculado bote,
E abraçando-o lhe enterra pelo dorso
Com as unhas a morte; e o tigre uivando
Co'a fauce hiante o coração lhe morde,
E co'as garras os flancos lhe descarna;
Ambos morrendo, sobre a relva deixam
N'um amplexo seus ossos atracados.
Tal seria o combate e o fim terrivel
Dos dous fortes varões, si o cauto Principe
No transe horrendo não mandasse a Burgos
O lábaro descer, talvez frustrando
Gloria cabal ao cavalleiro negro.

Separam-se os guerreiros; troam palmas;
Fronteiros, mutuo pasmo se tributam.
Das faces o pallor da morte espana
Pouco a pouco o repouso; sôa a orquestra;
Alegra a pompa regia aura suave,
Erguendo e recurvando as fimbrias de ouro
Dos festivos pendões, em que o sol vibra

Nas tarjas e brazões lampos heroicos.
Tudo é vida, murmurio, movimento,
Alegria e prazer, amor e gloria.

Sólta a voz o arauto, e os dous proclamma
Ignaes no amor e esforço. . . Mas, oh furia!
Com impeto instinctivo os dous se abraçam,
Ferem fogo as couraças estalando;
Luctam de novo com renato brio;
O chão cavoucam co' as pegadas ferreas;
Rangem as armas, rodopiam junctos;
Cadix tropeça, titubeia, tomba,
E a palma da victoria ao rival cede!
No pasmo universal sôa um gemido
Da triste Rosalía, em cujo peito
Repetiam-se as ancias do combate!

Findam as justas; o silencio impera.
Nas curvas avenidas se tresmalha
O inconstante vulgacho: a côrte resta.
Foi breve a discussão. As nobres damas,
Juizas do combate, a palma deram
Ao forasteiro heroe; e os reis d'armas,
Entre as turmas explendidas da festa,
Em frente da Rainha, proclamaram:
Ao Luso vencedor gloria tres vezes.

O CAVALLEIRO NEGRO.

Luso não sou, e minha face o prove."

E a viseira levanta; Deos! — Colombo!"
Grita Isabel attonita, e a côrte
Colombo!... murmurou involuntaria.
E o aspide infernal da cruda inveja
No peito do alto rei atravessando
Odio eterno injectou. Ah! triste sorte:
Tambem de opaca jaça se nodôa
O limpido crystal dos olhos regios.

COLOMBO.

Sim, excelsa Rainha, aquella Dama
Por quem venceo meu braço o invicto Cadix,
Esse anjo que nas azas de mysterio
Subio ao céo da gloria, és tu, Senhora!
Perdoa-me a ousadia, eu to supplico.
Não foi minha a victoria, não, de certo!
Veda a natura feito igual a um braço
Que ha nove lustros só combate azares.
Foi a força de Deos quem no certame
Minha lança brandio, foi essa força
Que em meu corpo infundio poder tão grande!
Mas si é tua esta gloria, inda te resta
Outra gloria maior além dos mares,
Nessas terras que eu vejo, eu só no mundo,
Onde da Cruz a par teu sceptro augusto

Em breve plantarei com pasmo do orbe.
Entre dous mundos firmarei teu throno;
Terás por alcatifa o immenso oceano,
E por ponte o teu throno no universo!
Uma nave, Senhora, o mais já tenho:
Si uma nave me dás, dar-te-hei um Mundo.

ISABEL.

Em breve singrarás no largo oceano:
Palavra de Rainha: embora custe
Os mais bellos rubins do meu diadema.
Não olvida Isabel tanto heroismo
Neste dia tão grande. Eis o teu premio."

Na lança do varão prende a Rainha
Aurea c'rôa de louros e perpetuas.
Firmado o novo heroe juncto ao vencido,
Que mal ousa encaral-o, diz-lhe calmo:
„Marquez, eis vossos louros, acceitai-os,
Que vencedor não sou, mas o instrumento
De quem para seus fins dêo-me a victoria.

CADIX.

Não aceito, Colombo; veda a honra
Os louros recolher que outrem ganhara;
Mas em memoria do teu grande esforço,

E animo gentil, quero aprazer-te:
Entre os meus louros guardarei teus louros:
Só lapida um brilhante outro brilhante."

Estrondam mil applausos; parecia
Que inteira n'uma voz se erguia a Hespanha!

COLOMBO.

COLOMBO.

CANTO I.

Meu Deos e meu Senhor, verte em minha alma
Um raio ultrice do teu solio divo;
Transfunde no meu ser de um vate a essencia;
Abre em meu peito um templo de harmonias;
Unge meus labios de formosos hymnos
Neste arrojo tão grande como esse orbe
Que tento descrever! . . . Tu, que transmudas
Em brilhante jacina a infesta larva;
Que fazes rebentar de um ovo inerte
Condor, que no remigio excede os raios;
Presta a meu canto o majestoso fluxo
Do patrio río, o bi-vernal Guiena,
Que o lodo marginal converte em selvas,
E em seu seio alimenta as verdes balsas

Da nymphacea, rainha dos nelumbos!
Esta empresa, Senhor, é toda tua,
E mais um epinicio a teus triumphos,
Plantados sobre a terra protegida
Da Cruz siderea, que previra o Dante
Em fatidico enlevo, quando illeso
E adeosado quebrou do inferno as portas,
E a teus pés, aspirando a gloria eterna,
De estrellas enflorou a excelsa fronte!

Abre em teus labios, brasileiro vate,
A flor da gratidão, que a alma recende
Em melodica essencia, em altos hymnos;
Canta o pio Ostensor do Novo Mundo,
O lume do oceano tenebroso,
Que as virgens ondas perlustrando firme,
Azares debellou, e erroneas crenças,
E co' a dextra, que o leme gloriara,
No mappa das nações traçou vidente
Novos imperios, do porvir assombros!
Mostra o passado arcando em tésta lucta
Co' as futuras verdades, co' os progressos
Do engenho humano; e o Heroe entregue ás iras
Da falça erudição, do orgulho insano,
Que busca a aurora do porvir no occaso,
E nas trevas da morte o sol da vida!

Eleva a tua voz; o feito exorna
Do inspirado Colombo, luz da idade
Que Gama e Guttembergo sublimaram!
Realça entre os festões de alma poesia
A verdade severa, e o grande exemplo
Da gloria envilecida, e de um Rei dobre
Ingrato e desleal! Vinga esse Nauta
Que nos atrios das regias offuscadas
Errante mendigou, — senhor de um Mundo!
E mal aceito foi, quem o diria?
Desses Reis que na Europa pleiteavam
Uma nesga de terra, prodigando
No desastroso embate de mil hostes
Rios de sangue do innocente povo.

Guai de ti, Salamanca, imagem do homem
Refractario ao progresso, e á luz dos tempos!
Collada aos doctoraes thronos do erro,
Pensando o céo medir, ler os arcanos
Da mente de Adonay, não viste, ufana
Denegando ao Messias do Oceano,
As leis da natureza que elle expunha,
Emquanto uma Mulher, de senso egregio,
Ao inclito piloto abria a estrada
Que os destinos do mundo em sí continha!
Vale mais que um congresso um nobre engenho.

Lacere-se o bulção que empana os evos;
Revoque-se o passado; abram-se as lousas;
Erga o Anjo do olvido as negras azas
Que sigillam da morte a muda estancia;
Aos olhos de minha alma, redivivos
Surjam os quadros dos passados tempos;
Suspensos em visões claros se mostrem
Esses imperios da auricidia victimas,
E da insidia feroz nefando exemplo!

Virginia luz dimana a estrella d'alva
Sobre as margens do Tinto, prateando
O dubio aspecto das sonoras aguas.
Na fronte esquiva da montanha alpina,
Croada de espaldões, de altas ameias,
Se dilue a sorriso matutino
Que attrai á messe o lavrador: o dia
Para o mundo renasce. . . . No oceano,
Arfam tres caravellas, transluzindo
Entre a madida névoa o vulto alante,
E os dourados pendões no tope altivo;
Como as larvas que o bardo caledonio
Inspirado evocava ao som do harpejo
Nas druidas selvas da guerreira Hibernia,
E que á lua fulgindo os elmos de ouro.
Lampos brotavam das elysias frontes.

Com funebres lamentos, compassados,
O crebro badalar do bronze enchia
De sonora tristeza a terra, e os muros
Do godo sanctuario. Em suas naves
Sombrias murmurava um povo inteiro
Funereos responsorios; banha o templo
O perfume das eças! No entretanto
Ninguem baixou á terra, nem se escuta
A consorte ulular, vagir a infancia
Sobre as faces da morte. Nas ribeiras
Do acerbo río que infecunda o gado,
Pelos vivos se chora, que inda ha pouco
Nos braços da amizade e da progenie
Amor, delicia e paz ledos colhiam.
Soluça a dôr, e o pranto das familias
Com funesto realce extrema a scena
Do prévio funeral, em que a piedade
Concede aos vivos o que presta aos mortos!

Desgrenhadas, sem tino, vacillantes,
A plaga apinham, para o mar clamando
Desvairadas matronas: mães afflictas
Unindo ao seio a prole, que rebenta
Em pungentes vagidos. Sobre o adro,
Juncto ao Cruzeiro do tristonho templo,
Pousava um grupo de varões, movidos
De esperanças, de amor, de fé sincera :

Eram dous monges, um menino, e um velho:
Frei Perez, frei Martim, Diogo Colombo,
E Rodrigues, a quem deixara o Nauta
O filho amado, porque á mãe o leve.
Desse grupo saudoso sobre as naves
Benções partiam, cordiaes emboras,
E os grandes votos, ao vulgar estranhos.

Mesto deixando o templo, e tremulando
A calva fronte recurvada ao solo,
Á margem leva os moribundos passos
Decepado ancião; nos baços olhos
A dôr crystalisou-se: já não chora.
Com aridos gemidos, tiritando
Em febril desespero, o Nauta busca:
Varre co'a barba secular o peito,
Abre a boca infantil, e para as naves
Balbucia, e desprende essa alma afflicta,
Que a dôr té-li gelara; geme e falla,
Qual murmurio soterreo entre o granito
Que fonte occulta gorgoreja alterna,

O ANCIÃO.

Nunca mais te verei, . . filho querido!
Que piedoso de amor as cans me ungias
Com beijos caroaveis, e esta fronte,
Pelo tempo sarjada de revezes.
De mimosas grinaldas enfeitavas

Na vesp'ra do sepulchro, como a victima
Votada ao sacrificio. . . Oh! como longas
Estas horas de vida hão de passar-se
Neste ermo infausto em que tão só me deixas.
Tyrannos, sem piedade, me arrancaram
Esse archanjo que á méta da existencia
Devia conduzir-me, até deitar-me
Na pedra fria do descanço eterno! . .
Meus labios não fruirão na tua dextra
Tão meiga e generosa o roscio de ouro
Que a fome saciava, e o lar enchia
De abundancia feliz; os meus ouvidos
Á voz de pae, de amigo, se ensurdecem! . .
Ah! meu filho querido! . . . . . .
. . . . . Nem teus dedos
Meus olhos cerrarão na hora tarda
Em que eu vá, novo feto, nas entranhas
De nossa mãe commum, da terra muda.
Renascer para o céo, depondo o lodo
Que esta alma envolve no amargoso exilio.
Nunca mais te verei! . . . . . .
. . . . . Sim, hei de ver-te
Unido a mim em fraternal amplexo!
Na terra fui teu pae, mas nossas almas
Na mente do Senhor gemeas nasceram ,
E gemeas vivirão na eternidade;
Que extorquir não é dado a um rei iniquo

Esta graça de céo. . . . . .
. . . . . Ah! não me é dado,
Caduco tronco, carcomido, em terra,
De amanhã sobre o feretro do despota
Sorrir co'o povo, e conculcar-lhe a fronte. . .
Ah! não; que a vida do malvado é longa.

Só tu, meu nobre filho, unico amigo
No mundo me restavas; neste mundo
Onde só vivo a enumerar cadaveres,
Como o livro da morte. . . . . .
. . . . . Grato espelho,
Que o meu ser reflectia, e o remoçava,
E onde os olhos meus, cheios de encanto,
Bebiam juventude! a tua imagem,
Meu gesto vivo, reanimava a quadra
Do meu ser na saudosa mocidade.
Si para te chorar, oh filho, a vida
N'uma lagrima só se convertesse,
Agora t'a daria: mas meus olhos
Não podem prantear; a dôr os cresta,
E o sangue nas arterias descarnadas
Como chumbo coalhado agora pesa."

Calou-se, a fronte abate, e os olhos fecha;
Faltam-lhe os membros, e o bordão sagrado,
Novo membro de um velho, e no chão rola.

E a turba que o soccorre, e que o iguala
Na desgraça e na dôr, á uma exclama,
Para o céo levantando humidos olhos:

„Ai de nós, ai de nós na terra ingrata,
Sem justiça, sem rei, como proscriptos
Entre feras sangrentas arrojados!
Não poupa as cans sagradas da velhice
O escravo do tyranno, antes lhe augmenta
A corôa de espinhos do martyrio!
O Mouro, que nos vende, é mais humano!“

Com voz intercadente, afflicta virgem,
Que tres lustros na terra ha deslizado,
D'entre a dorida turba se destaca.
Sôlta a medeixa, colleando a fronte,
Que o brilho apura de viçoso esmalte,
Dos negros olhos distillando perlas,
E convulsos os labios, que incessantes
Vascolejam suspiros sobre as naves;
Vulcão de amor, fervendo em mil ternuras,
Na vista a flamma tinha que aviventa
E devora a esperança, e a febre intensa
Que alenta o coração, e que o calcina;
Throno da fé mais pura eram seus olhos,
Opaliasque iriavam mil feitiços;
Mais brilhantes na dôr, mais seductores,

N'um mar de fogo os corações lançavam!
Tanto era bella no seu rosto a magoa,
Quanto era grave e perigoso o vel-a!
Mas d'ella em torno, como um fluido sacro,
Girava a aureola da virtude, o encanto
Que a mão recua do profano ousado,
Incendido de cúpidos desejos!
Era a candida rôla gemebunda,
Ungindo a selva de magoado pranto,
E em vão buscando o setteado esposo.

A NOIVA.

Eu sou ave sem ninho, desterrada,
Carpindo o meu destino á sombra infausta
De tronco derrancado pelo sopro
Do vendaval da morte. Orfã mesquinha,
Sem paes, apenas presa aos debeis ossos
Do esqueleto caduco de uma velha,
Que entre a vida e a morte vacillando,
Qual funebre lucerna, jaz sentada
Nas orlas do sepulchro. A mão do inferno
Cadima espedaçou meu diadema,
Minha c'roa de flores e esperanças!
Noiva enluctada por feroz alcaide,
Vi quasi aos pés do altar sumir-se o esposo,
E o thalamo cobrir-se de um sudario.
Minha aurora de amor foi triste occaso,
Foi meu berço um sepulchro, e meu sorriso

O transe convulsivo da agonia!
Ai de mim! Nunca mais hei de em teu seio,
Nessa fonte perenne de delicias,
Meu amor acalmar, tão sequioso!
Nem ver o céo abrir-se nos teus labios,
E n'elles exhalar minha alma inteira.
No lume dos teus olhos criadores
De encantos, e visões todas celestes,
A centelha bebi de amor, de vida
Que o meu ser sublimou! Sonhei um sonho
D' illusões, que estalaram faiscando
Lume e pranto em meus olhos, que ora vivem
Em noite eterna, a tatear abysmos! . . .
Nos teus braços gentis adormecida,
Venturosa pousava, quando o estrondo
De mortifero raio dispertou-me
No meio de um deserto! . . Ah! si ao menos
Do cortado hymeneo no seio houvesse
Um amado transumpto, um filho, um filho . . .
O tempo eu vira, ornado de esperanças,
Deslizar-se em blandicias nesta ausencia
Tão dura como a morte: dôr, saudades,
Illudidas seriam co'os sorrisos
Desse fructo de amor, que dupla vida
No mundo me daria! Ah! foi vidonho
Pelo verme da morte carcomido."

E o rosto entre os seus dedos delicados
Mimosa annuviou; geme e soluça,
E gemendo amortece os seus suspiros.
Para as naves voltada, fixa, immovel,
Com timida doçura á flor dos labios,
De seus labios virginios, pura fonte
Do sequioso amor, soltou queixosa
Estas pungentes magoadas vozes:

„Ah! cruel Almirante, que não sentes
Meu divorcio fatal! Não tens esposa,
Nem filhos; . . . si os tivesses . . . outro fôras.
Si a teu bordo não visse o meu nubente,
Má praga te rogara; e . . .“
Semimortos
Os queixumes nos labios lhe expiraram.
Cahio morbida em terra, e as matronas
Que choravam com ella a suspenderam,
E para o céo erguendo humidos olhos,
Estalaram de dôr, bradando a um tempo:

„Ai de nós, ai de nós, espurias filhas
De uma terra cruel! Não poupa á virgem,
Á esposa, e á mãe o escravo do tyranno,
Antes sorrindo nossa dôr insulta!
Deos permitta que os Mouros, e . . “ Pararam.

Ante seu pensamento horrorisadas,
Nos abysmos do medo emmudeceram.

Sentado, as vestes tintas da foligem
Da carcomida pedra em que pousava.
Para a esquadra fitava um lindo joven,
E a seu lado, qual marmore funereo,
Abatida matrona soluçava,
Pondo-lhe um braço na mimosa espadoa.

O JOVEN.

Com meio coração viver não posso;
Nem tu anjo materno, a quem tiraram
Uma das azas que o teu ser sustinham.
Perdi, não meu irmão, mas um amigo,
A riqueza da vida, o complemento
Da feliz existencia. . . Radiantes
Como estrellas cadentes, nossos votos
Nos desertos do mar se extraviaram
Ao aceno cruel de iniqua dextra!
Vai, oh ser do meu ser, alma dest'alma,
E volta a consolar-nos . . . Ah! si um dia,
Coberto de ouro e de brilhantes gemmas
Abraçar-te eu podesse . . . e tu sorrindo
Ao pobre amigo no teu farto seio
Igualmente o apertasses? Mas, quem sabe
Si o mar, si estranhas terras modificam
Dos gemeos a natura! si a riqueza

O peito metalisa, e como o ferro
Em que o ferro só entra, duro expelle
Os effluvios do amor que branda exhala
Da mente e coração mutua amizade? . . .
Mas não, que inda esta aurora no teu rosto
Eu li os visos que do amor transluzem,
E que o instincto percebe, e os enthesoura
No sacrario do peito: a alma não mente
Quando muda nos olhos se reflecte,
E em pranto diz: amor. . . Na mesma hora
Nascêo nossa amizade, e nossas almas
Do céo baixaram junctas a humanar-se!
No mesmo seio o mesmo amor nutrio-nos;
Foi teu dia o meu dia; só faltava
A teu lado morrer . . ."

A voz cortou-lhe
Um abraço e um beijo lacrimoso!
E a dôr á dôr unida, a mãe ao filho,
N'uma alma funde os corações partidos.
Chóra o povo palense; o bronze róla
A nota extrema das funereas honras,
Por quem já sulca o mar, emquanto as gaveas
E o real pavilhão inda se avistam.

Em alto combro, sobranceiro ao rio,
Um grupo solitario se levanta,

Recortando no ar seu triste vulto.
Reforçada matrona, nobre esposa,
Cingia aos flancos duas tenras filhas:
No gesto grave, na formosa face,
Nas bellas fórmas que ostentava altiva,
Maogrado o desalinho, recordava
De helleneo templo portentoso grupo,
Que antigo Prometheo aviventara!
Immovel, para o mar e para as naves,
Que na aresta azulada do horizonte
Os topes escondiam, se queixava:

A MATRONA.

Dous filhos batalhando em mauras terras,
A morte m'os vouhou, e assás chorei-os!
Juncto ao leito sangrento, repassada
De horror e susto, ao moribundo esposo
As feridas curei, beijei-lhe os talhos
Onde a espada infiel em vão tentara
A morte inocular . . . E esta alma, oh filhas,
Nunca poude vergar-se a azar tão grande.
Eu não sei o que sinto, e que presagios
Me funestam agora! . . Amado esposo,
Caros filhos, trindade do meu peito,
Ver-vos-hei outra vez? . . . Jamais; que a morte
Presinto a bafejar-me desenganos.
Pobre, e fraca, e sozinha, e sem amparo,
Onde o pão encontrar que nutra e farte

Estas orfãs queridas, cujos seios,
Si eu morrer, cahirão aos pés de esbirros
De um monarcha impiedoso, insaciavel,
Que invade os mares. e persegue a terra
Como lobo faminto? . . A mão do inferno
Em Palos sacudio brandão funereo,
E nós nessas faíscas respiramos
A morte e a miseria! . . De que terra,
De que abysmo sahio este Almirante,
Este monstro do mar, que me arrebata
O velho esposo e os briosos filhos?! . .
Meu odio e maldição sobre ti cáiam . . . ."

Desce á praia, e apanhando grossas pedras,
As lança contra o mar, acompanhando-as
D'impios votos ao Nauta aventuroso,
Que lá vai circumdado de tristezas,
Mas guiado por nobre pensamento.

A febre imitativa se propaga
Na turba feminil: voam as pedras
Entre pranto e furor: o pégo as sorve
Emquanto a brisa pelo espaço leva
Do pungente clamor os tristes echos.
Ai miseras! pensavam que essas pedras
Banhadas com seu pranto tão queixoso,
No ar rolando retumbar fariam

Mais perto ao Nauta as lamentosas iras
Do forçado divorcio, deslembradas
De que o pranto não ata o nó cortado.
Nos antros infernaes não vio Herodes
Mais terriveis lamentos, quando n'alma
Lhe proromperam vivos os remorsos
Em vagidos e prantos, como aquelles
Que outr'ora ouvira, quando o chão de Jebus
Impio tingira de innocente sangue!

Os olhos só encontram no horizonte
Saudades e afflicções! Das náos veleiras
Mal avista o errante pegureiro
Do tópe da montanha as altas grimpas.
As victimas d'el-rei á casa voltam
Nesse estado em que a dôr nos faz proscriptos
Na propria terra, em nosso lar saudoso.
Entregues a sí mesmas, e ao destino,
Hão de a vida passar emquanto o tempo
A dôr não quebrantar. Da vida as rosas
Seccou-lhas o infortunio: espinhos restam
Nos jardins da esperança, e o dubio almejo,
Que no espiro da morte se esvaéce.

Na tristonha cidade, e no castello,
Muda dorme esquecida e pendurada
A tiorba de amor; e nas aléas

Perfumadas de flores e saudades,
Ao gorgeio das aves não resoam
Os risos das donzellas; nem nos campos,
Dos labios do zagal recebe a flauta
Os beijos de harmonia! Tudo é mudo.

COLOMBO.

CANTO II.

Postados na amurada, as faces tintas
De oppressão e de angustia, á terra enviam
Pelos humidos olhos, n'ella fictos,
Saudoso adeos os Nautas consternados.
Quem sabe, dizem todos suspirando,
Si outra vez te veremos, cara patria?
Corre o pranto no mar, corre na terra,
Cruzam suspiros, permutando as almas;
E a dôr crescente pela dubia esp'rança,
No imo entorna luctuosas penas.

Como naves de mortos tripuladas,
A parca frota em lugubre silencio
O mar estreia; e no afflictivo ensejo
Em que todos immersos na tristeza
Viam da morte a dextra levantar-se
No tenebroso pelago, um só Homem,
Crente, animado, e de burel vestido,

Entre todos sorria esperançoso,
E esse homem sempar era Colombo.

Maior que a Pinta e a Nina, a Capitanea
Galharda singra avante, revelando
O sancto escopo nos pendões que arvora,
Onde Christo se mostra entre as insignias
De Isabel e Fernando. Oh, sancto aresto!
A nave e o Chefe nos demostra em tudo
A divina missão. *Sancta Maria*
Era o nome da nave, e n'ella estava
O homem que nas aguas do baptismo
Christovam se chamara: *Porta Christo!*
Sangue ligurio de engenhosa prole,
Tinha n'alma a videncia dos eleitos,
No peito de christão a fé robusta,
E dos heroes o porte majestoso.
Pelo céo escolhido e destinado
A tão alto mister, — cousa estupenda!
Luctou contra os desdens dos potentados,
Só da Igreja acolhido! só da Igreja,
Que n'elle via, pela graça, a idéa
Revelada por Deos, o complemento
Das glorias do Evangelho. Foi-lhe amparo
De Francisco de Assiz o claustro egregio,
Onde Frei Peres de Marchena, o sabio,
Para gloria de Deos, regía a ordem.

Foi dorida a impressão quando de Palos
Viram sumir-se pouco a pouco as torres,
O castello mourisco, a nivea ermida,
E após os montes e a nevada serra.
Com mutua inquietação se apuridavam
Nessa lingua que os olhos só conhecem.
Stavam n'arena do movente circo
Que o velario celeste cobre, e onde
Só as aves do mar livres discorrem.
Mestres, marujos, e empregados regios,
Tinham na mente as tenebrosas lendas,
Que outr'ora ouviram juncto ao lar paterno:
Tanto o leite moral influe na vida!

Como a calma de proxima tormenta,
Dominava um silencio momentaneo,
Mas lá dentro dos peitos refervia
Um presagio funesto: assim o Etna
Placido explende na manhã seu culme,
Que á tarde se abre conflagrando a terra.

Qual dispertado de afflictivo sonho,
Ergue-se um nauta, esbugalhando os olhos!
Gesticula anciado; alguns o evitam,
E outros conniventes o rodeam,
E o conduzem a ré com passo incerto
Ante a nobre figura do Almirante.

Que o eburneo astrolabio cadenceia
Juneto ao leme, de um Luso governado.
E o nauta abrindo a voz, dest'arte ao Chefe
Interroga, da chusma ladeado:

O NAUTA.

O que a vida defende, Deos o indulta,
E o premeia si a d'outros tambem salva!
Aonde, oh Almirante, nossas almas
No temerario arrojo precipitas,
Aproando ás sinistras, negras terras
Dos antipodas?! Ah! respeita ao menos,
No delirio tenaz que te halucina,
E ao inferno te arroja, nossas vidas;
Nossas vidas! que digo? as dessas victimas,
Que inda ha pouco nas praias ululavam,
Como si a morte nos tivesse extincto!
Surdo vemos que has sido á voz dos homens,
Dos livros sanctos, dos antigos sabios,
E á voz de tantos reis, que te negaram,
Como o fez tua patria, auxilio e amparo!
Teu peito não se abala á voz sagrada
Que agora mesmo escuto de Agostinho,
Da profanada Hippona prorompendo,
E severa te brada: „Onde te arrojas?“
A voz não ouves do preclaro bispo,
Que o mundo conhecia, estar dizendo:
„Quem és tu, insensato forasteiro,

„Que intentas desmentir as escripturas,
A voz do tempo, a humanidade inteira?!
És mais sabio que Deos, e a sancta Igreja,
E a docta Salamanca, luz da Iberia?!
Dize, que anjo ou demonio, mago ou bruxo
Do porvir os mysterios revelou-te?
Quem em mysticas azas te ha levado
Juncto á lua, e de lá suspensa a terra
Mostrou-te como um globo circulando
Em torno ao claro sol?! Triumphe embora
Esta nova heresia á sombra incanta
De uma fraca rainha; mas não vendas
Tão baixo nossas vidas, nossas almas.
Si a loucura do orgulho te converte
N'um cego errante á luz meridiana,
E surdo á voz dos sabios, ah! não creias
Que o sejamos tambem. Não por vontade
Aqui estamos gemendo, mas por força!
Um odio me arrancou ás sacras lettras,
E esse odio me entregou aos teus furores.
Não pretendo voltar! Ante as miragens
Que em teus olhos ourados se germinam,
Só a morte me falla; e eu a espero.
Minha alma alliviei, dice a verdade.
Morrer nas tuas garras, nas de um monstro,
Pouco importa:=acabar co' a inutil vida
Neste ensejo procuro. Sentenceia! . .

COLOMBO.

Retira-te, insensato! Eu te perdôo.
Si um odio aqui te trouxe, amor encontras
No meu seio paterno. Vai, descança;
Que a doctrina que ostentas pouco vale."

Qual rescaldo plutonico fervendo
Em ocos antros, com minaz aspecto,
Assim nos corações da ignara chusma
Concentrou-se o furor; de sangue e bilis
As faces se injectaram dos que em Palos
Já contra o Nauta conspirado haviam.
A calma generosa irrita os peitos
Que orgulhosa perfidia corrompera;
Assim como a clemencia entona o vulgo
Quando toma o perdão por cobardia.

Abrandou-se o rumor, mas não as iras.
Prospero o céo e o mar, correm as naves;
Sibila a brisa no maçame, e geme
Na adunca prôa a ciciante vaga
Que o bojo lambe; e na encrespada esteira
Se estampa a rota da pequena esquadra,
Que um Novo Mundo a conquistar caminha.
Com sentida expressão, e olhos na pôpa,
Qual si ainda nas nuvens visse a patria,
Um formoso mancebo assim fallava:

„Sobre as azas amantes da saudade,
Bella Herminia, meu bem, minha futura,
Hei de sempre te ver, sempre adorar-te,
Porque amor puro e nobre nunca morre.
Si um destino cruel me prende o corpo,
Minha alma adeja para ti, que é livre.
Si a voz cruel do mercenario alcaide
Roubou-me a dita, e sobre o mar lançou-me,
Teu amor não perdi. A cruz atádo
Dos captivos, exposto no deserto
Em que boia este esquife, o vento e as ondas
Soam meu funeral, e dizem: morte!
E no entanto, ca dentro voz occulta
Diz-me — não! E essa voz similha á tua!
Feliz o passarinho, que não sente
Juncto á esposa cortar-lhe a setta a vida;
E com ella pousar vai n'outro ramo,
Onde ledo renova os seus gorgeios!
Maldicto seja o homem que primeiro
A terra abandonou, sulcando os mares."

E a maruja com elle diz em côro:
„Maldicto seja o homem que primeiro
A terra abandonou, sulcando os mares!"

Tranquillo como a penha acroceraunea,
Assim o Heroe ficou: sorrio-se, e do astro

N'alidade enfiando o raio nautico,
Foi na ardósia marcal-o, e nos periplos
Da Cruz e do Evangelho itinerarios!
Agrupados os nautas, pela tarde,
Na prôa e na escotilha murmuravam,
Emquanto no porão surda calumnia
Mais alta sedição urde e prepara.
A espera da centelha estava a mina!..
Como é direito a bordo, mestre Jacomo,
Genovez, um grumete castigava
Por desleixo, e á pena unia phrases
Que o marujo grosseiro não calcula.
Aos gritos do Hespanhol acode Alonzo,
O physico da nave, e grita: basta!
Repele o mestre a ordem, reforçando
A dura punição com braço irado.
Alonzo se interpõe, salva o grumete,
E o mestre reprimenda: ambos se ultrajam,
E, por termo de insultos, veem as patrias
A injuria recalcar. Cruzam-se apodos,
Engrossa-se a celeuma, e n'um instante
Vê-se a Hespanha offendida pela Italia!
Trovejam ameaças e improperios;
Co' a voz da patria se acoberta o crime
Da revolta infiel. Fernando Peres,
Natura baixa, invidiosa, e falsa,
E piloto da nave, açula a chusma,

Prorompendo em voz alta contra o Chefe.
Ouve a grita Colombo: larga a penna,
Toma a espada, e as vestes de Almirante;
Ao castello de ré sóbe, e commanda.
O passivo soldado, á voz do Chefe,
Rufa a caixa de guerra; alam-se os bordos,
E o silencio domina a capitanea!
Aos lados de Colombo, em gala estavam
Diogo Arana, o alguazil da frota;
O real contador Pedro Gutierres;
Rodrigo Sanches, o vedor da armada;
O Notario real; o historiographo,
E o valento e leal Diogo Mendes,
Escudeiro do Chefe, e seu amigo.
Ao brando soluçar da nave aligera,
Como ferrea seara cadenceia
A luzida companha, que em silencio
Aguarda do Almirante as regias ordens.
Continencia real ordena, e logo
Rufa o tambor, e as armas se apresentam.
Tira Colombo a auctorisada espada,
E á chusma falla com severo accento:

„Em Nome do Muito Alto e Poderoso
Senhor Rei Dom Fernando, e da Senhora
Dona Isabel Rainha, eu, Almirante
Do novo oceano, e vicerei das Indias,

Vos relevo e olvido a insana audacia
De faltar-mé ao devido acatamento!
Appenso á antenna, de baraço ao collo,
De prompto punirei os refractarios,
Que aqui ousarem repetir tal crime!
D'ora avante sereis ás minhas ordens,
Como um só individuo, prompto e mudo.
Aqui só haverá uma vontade,
E uma voz, que é a minha. Obedecei-me;
Porque sei premiar a quem merece,
E justiça fazer, quando é preciso."

Alonzo pede venia, e humilde intenta
O caso atenuar com vaniloquios;
Mas Colombo o atalha, assim dizendo:
„Como um verme esmagado, que se enrosca,
Debate-se vossa alma entre os terrores
De uma estulta rudeza, engrandecida
Por vosso berço, que não vio sciencia!
Servir a Deos, á patria, e á humanidade,
Colher gloria e riquezas, fama e estima,
Não é dado aos mortaes n'um só ensejo,
Como a vós nesta empresa tão grandiosa,
Neste arrojo sempar! Aos céos curvai-vos,
Que sois seus predilectos! Nestes mares,
Por novos luminares protegidos,
A meus olhos transluz as aureas plagas

Desse mundo que Deos á Cruz outorga,
Para mais sublimar nossos triumphos!

„Amanhã, largo mar; depois, Canarias;
E após, o fluido immenso, e as praias de ouro
Que aos pés de Salomão rolaram gemmas.
Deixemos esses sonhos tenebrosos
Que a Carthago e Sidonia amedrontaram,
Quando o nauta costeiro tinha o norte
Na estrella boreal, sujeita á nuvem.
Co'a prôa destas náos, por Deos mandadas,
Desfaremos aos olhos do universo
Millenarios phantasmas, germinados
Nas fracas eras do embusteiro imperio,
Quando a razão jungida aos preconceitos,
A evidencia cedia á auctoridade. . .
Deos concede o progresso a passos lentos,
Porque a luz repentina offusca a vista.
Com os olhos no céo, no mar as plantas,
E Deos no coração, o mundo inteiro
Se póde avassallar. Ao Luso ousado
Em partilha não coube esta victoria.
Acaso nos hispanos peitos vossos
Não acha a gloria um templo? Pois tão breve
Deslustrou-se o antigo brio iberio,
Que fez Roma tremer, tremer Carthago,
E o sultão agareno do occidente

Em Bassa, em Cádix, n'Almeiria, em Veiga,
Na suberba Sevilha, em Compostella,
Em Cordova real, na Ronda alpestre,
E aonde sobem pelejar as aguias?!
Todo o sangue do Cid acaso a terra
De um só trago o bebeo? Eia, victoria
Além, nesse oceano que se estende,
Nos concede o Senhor, que em mim vos falla!

„Chamou-me a côrte — o louco! e a ignorancia
Sorrindo com tripudio tresloucado,
No Caucaso do escarneo encadeou-me,
Qual novo Prometheo, exposto ás iras
Da furia popular, de estultos bonzos,
E de aulicos servis que o throno aviltam.
Surdos foram-me os reis, a patria surda,
E a ignara humanidade, atada ao jugo
Do plaustro do passado, que hoje rola
No circo eivado das caducas eras;
Mas achei Isabel, Eva cesarea
Dessa prole de imperios nunca vistos,
Que hão de em breve a seus pés ajoelhar-se.

„Dizer-vos o que sei?.. não o entendêreis.
Mostrar-vos o que vejo?.. vossas vistas
Não podem supportar lume tão grande!..
O céo se espelha em predilectas almas

Quando quer revelar os seus mysterios,
E essas almas na terra tudo vencem.
Tranar póde o engenho o vasto oceano,
Com as azas medir altos recessos,
Roçar pelas verdades inda occultas
Vadear os abysmos do infinito,
O involucro sidereo abrir de um astro,
Sobre o limbo do sol erguer seu throno,
E o inferno domar! Tudo elle póde!
Mas o braço que idéas realisa,
E ao cabo leva nunca vista empresa,
É só de homem provado. As portas de ouro
Do céo da gloria nunca ao Sybarita
Ingresso deram; só a raça herculea
A que vence perigos, e edifica,
Póde o solio pisar da eternidade.

„As faces alisai: estou comvosco.
Patria, descanço, amor, riquezas, tudo
Em breve vos darei; mas é loucura
Antes de affan pedir a recompensa,
E o triumpho primeiro que a victoria.

„Temeis por vossas vidas? Pois a minha
Neste baixel não corre igual perigo?
Junctos commigo á venturosa Palos
Um dia voltareis ricos, felizes.

Vereis converso o pranto em ledo riso,
E a miseria adornar-se de aureas galas!
Vereis nas ledas faces das matronas
Espirar a saudade, quando a amarra,
Rangendo no escouvem, soltar o ferro.
E na patria entranhar-se ao som dos vivas,
Parar o leme, portuchar-se as vélas,
E á voz do bronze o pavilhão iberio
Victoria proclamar, mostrando á Hespanha,
Á Europa, ao mundo absorto um novo mundo!"

Serena introversão acalma a sanha
Da chusma, que o applande, e o victoría!
Como a nuvem que estala, rorejando
Nos campos a frescura, o viço, e o esmalte,
Assim do Heroe preclaro a voz facunda
Na chusma diffundio alma alegria.

COLOMBO.

CANTO III.

Tres vezes tinha a noite amor prendido
Nos braços conjugaes; serena e bella
Mar e céo affagára, sem que houvessem
Nos espaços do céo toldados fluidos
Perturbado a belleza do oceano.

Repassados de magoas e saudades,
E as horas demarcando com suspiros,
Ao silencio fiel, á noite amiga,
Seus queixumes os nautas confiavam.
Ás raizes da angustia mal descera
O discurso do Chefe, que passara
Qual passa o pirajá no estio ardente:
O prazer esvoaça, a dôr se arrasta.

Já tinha o sol beijado a etherea base
Do throno do Senhor, e consumido

Mais um dia no abysmo do passado,
Mais um elo da vida do universo.
As grinaldas de fogo inda se viam
No occaso majestoso amortecidas;
Sobre as portas da aurora inda reclusa,
Fulgia Venus, seu fulgor junctando
Ao já dubio clarão, que a fria tarde
Rasteava na face do oceano.

Um tiro de arcabuz dá fim ao dia.
O tambor marcial sonoro indica
O quarto da oração: descem as flamulas,
E sobem os pharóes; tintina o bronze;
Ardem cirios na pôpa juncto a Christo;
A equipage se curva; o Chefe ordena:
Soltam os labios vespertino canto;
Em conjuncto sagrado as almas voam
Ao divino refugio; que a esperança
Tem um braço no céo, e outro na terra.

No calido porão retrai-se a chusma,
E ao pesado soffrer os membros cede;
Vence o somno a afflição; todos repousam.
Não dorme o Nauta, mas cuidoso véla
Ao clarão da lucerna a rosa-colia,
Que marca o polo e o vento, e guia o nauta
No liso campo do deserto oceano.

Attento e vigilante, juncto ao leme,
Dest'arte a noite enfia cauteloso,
Té que a natura o violente ao somno.

Ao leme estava um Luso, um Algarvio
De natura loquaz, que a Islandia vira
E as plagas boreaes: sangue de Mouro,
Instincto oriental, amava as lendas,
E d'ellas a memoria enriquecera.
Sabido em Sagas, que transluzem factos
De antigas rótas por longinquos mares,
Um canto ao Chefe recitou, ornado
Da musa Escalda, e ajunctando ao mytho
Do argonauta Madoc, Odin que manda
Fagueiros genios bafejar-lhe o junco
Que ao paiz de Vinland o conduzira.
Contou-lhe de Oberon, o rei dos Elfes,
E esposo de Titania, o como á lua
Sobre as nuvens do mar dança, e na terra
Fugindo ao sol, se occulta nas florinhas
Que ao dia fecham seus mimosos labios.
E assim a taes accentos, pouco a pouco
O Nauta adormecêo. O quarto d'alva
Tinha o piloto annunciado á turma.

Tibio silencio a natureza exhalla,
Que avulta o ciciar placido e brando

Da vaga ardente que na prôa se abre
Em tremulos festões de nivea espuma.
Dorme Colombo, e aos olhos de sua alma
Fatidicas imagens se deslizam.

Como de aura fagueira, repassada
De mystica harmonia, um som mavioso
Se dilata no ar! dir-se-ia o echo
De limpido crystal por mão mimosa
Docemente roçado, ou juneto á Arcadia
Harpa-eolia gemendo melodias.

Mansamente do mar, como um effluvio
Em torno do baixel, se vão erguendo
Ligeiras fadas, como azues Ondinas,
Quaes outr'ora sonhara ao som do harpejo
Bardo rhenano sobre a lacteo rio.
Ruflando as vitreas azas orvalhadas
De gotas luminosas, radiantes,
E adejando em formosas laçarias,
Com festivo apparato em torno ao Nauta
Vocalisam de amor ternas endeixas,
Nessa lingua que dá perfume ás auras,
Á terra a força altriz, mundos ao ether,
E ao espaço os mysterios da harmonia.
Eram hymnos fluentes, que infundiam

Nos seios d'alma vibrações donosas,
E de enlevos não vistos saturavam
Essa vida em que vive a alma somente,
Esse mundo ideal, onde fluctuam
Scenas que fogem ao abrir dos olhos!
Dúrante o canto, que no ar ondula
Qual redouça florida, uma por uma
Beijava as faces do dermido Nauta;
Beijos fecundos, que, assellando encantos,
Abrem dos sonhos a mansão ridente.
Brandas phalenas, côr de leite e de ambar,
Mais ligeiras, sorrindo á lua argentea.
A flôr do manacá subtis não beijam!

De repente, no ar accesa imagem,
Brilhante Nume de oberonea prole.
Qual flammante sacy supino adeja!
Abre a voz luminosa, e gorgeando
No céo derrama o meteorio canto:
Ao superno reclamo a nave cobrem
Cabalisticos genios, tremulando
As leves azas que no ar se irisam.
Rompendo as selvas de coral purpureo,
Engrinaldados de algas multicôres,
Do fundo do oceano surgem Gnomos,
Ondulando as madeixas prateadas
Sobre o manto diaphano, franjado

De gotas de crystaes e niveas perlas:
Veem com elles, nascidas do relampo,
Ardentes Salamandras co'as madeixas
Coriscando no ar listões de fogo.
Cobre toda esta scena um nevoeiro
Em que ondeiam mil sylphos graciosos.

Dorme o Nauta, e seu somno é tão suave
Como o somno infantil no gremio affavel
Da carinhosa mãe; porêm na mente
Viceja-lhe o apparato luminoso
De fagueiras visões, de imagens vivas,
Cambiantes, que se abrem, se dilatam,
Se transformam, se fecham, se irradiam,
E se ajunctam, soltando entre luzeiros
Vultos sem nome, meteoros, genios,
Nuncios fugazes de propinquo encanto!

Do estojo diamantino, que pendente
Luzia ao tiracol, extrai o Nume
Magica teia que reflecte á mente
Scenas não vistas na vigilia humana.
Canta, e as nymphas do ceruleo imperio
O Nauta circumscrevem, sustentando
A teia encantadora que o circula.
Á submissa caterva o Nume acena,
Que o prestigio comece, e que se finde

Antes que a aurora nullifique o lume
Dos astros protectores. Volve ao Nauta
O dedo indicador, toca-lhe a fronte,
E um lume sideral brilha em seus olhos,
Argentando-lhe as cans e o nobre rosto.

Sonha Colombo, e no porvir penetra:
Á sua alma em visões se abre o futuro,
E os arcanos do tempo lhe revela.

Captivos ao condão superno, os genios
Na teia o corpo embebem, diluindo
Seu fluido ser em matizadas tintas:
Gnomos, Ondinas, Salamandras, Sylphos,
Vão edenicas plagas produzindo
No encantado recinto, e transportando
O quedo viajor a um mundo novo,
Panorama de eternas primaveras,
Maravilhas sem par lhe patenteiam.

Circumda-o verde selva, cujos troncos,
N'um estavel crepusclo se enraizam,
E se elevam mais alto que o pelouro
Por mão titanea arremessado ás nuvens!
N'um mar de luz serena a copa ingente
Majestosa fluctua, desprendendo
Um chuveiro de flores; das vergonteas,

Em que vivem mil plantas parasitas
Sorvendo a luz etherea, se derramam,
Ao meigo embate de vitaes favonios,
Odoras nuvens de amoroso polen.
Neste umbroso refugio se abre em curvas
Crystalino ribeiro, enamorado
Do encanto aéreo das volateis flores;
Borboletas gentis esvoaçando,
Doudejam nessas margens, que perfumam
Olentes plantas, nunca vistas do Arno,
Nem do harmonico Eurotas, ou do Sindo
Que o mar satura de odorosas ondas.
Ao longe, dominando a selva um monte
Asperrimo subia, espadanando
Do flanco alpestre sonorosas aguas,
E do cimo, em que neve eterna pousa,
Borbotava um pennacho d'atro fumo.

Selvas de Mona, escuros sanctuarios,
Medonha habitação do fero Druida:
Lucos do Epiro, troncos augurantes,
Cimmerios bosques de perpetua noite!
Achanai-vos! sois nada ante a grandeza
Deste matto encantado, que supera
Os que a Hercynia já vira em seus convalles,
Quando o filho de Arminio, o atroz Cherusco,
Como as ondas do Pó, desceo á Italia!

Aqui é tudo novo! . . . A palma de ouro,
Vedada a Jerichó, concessa ao Eden,
Vôa ao céo meneando as largas plumas,
E o platano da Syria alarga a sombra
Sobre um chão protector de farta messe!
Nas sombrias aléas desses parques
Recordatos de limpidas correntes,
Um povo de animaes, nunca famintos,
Em perpetuo festim a vida passam.
Alli, de Cynthia as aves gemebundas
Livres adejam, arrulhando amores,
E aladas gemmas osculando nectar
Nos brandos labios de mimosas flores!
O cysne preto, que não vira a Grecia,
Gracioso colleia ao canto vario
De alegres passarinhos, de mil argos,
Vaidosos da harmonia e da plumagem.

Como a vista do Nauta se extasia
De belleza em belleza nessa estancia,
Onde canta a natura, onde alardeia,
Omnimoda, gentil, pomposa e grande,
Seus divinos annaes! De tronco a tronco
Se colligam sanefas enfloridas,
Que ao brando sopro das macias auras
Cadenceiam, e meselam seus perfumes
Aos varios hymnos da canora estirpe;

Ou meigas abraçando os varios lenhos.
Sobem com elles á mansão etherea!

O pae, sem nome, de finada raça
N'uma pedra exarou lettras que o tempo
Clausurou no sepulchro. Á humano engenho
Será segredo eterno essa escriptura,
Que só fôra da tribu hoje esqueletos
Sentados na caverna, onde só vive
A fonte subterranea, e os vampyros
Inimigos do sol. Muda-se a scena:
Áquem recúa a matta; abre-se um rio,
Caudal, gigante, que em fronteiro abysmo
Se despenha fervendo, e as nuvens mescla
Matizados effluvios de mil côres.
De um lado são jardins, vergeis, e do outro
Verde nava de lyrios salpicada,
E juncada de arbustos florescentes.
Aqui e alli esparsos se esboroam
Seixos de ouro na relva, que a torrente
Em lucidos esgalhos arborisa:
De tão bellos minérios não se exalta
A fria Scandinavia, nem os montes
Da frígida Siberia. Oh! que frescura
Embebida da essencia de mil flores!
De aérea turmalina se reveste
O thalamo do sol: alli não cresta

O verde esmalte o aquilão, nem cobre
A fria neve a formosura eterna.
Unge a terra e o céo melliflua briza,
Que amor e vida espalha. O Nauta admira
Essa estranha natura infatigavel!
E co' a mente perlustra as novas scenas
Que a seus olhos renascem mais pomposas.
No manto colhe saborosos fructos,
Nas mãos apara crystalinos favos,
Nectareo pranto de não vistas flores!
Da palma sacarina e lactea o porte
Jubiloso contempla, e os pardos cachos
Do coqueiro fecundo, que ama do homem
A palavra, e as vozes de oceano.

Continúa a visão. Surgindo ao longe,
Os céos lanceia co' os ardentes picos
Nublada cordilheira sobreposta
A uma serra vallada, aspra, desnuda,
Que á base entorna com a lava ardente
Arboreos veios de luzente prata.
Juncto á penha alcantil, onde não medra
A palmeira vernal, seu ninho tecem
Aguias não vistas da formosa Helvecia,
Que ao abutre da Persia em tudo excedem;
Vê de outras, sobre as faldas nemorosas,
Os negros vultos coroando as ruinas

De um povo que já foi, cuja linguagem
Só ave secular falla nas campas.

Aos vestigios da morte vem mesclar-se
O bramido de feras, o sibilo
De horrendos monstros e sinistras aves.
Caminha á cordilheira; a serra avulta,
E as dubias fórmas se debucham claras.
Já floridos convalles, já cabanas,
Alamedas pautadas, já muralhas,
E a pedra endeosada aos olhos fulgem.
Chega a um lago risonho, e de repente
Treme o Nauta convulso ao ver das aguas
Uma serpe surgir maior que a amarra,
Excedendo no bojo ao mastro grande!
E perto um verme, como tronco annoso
Broqueando um rochedo, e ao trado eburneo
Estalar o granito, e elle immerso
Pela terra fugindo, alçando combros,
Abrindo o chão e derrancando as selvas!
É um mundo novo que não lera em Polo,
Nem Ruda Erico e Bojoerno o viram!

Á sombra amiga de ubertoso bosque,
A taça fraternal circumfluindo,
Sorri-se o homem livre, protegido
De um céo que n'alma infunde a paz modesta,

E incessante renova a idade de ouro.
Via os filhos do sol, os que não sentem,
Juncto á taba singela, aguilhoal-os
O demonio da sordida cubiça.
Passou ávante; penetrou em campos
Roteados, e vio da serra ingente
Para o valle descendo armadas hostes
De lanças e broqueis, trajando pelles,
E plumosos sendaes. No duro aspecto
Da bravura feroz medo incutiam!
Imberbes, côr de cobre, sem cultura,
No trajar e nos gestos recordavam
As barbaras phalanges de outras éras,
Quando a Europa era selva e colmo e quando
Aos pés de Genserico, escravisada,
Entre flammas cahio Roma abatida.

Tange as cordas do arco o Scytha errante
No banquete frugal, emquanto o Cimbro
Meneia a fronte que emplumara, e marcha
Ao combate, arrastando o manto intonso
De longas pelles de animaes ferozes.
Com tripudio cruel, centurias descem
De Ávaros feros, que a vellosa crista
Aos céos irriçam, rouquejando coplas
Onde sangue transpira; a par os grandes
E robustos Alanos, transportando

O tecto errante e a familia livre.
O Godo augusto a escandinava trompa
Temerosa soprando; o Huno escuro,
Inimigo do fogo, salpicando
De vivo sangue a colorida tunica,
Horror de Felimer; vem a seu lado
Butinos ebrios, titubando os passos,
E os brifrontes Gelons brandindo postes,
Qual no campo de Varo! Em torno a um seixo,
Em festim canibal, lavrados Pictas,
E os Saxonios, que a terra e mar invadem.
O pintado Agathirso ungindo a coma
De azulado arrebique; e o Sarraceno,
Vampiro humano, que nas veias bebe
O sangue do inimigo. Ao longe marcham
Sobre o adro de um templo novos Druidas
Ao sol volvendo corações fumantes.
Um monte eleva o Nauta, que de cima
Vê no meio de um lago vasto emporio,
E pasma ao ver as moles esculpidas
Por fabros que jamais ferro empregaram!
Nos satanicos muros, nas pyramides
De medonhas figuras precintadas,
Nessas moles de craneos construidas,
Vê no feio-ideal aprimorar-se
A cultura do horror, o fero instincto
Da rudeza, aspirando á majestade.

Transmonta a serra, vê o mar, costeia
Plagas desertas, conflagradas terras,
Té verdura encontrar. Sóbe outros montes,
Atravessa um deserto todo neve,
Désce a um valle profundo, fende selvas
Que finados imperios acobertam;
Treme á vista de Hérulos ferozes
Que bebem sangue do inimigo em craneos,
Pelos labios borbotam mil blasphemias,
E herdados odios petrificam n'alma.
As verdes faces na cerveja ensopa
De Kilperico a raça endurecida.
Batendo as armas nos broqueis vellosos,
Tonsurados Sicambros se apresentam.
Outros curvando os desmedidos arcos
As settas mandam perfurar as nuvens.
Basto enxame de horrendos Allicotas
Cevam a fome com virginios seios,
Co'a boca hiante a infancia despedaçam,
E dos ventres sagrados das matronas
Impios tiram os fetos e os devoram.
A cithara do Gallo, e o rude harpejo
Do antigo Celta, que inundara a terra,
A voz animam das guerreiras hordas,
Que a victoria e a morte igual celebram!
Nos extremos longinquos desse mundo
Vio dous povos oppostos na grandeza:

Um medindo os penhascos com seus passos,
O outro calcando em frígidos regelos,
E ambos de neve coroando a fronte!

Que é isto! onde estou eu? dormindo o Nauta,
A sí mesmo interroga. Canta o gallo;
Disperta o Heroe pasmado, e olhando em torno
Vê a nave tranquilla velejando,
As estrellas no céo perdendo o brilho,
E o mar que o cerca balançando apenas.
Vem a luz mansamente alvorecendo;
Ergue-se prompto, e a vista prolongando,
Vê ao longe curvado sobre as aguas
O alpestre Soloé, rei do deserto,
De achanadas cacimbas prorompendo.

COLOMBO.

CANTO IV.

Fructo das lendas, que do Luso ouvira,
Parecêo a Colombo o sonho estranho!
Nem mais d'elle curou. Voltado ao mundo
De outros sonhos e enganos, continúa
Vigiando a derrota da esquadrilha;
E a vista transcursando no horizonte,
De cima do castello, ouve um estrondo
De mosquete, e após outro! Vê da Pinta
Alçar-se o fumo, e das aéreas gaveas
O signal de soccorro! Treme, e logo
Dobra o leme, e bolina a capitanea
Para a nave em perigo. Amaina o vento;
Banzeiro o mar se torna; os tiros dobram;
Dobram-se os embaraços; volta o medo,
Ou antes surge d'onde occulto estava,
E augmenta a confusão. Murmura a chusma;
Grita um marujo, e dous, e tres repetem:

„Perdêo a Pinta o leme: os bronzeos tufos
O mar foram sondar! — Melhor; diz outro,
Porque novos terá. De leste os ventos
Em dous dias á Hespanha nos conduzem.
É preciso voltar; não ha remedio.“
E na prôa se ouvio esta sentença:
„Contra Deos só combate o impio ousado.“

O dobre coração não sóbe aos labios
Sem tisnar co'a palavra o pensamento,
Quando a rudeza desconhece a honra.
Dos incautos a estupida alegria
Revelava o pensar da gente adversa,
Prompta, e á escuta de eversivas causas.

Rebentam no horizonte pardas nuvens,
E após vento ponteiro; o mar se cava;
Soluça a nave, e a maruja as gaveas
Ligeira portuchou. Refega o vento;
Fervem os tiros; nuvens se encastellam;
Baixa a luz, e rebomba a trovoada!
Cobre a voz do mosquete a voz do raio;
Rebenta um aguaceiro, a náo fustiga,
E a nuvem tenebrosa que o despeja,
Arrastando seu manto acinzentado,
Nas arestas do mar recorta as fimbrias,
E pouco a pouco se esvaéce ao longe.

Bradam todos a bordo: „Vai-se a Pinta!
Adernou, e Pinzon lucta co'a morte!
Pobre gente!.. Ai de nós!.. Isto é castigo!“

Sóbe ao cesto da gavea o Almirante,
Por já não confiar mesmo dos mestres,
E do alto á chusma traiçoeira brada:
„Lá vejo a Pinta!“
Novo tiro se ouve!
Desce ledo e apressado; ás ondas sólta
O ligeiro escaler. Saltam com elle
Os dous Lusos e Giácomo, que espontes
Ao perigo se lançam; vão coagidos
O mestre calafate e os carpinteiros.
Parte o lenho escalando as rijas ondas,
Qual golphinho immersor; a Pinta abordam,
Galgam da nave o portaló molhado
O Chefe e os seus; e após chega Vicente,
Da Nina capitão, homem seguro.
Troca-se em vivas o terror dos nautas.
Do perigo Colombo indaga as causas.
Sabe alli que do putrido cadaste
Se despegara o leme, e ao mar cahira!
Sabe mais, que rebeldes ao commando
Alguns negaram no perigo os braços,
E com perfidas vozes infringiram
A real disciplina, vomitando

Contra o Chefe e o rei mil improperios.
Sem demora Colombo os põe a ferros,
Denegando o indulto que manhoso
Martim Pinzon lhe pede em face á chusma.

Co'as proprias mãos o Heroe toma o madeiro,
E cordas, e a esparella destro apresta,
A fim que a nave a marear prosiga
Com esse leme sua róta a um porto,
Que mais prompto reparo lhe conceda.
Os presos mette no escaler, e volta
Tranquillo á capitanea alvorotada.

Muda o rumo; ás Canarias se dirige,
E a Diogo de Arana diz o Chefe:
„Manda-me Deos as Ilhas Fortunadas,
Como um feliz presagio, e eu vou contente.
Os antigos, que as viram, lá pozeram
Seu Elysio eternal, premio das almas.
N'ellas sonhava repousar o nursio
E unóculo Sertorio, e, descançado,
Longe de Roma e dos iberios louros
Seus dias concluir em ocio honroso,
Si o punhal n'um festim lh'o não vedasse.
Iremos a Gomeira, e lá, sem nuvens,
Hei de ver o que ha; atraz não volto:
Que assás conheço a natureza humana."

O denodo do Heroe um desengano
Dêo aos fracos e astutos. Nesses labios
Contrafeitos se arqueia o riso falço
Com que sempre a perfidia encapa o intento,
Como a casca de um fructo encapa a eiva.
Assim nas selvas cautelosa encobre
A onça astuta com florídas ramas
O veado que á noite trucidara,
Furtando aos olhos do colono o crime.

De Bernardim de Tapia, a quem cabia
Traçar a historia da missão ousada,
Soube Colombo toda a traça urdida
Por Quintero, e Rascon, a quem o Alcaide,
Por ordem de Isabel, tomara a Pinta;
E o como o guardião dos Franciscanos,
Frei Peres, se interpoz, aos dous pedindo
Que sem opposição a náo cedessem.
A origem da vingança vio Colombo,
Vingança que a equipagem presentira
Quando exclamou: perdêo a Pinta o leme!

Ha na fronte do heroe predestinado
Um thesouro vedado ao vulgo ignaro:
A constancia aos perigos sobranceira!
Colombo tudo ouvio silencioso;
E medindo o perigo em que se achava,

Sem ver como impedir traições e odios,
Dentro em sí uma voz ouvio: — Confia,
Confia no Senhor, que tudo vence.

Muda o vento contrario, e vem benigna
No céo rarefazer a massa espessa
Galerna brisa. Reapparece o lume
Na azulada campina; vôa a nave,
E na frota e na chusma a ordem reina.

COLOMBO.

CANTO V.

Sobre as azas da fé e da esperança
Aos céos voaram quatro vezes preces.
Serena e bella era a manhã do outono.
O ar tão grato relembrava aos nautas
O doce clima da saudosa patria,
E as venturas que a dôr mais bellas torna.

„Terra!“ Brada o gageiro, e logo um ponto
Na linha do horizonte azul se antolha,
Crescendo ao velejar. Dir-se-ia, ao vel-o,
Tenda n'um ermo, do agareno assente,
Erguendo o cimo ao progressivo passo
Do camelo, navio do deserto.
Manso e manso crescendo, descrevia
As vivas fórmas do alteroso vulto;
A luz, que clara e obliqua lhe batia,
Desenhava-lhe os valles, prateando

Os vivos alcantis, e a curva praia
Salpicada de casas, revelando
A imagem do homem, sempre grata ao nauta.
„Lançarote!“ diziam jubilosos
Os que n'ella já tinham fundeado.
No alegre bolinar pascendo a vista,
Vendo em linha os cazaes, quaes niveas garças
Na plaga mariscando, e d'elles, soltos,
Os pennachos do lar subindo em nuvens,
Todos, a uma, desejavam azas.
Si o que esponte se exila chora a patria,
Quanto não soffre o desterrado á força?!
Viam na terra hospitaleira a vida,
E no colmo, e na fonte, e no armentio
A paz, a liberdade, e os laços d'alma.

Junctos do Chefe, Bernardim de Tapia
E Rodrigo Escobar, ás lettras dados,
A elle os olhos supplices volviam,
Como quem terra péde em mudas preces;
Mas o Nauta insensivel á fraqueza
Do intuito que os move, assim lhes falla:
„Das pleiadas do mar eis a primeira,
Alçando sobre o oceano o petreo dorso,
Que interna fragoa sublevou outr'ora
Em ocas eras, quando a terra ermada,
Como ardente pelouro divagava

Sem destino, sem feras, sem que o homem
Do sopro de Adonai a vida houvesse.

„No prolongo do mar, não vês, ó Tapia,
Azularem uns pontos? São os restos
Da Atlantida formosa, que aninhara
Os bellos sonhos da finada Grecia,
E onde Platão co'a mente criadora
Normal Estado situou, legando
Aos vindouros a patria que almejara!

„Do mar lá vem rompendo, como a ponta
De tyria lança, o desmedido pico,
Que a sombra estende a meio orbe, e o enlucta
Na serena manhã, ou quando á tarde
Projecta a noite nos sertões da Lybia!
De Plinio eis a Nivaria; eis a caçoula
Do punico almirante, e o berço intenso
Das vellosas Gorillas, dos Troglodytas,
Horror dos Lixtos, da phenicia gente
Que os marcos do universo aqui plantara!
O tempo que acolhêo tantos errores,
Vou agora fechal-o, abrindo aos homens
Do porvir nova luz neste oceano.

„La vem subindo o Teive, qual pyramide
Deste Nilo infinito e sempre em cheia!

Oh! quanto se engrandece a mente humana
De sobre aquella cuspide altaneira,
Que o homem leva á região das aguias,
E aos pés sem fim o espaço lhe dilata!
Alli, um dia estive quando joven,
E esse dia ficou-me sempre n'alma.
Medi a curva immensa do oceano,
E as fórmas do gigante, cuja ossada
Se eleva agora em nebuloso manto.
Estatua transitoria, aos céos erguida
No intenso pedestal; Titão moderno
Invadindo dos astros a morada,
Vi o globo a meus pés, como desfeito
Na azulada extensão, — e eu só no mundo!..
Estava no infinito!.. A terra apenas
Como um ponto tocava-me as sandalias!
D'alli o mundo é outro, é outra a vida!
A par e passo da assenção eu via,
Nas horas em que o sol arde em fulgores,
Luzir no ethereo azul nitidos astros,
Como um céo estrellado em calma noite.
Gelava-se-me a fronte, e os pés ardiam
Na lava intensa pela interna flamma!
Oh! milagre de Deos! juncto ás fornalhas,
Que avenidas em brasas communicam,
Caramellos eternos se suspendem,
E em consorcio tranquillo o fogo e a neve

Alli vivem, quebrando as leis da terra!
Eu era joven, tinha força dupla,
A ousadia da incauta inexperiencia;
Tinha a eterna belleza ante meus olhos,
A harmonia constante na minha alma,
E o amor da sublime natureza!
Adorava o bulicio, o riso humano,
Os perigos, a gloria, e desprezava
O silencio, o retiro, e o ocio inutil.
A leda mocidade abroquelava
Meu ser ardente, e rebotava as settas
Da infesta sociedade! . . . Prosigamos,
Corra a esponja do olvido estes assomos;
Voltemos esta lauda já passada,
Do livro da existencia . . . . Si alli fôras,
Como eu, ouvirias no silencio
Pulsar o coração, ferver o sangue,
E o halito expandir-se, murmurando
Como as vagas do mar em ermas praias.

„Que estupendo painel! que immenso oceano!
Palma, Gomeira, Lançarote, e Ferro,
Fluctuantes jardins, boiar parecem
No limpido crystal os verdes montes,
E os valles nemorosos! . . Só concebe
Da extensão a belleza, o céo, e os gozos
Da existencia eternal, quem dessa altura

Saúda no horizonte o viajante,
Que no dia seguinte inda veleja
Em demanda do porto e de repouso!

„Si uma sancta missão me não coubesse,
Almejára viver em taes alturas.
Alli, d'alma não turba os almos gozos
O crocito dos corvos mercenarios,
Nem as settas da inveja iconoclasta.
Deos, e somente Deos alli resplende,
Como esse infinito que elle abraça,
E povôa com sua omnipotencia!
Alli, de um novo amor abraseado,
Senti nova existencia, e o interno impulso
Da sancta inspiração que ora me guia.

„Estas ilhas que vês, estes penedos
Como escorias de forja, são a ossada
Do submerso gigante; e estes mamillos
Nos flancos do vulção, nus, sem verdura,
Os boeiros ardentes que atravessam
As entranhas do monstro. Tenerifa
Mostra o ponto mais alto do arcabouço,
Que lá se entranha em baixo, bem no fundo
Do profundo oceano! Aquelle fumo
Da cratera sahido é o triste nuncio
De que o monte respira.“

„E quem, oh Chéfe,
(Volta Escobar) dormir póde n'um leito
Como a lousa da morte, sobre as fauces
De um abysmo infernal, de uma ameaça?"

„O homem! (diz Colombo) sim, o homem,
Que respira no polo a noite e o frio,
E o suão das areias africanas!
O homem, que no cimo do Vesuvio
Entre nuvens sulfurias vive e dorme,
Como dorme o alarve no deserto,
Em que póde o simun torrifical-o!
O homem, meu amigo, que ha de um dia,
Dessas terras que eu busco além dos mares,
Zombar dos euros, encurtar viagens,
E alípedes frisões vencer na marcha!
Ai misero de mim, flor de um só dia;
Que não possa meu ser transpor os tempos,
Vir renato pasmar ante os prodigios
Da nova gente, que ha de vir á Europa
Novos lumes trazer!.. A voz de um Anjo
Prophetiza-me agora esses portentos!
Meus filhos hão de vir, Moyses dos mares,
O verbo realizar, fazer da terra
Assento de um só pae, de uma familia,
De um templo, de um altar, de uma só crença.
No gremio do Senhor se inclina a urna

D'onde mana o porvir! . . Guai do mesquinho
Acurvado, que os olhos não levanta
Á fonte divinal d'alma sciencia!
Para elle, coitado, um louco hei sido,
E um cego a tatear, que as mãos encosta
No ferro em brasa, na dormente serpe,
Ou no fundo de um oco se despenha!"

Emquanto praticava, velejando,
Cada vez mais subia o culme altivo
Da montanha terrivel, despedindo
Um pennacho de fumo pelos ares,
Simulando espanar o firmamento.
Passam de Palma e Tenerifa as costas;
Desponta-lhes Gomeira, e d'ella o porto
Que á esquadra offrece salutar reparo.

Prompta e lesta a maruja manobrando,
Amaina as vélas com prazer e ordem;
Nos rostraes escouvens sussurra a amarra;
Unha o ferro no lodo, surge a frota,
Pára a vida do mar, vem a de terra.

Como insectos em torno da colmeia,
Cruzam ligeiras fustas, esquipadas
De escuros Guanches, decahida raça,
Mas bella ainda na estructura e gesto:

D'elles houveram os sedentos nautas
Refrescantes limões, saudaveis uvas,
Flavas laranjas, louro malvasia,
E o pão, alma do cibo.

Sôlta a lancha,
Desce o Chefe, e os seus; pizam a terra,
Que o ar perfuma co'os vergeis melifluos.
Manda Colombo desquipar a Pinta,
Firmal-a no estaleiro, e novo leme
Pelos seus construir. „Foi um milagre!“
Bradaram todos vendo-a: „Mais um dia,
Um dia só no mar, todos iriam
A pique, e aos tubarões servir de pasto!“
E o perigo excedia ao que pensavam!
Batem os malhos, e o costado suxa
Das moles junctas carcomida estopa;
O cadaste se alue; na quilha estreita
Vacillam as cavernas!

„Crime infando!
Traição! traição!“ gritou da Pinta o mestre,
Olhando para o Chefe mui seguro,
Depois de haver rolado em torno as vistas,
E sondado os consocios do attentado.

COLOMBO.

Vossa incuria inculpai, que como mestre . . .
Mas, poupemos palavras . . . . Emendai-vos,
E ao serviço d'el-rei fieis sejamos.

MARTIM ALONZO.

N'um mestre confiei, e este illudio-me!
A bordo soube que peitado fôra
Por Quintero e Rascon! Era ja tarde.
Do confisco da nave resentidos,
Contra nós e o Alcaide conspirados,
Projectaram baldar dest'arte a empresa!
Poude mais que o dever, que a caridade,
A vingança em seus peitos. Ah! si um dia . . .
Juro por Sanct' Iago, ha de pagar-me!
A vida de um Pinzon val mais que a d'elles.
Pelo sangue de Christo, e pelas dôres
De Maria, eu vos juro . . . .

COLOMBO.

Não blasphemes!
Vaniloquios mal servem nos perigos,
Antes a crise incautos precipitam.
Sei de tudo, e a tudo me disponho . . .
Não fallemos mais n'isto; são miserias.

O reparo commanda: e d'elle á vista,
Rangem as serras, os martelos batem,
Fuzilam os machados, talham robles!
Aqui e alli ciciam vomitando
Louras fitas as plainas e os rabotes;
O giz alinha tortuosos lenhos,

O compasso retraça as curvas fórmas,
E ganha a Pinta a robustez precisa.
As turcas velas, as obliquas vergas
Em gaveas se transformam. Boia a nave
Mais segura e mais bella. Ordena ainda
Qne o casco espalmem da veleira Nina,
E o da náo capitanea. Previdente,
Busca na ilha mais um vaso; embalde:
O porto o nega, que a marinha é pobre.
Resolve il-o buscar a Tenerifa.

De fresco avictualhada, chusma a frota,
Adriça as lanchas, e suspende os ferros,
Mareia ao Pico a demandar Laguna.

Mas eis que um novo caso inesperado
Das entranhas da terra se levanta,
E de novo o submette a duras provas.
Como é vário o porvir que nos ameiga
Com seus sonhos dourados! A serpente
Que á prístina mulhér os virgens passos
No Eden enleou, rasteia ainda
Na terra a fronte impura, e nos entrava
As horas da esperança com desgraças.

Em frente a Tenerifa cessa o vento;
Esto calmoso entorpecendo os nautas

De mornas bagas lhes roscía as frontes,
E morbido languor lhes quebra as forças.
Co'o brilho e a côr do oriental beryllo,
O céo resplandecia; juncto ao Pico
Pardos tufos de espesso nevoeiro
No ar se amontoavam, como andrajos
De exhumada mortalha; o ar tremia
Sobre os flancos do monte encandecido.
Compassados tufões vertendo fogo,
Com estrondo nas vélas rebatiam.
De espaço a espaço o pavoroso monte
Brancas nuvens em roscas vomitava,
Com discordes rumores repetidos,
Como quando um penhasco se desprende,
Rola e bate na encosta de amplo valle.
Tudo quanto respira se entristece
A bordo e em terra; titubeia a chusma;
Faltam-lhe os passos; e aturdidas aves
Fugindo ao mar se lançam, cáiem, e morrem.

As entranhas da terra percorria
Um tremor convulsivo, que abalava
A pedra erguida pelas mãos dos homens,
E a que Deos embrechara no oceano!
Sobre o céo se alargava a turva massa
De caligem pesada. Ardente sopro
Tolda o mar e o céo, zune, assovia . . .

Tres vezes adernou a capitanea,
E tres vezes no embate á flor surgindo
Resistio ao tufão. O leme havia
Tomado o Almirante, emquanto a chusma
Ao convez se colava espavorida!
Curvado junco, que fustiga o noto,
Mais que a nave não treme e nem vacilla.

Soltam a bordo pios agoureiros
As aves hirtas, prolongando os collos.
E os cães as linguas no convez estendem,
Como si houvessem respirado a morte.
Ronea, estremece o abysmo, produzindo
Horrendo maremoto entre vallados
De espuma e lodo: o mar é todo vasa,
E sobre a vasa tontos peixes boiam.
Os rebombos se augmentam colligados;
Esfuziam no ar pedras ardentes;
Cresce o fumo, e o dia se escurece.

Apita o Almirante; a voz levanta;
N'um deserto estaria, si a seu lado
Tápia não visse a contemplar tal scena!
Tão grande era o terror, que na maruja
A blasphemia cessara! . . Mestre Jacomo,
Transido de pavor, chega-se ao Chefe,

E ao vel-o, animo cobra, e o leme empunha.
Do Almirante ao chamado é surda a chusma.
Prompto desce á escotilha, a espada arranca,
E o trabalho ou a morte impõe aos fracos.
Nunca mais lenta do que a tarda chusma
Saío do buzio a retrahida lesma;
Pareciam cadaveres! . . O medo
Lhes havia gelado o corpo e alma.
No pavor deslembravam que ha perigos
Que com outros se vencem tamsomente.
Ao tardo empurra, ao fraco espanca, e fere,
E assim á força demovêo a todos.
Mal estingam as vélas, mal portucham . . .
De novo rebramando o vento irado,
Com impeto feroz refega, alteia
Crepitantes maretas, que reluctam
Com as ondas que a terra convulsiva
Do fundo agita e circular espalha!
As náos balouçam tresloucadamente;
Soltam-se os linhos, trapeando estouram;
Grita a chusma sem tino, grita o Nauta;
É tudo confusão! . . Sóbe Colombo,
Sóbe Alonzo e Ruiz, Giacomo sóbe,
E os dous Lusos briosos: não sem custo,
Os estingues passaram, pondo a nave
A salvo do perigo! . . O mar cobrio-se
De escuro esmerilhão, que o ar infecta.

Descai a náo; á terra se approxima;
Vólta ao mar, e o rebojo da lufada
Traz-lhe os gritos de terra, e o alarido
De quem lá foge á morte em debandada!
Da Nina e Pinta mal divisa o Chefe
O vaivem pelos topes fóra d'agua.
Co' a mão no leme, e a mente em Deos só posta,
Affronta a tempestade, e aníma os fracos
Que em torno de seus pés guaridam buscam.

Succede ao vento a calma, e á calma o esto:
De novo o céo e as sacudidas vergas
De perdidas aviculas se cobrem;
Outras, feridas, abatendo as azas.
No convez e no mar cahindo expiram,
E as ondas cobrem, como soltos restos
De naufrago baixel.
O céo é fumo,
E apenas mostra no trevoso occaso,
Como a boca de um forno encandecido,
Meio sol que no abysmo se entranhava.

Ancóra as naves o perito Chefe,
E o crastino luzir aguarda ancioso,
Para bem velejar no grande oceano.

Da noite sobre os olhos cai tristonho
O turbido sudario; em vez de estrellas

Ferve a ardentia; na longinqua praia
Devotos lumes em cadencia marcham.
Como leões cançados do combate,
O céo, a terra, o mar, e a natureza
Repousam, nova lucta inda prevendo.

COLOMBO.

CANTO VI.

O silencio da morte abafa as naves:
Véla o terror, e as horas se eternisam
Na ínvia escuridão da desperança.
Veio a hora da luz: manhã e noite
N'um trevoso bulcão se confundiam!
Ar não era o do céo, mas fluido espesso
De algar sulphurio que mareja a peste.
Almas afeitas ao revez e á sorte,
Peitos curtidos no suor das lidas,
Labios que riam nos naufragios, gemem
Qual timida donzella, retrahida
Pelo medo! Tão grande era o perigo!

Recomeça o tremor; o mar se encrespa
Em torno á ilha, e marulhado estoura,
Como o ronco do trom que abala as penhas.
Pallida e genuflexa a chusma inteira
Ao céo envia gemebundas preces.

Detona o Pico, e pelo viso espirra
Fumosa umbella que no céo se espalma,
Coroada de lampos e de raios.
Á frota dá signal a capitanea;
Sobem os ferros, e o velame se abre:
Zune rijo tufão, curvam-se as naves.
Pela boca lançando infrenes pragas,
Conjuram mar e vento os que não podem
O Nauta injuriar; outros mugindo,
Qual fera em jaula, no convez vacillam;
E alguns transidos de horroroso susto,
Debruçados no lenho os labios colam.

Pulam as ondas na revôlta praia
Em ruidosos cachões. Crespo marouço,
Qual monte equoreo se levanta, e jorra
Medonho satanaz, que ao Pico investe,
Batendo as largas, trovejantes azas!
Rasga o fumo da umbella, espanca em furia
A enrediça de raios; desce, morde
Co'a boca hiante o incendido culme,
Que estala, e rola pelo flanco pedras
Té ás orlas do mar. Abre-se um jorro
De rubra flamma e de rescaldo ardente!
Sóbe o demonio, e a prumo, alonga as azas,
Acolhendo no seio denegrido
Os vomitos do monte, qual abutre

Prelibando o festim que a artilheria
Lhe vai servir no campo após do prelio.

„Almirante! voltemos para a Hespanha
Protegida por Deos!“ Brada a maruja,
Vertendo nestas vozes vida e alma.
Reclamo da esperança eram taes brados
No transe horrendo em que a existencia é tudo.
„Hespanha! Hespanha!“ unisonos repetem
Os que ao lenho, qual mastro derrancado
Por tufão iracundo, o rosto uniam.

O flammigero monte, orgam do inferno,
Por cem partes dispara, entre volutas
De espessos torvelins, um som medonho!
Ao estrondo e rebombo se abalaram
De Gomeira e Canaria os fundamentos:
Tremêo todo o archipelago: estalaram
As penhas disjunctadas, e nos valles
Unio a selva ao chão o tope annoso.
Pela rubra cratera surtem lucos
Estridentes de fogo, que escachados
Por mil raios se abatem, descobrindo
Antros de lume, vomitando rios
Com medonhos serpejos e estampidos!
Macaréos infernaes rolando as ondas
Contra as ondas do mar, erguem no curso

Alvacenta caligem, que remonta
Ás alturas do ceo! Para mór vulto
Dar ao medo e terror, eis que negrejam
Contornadas de lumes cambiantes
Atrozes legiões de atros demonios,
Cruzando o seio da caligem morna,
Buzinando trovões, lampos e raios!
Assim nas fozes do Guiena ingente
Vê o filho do sol milhares de aves
Em confuso alarido esvoaçando,
A prumo do galope infrene e undoso
Da medonha e tremenda pororoca.

„Fujamos, Almirante!“ brada a chusma,
„O céo é contra nós, e bem o mostra
Neste ensejo cruel. Ah! sim, voltemos
Á Hespanha, que é de Deos, que é sancta e boa!
Por cem linguas de fogo estão bradando
O céo e a terra contra nós; voltemos,
Que insistir é chamar do céo mais iras.“

No castello de ré, co'a mão no leme,
N'agulha a vista, nada escuta o Chefe.
No perigo sua alma se repassa
De altas idéas, de visões sublimes:
Aguia voando em regiões mais puras,
Com sereno semblante a Deos se eleva:

Do arcano pensamento vem-lhe uns echos
Em segredo descer á flor dos labios;
Discursa na linguagem do silencio,
Só do Eterno sabida, estas palavras:
„Tanta pompa, meu Deos! não a mereço!
Não mereço, Senhor, tanto apparato,
E ter por funeral scena tão grande!
Contra um insecto, que o teu olho esmaga,
Para que desfechar os elementos?!
A gloria por que anhelo é toda tua,
Votei-a á tua causa, não á minha
Fragil vaidade que o sepulchro espera.
Inspirado por ti, Sciencia Eterna,
Errei como um mendigo, sem curvar-me
Dos homens ao desdem; zombei do estigma
De louco, que outros loucos me lançaram,
Sem nunca arrefecer na minha empresa;
E tu, melhor do que eu, bem o conheces!
Si mereço morrer, manda-me um raio;
Mas não a estas victimas forçadas,
Que de um rei aos decretos se curvaram.
Si em extasis de amor, no enlevo d'alma,
Ao teu solio adejei, prevendo arcanos,
É que ardia em meu peito uma verdade,
Uma luz como o sol, fixa, constante,
E essa luz eras tu, Deos de esperança!
No declinio da vida, já quebrado,

Para que me outorgaste esta mensagem
Precedida de luctas sobrehumanas?
Com que fim sobre a liça sublimaste
Meu braço, nunca afeito a taes combates!
Para inutil morrer?! Oh! não; não creio."

OS NAUTAS.

O céo e o mar se abrasam! não ha terra!
As ondas bebem fogo, é tudo flammas!
Revôlta a natureza estampa a furia
Da colera celeste! Guai! sacrilego!
Alvo do céo irado, que a teu seio
Vai o raio bater, e ha de ferir-nos
Sem culpa, e por um crime teu somente!
Sancto Iago, valei-nos? Sus, coragem,
Avante, Camaradas, firmes, promptos:
Val mais que este impostor a nossa vida."

Como vaga fremente ergue-se a chusma,
E investe contra o heroe, hesita, e pára
Vendo-o que firme e impavido a domina;
E elle com voz segura, ao mando afeita,
Ordena, e prompta a chusma desenleia
Dos rizes o velame. Parte a frota;
Toma o leme Colombo, o mar demanda,
E no peito clausura alto segredo.

Já íam velejando, quando ouviram
Estas vozes soar a barlavento:
„Almirante! almirante! uma palavra.“
E encostando-se á nave adusto Guanche,
Do esguio batelão salta, e discorre:
„Não sigas esse rumo, que ha perigo!
Bordejam no mar alto tres galeras
De fera gente tripoladas, fortes
Como alcacer de Mouros; cada uma
Póde mais do que as tuas: são de Lusos,
Mandadas por seu rei, que arde de inveja.
Vi-as da penha da sagrada ermida
Em que o bispo Brandão jaz convertido
Em fria pedra desde antigos tempos.
Nellas vem um gageiro astucioso,
Que diz ver sobre a lua altas montanhas,
E no céo mil estrellas não marcadas!
Atalaia do mar, teve por berço
Um ninho d'aguia na supina Cintra,
D'onde colhia no horizonte equoreo
Longinquas novas com a vista aguda.
Ha tres dias merquei-lhes fructa e agua,
E das fallas que ouvi em seus colloquios,
Contra a Hespanha velejam nestes mares.
São corsarios reaes, que veem prear-te,
E á divina Isabel frustrar a gloria
De tão sancta conquista. Ah! não receies

Deste monte o furor: o Elbar conheço;
E amanhã hás de ver o sol radiante
N'um céo azul dourar toda a montanha,
E a brisa etesia repolir as ondas.
Escravo de Isabel hei sido; adoro-a,
Porque dêo-me espontanea a liberdade "

A prudencia e o valor pleiteam n'alma
Do varão consummado. Fita o Guanche
Co'um raio visual, sonda impalpavel
Da mente arguta, e lhe tenteia o imo;
Busca em seu rosto o que se occulta n'alma;
Mas nada encontra no sereno aspecto!
Dubioso vacilla alguns instantes . . .
Quer tomar um conselho, mas o alvitre
Dos fracos no perigo é sempre errado.
Alvo da sorte é o rosto do Almirante,
Onde cem vistas convergidas param,
Batendo os corações entre receios.

Rompe o silencio, abemolando a falla
O cortez insular, dizendo ao Chefe:
„Nunca em meus olhos ressumbrou a astucia
Da mentira, nem treda nos meus labios
Veio a voz da perfidia urdir enganos.
Pulsa em meu peito a gratidão somente.
Escuta-me, Colombo, ouve um amigo:

Si a róta segues, que na mente occultas,
Encurtando n'um mappa as singraduras
Para a chusma illudires, que proveito . . . .

COLOMBO.

Serpente humana, geração do inferno,
Quem te ha dado o poder de entrar no arcano
De um designio somente a Deos aberto?!
Jura sobre esta cruz."
E o crucifixo,
Que tinha ao peito, lhe apresenta em face,
E, n'um lampo, co'a dextra alonga a espada.

GUANCHE.

Desconfias de mim? . . Venho salvar-te.

COLOMBO.

Jura sobre esta cruz!

GUANCHE.

Jurar não posso:
Lei aversa no berço hei professado.
Que importam juras, calculados verbos,
Si a verdade é só una, como o Eterno,
Que igualmente adoramos?! Vê meu rosto;
Apalpa-me este peito; olha: estão calmos!
O que eu dice, sonhei; si o sonho é certo,
Porque duvídas da missão que trago?
A vida baratei para avisar-te;
Ouvi do coração a voz piedosa;
Cumpri o meu dever: eu não te obrigo.

Prosegue o teu fadario; vai, caminha,
Sonhador de illusões, que á ilha eu vólto
Satisfeito de mim que o bem procuro.
No Rastello, que banha o Tejo ultrice,
Teu sangue correrá. Conheço os Lusos;
Lastimo o teu pensar, mas não condemno
Quem fianças procura cauteloso.

COLOMBO.

Em nome da Sanctissima Trindade:
Demonio, eu te esconjuro. Fóge ou morre.

Dice, e de um golpe afronte lhe descarna.
Sangue não corre da ferida hiante,
Mas negro soro, qual bitume oleoso:
Hirta se entesa e se irradia a coma,
Crepita e brota pelas pontas chispas,
E unindo os fogos, qual brandão flammeja!
Arde-lhe a cara, faiscando á roda;
A pelle racha, vão cahindo as carnes,
Alveja-lhe a caveira, e pelas orbitas
Vomita os olhos no convez, e os dentes
Pulando arrastam a farpada lingua.
Os peitos em andrajos se penduram;
Vão cahindo aos pedaços; branqueando
O encurvado arcabouço, ermo de entranhas,
A espinha transparece; abrem-se as conchas
Dos flancos, e no chão se apruma hediondo

Asqueroso esqueleto! Todos fogem;
Só fica o Chefe, murmurando preces!
Desmantela-se a ossada, rue, desfaz-se
Em verde cinza, e remoinhando sóbe
Qual fumosa columna pelos ares,
Titaneas fórmas recompondo a espaços!
A cabeça se empola, infla-se o corpo,
Pulam-lhe os braços quaes possantes troncos,
Descem-lhe as pernas de gryphosas plantas,
E do largo costado, em dous estouros,
Pulam cristadas duas amplas azas
Trovejando no ar!.. Sóbe o demonio,
Vara o fumo e o fogo, e cai revolto
Na cratera, que estronda convulsiva,
Meio orbe abalando! Berra o monte,
No ar sacode os abrasados flancos,
Catadupas de fogo borbotando!
Não lhe chegam no horror cem Babilonias
Fulminadas do céo, fundindo templos,
Babeis unindo n'um montão de cinzas!
Simula a terra em fogo um mar cavado,
E o mar um campo de braseiro ardente.
Não pára tanto horror, antes duplica!
Niagaras de lume se despenham
Do rubente funil, d'onde se escapam
Aurigas infernaes, guiando infrenes
Em plaustros de trovões corceis de raios.

Era a liça do averno suspendida
Ao céo, jrosa conflagrando os astros.

Recúa o mar e boja, inflando as ondas
Qual tumida serpente; a secco as naves,
As quilhas entram pela vasa intensa.
Crescem as praias e do chão rebentam
Florestas de coraes e de madreporas;
Surgem cónicas moles borbotando
Quaes brandões infernaes jorros de lume.
Pelo flanco de leste abre-se um lago
Em cujo centro ferve um mar de lodo,
De bitume, e de areias de mil côres.
Socega a ebullição; remuge a terra,
Vomita o lago pedras pelos ares,
Estatuas, capiteis, troncados fustes,
Ardentes bronzes, semifusos elmos,
E alfim, de exphinge desmedida fronte,
Como rompendo a contemplar taes scenas!
Eram reliquias de submerso imperio
Em oucas eras de perdida historia!
Talvez a ossada da famosa Atlantida,
Em cuja campa vagalhões gemeram,
E equoreas aves entoaram nenias.

Calmou-se a erupção; e o monte em brasa
Sobre o céo denegrido rouxeava,

Qual pyramide egypcia colorida
De sangrento arrebol, vertendo apenas
Intenso fumo, qual funereo crepe.

Ninguem a fronte eleva; o Heroe somente
Com valor sobrehumano a náo vigia!
O quarto d'alva annunciou á chusma.
Do fundo do porão com passo tardo,
Como formigas do inundado ninho,
Sóbe a maruja de suor banhada:
Grupa-se á prôa, dividida em lotes,
E pouco a pouco se approxima d'elle.
Com voz de quem jamais céde aos temores,
Assim lhes diz Colombo: „Socegai-vos,
Que o perigo passou. Venci o inferno
Com minhas orações, por Deos ouvidas!"
E ia proseguindo, quando a chusma
Em desordem lhe brada: „Hespanha ou morte?"
E um grupo o cobre, de punhaes armado!

COLOMBO.

Hespanha ou morte?! Quem tal ousa impor-me
De braço armado, a mim, que aqui govérno?!
Hespanha e morte vos darei, cobardes,
Raça infamada, que abortara a Hespanha,
Mais vil que o Mouro a satanaz vendido.
Hespanha ou morte?!... Dar-vos-hei a morte,
Como a cães, pendurados nas antennas."

Peitos, que juras falsear não sabem,
O Chefe amparam, desviando os ferros.

COLOMBO.

Deixai-me só, que a minha vida agora
Neste grande momento vale um mundo.
Eleazar do oceano, aceito a lucta;
Embora esmague meu quebrado corpo
O elephante infernal. Não temo os homens,
Mas só a Deos, que tudo póde e vence.
Após a terra em fogo, o mar em furia,
Ante mim o que sois? Vermes, que esmago!..
Fazei vosso dever, Rodrigo, e Arana;
A lei é nossa força e nosso escudo,
E os decretos d'El-rei nossa justiça.
Arauto do Evangelho, a Christo eu sigo.
E atraz não volto, porque o céo m'ordena.
O tufaõ serenou; o Elbar dormita;
A salvo estamos; a manhã desponta.
Coragem, meus amigos; eia! ao longe,
No horizonte da gloria surgir vejo
A estrella do porvir, e o novo imperio."

Refresca a brisa; e a pavorosa imagem
Do vulcão pouco a pouco se esvaéce.

COLOMBO.

CANTO VII.

Perdòa-me, Colombo, este desvio!
Um Vate me interroga; a patria o escuta:
E eu devo responder-lhe; antes que o tempo
As causas e os effeitos escureça.

Fonte d'alma esperança, ether divino,
Gremio da criação, asilo eterno
Da celeste harmonia e dos arcanos
Patentes ao mortal, por Deos ungido
Ao ver a luz do sol, a ti me volvo.
Em teu sereno abrigo não recruzam
Infidos echos de paixões terrenas.
Ave canora, vou cantar no espaço,
No livre espaço da mansão siderea,
Lá onde não se escuta entre descantes
Sibilar a serpente; onde meus hymnos,
Como os olhos da infancia á luz propensos,

Do céo de amor, tranquillos, sobre a patria
Um dia descerão, sem que os retrinque
Ardilosa fallacia ou vil ciume.

Sarjou-me a face o aguilhão das magoas;
Nevou-me a fronte do infortunio o sopro,
Prematuro trajei annosas vestes,
Mas intacta ficou minha alma joven!

Ameigada nas azas illusoras
Do bello instincto de formoso adejo;
Os olhos fitos no clarão da gloria,
Em meu ser te infundiste, alma Pintura,
Lyra em que a luz desfere altos concentos.
Tres lustros de labor, de riso, e de ancias,
E a fé, virginia fé de um peito ardente,
E o nobre almejo, e o generoso impulso,
Tudo, tudo perdi!.. É meu presente
O arcabouço mirrado da belleza;
Alvéo de um río que o vulcão seccara;
Trilho perdido por cerrada matta;
Astro combusto; um desengano horrivel!..
Já não tenho palheta! odeio a tela,
Painel de magoas que me corta a vida!
Tantos annos de amor, de arduos empenhos,
Tudo, tudo perdi! Sonhos tão bellos,
Como a virgem celeste da esperança,

N'um sudario de angustias envolvidos,
Jazem no campo da mortal incuria,
No porvir tenebroso dessa gente
Que alegre vive na fatal descrença
Da virtude das artes, como os barbaros,
Ufana as desestima; e — quer ser grande?!...

E nada o homem quando o ouro é tudo.
É nada o genio, o heroismo, a honra,
Quando impera a cubiça; quando o vicio
Triumphante domina; quando o prisma
Da terrena ambição irisa o crime,
E as virtudes refrange. Decepado,
Como um velho, que o tempo doctrinara,
Abati-me na estrada. Eu vos perdôo,
Geração de egoistas e indolentes.
Não mancharão meu canto os nomes vossos
Escuros no porvir, e só brilhantes
Na Idade de Ouro amoedado... Basta.

Antes que as velas se desfraldem; antes
Que invada as métas do oceano ignoto
O famoso Ligurio; á Italia adeja,
Pensamento querido, e sobre as margens
Do mar tyrrheno, na formosa estancia
Da senhoril Parthenope repousa.
Ao som da lyra do Brasilio Vate

Que interroga o meu ser, responde accorde:
É sua alma minha alma; o mesmo molde
Formulou-as no céo, gemeas nasceram
No amor e na amizade, não no engenho:
Vizinha ao sol radiante a sua expande
Da nobre fronte nos paineis brasilios
O lume divinal que o céo fadou-lhe.
Pensamento querido, alegre adeja
Ao caro Magalhaens; eia, agradece
O ter meu nome eternizado, e adorna
A fronte sua de laureis brasilios.

Como o fogo do monte, que a seus olhos
Sulphurea nuvem pelo céo derrama,
Assim foi minha dôr; o chão crestaram
Minhas lagrimas quando a inutil ocio
O meu fraco pincel vi condemnado,
E o verme impuro da estação trevosa
Em volatil carcoma transformal-o:
O sceptro d'arte pertencia aos Midas,
Juiz era o algoz!. . Então reinava
O esteril egoismo: Deos, e a patria
N'um cofre azinhavrado se encerravam,
E a nobre Musa em sordido velabro!
Era outra a minha fé, outro o meu norte;
Tinha um peito de artista, e não d'aquelles
Que aos acúleos da sordida cubiça

Mercenarios a patria abandonando
Buscam o cibo no estrangeiro solo!
Guai de quem não afere os sentimentos
Do homem que em seu berço espera a lousa,
E de affectos sagrados circumdado,
Seus deveres exerce, e adora a patria!
Guai de quem presumpçoso, ingrato e insano
Dos seus moteja, e sua patria avilta!

Da inhospita e cruel mansão dos homens
Resignado fugi; ao céo voltei-me,
E o céo benigno me outorgou o espaço,
Em qu' eu liberto discorrer podesse.
Vi n'elle um Anjo compassivo e amigo!
Do lucido remigio desprendia
Concentos divinaes; dos virgens labios,
Como estrellas canoras, as palavras
Cadentes emanavam, diffundindo
Consolo e quietação ao peito afflicto.
Dizia tanto na luzente esphera,
Que o verbo humano modular não póde!
Sereno á um monte deslizou, e a prumo
Sobre um combro de ruinas, co'um aceno
O passado evocou. Bem como a névoa
Do prado erguida e das sonoras brenhas,
Pelo vento em mil larvas retalhada,
Assim do solo resurgiram mudas

Legiões de phantasmas. Era o povo,
Dos dominios da morte nivelado
Pelo codigo eterno do sepulchro.
Sorrio-se o Anjo, e para mim fitando
Os olhos caroaveis, dice:
„Basta!
É tempo de sorrir; enxuga o pranto.
Herdados vicios corrigir de um povo,
É do tempo labor, não o de um homem,
Que na esteira vagio longe do throno.
O dedo de Adonay ungio teus labios
De amor celeste e de harmonias patrias,
Quando o lume do sol ferio teus olhos
Lá no ameno Jacuhy, na terra ovante
Onde a infancia por brincos toma as armas,
E á gloria dos combates já se apresta!
Canta, que és vate. Deixa a tela escrava
Fanar-se ao bafo das poentas éras.
Quantas vês a meus pés tristonhas larvas,
Artistas foram, desgraçados entes
Que a um tacito martyrio devotados
Em premio houveram do futuro o olvido!
A geração que os vio no aspero estudo,
E os deixou na miseria, jaz sem nome,
Passou como a poeira do deserto.
Para eterno viver entre os humanos
Não basta um nome na funerea lousa,

Como Zeuxis, Parrhasio, ou como Apelles.
Onde estão seus paineis? onde o Ceramico,
E os porticos da Grecia, recamados
De lucidos primores?.. O que esperas
Da palheta e pincel?.. Ha só futuro
No teu caro Brasil, só esperanças.
A hora do alvanel, hora solemne,
Que exorna o chão, e a patria nobilita,
Ainda está no porvir! ainda a gloria
Monumentos não péde ao bronze e ao marmor!
A estatua inda é rochedo, a praça um campo,
E o paço um tosco alvergue! E tu pretendes
Dar vida á tela, que das artes nobres
A orbita remata?!. Ah! não te illudas.
O fumo dos mercados desmerece
As tintas de Corregio e Ticiano:
Ahi tudo se compra, e se permuta
A gloria por miserias e agonias.

„Foi tenaz a illusão, e alfim... Cedeste!
Mas ceder é vencer, quando outro lume
Nos alenta, e nos leva a outra esphera!
A andorinha animosa fende a nuvem
Que á terra baixa de trovões pejada,
E incolume surgindo, airosa sóbe
A um céo sereno, que lhe doura a fronte,
E de ethereo matiz lhe irisa o corpo.

„A bandeira das artes não floreia
Nas terras de Cabral; bem como o tronco
Da palmeira vergada por pampeiro,
Tal ella pende nesse chão formoso!
No teu bello paiz já tarda a hora
Da fé suprema que remoça as éras,
E o povo regenera. O escambo em mente,
E os frivolos prazeres, vão gastando
O tempo, — o mór thesouro — e a mocidade.
A boca do orador inda bafeja
O leite escravo que libou na infancia,
E o ministro ostensor respira as auras
Dos tempos feros da infeliz colonia.
E preciso esperar: inda pleiteia
O verbo do Ypiranga! Eia, não pares;
Eia, pintor, descreve a immensa tela
Do oceano, do espaço, e do infinito.
Na luz dos astros, na palheta do iris,
Na terra americana tão formosa,
E em seus fastos diversos, tens mil quadros.
Si um canto déres, que o porvir acolha,
E a patria o guarde na memoria grata,
Filho inutil não foste, assás fizeste.

„As obras d'arte são do tempo escravas,
E como elle caducas. Os zimborios,
Douradas regias, triumphaes arcadas,

„No outono da vida o chão alastram!
Deoses, que os Phidias viram nos penhascos,
E ao toque do cinzel vida tomaram,
Ao pó se uniram das helleneas aras;
E os marcios Capitolios, que croavam
Do imperio romano as varias frontes,
Ruíram sobre o chão, em que recalca
Prole estranha seus restos mutilados.
Tudo perece, mas o vate, ah! nunca!
Da belleza moral superno antiste,
Como ella amado, os corações conquista.
Pertence o vate ás gerações inteiras,
Á sua, á do porvir, e á que ha de um dia
Sobre suas ruínas vir sentar-se.
Padrões que o tempo annullam são seus versos,
Monumentos intactos para o throno,
E a misera choupana!... Quando a patria
É madrasta cruel, e o rei escravo
Da improba avareza, ou de tyrannos,
Que elle mesmo criara, então ... silencio;
Que o silencio não fere a réos dourados.
Mas quando sobre o throno impera um principe
Como Pedro Segundo, que combate
A rudeza, e em templos de harmonia
Os seus paços converte, canta, oh vate!
Si o rei te escuta, emmudecer é crime.

„Abraça-te co'a lyra, adora a Musa,
A Musa da harmonia, a helia virgem
De belleza immortal, em cuja fronte
Resplende o lume da videncia arcana!
Ameiga os seus dictames, colhe o nardo
Que seus labios distillam, quando fallam
Á lua mysteriosa, ao sol ardente,
Ao claro rio, á nuvem fugitiva,
Á selva umbrosa, á cordilheira alpestre,
Á flor do valle, á lacrimosa fonte,
Ao mar em furia ou na bonança alegre,
Ao vulcão temeroso, ao negro abysmo,
Ao céo ornado do matiz dos astros,
Ao homem transitorio, e a Deos eterno.

„Adora a Musa, que em virgineas alvas
O ser fluctua harmonioso e lucido,
E os sonhos colhe que ella mesma gera
No vago espaço, e com magia os orna
De vitaes primaveras, onde o enxame
Das abelhas do céo recolhe o nectar.
Adora a Musa, que donosa e meiga
Converte em doce mel o pranto amargo,
Os extasis em hymnos, e os olhares
Em raios de belleza eternisada.
Na estancia excelsa, habitação da diva,
Contínuos giram, fecundando flores,

„O colibrio amoroso, e a borboleta
Do ether filha e de metaes aéreos,
E os favonios odoros que bafejam
Almo encanto, e suaves melodias.

„A lyra amada ao coração encosta,
Que elle não dormirá: sagrado enlevo,
Mercê do céo, ás pulsações dá gloria,
Amor ao canto, eternidade á vida.

„Amanhã se erguerá do aureo sepulchro
Em que Roma jazer um'outra Roma,
Que no céo não verá do Vaticano
A cupola suspensa! O verme eterno,
Que o marmor carcomio do Capitolio,
A cruz ovante deixará somente,
Mas não a regia pontificia, e os quadros
Germinados na mente endeosada
De Julio, Raphael, e Michelangelo,
O homem de tres almas! Sobranceiras
A tantas ruinas, luminosas, vivas,
As grandes vozes se ouvirão ainda
De Petrarca, Ariosto, Tasso e Dante!

„Quando a terra por livres mãos lavrada
O craneo sepultar do ultimo escravo,
E do vil captiveiro as leis morrerem;

„Quando o Brasil for livre; quando o engenho
Em regiões mais puras libertar-se
Da razoura fatal que ora o achana,
E a cerviz conculcar de seus tyrannos;
Então erguida, triumphante e nobre
A terra de Cabral, regenerada,
Ha de ás artes prestar culto solemne,
E aos dons da intelligencia mór tributo.

Ouviste, oh Magalhaens, a voz desse Anjo?!...
Cantor americano! eis-me escusado.
Obreiro nato, no labor não canço;
Votei-me á lyra, morrerei com ella.

COLOMBO.

CANTO VIII.

Pelas pôpas das náos o Pico foge,
E com elle o terror. Á prôa surge
No azulado oceano ilha fronteira:
Era a Ilha do Ferro, ponto extremo,
Balisa universal dos navegantes.
Um chão de lhama simulava a tona
Do mar tranquillo, coroado ao longe
De argenteas nuvens, que volvia o vento.

De industria velejando a panno escasso,
Caminha o Nauta, costeando as orlas
De Gomeira, e assim dando repouso
Á chusma inda abalada do perigo.
Da humana condição é lei constante
Olvidar o soffrido, quando os olhos
Em sereno horizonte a vista espraiam,
E n'elle reverdece outra esperança.

De brilhantes matizes se adornava
A tarde majestosa, e pensativa.
No proscenio do occaso se entreabria
O thalamo do sol sobre aureos montes
E encendidas campinas. La, bem longe,
Alêm de Palma, sobre a linha ardente
Do grande mar, as fórmas contornava
Outra ilha maior, de altas montanhas
Precintadas de nuvens, cujas sombras
Negrejavam-lhe á base mal distincta.
A alpestre corpulencia do espinhaço
Descoberto, erriçado, e luminoso,
Resupino gigante afigurava
Sobre um leito de neve adormecido:
Era terra não vista, e nem marcada
Por Lusos e Hespanhoes! Via-se apenas
Na amplidão do seu vulto um chão extenso,
E as bellezas que os montes nos promettem.
Admirado da nova, o Nauta ancioso
A sí mesmo interroga: abre os seus mappas,
Consulta as rótas que archivara em Lysia,
E as varias tradições, e nada encontra!..
Pelo espaço brilhante a vista enfia,
Conserva o rumo, e meditar parece.

No moto e gestos da irrequieta chusma,
E no rosto dos seus signaes descobre

Daquella turbação que denuncia
O tedio da incerteza, e lá no fundo
Do amargo coração desejo occulto.
Após largo pensar, chama a conselho
Arana, o alguazil, em cujas veias
Corre o sangue da esposa do Almirante;
Convida Tapia, e o sabio e circumspecto
Diogo Mendes, Roldan, Alonzo, e Sancho;
Os dous Pinzons, o polygloto Torres,
E o physico João, que a caridade
Reunia á sciencia de Esculapio.

Sedentos de renome, e de ouro, opinam
Que á nova terra se dirija a frota,
E que em nome d'El-rei seja apossada
A ilha ou continente. E nos excessos
Do prazer da conquista, já prelibam
Poderio e riqueza. Á terra chamam
Nova Iberia, e o solo já dividem
Entre sí, e as minas já lhe exploram!
Alguns já colhem ouro, outros brilhantes,
E o resto prata e gemmas!.. Mas Colombo,
Cortando-lhes o sonho, assim pondera:

„Si esta terra, nos mappas não marcada,
Já é posse de alguem, nada hemos feito:
A prudencia aconselha abandonal-a.

„Si está deserta, o que duvido muito,
Vizinha sendo, consultemos antes
Os da Ilha do Ferro. Nestes mares
Não dorme a Lusitania. Uma imprudencia
Póde guerra accender; travar o escopo
Desta sancta missão. Si minhas vozes
Vos decepam desejos, tambem salvam
A Rainha e o Rei, e a nossa gloria.
O tempo é vida, sapiencia, e ouro,
Si utilmente empregado. Não percamos
O tempo precioso em vans chimeras.
Si obrarmos por dever, razão teremos,
Embora a Hespanha contra nós se irrite.
Altura e rumo vou notar no mappa:
Não perco o vosso intento, que o venero.
Consultemos os povos desta ilha,
Que em frente eleva o alcantilado vulto.
Não occulto as verdades da sciencia.
A terra é nova; não a vejo em Lullio,
Nem nos nautas de Sagres; os que viram
Primeiro o Cabo Bojador, não fallam
Desta ilha; nem Paulo Toscanelli,
Nem Alliaco, o mestre de nós todos!
Não é esta tampouco a velha Antilia,
Que eu vi em portolanos; si tal fosse,
N'ella estaria o Lusitano assente.
Á nossa Ilha do Ferro demandemos.“

Cederam todos ao Varão prudente.
Ancóra a esquadra no marcado porto:
Ligeiras almadias a circulam
Com festiva apparencia. Ouve Colombo
Girar seu nome, divulgar seus planos,
Seus occultos designios, qual si o vento
A tão misera gente os transportasse!
Escuta os mil estorvos que soffrera
Na côrte, em Palos, no trajecto; e ainda
A horrenda apparição desses demonios
Que o vulção irritaram!.. tudo, tudo,
Sem saber d'onde e como, em curto espaço,
O soubera tal gente, alli reclusa?!

Robora a idéa de que o tredo inferno
Já contr'elle conspira e se aparelha.

Um formoso escaler ao bordo atraca.
Brilhante page brazonado sóbe,
E do Alcaide um convite lhe apresenta!
Ressumbra nesse escripto a gentileza
Hespanhola, e Colombo á terra desce.

Possantes Guanches, de abyssinio aspecto,
Em aureo palanquim á porta o levam
De nobre residencia. Entra na sala,
Á dama vai cortez; mas pasmo fica!

Reconhece Leonor, que morta crera!..
Donzella genoveza, d'elle amada,
A quem o tempo conservara as graças!
Ás virtudes do engenho unia os dotes
Da belleza, e o encanto da palavra.
N'um mutuo olhar os corações fallaram;
Reviveo o passado, . . e com que vida!
N'um mutuo riso se abrasaram ambos,
Remoçaram de amor, e ambos quizeram
Abraçar-se, mas uma força occulta
Os deteve e sustou: ríos de gelo
Cahindo, os corações petrificaram.
Pallida, immovel, para o chão olhando
Qual estatua funerea, a dama fica;
E elle, o homem forte, um frio marmor!
Entre elles uma cruz se interpozera,
Dous vultos, dous altares, e dous votos.

Chrysalida que rompe o annuo involtorio,
E a flor procura da existencia, é sempre
O amor primeiro, que não cede á sorte.
Harpa dormente na distancia, expande
Ao mais leve roçar a nota extreme
Do hymno abrasador; e a taes acordes
Tudo, tudo remoça, e veste as galas
Daquelles tempos de ineffaveis sonhos,
De chimeras gentis, e amaveis dolos.

A rosa do sepulchro ao bafo ardente
De novo se abre, e vivifica a essencia.
Tudo o que é immortal, no amor, resurge,
Mas não aquillo que á virtude offende,
Quando dos peitos o pudor é timbre.

Fastoso brodio larga mesa adorna.
Pensativa e fronteira ao Nauta a dama
Não toca no talher; a falla envolve
Em suspiros, e triste offerta os pratos,
Que uma escrava perita lhe apresenta.

COLOMBO.

Vossa tristeza justifica a ausencia
Do amado esposo, que eu venero e acato.
Mas a vossa mudez al me disperta.
Talvez, Leonor, que a minha vista agora,
Máo-grado os annos, a velhice, e azares,
Vos transporte saudosa á bella Italia,
E á Genova,... Senhora! O tempo avaro
Respeitou-vos em tudo! emquanto estragos
No meu ser encravou: só tenho esta alma,
E n'ella ainda a juventude forte:
O mesto espelho, em tristes desenganos,
Me aponta as ruinas no cavado rosto."

De lume abrasador se ateia a vista
Da mulher; em seu rosto transparece

Afflictivo combate; eram dous mundos
De verdade e chimeras; duas vidas
De respeito e de amor; duas crateras
Cruzando as lavas de natura opposta
N'um chão de insidias, que dizia á dama:
Não déste o coração, mas sim a dextra.

LEONOR.

Candida rôla vio n'um dia um astro,
Sonhou com elle em amoroso arroubo,
Batêo as niveas, sonorosas azas,
Foi seu lume buscar; mas veio o noto
Escoltado de trevas, de tormentas,
E a triste arrebatou; arremessou-a
N'um escolho, das ondas só batido!
Alli na calva penha, a desditosa
Carpia os males seus: . . eis que impensada
Ouve o canto alcyoneo, e logo o astro! . . .

COLOMBO.

Mas já no occaso, avizinhado á noite! . . .

LEONOR.

E com elle a saudade, a vida, a imagem
Do passado sorrindo entre mil flores!
Quer ao astro voltar, mas cai nas aguas,
E inanime vogando foi finar-se
Juncto á cruz de um altar! porêm sua alma
Amorosa e fiel, qual sempre fôra,
Quer ao astro voltar, porque inda o ama."

Erguêo-se graciosa, fascinando
O Nauta co' um olhar, um desses lampos
Que aos olhos da mulher só dêo natura!
Dá-lhe a mão adiposa, mão de deosa,
Que elle grato e cortez aos labios toca.
Qual de philtro encantado, sente a flamma
Na medula girar-lhe: treme, e preso,
A mão aperta, repetindo os beijos.

LEONOR.

Alli tens o aposento, si o repouso
Preferes ao colloquio. Eu aqui fico
Revendo os dias que tão bellos foram . . .
Estou só; meu esposo foi á Hespanha,
E muito tardará. Seriam annos
De afflicção e saudades si o amasse.
Brutal e altivo fez-me serva, e soffro
Quanto póde soffrer quem vive escrava!

Dá-lhe Colombo salutar conforto
Da mais sancta moral; ella os retrinca;
E o varão perspicaz muda de assumpto.
D'ella inquire si sabe quem habita
A terra que fronteira se avistava,
E que nome lhe dão?

LEONOR.

Alcé, minha aia,
Dessa ilha encantada sabe a historia.

Ás vezes, quando á tarde subo o monte,
Tenho-a visto elevar-se sobre as aguas,
As fórmas clarear, e esvaecer-se
Na esteira argentea da nascente lua.
D'ella fallam os velhos e alguns moços,
E antigas lendas, que o volver dos tempos
Não poude esclarecer. Baldas hão sido
As varias tentativas. Dão-lhe o nome
De Terra da Esperança, porque fóge
Muitas vezes, mas volta ao mesmo ponto.
Si a lenda ouvir quereis, eu chamo a escrava."

E á sua voz na sala Alcé penetra.
Era um' alta mulher, secca e membruda,
Face de bronze e de um olhar sinistro.
Dous sangues adunava: côr mixtiça,
Feições mescladas; no cavado rosto
Da prisca raça a transfusão se lia,
Qual n'um pomo de enxerto a dupla origem.
Pythonisa do mar, fataes segredos
Nas ondas via, e no gemer dos ventos;
Fallava ás serpes, desviava os raios,
Attrahia o luar, e co' elle encantos
Nas cavernas dos montes fabricava;
As almas evocava, e via os mortos
Á luz da chamma de myrrados dedos
De criança, que só vivera um dia.

Feiticeira e cantora, toda a ilha
De um panico respeito a circumdava,
E em deshoras a ella recorria.

Com passo masculino se approxima;
Crava os olhos rubentes no Almirante,
Mede a sala, sorri-se, alisa a fronte,
Toma a tiorba que lhe mostra a dama,
Arpeja, e canta com rouquenho timbre:

„Quando o solo da Iberia guerreira
Era sangue, e do Mouro conquista,
Sete bispos em nave ligeira
Se embarcaram, fugindo á tal vista.

„Sete dias e noites vogaram
Sem destino nas ondas do mar,
Té que ás praias desertas chegaram
De uma ilha, formosa sem par!

„De joelhos, a praia beijando,
Quando os olhos ao céo levantaram,
Viram todos no céo adejando
Um archanjo, que os sete chamaram.

„Quanto mais o archanjo chamavam,
Tanto mais o archanjo fugia;

E os lamentos que os bispos soltavam
O archanjo do céo não ouvia.

„N'uma tarde em que os sete prostrados,
Expiavam seu mal, seu destino,
Sobre o sol viram todos pasmados
Assentado o archanjo divino!

„Para elle voltados, chorando,
Invocavam soccorro, e firmeza,
E o archanjo se veio chegando
Pouco a pouco, e crescendo em belleza.

„Sobre um monte sereno pousou,
Em que os bispos subir não ousaram,
E do alto escarpado bradou:
— Porque a Igreja de Hespanha deixaram?"

„Dice mais: — que era gloria morrer
Sob a espada do Mouro cruel;
Que o martyrio nos faz renascer
Para o céo, sendo a Christo fiel.

„Por castigo de culpa tão forte,
Sete annos deviam chorar;
Por temerem cobardes a morte,
Sete annos deviam penar.

„Sete annos os bispos penaram,
Sete annos a terra cavando;
Sete annos as pedras quebraram,
Sete annos passaram chorando.

„Uma igreja fizeram na ilha,
Uma igreja que tinha um altar;
De seu pranto essa igreja era filha,
Era filha de um triste esperar.

„N'uma noite em que estavam contrictos,
Acurvados, o chão a beijar,
Veio o archanjo seus peitos afflictos
Co' um sorriso do céo consolar.

„Consolou-os, e dice: — A Deos praz
Desta igreja que haveis levantado
Nomear a Brandão por primaz,
E indultar-vos do feio peccado.

„Quando se iam os bispos erguer,
Seis ficaram jazidos no chão,
Todos seis, pois deviam morrer,
Menos um, que era o sancto Brandão.

„Sepultura de um fero gigante
Era a ilha encantada; sua alma

Fluctuava nas nuvens errante,
Qual tufão inimigo da calma.

„As montanhas e penhas abertas
Seu cadaver no ar debuxavam;
E os bulcões pelas praias desertas,
Aos navios seu porto occultavam.

„Dessas névoas que a cobrem, no anno,
Só n'um dia se mostra despida!
Ai do nauta atrevido, e do insano,
Que lá vai, porque fica sem vida.

„Dos penhascos mil euros surgindo
Veem as ondas do mar levantar,
E os navios alli afundindo,
Nunca mais se levantam do mar.

„D'ella um velho contava mil cousas,
Pescador, que lá fòra esgarrar!
Vira juncto do altar as seis lousas,
E ao pé d'ellas um bispo a resar.

„Como estatico o visse, e tão quedo,
Com sagrado respeito o olhava:
Era o bispo um immovel penedo,
Uma estatua de pedra que orava!

„Tem a ilha formosos paineis,
Minas de ouro, de prata, e brilhantes;
Juncto á ermida nectareos vergeis,
E uma cruz e um sepulchro, distantes!

„Essa cruz e o sepulchro, que os annos
Não poderam ainda gastar,
Tem um anjo de pedra, que arcanos
Guarda em sí: não se póde explicar!

„No portal e nas pedras cahidas
Do um dos lados da igreja abalada,
Ve-se bem pelas lettras comidas
Que ella teve uma idade illustrada.

„Nessa ilha reluz, qual espelho,
Lindo lago de puro crystal!
O seu ar é tão doce, que o velho
Nos dicera que o fez remoçar!

„Trouxe prata, brilhantes, e ouro;
Veio rico e tão moço da ilha,
Que levou para a Hespanha o thesouro,
E casou co' uma moça em Sevilha!

„Dice o velho que um dia lá vira
Uma náo portugueza chegar;

Mas que o vento essa náo afundira,
Sem uma alma do abysmo escapar.

„Ai do nauta atrevido, e do insano,
Que lá for temerario aproar,
Sem saber que ha um dia no anno
Em que só lá se póde ancorar.

„Mas eu tenho um secreto amuleto
Que essa ilha abonança constante!
Foi tirado da rocha, esqueleto
Desse fero e antigo gigante.

„Amuleto de força tamanha,
Não o devo de mim separar;
Só darei á Rainha de Hespanha,
Si ella a ilha quizer conquistar.“

E a tiorba estalou! Sorrio-se a velha;
E do Nauta os cabellos se erriçaram!

LEONOR.

Da Rainha aqui tens o mensageiro,
Que a seu throno procura novas terras.
Dá-lhe, Alcé, essa joia, que eu em troco
Ora mesmo te dou a liberdade.

COLOMBO.

Agradeço, Senhora. No meu peito
Um divino amuleto sempre trago,
Com que conjuro as infernaes potencias.
A crentes de outra especie dai-o embora,
Mas não a mim, que creio em Deos somente.

LEONOR.

Duvidais? pois eu quero acompanhar-vos
A ilha de Brandão; tanto acredito!
São horas de repouso; eis vosso leito;
Vossa gente hospedei, fartos já dormem. . .
Feliz noite! que eu vou sonhar comvosco.
Escutai! . . que silencio! . . apenas se ouve
Zumbir o insecto, cíciar a folha,
Somnolento murmurio desprendendo.

COLOMBO.

A bordo volto.

LEONOR.

A vossa gente dorme.
Aceitai a pousada de uma . . . amiga."

Recolhêo-se Colombo; e pensativo,
Soltou da mente os vôos, em que os sonhos
Se matizam de flores, ou se myrram
Na algencia da razão, que tudo esfria.
Deitado, repensando no que ouvira,
Nesse encontro imprevisto, e perigoso,

Luctou co' as tentações que mais deleitam
A fraca humanidade; e quando frouxo
A mente recolhia sob o manto
Narcotico do somno bemfasejo,
Uma voz maviosa e delicada
O veio dispertar; porêm, sumio-se!
Já hia novamente dormitando,
Fechando os olhos ao clarão da vida,
Quando essa voz mais forte e mais amavel
De novo o acordou; e preso ao canto,
Portador de saudades, canto ausonio,
Á sua alma tão grato, elle attrahido,
Venturoso se embala entre delicias;
Qual florida redouça entre dous ramos,
Desprendendo de sí mimosas flores.
Naquella hora, só, e em leito estranho,
Depois de tantos contratempos vários,
Aquelle canto lhe criava n' alma
Visões celestes, luminosos seres;
E no alterno gorgeio, nas palavras,
Repassadas de magoa e de saudades,
E em cada nota da sentida endeixa,
Vinha-lhe um' onda de perfume a alcova
Docemente inundar, como um effluvio
De neblina subtil resplandecente,
Em que, á luz da tenue lamparina,
Arabescos gentis transpareciam,

E de amaveis visões, de lindas flôres
O thalamo do Nauta rodeavam!
Segredo do perfume, que infundia
Essa bella illusão, esse delirio!

Longe de sí Colombo, pouco a pouco,
Olvidado do tempo, foi sentindo
Remoçar-se a existencia, e pelas fibras
Do fogo juvenil correr-lhe a flamma,
E os impetos de amor, e esses espasmos
Que o siso prendem na formosa idade!
E o perfume crescia, como o canto
No ambito da alcova; e elle em ancias,
Em deliquios de amor esmorecia,
Como um joven perdido e apaixonado!
Mas, nesse estado, lá de vez em quando,
Nesse mar de delicias, nesse encanto,
Outra voz lhe surgia do imo peito,
Secreta inquietação dando-lhe ás vezes,
Qual espinho que a rosa occulta aos dedos.
E o perfume augmentava, e os sons cresciam:
Era a estancia uma flôr melodiosa!
Naquella inquietação, sonho accordado,
Que a Leonor o volvera como outr'ora
Com a flamma do amor, mas flamma impura,
Vio no fundo da alcova um vulto aéreo,
Qual penumbra impalpavel, desenhar-se,

E esse vulto, ondulando mansamente,
Para o leito sereno approximar-se:
A cada passo venusinas fórmas
Sob os véos de um sendal transpareciam! . . .

Alça a fronte o Ligurio embevecido
Naquella apparição; e, como d'iman
Attrahido, se vai erguendo aos poucos,
Té sentar-se no leito. Nada ouvia
Além do coração, que palpitava
Entre um susto e um prazer indiffinivel!
Approxima-se o vulto, e se lhe antolha
Como a deosa de amor! Ambos suspiram . . .
Vai-lhe o Nauta fallar, e leva ao peito
A mão, que toca o crucifixo appenso:
Assalta-lhe um tremor; subito muda;
Vem-lhe a sancta razão; curva os joelhos,
Beija a imagem de Christo, e o vulto esvai-se.

De prompto erguido, se atavia, e passa
No enlevo da oração da noite o resto.

Mal o dia apontou, deixa a pousada;
Ninguem procura, porque ainda córa
De pejo e contricção, talvez remorsos . . .
No esquife embarca, chega a bordo, e sólta
As largas velas ao terral propicio.

COLOMBO.

CANTO IX.

Eil-o estradando o incognito oceano,
Imagem do infinito e da esperança,
Myst'riosa mansão, abysmo arcano
De oppostos sonhos; crystalina campa
Da primeva existencia, ora cobrindo
Monstros enormes, leviathans horrendos.
Primogenita raça ao sol esquiva,
Que a noite aspira nas humentes selvas,
E á luz só volve em convulsões terraqueas.

Salve, oh grande oceano! vitrea lousa
Do naufrago infeliz, e ovante estrada
De Christovam Colombo! Oh! como és bello
Sorrindo ás auras co'a encrespada face
Esmaltada de lumes transitorios;

Como é bello o teu leito recamado
De eburneas flores, de argentinas perlas,
De algas formosas, de coraes rubentes;
Onde os quedos polypos congregados
Cobrem os muros e os antigos templos
De engolidas cidades; e onde o verme
Infusorio se aduna, levantando
Titaneas ilhas, perigosas syrthes,
Que a morte escondem nos voluveis ondas.

Em tuas navas de ceruleo brilho,
Calcando o lenho vencedor do espaço,
Nunca o homem tão alto se elevara
Como o ousado Ligurio, ora no mundo
Igual somente a sí, maior que todos
Quantos primeiros perlustrar-te ousaram!

Eil-o! vogando sob a guarda excelsa
Do engenho, emanação da divindade,
Tendo na prôa do audaz navio
O pharol do progresso, e a idade nova!..
O enigma estalou, surge a verdade
Por quem no carcer Galileo gemera,
Quando ao sol dice: pára; e á terra: marcha.

Eil-o no espelho do infinito, abrindo
Em um novo horizonte á humanidade

Novo caminho, e ousado perlustrando
Esse vasto elemento, calmo e mobil:
Agno que dorme, si o acalenta a brisa,
Leão cruel, si o enfurece o vento!
Do teu solio ducal, ah! não desdenhes,
Veneza senhoril, esta ousadia,
Motora de outra, que te abala o throno.
Embora ufana de oppulencia e arte,
Colmada de riquezas, de prestigio,
No golfo ameno e augustal te espelhes,
E pelas orlas de teu manto undoso,
Recamado das gemmas do Oriente,
O mundo vejas tributar-te páreas.
Treme, oh filha do mar! A estrige infesta
Geme agoureira, e bate as tetras azas
No palacio dos Doges, e é seu vôo
Maior que o vôo do leão alado!
Quando a mão de Adonay quer da suberba
Vergar a fronte altiva, faz da quilha
De um ligeiro batel funebre enxada,
E do tempo incorporeo sepultura.

Reclinada no leito crystalino,
Folgando em gallas festivaes, não sentes
O *tango* iberio, o celeumar do Luso
Cobrir o hymno triumphal que entôa
De sobre o bucentauro o timoneiro?

Não sentes em teus gothicos palacios,
Em teus festins nocturnos, esvaecer-se
De teus bardos de amor o canto impuro?
Ah! que o não sentes; si os sentisses viras
No teu gremio azulado ermar-se a onda
De volantes pendões, e contra os diques
Seu destino cruel chorar dest'arte:
„O Oriente fechou-me as portas de ouro;
A rainha do mar, Veneza a grande,
Decahida morrêo, morrêo ingloria!
E o annel de seu Doge transformou-se
N'um elo injusto de servil algema!
Nem tu, princeza dos ligurios mares,
Seu espolio herdarás: — Tudo é do Luso!"

Da linha do oceano rompe a aurora.
Sobre a tela infinita resplandece
O archanjo da luz, nas mãos sustendo
O pharol da natura; e sacudindo
As azas diamantinas solta a brisa,
Que o mar encrespa com propicio agouro.
Rasgando vão as temerarias prôas
A tona virgem do oceano ignoto,
De aves equoreas perlustrado apenas.
Veleja a capitanea, ladeada
Da Pinta e Nina, qual fagueiro cysne
Levando ás ondas a progenie inplume.

No castello de ré, firme e risonho,
Aspirava Colombo esperançado
A conquista de um mundo, que seis lustros
Promettera a sí mesmo. Já não via
Os palacios dos Reis escurecidos
Pela inveja, consocia da perfidia;
E os que d'elle mofavam, quando humilde
Postulava um baixel! Alli fruindo
As primicias de um fructo a Deos votado,
Pensativo, a sí mesmo isto dizia:

„Lisbôa desprezou-me, ouvindo a nescios;
Londres, surda; Pariz, indifferente;
Adria, infiel; Sevilha, grata e nobre!
Nem tu, Genova illustre, e patria minha,
Ouvir quizeste, e proteger teu filho!
Perdeste o sceptro de uma gloria immensa,
Que outra vez não virá! Mais que o teu Doge
Em Caffa e Chioggia, a derrotar Veneza
Vai agora este filho, que desprezas,
Sem lhe bradar por ti: Morre, egoista!..
Não sei que voz me diz, não voz de orgulho,
Mas de occulta verdade, como a crença
Inflexivel que Deos me infunde n'alma!
Si venceres, Colombo, dize ao mundo
Na hora extrema de o deixares, calmo:
O seculo fechei, o duro seculo

Que Gioja e Guthembergo sublimaram:
Da triada vou ser o elo extremo,
E o annel do consorcio do universo!
Deixarei sobre as ondas estampado,
Por influxo do céo, meu nome eterno.
Pois que hei visto e vencido a dupla incidia,
Que ha pouco urdira Satanaz versuto.

„Jerusalem escrava, não te abatas!
Sobre o Golgotha eleva a tua fronte
Sacrosancta, immortal; que em breve eu mesmo
Beijarei a poeira de teus craneos,
Onde o Christo seu sangue gotejara,
Por amor desta ingrata humanidade.
Talvez que o mundo veja eu, ou meu filho,
Piedoso dourar teus novos templos,
Livres do jugo de infieis tyrannos!
Vivirei, diz-me o céo; e minha vida,
Si este voto cumprir, será da igreja!..
Si te houvera a meu lado, oh charo filho,
Oh minha Beatrix, complecta fôra
A gloria vossa e minha."
E nos seus olhos
Borbulhou uma lagrima saudosa.

Em liso campo de singela purpura
Baixava o sol, deixando a etherea arcada

Ao lume sideral. Naquelles mares,
Só do canto alcyoneo festejados,
O canto do christão subio mais alto.
Juncto ao leme, cuidoso vela o Nauta
Té que a aurora a seus olhos propicíe
Nova jornada com seguro tempo.

Corria o sol em Themis, nessa pleiade
A Cesar dada, no repouso elysio,
Pelo cysne de Mantua. Era no dia
Em que a igreja memora o nome sancto
Da Mãe do Salvador. Bello e sereno,
O ambiente augurava um dia alegre.
Já vinte gráos havia a frota ousada
Transcursado no mar, sem que a maruja
Disso soubesse. Cauto e previdente,
Duas rotas marcava o Almirante,
Uma ostensiva, que occultava a altura;
E outra secreta, da verdade assento:
Era um engano, mas um pio engano
Necessario á missão que preenchia;
Pois que o chefe que occulta hardido intento,
Poupa aos fracos temor, alenta a esp'rança,
E assim consegue o almejado escopo.

O vento, o mar, o céo, o dia, e a róta,
Tudo acalmava a inquietação da chusma,

Que a paz fruíndo após longas fadigas,
Parecia estranhal-a; tanto as magoas
Se enraizam no peito! Velejavam:
Vinha da prôa, como envolto em vida,
Um ar tão puro, tão sereno e meigo
Que no imo suave diffundia,
Qual deliquio fagueiro, essa dormencia
Em que as penas se vão, e se evaporam
N'um meio-sonho de ineffaveis gozos.
Como em subito incendio, eis de repente
Agitada a maruja, celeumando
Em confuso tropel; correm á borda
Provectos e novatos, vozeando,
E apontando co'os dedos tremulantes!
Juncto á nave boiava um solto remo,
E na prôa se via o negro vulto
De uma longa almadia sossobrada!
Tristes nuncios no mar! Qual sepultura
De naufrago sem nome e sem memoria,
Era alli esse lenho abandonado,
Mostrando no vasio a triste imagem
Daquella muda noite de que envolve
O oceano o cadaver que devora.

Duplica-se o terror que a morte infunde
No mar e no deserto. Ahi não vemos
Nossa alma unida á piedosa gleba

Da terra em que vagimos; nem em flores
O pranto amigo convertido; e juncto,
A essencia respirando, um ente amado
Viver comnosco na fiel saudade.

Embalados em crenças pavorosas,
Prognosticos fataes só recolhiam
Os fracos marcantes, não a esp'rança
De vizinho conforto: aquelle remo
E a emborcada almadia ante seus olhos
Eram decretos de ameaça, avisos
Do poder infernal á porta hiante
Do pégo infesto, e não lição proficua.
Promptos á fuga estão, porêm não ousam
A revolta encetar: brutaes instinctos
Lhes não faltam, mas falta-lhes a audacia.

Passou-se o dia nos mormaços d'alma,
Nessa febre cançada, impaciente,
Que o mundo estreita, e no delirio inveja
O livre adejo das errantes aves.
Á proa e a ré se humedeciam olhos.
Para mais contrastar tanta fraqueza,
Sorria o Almirante, em cujo aspecto
Majestosa e feliz brilhava a calma!
Perito observador, nesses destroços
Só indicios benignos encontrava.

Veio a tarde brilhante e pensativa.
Da noite, sobre a linha do oceano,
Se acampavam as tendas nebulosas
Por entre o rosicler que o sol vertia
Nas fluidas orlas do horizonte ardente.
Do sueste rompia um ponto firme,
Mais pesado que as nuvens; recrescendo
Ao velejo das náos, bruxoleava
Altos penedos e sombrios valles,
E aqui e alli, em grupos salpicados,
Pontos negros e brancos, simulando
Castellos e mansões, vergeis e muros.
Erguida em alvoroto salta a chusma,
Sobe aos cestos das gaveas, olha, e brada:
„Terra! terra, Almirante!“ E á uma desce
Com alegres visagens, requerendo
O premio de ouro, que Isabel votara
A quem primeiro annunciasse a terra.

COLOMBO.

Aquietai-vos, meus filhos, que inda é cedo.
A sciencia e o mar e o tempo dizem
Que inda haveis de esperar. Aquella nuvem,
Afagada por vós com tanto anhello,
Terra não é, amigos! antes fosse.
Socegai, não é tempo; e em vossas preces
Pedi bom vento, que a esperança é certa.“

Qual seara, por boreas regelada,
Vestindo as côres do longinquo outono,
Abatida converte a messe em joio,
Assim dos nautas, no pendor das frontes,
A esperança em tristeza converteo-se.
Decahidos dos cimos da alegria
N'um oco abysmo os corações gemeram.

Murmuram os fieis seu desalento,
E apuridam-se os máos graves insidias.
Vem a noite cruel mais amaral-os,
Vem o dia o desterro inda augmentar-lhes,
E o temor de perigos rodeal-os.
Soprava a brisa etesia, o mar fugia
Ciciando na prôa entre grinaldas
De nutantes jasmins. Como um enxame
Dispersado, buscando outra colmeia,
Em torno dos baixeis cruzavam aves,
Buscando o cibo na incansavel lida.
Sobre a antenna da gavea um passarinho,
Não do mar, mas da terra, alegre pousa,
Pipita, sóbe ao tope, e desparece!
Anima-se a equipage a um tal annuncio,
E presa no horizonte o dia passa.
Alguns, abrindo da saudade os votos,
Viram terra na prôa; outros ouviram
Nesse gorgeio do mimoso passaro

A voz de um sino vaguear nas ondas;
Outros o patrio borborinho, e o resto
Dos paternos cazaes o fumo erguido,
Subindo ao céo, como estendidos braços
De longe abrindo carinhosos peitos.

Renova-se a celagem seductora
Sobre a linha do mar; e manso e manso
Prorompendo, recorta no horizonte
Formosos alcantis, faldas extensas,
Ondeadas florestas: — Terra! brada
O gageiro de prôa; e mudos todos,
Só co'os olhos inquietos interrogam
De novo o Almirante, que responde:
„É terra o que ora vedes, certamente;
Mas não a terra que eu demando, oh filhos.
Pelo aspecto uma ilha me parece,
De pequeno valor pela grandeza.

UM NAUTA.

Estes fructos e folhas contradictam
Teu alvitre e discurso. Ah! não desprezes
O que vês por chimeras e incertezas.
Tem de nós compaixão! Os nossos olhos
Beijam famintos com fogoso almejo
Estes filhos da terra, nunca vistos,
Que nos veem revelar porto e descanço.

Si és um raio, que o riso petrifica
Nos labios do cadaver, continúa . . .
Mas treme do porvir . . . A impaciencia
Desbarata a esperança, e d'alma extirpa
A razão e o dever, quando lhe impugnam
Os desejos ardentes que a fustigam.
Aportemos á ilha: o ar da terra
Calma e consola; seja um dia, ao menos,
E depois . . . seguiremos teu destino.
Basta de céo e mar; basta, Almirante;
O infinito é de Deos, e não dos homens.

COLOMBO.

Não busco a Antilia tenebrosa e arida,
Nem da Mão-de-Satan a incerta ilha,
Em que o Godo asilou-se; busco as plagas
Onde a myrrha pranteia em seixos de ouro,
E de perlas o mar debrúa as orlas.
Quero ser compassivo a vossos rogos
Esta vez, e não mais. Sim, arribemos;
O ar da terra os animos robora.
Será longa a derrota, mas tranquilla:
Assim o espero d'ora avante, amigos."

Dá signal, e commanda; as náos aproam
Para a terra fronteira. Os nautas bradam
Delirantes emboras. Veio a noite.

E que noite formosa! Tudo álerta,
Em canções festivaes passou as horas;
E a tiorba, em consorcio harmonioso,
Ao céo e ás ondas do oceano virgem
Vibrou acorde pela vez primeira!

COLOMBO.

CANTO X.

Nublada estava a ilha; o céo grisalho
Tibia luz orvalhava no ambiente.
D'entre a massa das névoas ondulantes,
Como espectros rompendo alvos sudarios,
Aqui e alli se erguiam penedías,
Recortando no ar Pyrrhas deformes,
Curvados monstros, revelins fendidos,
Ou castellos feudaes no céo plantados.
Era mago o painel! e a cada vaga
Que a prôa dividia, e a cada aragem
Do galerno que inflava as pandas velas,
Batia o coração da chusma inteira.

Com a sonda na mão, contando as braças,
Na prôa vai um moço, e juncto ao leme
O prudente Almirante. Em porto novo,
Nunca surgido, a segurança é dubia.

Entram n'uma abra a meio panno, e ferram
No lodo as unhas das seguras ancoras.
O ligeiro escaler desce dos turcos,
E a flammula real ondeia alegre,
Beijando o portaló. Não desce o Chefe,
Mas á meia equipage dá licença.
Nadam as lanchas, batem n'agua os remos;
Pulam brancos festões. Quaes centopeias
Movendo os tarsos pelo mar deslizam.
Á cadencia das vogas, e cantigas,
Que a terra echôa para mór encanto,
Rarefazem-se as névoas, jorra o lume
Sobre a margem douradas espadanas.

Pela praia arenosa em debandada,
Lépida vaga a soffrega maruja;
Busca na areia as variadas pistas,
Na relva o trilho conductor do homem,
No ar o fumo que o solar indica;
Mas nada encontra: a nova terra é muda!
Apenas se ouve murmurar ao longe
Dissonora corrente na espessura.
Entram na selva, desparecem todos.

Mal tinha o globo da ampulheta horaria
Filtrado os bagos uma vez somente,
Eil-os que voltam, vomitando a vida,

Em confuso tropel! Cortam espias,
Saltam nas lanchas, com feroz arrojo
Remam sem tino té chegar ás naves.
Tremendo de pavor, frios, turbados,
Na garganta represa a voz, mal podem
Com balbo esforço relatar o caso.

Resfriada a emoção, inquire o Chefe
Da fuga a origem. Lagrimando, supplices,
Em conjuncto bradaram: „Ah! fujamos,
Fujamos já desta ilha; ha n'ella encantos!
Vive n'ella o demonio, e quiz perder-nos!"

Impõe silencio o Nauta sobranceiro;
Castiga-os co'um sorriso desdenhoso,
E dest'arte lhes brada: „Que! cobardes?
Fugir sem ter de quem? Vis, que não tendes
Valor para narrar o que avistastes!
Si são feras, devieis combatel-as,
E não fugir como aterradas velhas;
Si são homens, devieis . . . .

O ALCAIDE.

São demonios!

COLOMBO.

Contra a fé do christão mal póde o inferno,

O ALCAIDE.

Escutai-nos, Senhor! É caso infando!

Alegres fomos pelas ínvias mattas
Seguindo o curso de um formoso rio,
Colhendo fructos e não vistas flores,
Soltando a vida em joviaes adejos.
Sequiosos, alegres, vendo a lympha
Tão clara como o dia, pressurosos
Lhe estendemos as mãos para colhel-a, . .
Oh! não sei como o diga! Mal os dedos
Na flor tocamos da tão bella veia,
Seccou-se toda, e pelo alvéo ardente
Rolaram ossos, fuzilando fogos!
Batendo como um conho despenhado,
Vi um alva caveira, vomitando
Serpentes pelas orbitas, e enchendo
A selva inteira de medonhos silvos!
Baixa a luz de repente; estala o bosque,
Como escachado por titaneos braços;
Muge qual fera, e pelas fendas solta
Verdes fogachos, exhalando enxofre!
Rasteira cerração abraça os troncos,
E os troncos estorcendo os longos braços,
N'um vortice contínuo, gemem, marcham,
Erguendo o chão em pó, como o xarouco
Na Lybia ardente revolvendo a areia.
Río e selva não vimos! Do deserto,
Que se abrio, para horror e mór espanto,
Dous penhascos surgiram de repente!

Batendo um o contra outro, espedaçados,
Trovejando, em poeira se fizeram!
Immoveis, sem fugir, sem dar um passo,
Pois que o medo tolhera a acção dos membros,
Juncto ás lanchas na praia nos achamos
Beijando a areia em pavorosa queda!
E aqui estamos, Senhor, sem saber como!

COLOMBO.

Os que medo não teem á frente sáiam,
Venham commigo a triumphar de encantos."

A taes palavras, com mortal espanto
Ficaram todos para o Chefe olhando!
Apenas Escobar timido intenta
Volver-lhe o alvitre; mas a voz embarga
Um lampo d'olhos, que o Heroe lhe lança.
Toma a espada e adaga; a peito aberto,
E em pé no portaló, diz á eguipage:
„Sem do inferno temer a sanha e argucia,
Já tres vezes salvei-vos do perigo!
Gente sem fé, sem Deos, sem rei, sem patria,
Raça bastarda da valente Iberia!
Entre dous infinitos tenebrosos
Erra vossa alma, sem que o brio avito
Ao dever e á gloria vos enlace.
Cedi para vencer, e ora não cedo:
Irei sozinho; pisarei a terra

Como piso esta náo, onde leis dicto
Em nome de Isabel. Si alguem seguir-me,
Castigado será."
E á lancha desce:
Colla em dous remos os possantes braços,
E airoso os move espadellando as aguas;
Á praia toca; desembarca; segue;
Entra na selva, e toda a gente o perde.
Bem como ao tombo de marmorea torre
Pelo raio abatida, um ai pungente
Se ouvio das naves proromper a um tempo:
Era a voz do terror, era esse estalo
Que soe o coração dar quando a mente
Desfallece nas azas da esperança.
Amigos e inimigos se confundem:
Perigam todos si periga o Nauta.

Como os olhos da virgem caledonia,
Puros, formosos, de azulado esmalte,
Era o céo. De repente, eis que dos montes
Catadupas de nuvens se despenham
Pelos valles, e a praia toda envolvem;
E após a massa algente, esfusiando
Medonho vendaval, da praia arranca
A debil lancha e aos ares a suspende.
Com pautados cachões, negros, rugintes,
Vem da terra marcando o passo infesto

Horrendo furacão. As caravellas
Cortam os ferros; pelo mar sem rumo
A secco voam, demandando a vida.
Mar e céo se confundem! tudo é noite!
Apenas vê-se nas toldadas nuvens
Cruzar mil raios, circulando as naves
De enrediças de fogo! . . . . . .
Emquanto os nautas
Viam do alto mar estes horrores,
Colombo embevecido alonga os passos
De belleza em belleza extasiado!
A seus olhos formoso é sempre o dia,
Tudo se mostra com aspecto alegre,
A selva é toda flores! Pára, admira
Da limpida corrente a veia argentea,
Seu brando serpejar, e o doce fremito
Da folhagem que ameiga as lindas margens,
E a onda beija co'os florídos labios!
Aspira esse matiz de cem aromas
Pelas auras fundidos; vê, contempla
Da verde selva a majestosa arcada,
Que o céo ornara de festões mimosos;
Não sente os passos, nem si a terra pisa;
Tanto sua alma se arrebata e enleva!
Desembaínha a espada, e a ponta embebe
No trepido regato: ao lume sobem
Palhetas de ouro que a corrente leva!

Talha um tronco e mais outro, e de taes golpes
Corre um nardo que a lamina perfuma!
O passo estende pelas ínvias trilhas
Té que um campo avistou, e n'elle um monte,
E sobre este uma cruz marmorea e nivea,
Pelo bafo do tempo esborcinada!
Celeste impulso para a cruz o guia,
Iman que attrai o coração piedoso
Do exilado christão. Nesse artefacto
Respira inda outra vida, a que nos leva
Aos dous pólos do tempo, á eternidade!

Qual sancta apparição consoladora,
Surgia a cruz de emmaranhada base.
Entre o liame das travadas sylvas
Que lhe escondia o pé, á luz fugia
Marmoreo cenotaphio, obra estupenda!
Com a espada o descobre, retalhando
A enrediça avarenta, a socia esponte
Dos sepulchros deixados. Pasma absorto
Ante a imagem que vê, perfeita e diva;
Tanto o engenho sanctifica a pedra!
Nesse cofre de amor, sobre essa campa
Pousava um Anjo para o céo fallando;
As mãos tinha pendentes sobre a lousa,
Como quem para o morto indulto pede.
Nos alvos poros da animada pedra

Não havia instillado o tempo estragos:
Formosa e limpa alli se mostra como
A fizera o artista! O sol brilhava
Sob um pallio de nuvens argentadas;
Hostia de fogo; era templo o monte,
Grimpa um cypreste, altar o cenotaphio,
Antiste o Anjo genuflexo, e povo
A floresta cantando pelas aves!
Na lapida que outrora um nome tinha,
Poupado uma só lettra havia o tempo,
E essa lettra?... Mysterio indecifravel!

Sobre a campa se acurva o Nauta, e reza,
Adora a cruz, e o Anjo que em seu riso
Revelar parecia outro mysterio.
Co'a vista immovel na serena imagem,
De sí mesmo se esquece, e manso e manso
N'um deliquio suave deslizando
Alli quedo ficou: uma outra estatua
Parecia o Heroe, grato colhendo
Na pia fronte do moimento a graça:
Eram dous anjos, humanados lumes,
Em recondito amor no céo vagando.
Nesta somnivigilia parecêo-lhe
Ouvir ao longe mystica harmonia,
Um hymno, como o expiro mavioso
De olente briza, que em sonoras ondas

Mollemente perpassa, diffundindo
Uns reflexos do céo. Não eram virgens
Em conjuncto sagrado harmonisando
Vozes que sobem, sanctificam almas,
E os ares enchem de suave encanto;
Nem mancebos felizes, fervorosos
Saudando a hora crastina e fagueira,
Que os deve conduzir de amor aos braços.
Eram cantos que a terra divinisam,
Melodias de amor sanctificado.
Parecia-lhe ver entre uns effluvios
Da pedra erguidos respirar a estatua,
As faces orvalhar-lhe um roseo lume,
Como a aurora de vida, e das pupillas
Brotar as chammas da natura etherea!
Parecia-lhe ver sobre seus labios
Reçumar o carmim, o ar mover-se
Em sonoras palavras reanimado,
E erguida a estatua do funereo assento,
Dar na campa dous passos, e bradar-lhe:
„Não recues, Colombo, a gloria é certa!“

De grato impulso arremessado, pula
Para o Anjo abraçar; beijou a estatua,
E o frio immovel da funerea pedra
Seus labios congellou. Palpou-lhe as fórmas;
Olhou mil vezes; exhortou co'as vozes

Do inquieto pensamento . . . Era uma pedra!
Quer fallar-lhe, soltar tanta anciedade;
Mas nos labios a voz trémula expira.
Qual réo que ouvio da morte o aresto horrendo,
Ou fatal desengano, o passo muda,
Volta á praia; e na praia nada encontra!

Busca a frota ancorada no oceano.
Na praia o escaler, n'areia o sello
De seus passos recentes . . . Nada avista!
Lisa e nua se mostra em céo longinquo
A linha horizontal cortando nuvens!
De espanto e de terror, quasi toldada
Vio a luz da razão, á tal surpresa!
Era a imagem do misero proscripto
No regresso encontrando em vez da esposa,
O lar deserto, a solidão, e a morte!

Com passo juvenil galga um rochedo.
E do tope escarpado a vista alonga
No dourado horizonte, e o mar descobre!
Sóbe o monte vizinho; deixa o berço
Das formosas palmeiras e das musas;
Vinga o plano onde o trigo se enlourece;
Pelo leito de um rio sóbe, affronta
A cada passo um precipio horrendo;
Vadeia as franjas das sonoras aguas

Que à calva batem de roliços conhos;
Fende virgens florestas, não calcadas
De pé mortal; os alcantís escala,
Em que apenas se colla arido musgo.
Trepa ao cimo das pedras buriladas
Pelo raio, onde as aguias prolificam;
Altravessa bulcões, gelidos ventos,
E vai á linha algente, além das nuvens,
Neve eterna pisar. Nem de tão alto,
Medindo a ilha e o oceano inteiro,
Devisa a frota no vasio espaço!

Alvo de settas mil, que o demo hervara,
Centro de azares, de crueis angustias,
Era o seu peito! Do destino as iras
Confusas vinham n'um afflicto enleio
Encher-lhe a fronte, e lacerar-lhe a mente:
Eram rolos de serpes em balseiros
Que o Orinoco conduz ao mar, e estalam
Aos embates de horrenda pororoca.
Tiritando de frio, deixa os ermos,
E inda mais uma vez co'a vista anciosa
No azulado infinito os seus procura;
E o mar deserto o desengana ainda!

Desce, qual desce a rapida torrente:
Não o vence na fuga anta pungida

Pela mutuca do Tinguá, buscando
Nas aguas do Iguassú allivio ás dores.
Á praia chega; e pela vez primeira
Suspirando sentio que em seus suspiros
Lhe fugia a esperança! Então, anciado,
Rolando os olhos pelo mar sereno,
Que em sepulchro tornara o desengano,
Batêo nos peitos, soluçou sem lagrimas,
E sua alma cahio no desespero!
Fulminado Titão, rolando a esmo
Do Olympo excelso ao tenebroso abysmo,
Não lhe excede em furor! Nesse abandono,
De sua alma o despeito se apodera.

Da altura immensa á que o levara a sorte,
Medio-se a sí e a humanidade, e dice:
„Quando mais a fortuna lisongeira
Parecia sorrir-me, — a morte vejo,
Vejo a noite no sol, vejo no abysmo
De um novo cháos esta alma aprofundar-se,
Como estrella perdida, que se emerge
Nos confins do oceano! Estou vencido;
O inferno triumphou!.. A lenda é outra!
Vim á Mão de Satan, tida em chimera
Por mim mesmo, do mar o mais sabido!
Trinta annos de labor e de esperanças
Em mesto olvido, em tenebrosa noite.

Vão-se agora perder, sem que um só homem
Transmitta aos tempos do porvir o lume
Precursor que antevi! Si minhas naves
Á Hespanha regressarem, dirão todos:
O louco foi punido; Deos e justo! . .
Justo? poderá ser, mas não agora!

„Que cruel irrisão! Eis-me sozinho!
Ninguem me escuta nesta hora infanda,
Em que mão infernal percude as naves;
E a mim, arauto de missão divina,
Atira aos ermos de um rochedo inhospito.
Montes, florestas, oceano e nuvens,
Olhos não tendes que o meu mal retratem,
Nem ouvidos que ao tempo a voz conservem
Desta dôr sem igual! . . Pereça o dia
Em que Palos deixei! dia de enganos! . .
Não me é dado chorar; não tenho pranto,
O pranto que corróe não sóbe ao rosto,
Um fogo interno em ais o evapora.

„A rasoura fatal, que a Job curvara,
O meu ser nivellou ao verme, e ao termo
Em que tudo o que é grande desparece:
Ainda era cedo . . . Antecipei eventos!

„Que ha de ser desse mundo promettido,
Si aos meus dias aqui pôr cabo o inferno?

Que ha de ser do progresso, quando a morte
Arrancar do meu ser o claro inicio,
E o verme do oceano enthronisar-se
Nesta fronte que a Deos tanto elevou-se,
Nestes olhos que os astros compassaram,
Neste peito em que a fé subio tão alto?...
Que será desse mundo, quando a noite
Romper em mim o luminoso elo
D'alliança do homem, promettida
Do cimo do Calvario? Orfam da igreja
Longo tempo serás, oh novo mundo!
Té que a estrella ostensora do Messias
O horizonte de trevas desvaneça,
E n'alva de outra éra aponte a um nauta
De novo a róta do infeliz Colombo...
Resfolga no teu throno de esqueletos,
Arpia dos palacios, cruda inveja,
Medusa que o engenho petrifica,
E offusca, astuciosa, o sol da gloria.
O laço universal hoje cortaram
Teus lictores ferozes, novamente
Sobre o mundo lançando o manto escuro
Da rudeza e do crime! Ah! já não bate
Ás regias portas supplice o mendigo
Que troca um mundo por um fragil lenho!
Tanta altura vingada! E quem moveo-me
Ao grande esforço, á inabalavel crença

De a Cruz plantar em regiões escuras,
E os falsos deoses conculcar ovante?
Que mão foi essa que o meu ser alçara
Ao cimo egregio, ás regiões piedosas,
E agora o deixa perecer n'um ermo?...
Onde está essa voz de anjo ou demonio,
Incessante, que n'alma me infundira
Tão grande fé, tão denodado empenho?...
Já não tenho mais fé... Ah! neste peito
Só pulsa agora o coração de um reprobo."

Pára; e aos céos voltando ardentes olhos,
Extatico ficou! Na mente e peito
Occultos turbilhões, vozes internas,
Reluctam sem cessar. Sólta um suspiro,
Suspiro que concentra em sí um mundo!
Uma voz suggestiva dentro do imo
Lhe inspira o suicidio;.. elle a repelle;
Ella volta, elle lucta, pensa, e falla:

„Não tenho horror á morte. A sepultura
É berço mudo d'onde as almas sobem
Á nova vida da morada eterna.
Aqui devo acabar... O mar escolho
Para meu ataúde. A dextra do impio,
A dextra de Caim, da treda inveja,
Não virá profanar meu corpo inanime,

Por mim rojado á sepultura undosa!
Serás, oh mar, a minha campa eterna,
E o teu sol e as estrellas dia e noite
Brandões funereos do infeliz . . . suicida. . .
E inulto morrerei? . . Oh! não, cobardes!
Co'a ponta desta adaga sobre o marmor
Meu nome escreverei aos pés desse Anjo,
Dessa estatua que ha pouco me illudira."

Mal volve o rosto para a selva, estaca:
Ouve a voz repetir-lhe claramente:
„Não recues, Colombo, a gloria é certa."

Bem como esparsos pelos ares voam
Os grãos vellosos da macia paina,
Quando o estio lhe arrebenta a espatha,
Assim a essa voz, que á fe o chama,
Dissiparam-se as nuvens da descrença
Com que havia o inferno escurecido
Seu antigo fervor. E a sí volvendo,
Qual de um sonho cruel, dest'arte falla:
„Mas que assomo foi este, e d'onde veio
Offuscar-me da graça a luz divina?!
Não vive acaso, não respira ainda
Em mim o filho de uma sancta idéa,
Para assim olvidar que Deos me guia?
Ingrato coração!!" E assim dizendo,

Sobrè o peito bateo, e genuflexo
Ao céo ergueo os lacrimosos olhos:
„Castigai-me, Senhor, (dice contricto.)
De um louco instante, de um delirio insano!
Rasgou-me os seios d'alma a mão do inferno,
E extorquio-me a blasphemia! Cego e ingrato,
Como um prescito, reneguei teu nome.
Perdão, Senhor meu Deos! perdão mil vezes."

E acurvado ficou, submisso, immovel
Como estatua abatida. Em seus ouvidos,
Que a dôr ensurdecera, novamente
Do Anjo a voz retumba sonorosa:
„Não recues, Colombo; Deos é grande!"
Calou-lhe n'alma a fé . . . Calmo se eleva
O Heroe, e pelo céo estende os olhos,
Embebendo-os no lume da esperança,
E firme, como qnem não teme azares,
O mar affronta com segura vista.

Subito, no horizonte se propaga
Um som ruidoso, como quando boreas
Sacode os mastros de pinhal livonio!
Ao longe, ao longe. . . na azulada aresta
Fervem e sobem espumosas vagas!
Era um monstro do mar, espadanando
A cauda immensa, que excedia um tronco

De ingente cedro que lacera as nuvens.
Para a praia se arroja colleando,
E no horrendo volver trôa, qual trôa
Bronzeo escudo nas aras de Teutates,
Quando o druida cruel sangue demanda.
Em amplas curvas revolvendo a espinha
Embrechada de escamas furtacôres,
O mar levanta em nebulosa espuma.
Pela bifida lingua esputa flammas.
E através do olhar mareja a morte!
Jamais os filhos de Noé o viram
Sobre a terra ou no mar, e nem Pausanias
Nas muralhas de Athenas, que Antyphilo
De chimeras cobrio, e novos monstros.
De serpe e de homem, natureza mixta,
Era o seu corpo, como a serpe do Eden!
No moto revoluto a luz corria-lhe
Pelo dorso iriado, simulando
Recife de crystal mudando as côres;
O collo, nos arrancos que o alongavam,
Era um tronco nodoso e millenario;
No mergulho, um cometa no horizonte,
Tocando o nucleo sideral nas aguas;
E no surto, que a fronte suspendia
Envolta em lumes, simulava ao vivo
Phalarica brandindo a chamma eversa
Por entre a massa de poentas hostes.

Para'o Nauta se arroja, borneando
A panda fronte co'um sorriso infesto.
No moto orbicular armar intenta
Treda investida; mas o Heroe impavido,
Com a espada na mão, e firme olhando,
Seguro o espera com desplante ousado:
Ardiloso acauan, semivoando
Com os olhos nos olhos da serpente,
Similha o Nauta vigiando o monstro:
Seu passo franco o do athleta iguala,
Na dextra estrenua o paladim supera,
E no garbo loução incita a Grecia
Por mão divina a refazer seus marmores!

Suspenso, como um tronco obliquo, o monstro
Tres vezes o investio, e no ar tres vezes
O bote retrahio. Parou, no intuito
De o poder fascinar com seus meneios;
Pois que a tudo o Heroe forte baldava.
Levanta meio corpo e immovel fica,
Como esguio phanal, e cerra os lumes;
Canta, e seu canto philomelas vence:
De estranhas melodias enche o espaço,
Aníma a solidão, e encrespa as ondas!
Batendo as azas, pipilando alegres,
Aladas gerações da terra e d'agua
A elle voam. descrevendo em torno

Um circulo que gyra, sobe, e desce
Como vaga sensivel á harmonia
Que o monstro sólta da elevada fronte.
O cysne da Laconia, suspirando
Na hora extrema em que abandona a vida,
Mais suave não trina a voz cadente,
Nem sereia fallaz urdindo enganos
Mais doce canto derramou nos mares!
A voz encantadora desse monstro
Pelo espaço flexivel estendida
Parecia mudar em melodias
O ar, a luz, o mar, e a selva umbrosa!
Era seu canto variegadas flores,
Ramalhete vernal, vaso de aromas,
Gotas de lume sobre o céo da noite,
Ou essencia subtil voando á lua
Sobre as tepidas azas de um favonio!
Era um sonho encantado por delicias,
Uma doce visão no fundo d'alma!
Nos mimosos gorgeios, nos trillados,
Parecía finar-se e esvaecer-se,
Parecia morrer, . . morrer de amores;
E alfim rompia como a luz phebea,
Que doura os montes e prateia as aguas!
Neste enlevo e detença, de repente,
De um salto erguido, como dardo, o monstro
Sobre o Nauta cahio! Elle, de um lance,

Co'a mente posta em Deos, a espada em fito,
Toca-lhe a fronte; o monstro, recuando,
Cai de xofre no chão: no horrendo escorço,
Mais feroz que um leão ferido, a praia
Em combros retalhou, rugindo horrisono!
Treme, circula na revolta areia,
E erguido em espiral enterra a cauda,
Abre a guéla, despede a lingua bifida,
Sólta um sibilo que de encontro ás penhas
Em mil echos partio-se, e pelos ares
Ondulando medonho, as aves todas
Dispersou temorosas. Logo, a prumo,
Co'a boca hiante contra o Nauta arranca,
E o heroe, sem se mover, em guarda apara
O bote, mergulhando o ferro inteiro
Na fauce ingente, que borbota sangue!
Cai o monstro a seus pés; Colombo o pisa,
Conculca-lhe a cerviz, quer jugulal-o . . .
Recúa espavorido! A planta cede,
Amolece no impulso, baixa e entra
Pela areia sangrenta; já não pisa
Um duro collo, mas inerte pelle,
Que se empapa e desfaz! Procura o monstro,
E do monstro só vê a cauda apenas
Convulsiva agitando a ponta, e ao longo
No cumprido areal, cedendo ao vento,
O retraço infiel da pelle horrenda,

Qual pende entre raizes e fluctua
O leve estojo que a voraz giboia
Despe, e renova na estação das flores.
Mas onde o monstro que a seus pés fugira?!

A seu lado, gemendo, reclinado
Sobre o chão, lhe apparece um vulto humano!
Era de uma Mulher!!! um desses typos
Da suprema belleza, nunca vistos
No planeta ideal em que reinaram
Canova e Raphael! era um abysmo
De amor e seducção! N'ella encontrára
Creso, o avaro, um firmamento de ouro;
Diogenes um throno, um riso Heraclyto;
N'ella vira um Titão raiar o Olympo,
Homero a luz, e Alexandre um mundo!

Para o Nauta voltada, suspirando,
Vertendo graças indiziveis, chora:
Seus olhos não distillam sentimentos,
Nem se dilue sua alma em brandas lagrimas,
Mas n'um philtro de amor, que abrasa os peitos,
E tredo os lança n'um vulção de flores;
Tão bello e seductor era o seu pranto!!
De seus labios carmineos, entreabertos,
Botão de rosa enthesourando perlas,
Manava a essencia que embelleza numes;

Parecia que amor n'elles tecera
Seu ninho e throno, e por superno encanto
N'elles pozera, amavioso e louco,
Imans de beijos, sorvedouros d'alma!
Em seu peito celeste refulgiam
Em cadende harmonia dous planetas,
Dous thesouros, que mais amor instillam
Em labios varonis que nos da infancia.
No seu vulto adiposo e venusino
Fluente e doce a luz resplandecia
Como em polido jaspe, ou branca neve.
Era a flor virginal no apuro e esmalte
Antes que o sol lhe beba o fresco orvalho,
E o sorriso, que ao céo vôa em fragrancias.
Morbido o corpo angelical reclina
Sobre a areia macia, pompeando
De industria as graças do gentil meneio,
E esparge a coma, que a palmeira inveja
Quando fluctua a carinhosa briza!
Da nivea concha não surgio mais bella
A seductora Venus! Nunca o cysne
No lago azul reproduzio mais ternos
Ademans, quando meigo se espaneja
Em reclamos de amor, e entrega ás auras
As niveas plumas e desliza ufano.
Uma por uma as attitudes toma
Da ingenhosa volupia, e de seus labios

Solta, sorrindo, esse tremendo encanto
Que os principes captiva, e leva o homem
Aos pólos do heroismo ou da baixeza.
Mirando o Nauta, concertando as faces,
Allia ao riso a lagrima lasciva,
E alçando os olhos com ternura e fogo,
Manda ao Heroe mysterioso envite;
Mas logo os desce, e languorosa fica,
Como si debil revelado houvesse
Um arcano de amor, involuntaria.
Chega-se a elle, offerta-lhe um sorriso,
Sorriso de mulher! aurora nuncia
De um triumpho a que amor só dá valia.

Co'a mente em Deos, e no futuro as vistas,
De aureola sobrehumana revestido,
Taes encantos não vê o Heroe dos mares.
Rompe o silencio a tentadoura imagem,
E o Nauta exhorta, abemolando a falla:

„Eu sou a virgem da eternal belleza,
Que á terra vim para somente amar-te!
Adoro o genio, o heroismo, o homem
Que a sí levanta no porvir altares.
Para mim é rainha a intelligencia,
Diadema a virtude, e throno a gloria!
E quem mais do que tu, preclaro engenho,
Merece o premio, a cubiçada sorte

De em meus braços dormir, depois de haver-me
Com amplexos ardentes e mil beijos
Fruído est'alma, emanação das flores?!
Alma que infunde por mysterio occulto
O amor que eleva á mais ditosa esphera,
Onde tudo se olvida entre delicias!
Não recuses meus dons, porque te adoro!
Singela e pura, como a sua verdade,
Ah! não me cubro de fingidas gallas,
Nem sei urdir enganadoras traças
De mercenario amor.... Princeza, eu tenho
Alto solio em mil nuvens diamantinas,
Onde commigo reinarás eterno.
De dia em dia far-te-hei mais joven,
Mais formoso e feliz do que um nubente!
No lympido crystal destes meus olhos
Teus espelhos de amor e os de minha alma,
Verás reverdecer, depois de um beijo,
O viço juvenil, o amor e as graças.
Sempre em meu rosto encontrarás um riso,
Sempre em meu peito inextinguivel flamma:
Serei tua qual sou, sempre formosa;
Porque um Anjo é meu pae. Beijando um lyrio,
Aos sons do rouxinol na primavera,
Meu ser aviventou na hora amavel
Em que as auras vernaes tudo fecundam,
Em que a terra é perfume, um hymno em flores!

Deixa o mar inconstante, a terra ingrata,
E vem commigo em regiões mais dignas
Alegre deslizar vida de encantos,
Uma vida sem fim, sem dôr, nem pranto.
Dou-te uma estrella, habitação etherea,
Maior que a lua, mais formosa e clara;
Dou-te um planeta, virginal, sereno
Juncto á Venus fagueira, onde só reinam
Primaveras sem fim; onde incessante
A flor entorna as odorosas perlas
Sobre o pomo vizinho n'um só ramo!
Dou-te campinas que floreiam gemmas,
Que harmonias tintinam quando as auras
Por ellas roçam as fecundas azas;
Fontes que exhalam sonorosos carmes,
Rochedos luminosos, selvas de ouro,
E flores de crystal, que á aurora se abrem,
Cantando como as aves! Nessa estrella
Sepultura não há, não ha velhice;
A vida é uma perennal virtude
De amor e mocidade. Vem Colombo,
Vem commigo viver na elysia estancia,
Mais formosa que a terra quando joven
Do seu somno acordando, e ao céo sorrindo,
Ostentou a primeira primavera!
Terás por servas diligentes aves,
Que irão fructos colher, colher mil flores,

Quando em meu collo em somnolento enleio,
Em deliquios de amor te afortunares,
E os olhos, desdenhoso, então volveres
Para o misero mundo que ora habitas.
Á noite, quando a lua a face argentea
Para nós inclinar, vertendo a calma,
Como fadas virão brancas phalenas,
Girando em torno pelos frescos ares,
Melodias tecer-te; e aureos insectos,
Zumbindo accordes, animar as trevas!
Oh! que delicia e que belleza eterna!
Envolta em lume a natureza inteira!..

COLOMBO.

Basta de vaniloquios! Não me illudes,
Inferno em carne! Sei qual é teu norte.
Da fingida Leonor, que quiz perder-me,
Tens no rosto funesto os mesmos traços,
Porque as filhas do inferno se assimilham...

A MULHER.

Não delires, Colombo! sou teu Anjo....

COLOMBO.

Anjo da perdição!.. Cala-te infame!
Como o fogo sem luz de ultriz remorso,
Tua alma infecta quer tisnar a minha;
Porêm Deos, que me adarga, ouvio-me as preces.
Tres vezes te hei vencido: aqui, na ilha,
E juncto a Tenerifa; assim vencido,

Escravo já és meu!.. fóge si pódes!
Em que nuvem, mirage, ou arteficio
Minhas naves occultas?

A MULHER.

Tuas naves?
Nunca as vi, nem sei d'ellas.

COLOMBO.

Oh! si o sabes!
Tu vieste do mar onde ellas erram.
Responde-me, si não, á cruz atado,
Remordendo o passado, ante teus olhos
O tempo voará; e tu, escravo,
Has de o futuro devorar em odios.
Em nome do Senhor, eu te captivo,
E te ordeno a verdade d'ora avante.
Já; teu nome?

A MULHER.

Pamorphio.

COLOMBO.

O que é que intentas?

PAMORPHIO.

Pois não t'o revelou de Deos a graça?!

COLOMBO.

Tu zombas!.. Es senhor, ou és escravo?
Mandas, ou obedeces?

PAMORPHIO.

Mando, e opero.
Fui Anjo rebellado, e sou ministro
De Abbadão, cherubim que rege eterno
O imperio do abysmo. Á luz pertenço,
Combato a cruz, fomento a idolatria;
Sou mestre e director de impia phalange,
Que o homem leva á perdição eterna.

COLOMBO.

Eu bem sei quem tu és. Dize, malvado,
Onde estão minhas naves?

PAMORPHIO.

Com meu sopro
Lancei-as no oceano.

COLOMBO.

Ao porto voltem.

PAMORPHIO.

Já não tenho poder; sou teu escravo;
Liberta-me primeiro.

COLOMBO.

Á cruz caminha...

PAMORPHIO.

Prudencia e reflexão. Sou teu escravo,
Já não tenho poder; bem o quizera,
Mas não posso! Uma lei e força occulta
Meu poder invalida!

COLOMBO.

Mentes, impio.
Caminha para a cruz. . . . . .

PAMORPHIO.

Si á cruz me atares,
Serás livre e senhor das tuas naves,
Que hei lançado a tres gráos d'aqui distantes?
Ordena ao vendaval que cesse as iras;
Si o vento obedecer-te, á cruz marchemos.
Eviterno qual sou, que val teu jugo
Mortal e transitorio? Com teu corpo,
Finará teu poder, que além da morte
A vontade não vai; perde-a o espirito
No momento em que passa á eternidade.

COLOMBO.

Embuste, que a vontade é d'alma a essencia.

PAMORPHIO.

Emquanto unida ao corpo.

COLOMBO.

As minhas naves?

PAMORPHIO.

Vagueiam no oceano, sem ter norte.
Rumina um dos Pinzons apoderar-se
Do que é teu, e seguir. . . . .

COLOMBO.

Oh! . . sem demora,

Em nome do Senhor, rende-me a esquadra
Si não, á cruz irás.

PAMORPHIO.

Estou sem forças,
Decahido, sem graça, impuro, e inerte!
Um só meio prescreve a lei do inferno
Ao vencido que almeja a liberdade,
E sem elle não posso dar-te as naves:
É preciso que eu vá purificar-me
Nas chammas infernaes, e que a ti volva
Aqui de novo, como um ser renato.

COLOMBO.

É fraco o novo ardil, e nescio o meio.
Daqui não sahirás.

PAMORPHIO.

Eu te obedeço;
Mas, prendendo-me aqui, perde a esperança.

COLOMBO.

A esperança perder? jamais, escravo!
No peito a tenho, e esta cruz a escuda;
E o céo a confirmou co' a voz de um Anjo!"

E assim dizendo beija a sancta imagem
De Christo, que pendente ao peito tinha.
Pamorphio, ao vel-a, volta a face e chora.
Lucta e relucta em convulsivas ancias,
E após longo anciar, serena, e falla:

„Escuta-me, Colombo. Não te engano,
Nem te posso enganar. Ah! tu não sabes
Das leis do mundo occulto, onde a justiça
Por sí mesma se faz! onde um aresto
É invencivel força sempre em acto,
Sem appello, sem graça aos que fraqueiam!
Não te posso illudir! Vês estas plantas,
Estas penhas e fontes?.. Tudo falla:
Em cada folha um epithaphio existe;
É cada pedra o mausoléo de um nauta!
Não são de agua estas fontes dissonoras;
São de pranto e gemidos. Marcha e escuta,
Que a cada passo um esqueleto estala,
E a poeira da morte se levanta.
Si eu fosse livre, poderia agora
Revocar a teus olhos os que jazem,
E os que te precederam nestes mares,
Como foram os nautas de Massilia,
Os de Tyro, Carthago, Erin, Etruria;
E os da algente e polar Escandinavia!
Si á minha liberdade te não prestas,
Com elles ficarás, sem que um só homem,
E uma estrella do céo teu nome guarde!
Não temo o teu poder, poder de dias,
Porque livre serei em breve espaço;
Tua idade e natura m'o promettem,
E o relento fatal destas devezas.

Si queres navegar, pensa, e liberta-me.
Fiel ao que prometto, n'um instante,
Qual vôa o pensamento, aqui de volta
Serei, trazendo á mão as tuas naves.

COLOMBO.

Libertar-te! e depois? . . . Junctos seremos
Emquanto a Deos prouver. Não te liberto.
O tempo e a oração fazem milagres.
De ti exigirei meu parco cibo;
Si reverso te houver, treme maldicto!
Em teus labios, que o fogo não calcina,
Roçarei esta cruz . . . .

PAMORPHIO.

Ah! tal não faças,
Porque inutil serei eternamente.

COLOMBO.

Caminha; quero ver nestas devezas
A tristonha pousada dos meus dias.
Caminha, que eu não cedo a teus embustes.

PAMORPHIO.

Medi da tua fé a intensidade,
E alteza do teu animo! Colombo,
Es um eleito, e como tal invicto!
Desce commigo ás regiões do abysmo.
Incolume serás. Si tens coragem
Para tanto, eu te juro por mim mesmo . . .

COLOMBO.

Por ti mesmo?! . . Caminha, miseravel.

POMORPHIO.

Por mim, por Abbadão, por quem quizeres,
Que ovante sahirás. Não é tão feio
O inferno como o pintam; obra de anjos,
Revela o que já fomos! Si és um bravo,
Compensado serás pelo triumpho!
Abrirei a teus olhos o thesouro
Da universal sciencia, estranho ao homem
Inda preso á materia que o abate.
Verás o que não vio a Aguia de Pathmos,
Nem propheta inspirado! Irás das portas
Do Eden primitivo ao Valle horrendo
Do Juizo final. Verás teu fado,
Tuas naves, e as terras que demandas.

COLOMBO.

Promettes como um deos, sendo um demonio!
A ingente offerta tem um dolo occulto.

PAMORPHIO.

Confias nessa imagem, que constante
Unida ao seio trazes?

COLOMBO.

Si confio?!
É o meu Salvador! minha esperança.

PAMORPHIO.

Pois que firme assim crês, eia, partamos!
Dá-me a mão.

COLOMBO.

Minha mão pertence a Christo!

PAMORPHIO.

A ponta do teu ferro.

COLOMBO.

Eil-a.

PAMORPHIO.

Segura-te!

Abrio-se a terra, e n'ella ambos entraram.

COLOMBO.

CANTO XI.

Como dous prumos em cisterna escura,
Ambos desceram té firmar as plantas
N'um duro pavimento aspero e immovel.
Rodeava-os cahotico negrume,
E o silencio da morte. Preso o Nauta
Entre a noite e a mudez, qual tyria mumia
N'um funebre rochedo, em pé aguarda
Alguns instantes, em que apenas ouve
Bater-lhe o coração, ferver-lhe o sangue.

„Basta de trevas!“ diz Colombo ao demo.
— D'ellas surgio a luz! responde aquelle.

Em fórma de cometa, um lume esguicha
Da boca de Pamorphio, e inunda a estancia!
De severo ostensor tomara o aspecto
Esse vulto que ha pouco mulher fora!
Varão no aspecto, rosto abaçanado;

Os cabellos em ondas negrejavam,
E a longa barba sobre a nivea toga,
Que em amplas dobras pelo chão cahia.
Vendo-o Colombo assim, co' a dextra asida
Á espada, e fito o sobrecenho n'elle,
Do Guanche, que encontrara em Tenerifa,
Vio-lhe a norma no rosto! e logo, em preces.
Do peito descobrio o crucifixo.

Profunda, ampla caverna se dilata
Em torcidas arcadas, em pilastras,
Onde arboreos metaes reflectem lumes,
E escuros antros vão á noite eterna.
Alhambra natural, o tecto alonga
De materia loquaz todo pautado,
Como os veios da onix, tão cara ás artes.
No centro á luz satanica se abria
Alva gruta, profunda, ensanefada
De pendentes festões, ramaes porosos,
Por onde em franjas sonorosas filtram
Calcareas aguas, que um ribeiro formam.
Alli, de Lesse, Balme, e de Antiparos,
Se amesquinham as grutas e se abatem
Ante os grandes, cavados labyrinthos
Em que a noite dormita ao som das aguas,
Sem que agoureiros mochos e os vampiros,
Inimigos do sol, o chão conspurquem.

PAMORPHIO.

Fiel ao pacto celebrado ha pouco,
Nas mais altas sciencias te inicío!
Guarda as minhas lições; serás um sabio.

COLOMBO.

Onde estamos? que é isto? o que denota?

PAMORPHIA.

Eis o reino das aguas, livro immenso,
Acamado qual vês! Aqui do homem,
Annel extremo da cadeia organica,
Começa a vida, e a passageira historia.
Este chão, que a meus pés treme e retumba,
Dos primèvos mortaes as cinzas guarda;
N'elle os diques jorraram do diluvio,
Té que o sol no ambiente formulasse
O arco-iris, o formoso nuncio
Das bellas estações. Daqui se elevam
Á luz do dia as progressivas éras
Da historia humana: em cada veio um cyclo,
Em cada cyclo um povo; e no seu todo
O tempo, o voraz tempo, e a humanidade!
Não é pedra o que vês nestas camadas
Diversas, sobrepostas, e ligadas!
Quinhentas gerações aqui se premem,
E o pó confundem na mudez eterna;
Que o silencio, Colombo, é o custodio
De profundos labores. N'elle opera

A natura constante; ao ar pertencem
O tumulto e o moto; o pensamento
Vital e criador se desenvolve
Na profunda mudez. Não vês em cima,
Sobre a curva da abobada, alvejando
Uma camada de ossos comprimidos,
Sobre ella outra camada de esqueletos,
E sobre estes cadaveres inteiros?

COLOMBO.

Vejo!

PAMORPHIO.

É o grande ossario, é a necrópolis
Dos imperios modernos. Constantino,
Assenta a base da primeira, e Carlos,
O grande imperador, começa a outra,
Que finda em Sixto, o papa pegureiro.

COLOMBO.

Quem, como folhas calcinadas, junctas,
Tantos ossos unio nesta caverna,
E em laminas de lodo tantos homens
Dest'arte convertêo?

PAMORPHIO.

A natureza,
Bifronte como o Tempo, que olha sempre
Para os pólos oppostos: vida e morte,
Acção dos elementos, lei occulta,
Força lenta, contínua como a força

Dessa aérea potencia que limita
Nas praias o oceano, e que recalca
Os montes, e os derrama nas planicies.
Os fastosos annaes do orgulho humano
No pélago do tempo desparecem,
Como a ufana belleza e as jerarchias.
Á terra vólta o que era d'antes terra,
E ao céo a essencia que do céo baixára.

COLOMBO.

Pulvis et umbra sumus!

PAMORPHIO.

Corpo e alma!
Gaz e lodo, phantasma transitorio,
Eis o pobre mortal! Formiga errante,
Multimoda sonhando, deslembrada
Que uma só primavera é sua vida,
Que um só hinverno á sepultura a leva!..
Olha essas linhas descendentes, várias,
Interruptas por outras, mal ligadas,
Mudando as côres, desmaiando ás vezes,
Como si fossem de natura estranha?...
Alli repousa o Indio que expirara
Sobre as aguas do Ganga; lá o Persa;
Mais abaixo o Egypcio; perto o Assyrio;
Depois o Meda; o Babilonio; o Tyrio;
O Grego; o Macedonio; e o Romano;
E os barbaros famosos que do Sindo

Ao Tanais se estenderam té o extremo
Da fria Thule e da polar estancia.
Com elles dormem na mudez eterna
Vichnú, o multiforme, Zoroastre,
Os Pyromis reaes, Nemrod, e Nino,
Nitocris, Salomão e seus prophetas;
Alexandre, Temistocles, e Numa,
O sabio Juba, o Plinio de Carthago,
O grande Theodosio, Arminio o barbaro,
A estirpe escura da Abyssinia adusta,
A gente escandinava, a prole undosa,
Que foi mais longe do que Hanon, Pitheas,
Euthymenes, Estrabo, Mela, e Polo;
E outros não sabidos, nem sonhados,
De que em breve has de ver a patria ignota!
Vê quantas gerações, vê quantas raças
Aqui na base a gente precederam
Que o Egypto suppoz ser a primeva,
E lá no fundo, da perdida idade
O primeiro casal, senhor de Eden!

„Dormem nas trevas da oceanea campa
Mysterios insondaveis que eu, coetaneo
Da príma criação, vi consummados
Em oucas éras, quando abrio a terra
Seu gremio ao homem que bebêo primeiro
A doce lympha, e digerio seus fructos.

Como os sons que uma lyra desprendera,
O passado se perde, e jamais volta.
Tardia concepção do engenho humano,
— O alphabeto fallaz — herdado ha pouco
Do Phenicio, o que póde illuminar-te?
Nos pillones do Egypto, nos rochedos,
Na pedra sepulchral, no alvo marmoreo,
No papyro volante, ou nos teus livros,
Arautos do erro, da mentira e enganos,
Não achas a verdade. O tempo e a terra
A verdade destroe, bem como os homens.
Do berço do infusorio ao berço humano,
Mil phases decorreram, sem que a escripta
Á luz mostrasse a progressiva marcha
Da vida elemental á do organismo,
Da planta ao animal, e deste ao homem.
O que foi o planeta que ora habitas,
Só o sabemos nós, que immortaes somos.

COLOMBO.

A Sagrada Escriptura acaso mente?!

PAMORPHIO.

Não mente; mas não diz toda a verdade.
Como um vago embryão, era esta massa
Algente nebulosa, antes que a força
Criadora actuasse os seus prodigios.
Tudo existia na divina mente
Antes que o *Fiat* povoasse o ether,

E o moto orbicular marcasse as phases
Desses globos, que inertes conjectura
O insecto humano escravisado á terra.
Mais rápidos que o humano pensamento
Cheios de vida pelo espaço rolam:
Platão adivinhou! todos respiram
A essencia criadora, e no seu gyro,
Em mutuas harmonias, oram, vibram
Um hymno eterno ao criador bondoso.
Traçada está no fundo desta estancia
A gradação da genesis primeva
Do planeta que habitas e perlustras.
Cemiterio somente ha sido a crosta
Que acabamos de ver. Eis outra idade!"

E de chofre desceram, penetrando
Na dura rocha, como em fumo aéreo!
Mudam-se as vistas, o scenario é outro:
Navas extensas margeando lagos;
Em vez de montes, serranías, fragas,
Doces colinas em que brisa etesia
Suave gyra, temperando as zonas.

PAMORPHIO.

Eis outra idade do orbe, mais antiga,
Quando a força vital deixou as aguas
Para ao homem subir mais progressiva.
Aqui não tens um só vestigio humano.

Do infusorio á asteria, d'alga ao liken
O organismo se eleva. A flamma occulta
Não havia rompido o manto externo
Da verdura e das aguas, e o granito
Nivelado co'a nuvem, mãe dos rios.
Aqui, na profundez em que te abysmas,
Se encerra o iman da cubiça humana!
Nestes rochedos de crystaes croados,
Em longos veios se derrama o ouro,
A prata, o cobre, o ferro precioso,
E as jazedas brilhantes, luminosas,
Das saphyras, rubins, e diamantes;
Gotas de luz, que alimentar só podem
Dos reis da terra a insaciavel sêde.

COLOMBO.

Mas que ossadas são estas gigantescas,
Cobrindo o solo de áridas cavernas?
Serão desses gigantes primitivos,
Que o diluvio extinguira, ou de outros seres?

PAMORPHIO.

Aqui não tens um só vestigio humano!
Aqui começa a região do instincto.
Eis os seres que outr'ora revestiram
As ossadas que vês."

Olhou em torno;
Co'as tensas mãos, e n'uma lingua estranha,

Revocou-os á vida. Crepitaram
Nos antros as ossadas espalhadas
De ingentes féras, sobre as quaes renascem
Possan es musc'los, e não vistas fórmas.
Do chão se elevam, povoando o espaço,
Perdidas raças de membrudos monstros,
Que da selva, co'a fronte, a altura medem,
E ao roble excedem na corporea massa!

Surge o Hydrarco, cujo dorso esguio
Vinte homens iguala na longura;
O largo Dinotherio, que derroca
Com as presas os troncos mais robustos;
E o Plessiosauro, mistiforio horrendo
De cysne e fera, de serpente e peixe!
Curveteam alegres nas campinas
Indomitos corceis, estranha raça
Á helia gente da Thessalia alpestre,
E á perfida Carthago; arboreos cervos,
Que ás settas de ouro da ligeira Phebe
Jamais cahiram, nem seu carro eburneo
Aos astros suspenderam! Pisa os prados
O boi trombudo co' as fendidas patas:
Si o Egypto o vira, desthronara Osiris!
O chão revolvem javalis immensos;
Mais ferozes não fez morder a terra,
Nas ferteis margens do Erymantho arcadio,

Á invicta clava do possante Alcides!
Vagueando e mugindo, a eburnea tromba
Retorcia o membrudo planifronte
Elephante, que o Indo não sagrara.

Á luz se ergueram com ruido ingente
Mais outras gerações. Ao mar lançou-se
Enorme amphybio, jacaré medonho,
Raiz da criação, meselada fera
Que o ar respira como as aves livres,
E o pégo habita dilatados annos!
Não lhe excede no aspecto cambiante
O versatil anolis, e o lagarto
Que á sombra irisa o escamoso dorso.

A passo lento, pelas praias marcham
Cerdosos Masthodontes, que ora dormem
Gélido somno na polar Siberia,
Tendo na campa de regelo eterno
Auroras boreaes por luz funerea!
Curvando troncos, derrancando selvas,
Tardo caminha o Megatherio intenso:
No largo casco Paleotherios brincam,
Vizinha casta da listrada zebra!
Mais que a arena de um circo, o dorso ingente
Póde feras suster. Simula, andando,

Emborcada galé no mar perdida,
Varrendo o lodo co'os virados mastros!

Batendo as membranosas espadanas,
Voam de rocha em rocha longas serpes,
Da filha d'Esculapio jamais vistas!
Mochos que obumbram co'as vellosas alas
Elephantes enormes. Sobre a tona
De salgados paúes, rans monstruosas
Imitam no coaxar o som do raio!
O mar agitam com bulicio horrendo
Estranhos monstros, leviathans, cetaceos,
Que a baleia odierna muito excedem:
Nunca os vira no mar o Lusitano,
Nem o ousado Andaluz, e o Malhorquino!
E emquanto os ares revezando cruzam
Grandes vampiros, gaviões, abutres,
E extinctas aves; lançam as cavernas
Pesados ursos, que a Curlandia e Kola
Jamais pisaram, e os formosos tigres
Que a Baccho outr'ora consagrara a Grecia.

PAMORPHIO.

Tudo foi colossal, feroz, e bruto
Na infancia do orbe, como o vês agora.

COLOMBO.

Os archivos do mundo estão sepultos.

Misera condição: a humana estirpe
Pisa a terra, e a terra desconhece!

PAMORPHIO.

E ousa levantar-se á etherea essencia,
Ella, que em trevas do seu berço se alça,
E em trevas desce á sepultura muda!
Sonho de um dia, transitoria mareha,
É sempre a vida: mal começa o homem,
Dá dous passos na terra, e no terceiro
Falceia, e cái, e se transforma em lodo.

COLOMBO.

Batem-me as veias nas pesadas fontes,
E no peito, onde ha pouco trasbordava
Da vida a força, sinto a mão do Eterno
Volvel-a ao nada! Que lição profunda!

PAMORPHIO.

Tudo o homem ja soube! Revelados
Os segredos lhe foram da natura.

COLOMBO.

Mas de tudo esquecêo-se nesta idade.

PAMORPHIO.

Abbadão, meu senhor, vencêo a lucta.
Mas ah! eu creio, e cremos nós, que o inferno
Pelo homem será vencido em breve.
A mente, que é divina, ha de algum dia
No seu gyro voltar á prima essencia!..
Agora descerás commigo ao reino
Do sabio mestre, a completar o estudo.

COLOMBO.

Repillo o encontro do inimigo eterno.

PAMORPHIO.

Em Roma se acha, suggerindo Borgia, . .

COLOMBO.

Nem mais uma palavra! Inclino a fronte
Aos pés do solio pontificio!... Ouviste?

PAMORPHIO.

Ouvi, e te obedeço. Escuta ainda:
Nas folhas deste livro vário, immenso,
Lês o plano ascendente da natura,
Symetrico, uniforme, simples, sabio,
Formoso, e progressivo. A lei divina,
Alma potencia, n'elle se dilata,
E os seres ennobrece até do homem
Chegar á perfeição. Tu viste o cedro,
Que destouca no céo a fronte olente,
O pinho ausonio, o álamo hyperboreo,
E o dodonio carvalho? Foi seu berço
A rocha nua, sobre a qual n'um ponto
Uma alga borbulhou, que o sol ardente
Ao longo incinerou; desse residuo
Surgio rasteiro liken, e sobre este
Nascêo humilde musgo, que uma idade
Em terra convertêo, e outra fecunda
Sobre ella levantou mimosos fetos.
A par e passo a criação caminha!

Fluctuavam no humido elemento
Algas frondosas, multicôres, bellas;
Moveis seres então appareceram,
As brandas callimenias, e as ogygias.
E os cetaceos, que encerra a dura pedra.
Dormio a natureza. . .
„A terra envolta,
N'um manto d'aguas complanou-se, e os entes
Da primeira existencia, inda incompletos,
Na vasa os clausurou; porêm de novo
Pela luz animada, erguêo risonha
Palmatos fetos ás virginias auras,
Virentes polvos de perdida norma,
Esguios juncos, embrechados troncos,
Que acamados no abysmo ennegreceram
Em luzente carvão! Eis a jazeda,
Que ha de um dia nas mãos da industria humana
Unida ao ferro avassallar o mundo!

„Alli branqueia a cal filha das aguas,
Campa do microleto solitario,
Que das feras encceta a gran familia!
Alli rutila o gesso, alma da argila,
Em que o fabro, rival da natureza,
Um deos esboça, e um heroe deifica,
E o giz audaz que o pensamento eleva,
E a greda espessa que amortalha os Sauros!

„Seis grandes zonas, como em tronco annoso,
A terra annellam, demarcando as phases
Que o pyromis egypcio, em mytho arcano,
A Moysés revelou, e este ao mundo!

„O que tem na palavra a luz e os astros,
O tempo, a vida, a fórma, e as leis eternas,
Fez da terra uma phenix que renasce,
Uma flor no jardim do firmamento;
Promulgou no infinito os seus decretos,
E surgiram milhões de soes luzentes,
Que ás entranhas do cahos desceriam,
Si um aceno somente Elle fizesse!

„Eis do craneo da terra a fria crosta,
Que envolve fogo! Nesse fogo interno,
Meu purificador, existe occulto
O imperio de Abbadão, e o seu palacio,
Onde o sabio immortal prepara tudo,
Rivalisa com Deos, torce os destinos,
E conquista os mortaes!... Vamos, Colombo.

COLOMBO.

CANTO XII.

Não descem, mas deslizam, penetrando
No granito inconcusso: mais sereno,
Por entre as ramas da frondente selva,
O mimoso frouxel não desce a terra.
Noite e frio respiram té vencerem
A abobada inflammada, onde circula
O mar de fogo, coração da terra!

No pégo ardente incombustivel globo
Occulto se equilibra, amplo dominio
E throno de Abbadão! Varam-lhe a crosta.
Pisa Colombo na trevosa estancia;
Descerra os olhos, nada vê; circula-o
O horizonte da noite e do silencio!

PAMORPHIO.

Não te assustes, Colombo; estás nos atrios
Da sciencia infernal! . . Es o primeiro

Que inda preso na carne aqui penetra.
Calmo aguarda este ensejo, talvez unico
Na historia universal! Da mente espana
Os enganos que a cercam desde a infancia.
Do Jano antigo dar-te-hei os olhos
Que os evos sondam, e o porvir aclaram.

COLOMBO.

Si teus olhos nas trevas lume encontram,
Os meus não! Quero luz. Detesto a noite.

PAMORPHIO.

A noite que te offerto symbolisa
A van sciencia do homem, que o inferno,
Affagando-lhe o orgulho, arteiro inspira.
Quando o homem sondar a natureza,
Ler na biblia de pedra que já viste,
E em sí mesmo os mysterios que elle encerra,
Irá do effeito á causa; dos negrumes
Da materia ao clarão do pensamento;
Do lodo inerte á intelligencia pura.
Então a luz verá, si o permittirmos.

COLOMBO.

Nesta vida de horror nunca tremeste?
Nem quando nos teus labios, sempre infestos,
O trovão da blasphemia symphonisa,
Pelo raio infernal sempre applaudido?!
Não te move a desgraça filha do erro?

PAMORPHIO.

Em meu ser infundio a eternidade
Esta estranha natura! Odeio a Christo.
Quero o homem feliz, mas a meu modo.

COLOMBO.

Não mais! . . Si teu poder já recobraste,
Transporta-me daqui á luz do dia.

PAMORPHIO.

Prometti revelar-te dos infernos
A sciencia e os mysterios. Fiel cumpro.
Fallece-te o valor?

COLOMBO.

Oh! não.

PAMORPHIO.

Caminha.
Os eventos que o sol inda ha de um dia
Na terra illuminar, eu t'os franqueio.
Não mais empanará teus olhos avidos
A névoa da incerteza: firme e claro
No mar da vida singrarás constante,
Sem que o dubio futuro te atormente.
Caminha, que a sciencia é uma escala
Que vai da escuridão á luz suprema,
E o ser eleva ás regiões celestes."

Lento e lento n'um ar sereno e fresco
Dubia luz se dissolve, como a d'alva

Nascente que se côa n'um resquicio
De escuro carcer, na limosa arcada
Figurando paineis amortecidos.
Aqui e alli vislumbres phosphorejam
De incertas fórmas que tateia a vista.
N'alma suspensa do Ligurio vagam
Ambiguas sombras, que o crescente lume
Pouco a pouco revela . . .
Abre-se um templo,
Similhante aos de Ellora, reçumando
De sí mesmo o clarão que o illumina!
Que estranha architectura! Que materia
Será essa que a luz poreja, e brilha
Como o tronco podrido em noite estiva?
Sobre craneos de feras em circuito,
Que o chão erriçam de fataes colmilhos,
Retorcidas columnas se levantam,
Como lenhos nodosos, grinaldados
De confusa enrediça em que se embalam
Enroscados satans. Sobem os fustes
Á distancia das nuvens, e sobre elles
Não pousam capiteis, mas um enleio
De serpentes e gryphos, suspendendo
Outros monstros iguaes, que as curvas tecem
De uma amplissima arcada que se perde
Na longa perspectiva de uma escada,
De esqueletos e esphinges, sobrepostos

Nos largos escalões que vão subindo
A um zimborio de lume movediço!
Tudo se move na pasmosa estancia,
Tudo respira um sentimento estranho!
Prendendo a cauda nas lustrosas fendas,
D'onde gotejam luminosas fitas,
Pendem serpentes segurando lustres
De agrupadas chimeras, que vomitam
Madreporas de um lume esverdinhado!
De Gropius o pincel, ou de Dagotti
Nunca no palco artefactou tal scena;
Nem o Chim, que se apraz em phantasias,
Dêo ao seu drago tão estranhas fórmas.
Vasta e medonha se estendia a nave,
E tão longa, que em vão rápida bala
O topo alcançaria. Quanto á altura,
Alli seria ornato de credencia
O zimborio de Roma, e um candelabro
A columna trajana sobre o vertice
De nilense pyramide! Pasmado,
Fitos os olhos na amplidão da mole,
Sem um passo mover Colombo estava!

PAMORPHIO.

O que sentes, mortal, ante a grandeza
Desta regia sem norma e sem parelha?

COLOMBO.

O pasmo, a suspensão! como que um ancia!..

PAMORPHIO.

São as ancias de um peito onde a esperança
Indecisa caminha. Avante, vamos,
Que aquella escada remontar devemos.

Mal dão dous passos, as columnas tremem,
A abóbada desaba, cai, estronda
Derroída no chão! Entre caligens,
De ferro armados, transluzindo os vultos,
Mil demonios urrando o Nauta investem,
E a seus pés em novellos circulando,
Revezam fallas, e confusas gritas:
Ninguem se entende; turbação é tudo!

PAMORPHIO.

Não estranhes, Colombo! assim os homens
Fazem ao homem que caminha á gloria!
E o assalto da inveja multiforme,
Que nescia e cega no furor que a agita,
Prefere a ruina á flicidade alheia.
Recolhe a tua espada, agora inutil:
Aqui não ha materia, tudo é fórma,
Tudo é reflexo da razão do inferno.
Grandissimas verdades lá te esperam
De sobre aquella escada. Vem, que os montros
Deste sitio não ferem nunca a carne:
Espiritos reveis outro é seu movel."

Um som diverso a cada passo a escada
Sonorosa rebôa: parecia
Um teclado de vidro harmonisando
Cadencia triumphal, um hymno ovante!
Era essa escada retumbante o throno
Das grandes illusões, de amaveis dolos,
Sempre gratos ao peito, e fugitivos
Como as sombras do amor e da auricidia.
Emblema da ambição, em cada esphinge
Um enigma cruel contem occulto;
E em cada tredo e horrido esqueleto
Um desastre de amor, um desengano.

Entram n'um templo orbicular, diaphano,
Que gyra por sí mesmo, qual gyrava
O triclinio de Nero. Alli cem virgens
E mancebos formosos ledos brincam,
Ateados de amor, de mil encantos.
Nos bellos olhos que despedem flammas,
Um prisma atara de fatal engano
A serpente do Eden. Tudo em flores
O horizonte lhe mostra lisongeiro:
Na mesta sepultura a vida enxergam;
No antro do leão vergeis odoros;
Harmonias na horrenda tempestade;
Douradas regias no deserto impervio;
Nas lagrimas da dôr nectar suave;

Na miseria a opulencia; o amor no crime;
No vicio um throno, e na mentira o céo!
Dessa louca illusão nada os convence,
Nem a vida que gela como os rios,
Nem o amor que se esfria como a brasa,
Nem as rugas do tempo, nem a neve
Da velhice, que esconde a formosura,
Nem as forças que o tempo vai quebrando,
Nem a flor da esperança atraiçoada,
Que murcha e morre em tristes desenganos.

COLOMBO.

O que é isto, Pamorphio? o que revela
Este sonho de amor na primavera?

PAMORPHIO.

A medalha illusoria, em cuja face
Sorri-se um mundo, e no reverso occulto
Pranteia o outro. Um mesmo impulso agita
Rei, vassallo, e escravo: a humanidade
Joven sempre será, sempre voluvel:
Ebria de amor n'um dia, e de odio em outro,
Pisa o deos que adorara, e ergue um novo
Nas aras da inconstancia reversiva.
O amor é um tyranno, que em seus olhos
Aduna o sol e a noite, a vida e a morte;
Verga os sceptros, arranca os diademas,
Baixa á catasta a cezarina, e eleva

O servo bruto ás regiões do mando.
D'elle o inferno gran proveito ha tido!

COLOMBO.

Que virgem carinhosa se me antolha!

PAMORPHIO.

É a maga esperança. Sempre muda,
Como o interno almejar; sempre em caminho,
Como o tempo fugaz: os seus cothurnos
Um berço e um esquife representam.
Com seus olhos na aurora nutre as flores
Que deseja, e que o tempo, o cruel tempo,
Arroja em furia nos tufões da vida!
A esperança é uma deosa traiçoeira,
Simula approximar-se quando foge,
Té que o homem se entregue ao desespero.

COLOMBO.

A esperança é uma virgem que caminha
Com um braço no céo, outro na terra.
Que esphera é essa, que dous vultos guardam,
Sem vel-a, pois que os vejo distrahidos?

PAMORPHIO.

Aquella poma representa o tempo,
E os dous vultos, de faces contrapostas,
Do passado e futuro os atalaias:
Um d'elles lê somente os epithaphios,
E o outro sobre os berços horroscópa;
E ambos n'um ponto, do presente imagem,

Tem unidas as mãos. Naquella esphera,
Abbadão meu senhor pensamenteia
De compassó na mão grandes eventos,
Que nós cadimos, em uma outra esphera
Igual á terra, planejamos tudo,
Conforme o péde a natureza humana.

„Não vês naquelle leito reclinada
Uma bella mulher, fagueira, alegre,
Qual matutina flor? Chama-se Illusia!
Após o fructo conjugal, é virgem
Como a Huri do koran: d'ella descende
A inconstancia voluvel, deosa amada
Do povo ingrato, que a sicuta offrece
Á virtude, e a ostra ao heroismo,
E após as suas victimas pranteia.
Gigante de mil frontes discordantes,
Irrequieto Titão, é seu destino
Novo olympo escalar, e despenhado
No mesmo abysmo recahir de novo.
Illusia guarda as sete portas mysticas
Das grandes officinas, que laboram
Para a ruina do homem. Na primeira
Se industría a mulher, causa fecunda
De amor e odios, de heroismo e crimes;
Pólo de um mundo que a natura ao homem
Por inflexivel lei impoz severa.

Alli, por dom fatal, se exorna em graças,
E avulta na belleza irresistivel,
No arteficio que estampa a dupla imagem
Do gelo e do vulcão! Face amestrada,
Espelho traiçoeiro, que aviventa
Co'um sorriso, ou trucida co'uma lagrima
Alheia ao coração; mar tenebroso,
Em que o homem sossobra, mesmo envolto
No manto imperial! jaula em que ruge
O leão do ciume, ou canta e geme
Philomela amorosa; fojo á porta
Do thalamo, coberto de grinaldas,
Cujas flores exhalam sempre a morte!
Grilhão que prende por dominio arcano
Ao mais duro e cruel dos captiveiros,
E o homem fórça, no furor dos zelos,
A beijar o punhal que o assassina!
Serpe que sóbe da catasta ao throno,
Sansões enerva, os heliastes cega,
Profana a estola, e os Salomões corrompe.

„Encerra a outra porta o vergel de ouro,
Que aos tyrannos fornece o sceptro iniquo.
Alli o gran cultor semeia os crimes
Que alimentam a espada, e o algoz das regias.
No dia em que se erguêo immune o réprobo,
E aos povos e ás phalanges dice ovante:

— Sou Rei, sou a lei viva; ajoelhai-vos;
Eu sou vosso senhor; sou Deos na terra,
Vossa mente sou eu; eu só vos guio —
Na fronte das nações o diadema
Da virtude estalou. Nessa hora infausta,
Cheio de gozo estremecêo o inferno,
E victoria bradou. A morte d'alma
Então apparecêo, e juncto d'ella
A dura escravidão e o idiotismo.
Então marcamos com segura dextra,
Entre duas mortalhas, os limites
Da crença e da palavra: o pensamento
Immovel, preso, decahido, e escravo,
Não ousou perlustrar mais da verdade
O campo luminoso. Veio o Cesar,
Veio o Duque, o senhor da idade media,
Alma de ferro; veio o monge e a fragoa
Do cruel fanatismo!... Mas presinto
Que isto vai acabar; e tu coopéras
Para a grande mudança!...

COLOMBO.

Estimo; é gloria!

PAMORPHIO.

A gloria é como a rosa: aroma e espinhos.

COLOMBO.

Como o dardo de Xerxes, de um só lanço
Irei da terra aos céos!...

PAMORPHIO.

Duas batalhas
Como o Persa terás, e mais não digo.
Não ouves nesta porta tintinarem
Martellos sobre incudes, e lá dentro
Um som que imita o raio nos convalles?
É a estancia da guerra, a que antecipa
A velhice e a morte, e tira ao homem
Razão e liberdade. Alli um monge,
Pelo inferno inspirado, achou a polvora,
Tão cara á morte, mais veloz, mais prompta
Do que a peste e a fome, ou que o veneno
Da romana Locusta! O arco antigo
Que a arbaleta phenicia derribara,
A syria catapulta, e o ariete
Das cidades flagello, se extinguiram
Ante este invento que a distancia encurta,
E a morte envia no pelouro ardente.
O peão desafia o cavalleiro:
A guerra é outra: Xenophonte e Cesar
Quebrariam seus gladios, si voltassem!
A balistica é nova: é rei o engenho;
Mas da força o direito é sempre o mesmo.

„Na quarta vive essa matrona fera
Que os Reis educa, ambiciosa sempre.
Trifronte como Roma, insaciavel,

Tendo de um lado a crôa, e d'outro lado
A thiara, e o pilêo republicano,
Na mão a espada, e aos pés um grande ossario,
Tudo affronta e destroe quanto a seu veto
De dominio se oppõe. É ella á treda
Que impelle o filho á usurpação, e o servo
A arrancar do senhor o diadema,
Quando o solio se abaixa ao crime, e o fumo
Dos negros lupanares tisna as regias.
Suberba e falsa, entumecendo os labios,
Em leis couverte do passado os crimes,
Em direito o abuso, e em sancta ordem
Seu dominio exclusivo. Quando a impia
Com torvos olhos, pelo crime accessos,
A penna ensopa n'um sangrento lago,
A razão emmudece: o mundo encerra
Em cada tecto uma colmeia torpe,
E em cada chefe de um malvado a norma:
Dormem no mesmo leito dous imigos;
No berço se amamenta com crime em carne;
Surdos os filhos ás paternas vozes,
Do rico genitor os dias contam,
Chamam a morte, e si ella tarda, á mesa
Em ledas libações lhe prematuram.

„Nest' outra porta, em um profundo lago,
Vive o Tantalo de ouro, o amor do alheio,

O cancro social. Alli as flores
Veneno estillam na manhã, e á tarde
Vapores aureos que a cubiça fartam.
Na balança que o meu e o teu pondera,
Dous imans attrahentes e constantes
Abbadão collocou. Fecunda ha sido
Esta grande invenção. Os homicidios,
O furto, o estellionato são seus fructos,
E a magra usura, que subio tão alto
No imperio romano, que tão livre
Dominou em Carthage, e que hoje impune
Na terra existe dominando emporios.
O triumpho do inferno é quando um povo
Honra o ladrão, e o probo menospreza.

„Na sexta porta, com silencio e fraude,
Conspira a escravidão, sempre irritada
Contra a mão que a subjuga, e vingativa
O crime injecta nos virginios labios
Do infante que amamenta, e que aborrece
Qual renovo de planta infesta e iniqua.
Quando o sangue de Abel tingio a terra
Aos pés de seu irmão, surgio a morte,
E a injustiça no mundo propagou-se.
Veio a raça de Cam, raça maldicta,
E co'ella a escravidão; veio o escravo,
Veio o homem sem patria, sem familia,

Sem vontade, sem crença, atado ao jugo
Do plaustro errante do senhor que odeia,
Porque n'elle só vê de homem a fórma!
Para eterno firmar este direito,
Nos olympos da terra escravisamos
N'uma escala ascendente um deos a outro;
Descido assim dos céos o captiveiro,
No dogma e no altar alimentou-se.
Não foi a guerra, e sim nossa arte a origem
Deste grande triumpho sobre a terra.

„Na extrema estancia o egoismo impera;
Isolado, sem patria, sem deveres,
Sem coração, nem lagrimas piedosas,
Amando-se a sí mesmo, do seu limbo
Afugenta a moral; cruel e trefo,
Vira a patria abrasar-se, si das cinzas
Lhe surtisse algum fructo! Quando o inferno
Quer um povo abater, fal-o egoista;
Seu mundo assenta sobre os frios pólos
Da indiffrença, e da negra ingratitude!
O egoismo diz ao Rei, — ordena, e goza;
Ao ministro: — governa a teu capricho,
Tens o nome do Rei por salvaguarda;
Ao juiz: — não ha leis, ha só convenios,
O que é justo n'um solo, é n'outro injusto;
Ao soldado: — o valor dá morte ou ruina,

Val mais que o heroismo um bom thesouro;
Ao poeta: — silencio, pobre louco,
Ninguem te escuta si a virtude exaltas;
Ao cidadão: — a patria é van palavra,
No seu bem cada qual curar só deve;
E ao povo: — desfructai, que a vida é curta,
Dos grandes da nação segui o exemplo!
O egoismo, Colombo, é lima surda
Que abrilhanta o metal que vai gastando.

„Subamos ao secreto Genitalio.
Dous adytos o extremam, nebulosos:
Um no Eden começa, é o passado,
O outro é o porvir mysterioso,
Que se entranha por toda a eternidade!

COLOMBO.

CANTO XIII.

Mais longa do que a hora angustiosa
Em que lucta a incerteza co' a esperança,
Era do Genitalio a galeria!
Symetrica e singela, ares mostrava
Do palacio em que outr'ora Micerino
Orgulhoso ostentava em bases de ouro
As estatuas de suas concubinas.
O nocturno alvanel, no chão de Roma,
Jamais cavára tão cumprida turna;
Nem o filho de Brama, que brocara
Do sobpé do Himalaya á Taprobana
Essa mina em que illeso escuta o raio
Rebramar-lhe por cima da cabeça,
E o tufão espalhar no mar a morte.

Em renque, a prumo, immoveis, a milhares,
Se alinhavam em longa perspectiva

Brancas estatuas de materia ignota:
Nos baços olhos, nos cerzidos labios,
Para mais realçar todo o mysterio,
Não vive o lume nem os sons da mente,
Posto que a vida lhes anima os ventres!
Firmadas, como os deoses de Sesostris
No thebano memnonio, se estendiam
Té n'um ponto azulado confundir-se.

COLOMBO.

O que é isto? O que são estas estatuas,
Cujos ventres palpitam como a carne?

PAMORPHIO.

São idéas, Colombo. Estas estatuas
De inerte argilla que aqui vês em filas,
Quêdas, a espaços, denotando vida
Nas replectas entranhas que respiram,
Mil designios encerram. Nesses ventres
Por lei do inferno, em gestação estranha,
Nossas idéas tomam vida e fórma:
Chrysalidas humanas, dormitando
Té á hora marcada, o ventre rasgam,
A luz prorompem, no meu collo as tomo,
E á terra as levo no aprazado ensejo.
Dos meninos, apenas recemnatos,
Que roubo ás mães, de noite ao somno entregues,
Dou aos meus as feições, e lá lh'os deixo.
Quando ignaras do ardil as mães acordam,

Os falsos filhos com ternura abraçam;
Varões formados, seu mandato cumprem
No throno, altar, milicia, e no suggesto.
Desde a infancia do mundo estas estatuas
Com zelosa affeição mantenho e guardo:
Em cada dia com prefixo intento
Os ventres lhes bafejo, e infundo n'elles
Os pensamentos meus, que assim fecundam.
Não penses que dormi! o primogenito
Da especie humana aqui foi trucidado,
Quando Eva a Caim terna beijava.

COLOMBO.

E tu não canças, nem remorsos sentes
Deste infando existir cheio de crimes?!

PAMORPHIO.

Só cança o que é mortal; só tem remorsos
O que teme a justiça e o soffrimento.
O espirito jamais.

COLOMBO.

Tu não me illudes.
Não medram erros onde a fé persiste.
As almas soffrem, pois que allivio pedem.

PAMORPHIO.

Dos mysterios da morte pouco sabes,
Nem eu t'os quero revelar agora;
Quero a duvida, a origem da descrença.
O que hei dicto de mim é a verdade.

COLOMBO.

E as Sanctas Escripturas?

PAMORPHIO.

Enxertadas
De erroneas tradições e humanos dolos,
A verdade confundem, que ha de um dia
Na terra triumphar! Com magoa o digo.

COLOMBO.

Ardiloso embusteiro, não me illudes.

PAMORPHIO.

Anjo sou, e da essencia primitiva
Não me poude Adonai privar ultrice!
Minha grande videncia excede á tua.
Eu, que presido á humanitaria róta,
De onda em onda batida, e que a mappeio,
Quantos prodigios antevejo agora,
Preparando os caminhos da verdade!..
Em alta introversão a mente humana,
Pelo effeito da luz da consciencia,
Achará no finito o infinito,
E em sí mesmo um quinhão da eternidade!
Propheta inda será, porque no carro
Do ardente Ezequiel vôa ao progresso:
Natura de Anjo, predirá eventos;
D'aguia, na terra voará um dia;
De boi, constante fecundal-a deve;
E de leão, terá na lucta a gloria!

Pelo estudo da propria natureza.
O raio averso cahirá do olympo
Na dextra do homem como surdo orvalho!
Encerrado n'um frasco será Dedalo,
Phidias e Pyrgoleto, Arauto e Nuncio.
Quando os gazes da terra forem lume;
Quando a luz converter-se em novo Apelle
Aonda em aza invicta; quando o homem
Sobre um fluido subir além das nuvens;
A torre, o corucheo, que attestam hoje
Opulencia, e saber, hão de curvar-se
Ao novo Prometheo, feito de rodas,
De esqueleto de ferro, que respira
Por um tubo fumante, e que n'um dia
Faz quanto a mão da industria faz n'um ann
Sobre linhas de ferro a agua dos poços
Ha de o vento igualar, vencer no curso
O alcatraz, o corsel, unir os mares,
E a terra, e as nações! O río immerso,
Que some a veia no granito occulto,
Ha de fertil correr no campo adusto,
Subir ás praças em sonoras fontes,
E vergeis esmaltar onde eram ermos!
No profundo oceano uma só perola
Deixara de brilhar: armados buzios,
No fundo abysmo respirando, a vida
No labor passarão: nem os mysterios

Da lucida mansão hão de esconder-se
No recesso azulado do infinito.
Do infusorio corrupto á nebulosa,
Do pyrilampo á estrella, e desta a Deos,
Ha de o homem subir co'a mente excelsa,
E a sciencia dos Anjos ter um dia!

„Quando pondero o luminoso cyclo
Que á humanidade abriram generosos
Guttembergo e Henrique, e o que hoje encetas
Teu fim lastimo! Será tarda a gloria
Que em remoto porvir te espera um dia,
E esse dia será quando nas brenhas
Da nova terra a lusitana estirpe
Grande imperio fundar, e um de seus filhos
Em grato metro celebrar teu nome.

COLOMBO.

Aceito o vaticinio, inda que chore.
As lagrimas de Christo ao céo subiram,
E Deos divinisou-as.

PAMORPHIO.

Continúo:

Vejo uma aranha de metal firmando
Nos pontos cardinaes os longos tarsos,
Subir montes, nos mares submergir-se,
Ligar islam rival á cruz, urdindo
Uma teia de paz, e n'ella o homem,

Como um Deos, a fallar á terra inteira,
Unindo os povos, que se odeiam mutuos,
N'um só aprisco, co'um pastor somente!

COLOMBO.

Si não deliras, vejo longe os tempos,
Apezar da promessa do Evangelho.

PAMORPHIO.

Esses tempos que longe te parecem
Para nós são minutos, e não seculos.
Na idade primitiva do universo
Era o verbo divino a lei humana,
O ostensor da verdade e da harmonia.
Na mulher, fonte immensa de recursos,
Injectamos do amor carnal o philtro,
Que oblitera a razão pelos ciumes;
Por estes desuní os sanctos laços
Do sangue e d'amizade, e a discordia
Nos homens semeei, que, dispersados,
A fé, a lingua, os usos alteraram,
Té estranhos rivaes serem co'os tempos.
Separados os povos, dei ás crenças
Palpaveis deoses, de natura mixta,
— Espirito e Materia — collocados
Entre a terra e os céos, em altos montes
Em Olympos que a mente allucinassem!
Deoses por mim criados, que no Egypto
Uivaram como feras, e em Athenas

Cantavam melodias. Toda a terra
Era um templo da erronea idolatria,
Que eu fazia avultar por mão das artes.
Do seixo informe e do sylvestre lenho,
As vistas elevei da mente humana
Á sensual belleza, ao culto amavel
Dos lascivos prazeres: fiz da pedra
De Irmensul sanguinaria Jove Olympico,
Da cabana pelasga o bello templo,
Que erguera Athenas na sagrada rocha!
A verdade empanei co'as mãos dos Phidias,
E a fé co'os hymnos de brilhantes vates.

„O faminto Moloch, o sanguinario
Teutates, e Odin ebrio e guerreiro,
Tinham seus pedestaes n'alma esperança
De uma vida immortal, unida aos gozos
Inherentes á carne. O céo dormia.
Roma, a lupina, co'o sinzel da Etruria,
E á voz da Nympha na sombria gruta,
Talhava a pedra basilar, assento
Do altivo Capitolio, centro do orbe.

„Corria o tempo. As harpas sonorosas
Do mystico Oriente os sons cruzavam
Nos dromos e jardins de Babylonia,
Nos vergeis consagrados de Solima,

Espalhando na terra vaticinios,
Infundindo nos povos a esperança
Da vinda do Messias. Sobre a terra
Nublada o céo marchava luminoso
Na palavra dos vates, que, inspirados,
Unisonos bradavam: — Hei de vel-a,
A Estrella d'Israel! — E ella mostrou-se!

„Conspirado o inferno preou Roma,
Cabeça do universo. Nesses tempos
Roma já leis não tinha: a classe equestre
E o augusto Palatino só contavam
Bestiarios purpureos: em seus olhos
O sangue fecundava a crueldade.
Para a sanha nutrir, cevar a furia
Dos senhores do mundo contra os filhos
Da nova lei, por Christo diffundida,
Dos sertões africanos e asiaticos
Mil indomitas feras arrancamos,
Que lançadas nos circos e theatros
Os athletas e os reos dilaceravam.
Roma applaudia a chuva de pantheras,
De jubados leões, de hyrcaneos tigres,
Que, mais leves que a pélla saltitante,
No ar traçavam rugidouras curvas,
E n'arena paineis sanguinolentos.

„Contra a nova doctrina armei a velha:
Uni o lituo ao gladio, o antiste ao consul,
E o altar ao poder; oppuz-lhe os grandes,
Pavorosos do dogma da igualdade,
Como os impios das leis da vida eterna,
E a terra conflagrei a fogo e ferro.
Abri o jubileo da morte, e os martyres,
Curvando o collo ás fachas, triumpharam:
Tanto póde a verdade! Fui vencido!
Em vão armei o scisma e a heresia,
Em vão mandei Simão, o mago astuto,
Peitar o Galileo; fui derrotado
Pela graça divina que era em Pedro.
Não cedi; puz-me a campo, tomei carne,
Nas fórmas de Appollonio o bello e sabio,
Preguei aos homens, conversei co' as aves,
As feras doctrinei, fiz mil prodigios! . . . .
Foram louros caducos! Vinha um Pedro,
Vinha um Paulo, e com elles meus desastres!
O imperio da fallacia foi por terra,
O da força brutal enfraquecido,
E o da maga impostura desthronado!

„Antes de Christo, para nós, o mundo
Era um Eden de amor e de venturas,
Uma fonte perpetua de delicias.
Do alto do Merú, Brama lançava

No seio humano mais palpaveis crenças:
Suspenso no almo loto, entre as estrellas,
Da coma de ouro gotejava aromas
Sobre as mãos espalmadas, que pendidas
Cahir deixavam as sagradas ondas
Do Sindo e Ganga, que a pureza embebem,
E os mortos levam ao descanço eterno.
Do gremio azul a carinhosa Maya,
Vestal de amor, no fervoroso templo
Mil chuveiros de flammas desprendia
Á puericia gentil nos doces leitos,
De indisiveis prazeres circumdados!
Fendendo os véos da melodia etherea,
Colhendo flores nos jardins indranos,
As apsarás lascivas adejavam
Protegendo os amantes, collocando
Entre os labios um céo que aduna as almas,
Deslembra a terra, e mavioso explica
O mysterio que humana os proprios deoses.
No monte Albordi, por Ormuz criado,
Através das espheras que se embebem
Da luz mais pura, via o Persa o arco
Da etherea ponte que os umbraes franqueia
Da vida universal; ouvia o canto
E o almo verbo que harmonisa os orbes,
Os seres prolifica, e o cháos debella
Pelo fogo, que tudo purifica.

„Juncto ao templo de Bel. Millyta amavel
As prisões do consorcio desligava
N'um dia festival, sem que o ciume
Soltasse as furias do severo esposo.
Era nos tempos em que as mães dançavam
Em torno de Moloch, emquanto os filhos
O deos queimava no abrasado ventre;
E, longe, Mithras não pisava as aras
Dos prostylos alados, em que Oannes
Bifronte e piscíforme leis dictava.

„O dragão iriado, entre os seus kings,
Nações de bonzos dominava, e trevas
Pelo rio ceruleo derramava
Ao mar de Yedo, de Borneo, e Java.
E nas ilhas do mar, do grande oceano
Do Niponio e Malaio só cursado,
Á sombra do tabú, qual hoje vivem,
Tribus esparsas, em altar funereo,
Os ossos de seus paes ao deos expunham
Senhor do mar, d'areia, e da montanha.

„No monte helleneo se humavam numes,
Que o Nilo em feras transformados vira,
Quando pelasgia tribu a pedra esconsa
Nas vertentes do Tibre e do Cecina
Assentando lhe dava a fórma do arco.

Que Roma unira á sua gloria ovante.
De um sulco erguido na sombria Etruria,
O menino ancião, Tagés divino,
Os homens doctrinava. Ao norte, o Druida
Colhendo o visco nos sagrados lucos,
Ouvindo o canto do inspirado bardo,
Suspendendo o trovão, ungindo as pedras
Com sangue virginal, guiava o Celta
Á conquista, e á lei, e á liberdade.
No plaino adusto da Nigricia a serpe
Rasteava o porvir ao filho sáfio,
Em cuja fronte se estampara a noite.
A terra era então minha! Amaveis tempos,
Em que o homem não via a eternidade
Como a vê o christão além da morte;
Em que o leito e a mesa eram a vida,
E o livre suicidio um termo heroico.

„Com a dextra do algoz tapei mil bocas,
E a verdade abati no cepo infame,
Onde o crime adormece, e onde vigila
A virtude fatal evos sem conta.
Mandei á terra truculentos Martes;
Nas frígidas Valhallas, coroadas
De auroras boreaes, puz os altares
Desses deoses brutaes, ebrios de sangue.
Roma, a fecunda Roma, era já grande:

Centro augusto do mundo, e a idolatria
Generosa afagava. Alli, o Egypcio
Juncto ao ledo Serapis reanimava
As festas de Canopo; e o Grego astuto
Os mysterios d'Eleusis diffundia.
Alli se via a contristada esposa,
Á luz do sol despedaçando as vestes,
Os pomos maternaes, e o ventre esteril
Ao latego offrecer das lupercaes,
Emquanto a van patricia, ao luxo entregue,
Bebia o philtro que a tornava esteril.
Seiscentos cultos, desde a Porta Ostiense
Á Flaminia, contava o magistrado!
Quanto era livre nesses tempos Roma!
Dei-lhe um nume secreto, cujo nome,
Votava á morte a quem o articulasse,
Como outr'ora ao judeo que louco ousasse
Proferir Jehovah, mesmo no templo!
Quiz em vão sublimal-a Bruto, o antigo,
Co' a virtude feroz: era ja tarde.
O luxo, a gula, a usura, e a lascivia
Gangrenavam-lhe o imo. Mandei Cesar,
Com elle o reino da ambição, e o esteril
Despotismo da força; dei-lhe Augusto
Corruptor, e com elle triumphante
Talei os germens da virtude antiga.
O povo deslumbrei! Como a manceba,

De brocados adorna o corpo infame,
Assim Roma adornei: ergui palacios,
E os homens rebaixei ao servilismo.

„Quanto era bella a sumptuosa Roma!
De sobre o Capitolio, os céos tocava
Com as azas de ouro a estatua da Victoria,
Tão alta como Jove! Os sete montes,
Coroados de tantos monumentos,
Ao pôr do sol, em lucidos fulgores,
Um hymno triumphal harmonisavam,
Que a terra inteira em ferros applaudia,
Como o escravo, pensando na vingança.
Deoses do crime, em pedestaes opimos,
Em que o marmor e o bronze se alliavam,
Co' a fronte colossal rompendo as nuvens,
Os foros adornavam, para escarneo
Das vencidas nações! Ao longe, ao longe,
Das vinte e nove Portas majestosas,
As vias triumphaes se prolongavam
Ladeadas d'innumeras estatuas,
Fieis transumptos dos heroes de Roma!
Oh! cidade immortal, centro e thesouro
Das victorias do abysmo. Ah! nesses dias,
Um genio tutelar tu adoravas!
O manto imperial cingia ovante
O deos das artes, o formoso Nero,

Heroe do inferno, que aclarava o throno
Co'a flamma crepitante dos incendios,
Aos gemidos das victimas combustas,
Que mais alto que o touro de Phalaris
Entoavam seu hymno de agonia.

COLOMBO.

Á cruz voltemos! Cega-te a mentira,
Não escuto epinicios, quando vejo
Abater-se a natura em um tal monstro.
Em Baias vejo reflectir nas ondas
O senho hyrcano, e Agrippina morta,
Exangue sobre a lage! Vejo o monstro
Co' as mãos sangrentas profanando os seios
Que na infancia beijara, polluindo
O ventre que o gerou; chamando o raio
Que em Sublaco, na mão, fundio-lhe a taça,
Socia da orgia, da loucura, e crimes.

PAMORPHIO.

Perdoai-me, Senhor; era a saudade
Quem assim discorria. Dai que ao menos
Eu possa memorar tempos queridos.
Teu rigor não incito; extraviei-me.

COLOMBO.

Não imites a Galba, que de flores
Ousou cubrir o equuleo.

PAMORPHIO.

Bem, já entro
Na materia do assumpto que encetara.
Quando na escura idade, a muda pedra
Negava á industria memorar seus fastos;
Quando o colmo applaudia o rude metro,
Na idade bronzea, successora de outras,
Movia o sceptro da luxuria a terra.
Nesses tempos sem arte e sem escriptos,
Em que a lei era a força, em que a familia
No covil da alimaria se inquinava,
Em que o céo revelava os seus arcanos
Na abalada das aves de rapina,
No fero relinchar do audaz ginete,
Nas entranhas das feras, nos seus uivos,
Nos meneios da serpe, ou no reclamo
Do insonte passarinho,... eu hia em carne,
Conviva universal, associar-me
Aos festins canibaes, e endeosal-os
Com mil superstições! Era na quadra
Da Pelagia infantil, em que os Cicones
Ao som da lyra Orpheo civilisava,
E o Ganga e o Sindo pelo mar levavam
Ao Euphrates e ao Nilo as grandes luzes,
Que as plagas do occidente esclareceram.
Vida tiveram nesse espaço escuro
Monstros sem conta, cujo nome os evos

Consumiram de todo. Argutos chefes,
Deoses ficticios, prophetisas, bonzos,
Guerreiros feros, bramenes astutos,
Pythonisas vendidas, mil oragos,
Reaes bandidos e loquazes monstros,
Aqui nestas estatuas germinados
Foram todos, e os ventres occuparam
Que agora occupa geração mais nobre.
O cyclo da materia vai finar-se,
E o da força mental começa agora.
Destas, que vês, rainhas pelos fructos,
Novos reis sahirão, grandes na historia....

COLOMBO.

Si assim fosse, só monstros reinariam.
E não tantos heroes, dignos de gloria?!

PAMORPHIO.

Da mãe que o filho benze, e a Deos o entrega
Com puro coração, votos de affecto,
Não se pode roubar o filho! um Anjo
Vela sempre a seu lado , e o defende.
A mulher virtuosa salva o mundo.

COLOMBO.

Como a Virgem Maria, Mãe de Christo.

PAMORPHIO.

Nas estatuas que vês assignaladas
Co'uma corôa, ou cruz, espada, ou penna,
Reis, ministros, e papas se gerararam;

E nestas, que se seguem, patriarchas,
Confessores e bispos, conselheiros,
Falsos reformadores, e juizes,
Generaes, e escriptores de impurezas.
Aqui estão as que engendram oradores
De bifida moral, e os casuistas
Que o dogma invertem a favor do lucro;
As que nutrem os gran-commentadores,
Obreiros de incertezas, de heresias,
E de estranhos sentidos. Nestas outras
Vive a tribu sem crença dos sophistas,
Que os arcanos das leis da divindade
Dobram ao seu criterio, e só dão crença
Á materia palpavel: paes de enganos,
E vaidosos prophetas do passado,
Proclamando o progresso, o anniquillam.
Não penses que deslembro os invejosos
Detractores do engenho e da virtude,
Nem os ingratos, que inventando offensas,
Com calumnias seu odio justificam;
Nem das mulheres, que vendendo afagos,
Causam miserias, perdições, e mortes.

„Face nova vai ter agora o mundo,
Que outros meios e ardis de nós exige
No propinquo porvir. Quando algum dia
Adelgaçar-se o véo que aterra encobre,

E a razão se elevar despida de erros,
Mais que meus olhos chorará minha alma.
Porêm genios occultos nunca faltam,
Mais fecundos no mal do que esses vultos,
Alvos de maldições. O inferno, grato
Á hypocrita missão, seus nomes cala.

COLOMBO.

Conheço a raça infanda, a que aconselha
Aos reis a ingratidão. E a phalange
Que inveja a gloria alheia, e colhe a salvo
O premio d'outrem, pelas leis do arbitrio.

PAMORPHIO.

Assim na aurora foi, e assim no occaso
Deste mundo será. Vês esta estatua?
Gerei n'ella Dionisio, o suspeitoso,
Vendedor de Platão, e a quem cedera
Athenas corrompida as palmas d'Eschylo!
Naquella germinei o gran Sesostris,
O cometa de sangue, cujos crimes
Na pedra artefactada se occultaram
Á incuria do porvir. Na immediata
'Steve Cyro, que em sangue se afogara,
Entre as mãos de Tomyris; e nesta outra
O Persa arguto, que um ginete em campo
Acclamara senhor, rinchando ao lume!
Aqui, nesta princeza, aviventou-se

O grande Macedonio, ebrio, irrascivel,
Abysmo de ambição, impio, e assassino.
Nestes ventres, que vão em perspectiva
Immergir-se no Eden, se alentaram
Esses mythos crueis, deoses passados;
Druidas sem conta, satrapas lascivos,
Psylos fascinadores, feiticeiros,
E barbaros Alcides, cujos nomes
Tintos em crimes consagrara o tempo.
Eis a mãe de Tarquinio, eis a de Mario,
A de Sylla, e a de Herodes, o puercida.
Nesta formou-se a seductora Aspasia,
Alli Tulliola, Mucia, Saxia, e Fulvia,
Que ultriz alfinetou a lingua de ouro
Do latino orador; alli Semiramis,
Dá catasta elevada ao throno assyrio;
E lá mais adiante outras matronas,
Flagellos de nações. Eis as entranhas
Donde Cesar sahío, e onde insuflei-lhe
Desmedida ambição, astucia, e engenho.
Traidor, morrêo trahido. Olha esse ferro
De Bruto, o ingrato, que eduquei com zelo,
E trefego adestrei.
„Nas grandes crizes,
Nas grandes convulsões, quando a cratera
Do volcão popular trasborda vicios,
Vem um crime rasgal-a, e dar á lava

Sangrento curso pelo chão infesto.
O tyranno baqueia, mas não morre;
Encarna-se no povo, e n'elle vive,
Dando ao crime o poder da majestade:
Por contrarios influxos conjurados,
N'elle opera o inferno, e o céo ultrice.

COLOMBO.

No escuro abysmo da eternal discordia
Colheste as tintas do painel que traças!
Foi Julio um genio que co'a penna e a espada
E a facunda palavra honrou o throno.
Grande na guerra, pio na victoria,
Maior no solio concedendo indultos:
Dêo seu nome aos que imperam!

PAMORPHIO.

Foi meu filho,
E as virtudes lhe dei que o vulgo illudem,
Para assim triumphar. Liberticida,
Contra a patria marchou; afeminado,
Dêo lustre aos vicios co'a fatal grandeza;
E Roma abastardou.

COLOMBO.

Porque pozeste
Entre pennas douradas esta estatua
Envolta em crepe?!

PAMORPHIO.

Alli nascêo Augusto,
Chave que fecha um mundo, e que abre a outro:
Epithaphio da antiga liberdade
Sobre o solio de Cesar, sobre um peito
Que escondia de Roma os vicios todos!
Êste crepe lancei-lhe no momento
Em que a estrella de Christo illuminara
O reino de Sion! Ah! nesse dia
O inferno estremecêo! Por esta arcada
Passeava Abbadão, cobrindo a face
Co'as amplas, negras, majestosas azas:
De cada passo lhe estalava um raio!
Da fronte hirsuta ennovelado fumo
Pelo ar se estendia, qual do culme
De irritado vulcão; e mil phantasmas,
De phantasmas nascidos, recresciam,
Adumbrando no ar seus pensamentos
Eversores e grandes! De repente,
Abrindo as azas, estourou co'um riso,
Qual supino trovão, ou como o estrondo
De um astro que arrebenta, conturbando
Toda a azul extensão! Bem como folhas
Que arranca o turbilhão, e o ar, em nuvens
Rodopiando, toldam, té cahirem
Ressequidas no chão; assim do inferno
Um turbilhão de genios resurgindo.

A seus pés se abaixou humilde, e á escuta
De seus grandes designios. Oh, que alteza!
Nunca o vimos tão grande e tão sublime!
Soltou a voz tremenda, e assim fallou-nos:

„Escutai-me, e tremei anjos do inferno!
N'um canto da Judea, n'um presepe,
Entre as fachas humildes da pobreza,
Veio a terra humanado esse Messias,
De ha muito promettido e revelado,
Para o homem remir do meu dominio!
Trucidal-o é preciso emquanto é homem,
E vencel-o na terra a todo custo.
Anjos da opposição, a quem o Eterno
Roubar não pôde a divinal essencia;
Lidadores invictos e incansaveis,
Preparai-vos á gloria de um combate,
Que nos ha de firmar eternamente.
Esse Deos invejoso á terra envia
O seu filho dilecto, pelo ventre
De uma virgem real! Convem negal-o,
Retrincando a verdade, combatendo
Co'a razão escudada na materia.
Si crescer, e ensinar, deveis oppor-lhe
A mentira á verdade, o odio á crença,
A calumnia ao milagre, a noite ao lume,
E á virtude o escarneo, sempre aceito.

Contra a nova doctrina o mais seguro
É chamal-a eversora, mãe de crimes,
E oppor-lhe os phariseos, imigos natos
De todo culto que o poder lhes nega.
Eu mesmo quero preparar Solima,
Com meu bafo apagar a nova estrella,
Erguer mais cruzes, afiar mais gladios,
E no peito de Herodes condensar-me.
Innocule-se a peste do egoismo;
Seja o nosso pendão: calumnia e morte.
Pamorphio, ouviste? Lá te espero em Jebus."

„Mal dice Jebus, como luz extincta,
Alli mesmo sumio-se de repente!

„Nesta, que vês, engrinaldada estatua,
A Tiberio dei vida! Foi um principe
Zeloso do poder, cauto e prudente....

COLOMBO.

Calai do monstro os tenebrosos feitos,
E o reinado de sangue. Foi seu reino
Com o sangue de Christo assignalado!
Si o poder infernal chegasse a tanto,
Quizera ver agora a antiga Roma.

PAMORPHIO.

O poder infernal revoca os tempos.
Quebra as urnas, e as cinzas resuscita

Dos que hão sido seus filhos sobre a terra.
Roma aqui vês; no Palatino estamos."

Como em tela dioramica se muda
Formoso valle em luctuosa estancia,
Assim do Genitalio transformou-se
O longo cimbre em portentosa regia:
As estatuas subiram torneadas
Em polidas columnas, suspendendo
A curva sanca de artezões dourados,
Toda esmaltada de paineis divinos.

No fundo do salão, os pés assentes
Em persana alcatifa, o solio explende,
Coxim purpureo marchetado de ouro.
Sobre as niveas cimalhas e credencias,
Que um reino valem, se estadeiam vasos
Em que deoses libaram, em que a morte
Fruíram homens nos festins cesareos.
Sobre sóccos de ophito, e de alabastro
Pousam vasos de Egina, e de Corintho,
E tripodes propheticas de Delphos.
Marca o centro da regia aquella taça
Com que Athenas brindara o desposorio
Da deosa Pallas co' o feroz Antonio!
Cada ornato da estancia representa
Um reino escravo, uma invasão, um crime!

Por bronzeas garras, vegetando acanthos,
Ao chão se prende candelabro esguio,
Em cujo prato, como a lua em phase,
Aurea lampada vive, povoando
De tremulos phantasmas toda a regia;
Regia, que esconde a criminosa gruta
Onde Julia fruio amor culpado,
E Druso á fome perecêo convulso!

A passos lentos, ao clarão da lampada,
Veem Tiberio e Sejano, o tigre e a hyena!
No ambito da sala volve o monstro
Os torvos olhos com mudez precauta,
Apalpa as sombras co' as ciosas vistas,
Sonda tudo o que o cerca, suspeitoso,
E o silencio interroga co' o silencio!...
Como adestrado espia o ar fareja
O ministro cruel, echo do amo;
E a fronte curva sobre o peito hyrcano,
Fingindo submissão, e alto respeito,
A par caminha. Juncto á luz Tiberio
Cauteloso um papyro desenrola,
Onde a tremula mão, raio de insidias,
Pautara mortes e nefandos crimes:
„Aqui estão, diz o monstro, agraciados
Os que á espada pertencem: todos, todos,
Amanhã, já tu sabes?... Outra lista:

A estes o punhal, ou . . . bem me entendes.
É crime prantear meus inimigos,
Pensar e discorrer sobre meus actos.
A hydra tem mil frontes: é preciso
Que eu sendo um Argus, Briarêo tu sejas."

„Tua sancta missão, teu pio intento,
Diz Sejano a Tiberio, eu comprehendo:
O pae que chora o filho morrer deve,
Porque a Cesar ultraja, pae de todos!
E o filho que chorar do pae a morte,
Tambem te offende, porque ainda vives."

COLOMBO.

Tu não te fartas de mostrar horrores?

PAMORPHIO.

Quizeste abrir o arcano dos sepulchros,
Sellado pela morte. . . . Eil-os que fogem
N'um lucido desmaio, qual si o bafo
Em limpido crystal mofasse o lume
Que á retina conduz todas as fórmas.
Estás no Genitalio.

COLOMBO.

Não; quero antes
Minha alma edificar. Mostra-me a Igreja
Rompendo as trevas triumphante e calma
Na aurora do baptismo. Quero Roma,
A cidade do apostolo, e dos sanctos;

Quero as hostias primevas, que assellaram
Com seu sangue a doctrina do Evangelho.

PAMORPHIO.

Teu desejo realiso. Ahi tens, Colombo,
De Saturno e de Jano a gran cidade,
Tal qual ha sido quando Pedro e Paulo
Sob Nero o martyrio receberam."

Evaporam-se os vultos das estatuas;
Anuvia-se o tecto; o chão se encrespa,
E o cimbre desparece. O céo rutila;
Bruxoleam em torno os sete montes,
O Campo Marcio, o Capitolio, e o Tibre,
E esse mundo de ingentes edificios!

COLOMBO.

Grande Roma! o que foste, e o que és tu hoje?
Ao relento dos evos diluídos
Foram teus monumentos, e o galope
Do tropel das phalanges inimigas
Os desfez em poeira, sem que o mundo
Nos tristes restos que o teu chão devora
Jamais os possa contemplar quaes foram.

PAMORPHIO.

A cidade dos reis hoje é dos servos.
Aos pés de Jove a architectura erguêo-se,
E aos pés de Christo a estatuaria foi-se!
Não tem patria o christão; passa na terra

Para um dia subir á eterna estancia;
Mas eu hei de guial-o, quando a Igreja
Os reis avassallar, e o Vaticano
Seguir a norma dos antigos Cesares.
Na Roma de hoje, no neroreo circo
Já Bramante planeja! Eis o começo
Do vizinho esplendor. Quanto mais alto
Guindar-se a pedra, e estadear-se o culto,
Tanto mais cahirá a fé em Roma.
Quando o padre edifica aureos palacios,
Toma o sceptro dos reis, e se endeosa,
Sacrifica á materia a sanctidade.

„Na Casa de ouro, e na marmorea escada
Dos neroneos jardins estás agora.

COLOMBO.

CANTO XIV.

De sobre o patarêo da escada ingente
Aos olhos de Colombo se alargava
A de Nero cidade renascida:
Marmorea phenix que estendia as azas
Do Nilo ao Rheno e do Danubio ao Tejo,
Meio orbe regendo, o outro aterrando!

Entre o monte Esquilino e o Palatino,
Por mão de Zenodoro ás nuvens sobe
De Nero a estatua, simulando Apollo:
Vinte e cinco lictores aprumados
Medem-lhe á altura, desde o plinto á fronte!
Da base enorme, que a uma torre emúla,
Contempla o Lacio, a Etruria, o mar tyrrheno,
E ao longe os muros da purpurea Ostia.
Protectora de Roma, vela e guarda
Do ingente pedestal o aureo palacio,

Maravilha sem par no todo e partes,
Pela mão de gigantes planejada!
Cidade cesariana, imita as moles
Da Grecia e do Egypto, e na estructura
O mundo imperial, seu tributario!

No logar em que Flavio após erguera
O grande amphitheatro, hoje em ruinas,
Um mar represo por marmoreos diques
Orlados de prostylos, reflectia
A epopéa de jaspe sobranceira,
Onde a luz em mil ondas virtuava
Tudo quanto o cinzel idealisara.
No largo tanque, nas ruidosas fontes,
Que o mar e os montes por canaes nutriam,
Vomitam monstros iriadas aguas,
Tritões fluctuam, pisciformes déas,
Crocodilos, esphinges, minotauros,
E argenteos cysnes colleando em grupos.

Quanto a vista a medir leda transvôa
Jardins e parques se irradiam, fogem
Perdendo o esmalte em azulados longes:
Frondosos lucos confundindo as copas,
Symetricas aléas sombreadas
De inflexos ramos, e pautadas vias
Que o penthelico marmor sobreleva

Com altares e pyras, com estatuas,
E pandos bidentaes junctos dos troncos
Fendidos pelo raio. Entre a verdura
Alli branqueia um templo, um circo, um portico,
Aqui, uma naumachia, onde combatem
Em cadente remigio dez biremes.
Dir-se-ia, ao vêl-as suspendendo as prôas
De dourados aplustros, aureos cysnes
Cruzando alegres pelas verdes ondas.
Acolá, transparecem columnatas,
Marmoreo ingresso de jardins vedados,
Onde em verdes meandros, em xadrezes,
Sorri-se o myrto consagrado á Venus,
O helicryso dourado, o agapantho,
A dalia multicor, o lyrio augusto,
A modesta violeta, a coronaria
Thesea, de Ariadna tão querida,
E as rosas do Pangêo, e as de Cyrena.
Em pinhotas formosas, em racimos,
O cravo olente, a madresilva e a hortensia.
Como estrellas de côres, perfumando
As auras que deslizam, rutilavam
Os junquilhos odoros e assucenas,
E as candidas boninas espontaneas,
Mudas consocias das brutaes orgias,
E adorno ás vezes de imprevista morte.

Recortando no céo a copa escura
Em formosás umbellas, se espalmavam
Macedonios pinhaes, juncando o solo
Co'o pardo fructo consagrado a Baccho,
Festivo emblema dos alegres thyrsos.
Em verdes lanças do Acheronte os chopos,
E os cyprestes do Ida se alinhavam
Entre os arbustos que talhara o ferro
Em longas legiões, cimbres, e naves.
Ao longe, em grupos protegendo templos,
Libanios cedros, colossaes carvalhos.
O loureiro do Olympo, avesso ao raio,
A oliveira de Pallas, grata ao sabio,
E em torno a um templo assyriano, as palmas
Do Euphrates, pendendo as verdes plumas,
E o dourado renovo ao céo voltando.

Entre rochedos, que de industria amparam
Suberbos prostylões, descem franjadas
Limpidas aguas, recamando o campo
De meandros gentis, d'ilhas, e lagos,
Em que fluctuam com pasmoso viço
A nymphéa que dorme em turvas algas,
O nelumbo do Egypto, e o loto sacro,
Berço de Brama no Indostão famoso.
Dos immensos jardins extrema as raias,
Que vão té a Sabina, fertil pasto

Onde niveo rebanho dorme á sombra
De marmoreo redil que iguala a um paço;
Ahi, ao sol brilhando o vario pello,
E as patas de ouro, pela relva saltam
Os neroneos corseis, os bellos touros
Lithuanos, mil corsas, lindas zebras,
Arboreos cervos, e ligeiras cabras.

Complemento do algoz, mimos de Nero,
Sobre um monte ficticio, em ferreas jaulas,
Rugiam feras, demandando sangue.

Ninguem sabia si a morada augusta
Vencia Roma, e si os jardins o Lacio;
Tanto era extensa, grandiosa e bella!
Por longas milhas suspendidos muros,
Erguendo arcadas, peristylos, templos,
Zimborios e atalaias, coroados
De um povo mudo de milhões de estatuas:
No chão, nos tectos, nos suberbos atrios,
E no interior da regia, tintinava
O sinzel criador, de cuja ponta
Surgiam deoses, e o florido acantho.

Ao som das lyras e canoras flautas
Naves eburneas, desdobrando ás auras
As pandas velas da mais fina purpura,

Pelo tanque ceruleo deslizavam,
Alli, sem véos a ébria impudicia
Ao gyrar do phalerno em aureas taças,
O céo affronta co' a lasciva orgia.
No rostro e pôpa, coroadas de ouro,
Com torpes ademans, servas egypcias,
Tangendo sistros e encurvadas harpas,
Em choréas gentis ledas cantavam:
„Gloria ao filho de Apollo, ao divo, ao nume,
Que a idade de ouro fez nascer em Roma!"

Treme Colombo ao ver de Roma os divos
Nesse olympo nefando de convicios,
Offenderem o cêo, e a natureza!
Entra nas salas da estupenda regia:
Fronteiro ás maravilhas que o feriam,
Só vio Granada pleitear com Roma;
Tanto era bella a habitação do Mouro!
Que ingente vastidão! Salas douradas
No ar sustentam rendilhados arcos,
D'onde rorejam por eburneos poros
Essencias de mil flores! Perde a vista
O numero e compasso ante os mil fustes
De polidas columnas, que se estreitam
Em longa perspectiva.
Quanto a mente
De Ictino e de Callimaco engenharam

Na hellenea plaga; quanto após em Tibur
Adriano fizera nesse emporio
Em que as artes do mundo reunira,
De mais alta materia alli se erguera!
Pedras, architectura, régias, templos,
Aras, deoses, cem povos revelavam
Na materia, no estylo, e symbolismo.
Alli, entre pilones e obeliscos,
Renques de esphinges n'um egypcio portico
Ingresso davam ás sagradas aras
Em que antigo pyromis leis dictava:
Á sombra honrosa de flabellos de ouro
Isis pousava, como ouvindo attenta
Esotericos psalmos; e diceras
Que entre os muros gravados resurgia
De extincto Pharaó a regia mumia,
Para ouvir de Memnon um canto á aurora.
Em outras salas Babylonia estava
Cuneiformes sentenças alinhando
Entre touros alados: Bal erguido
No seu throno cruel, e como irado
Do prophetado exilio; a gran Persepolis,
De columnas equinas adornada,
Protegendo de Ormuz a maga estirpe.
Nem tu, mestra de Roma, alli faltavas,
Mostrando um lucumão surrando o escravo
No meio do festim, ao som das flautas:

Nem a pedra enflorida do Kailaça,
E as grutas de Salcete; e nem as tendas
De charão, e as torres esmaltadas,
Que o bonzo erguera no celeste imperio.

Pisam na estancia avizinhada a Nero!
Oblonga e clara, no mais puro estylo
D'arte hellenea, se abria entre dous templos,
Thesouros de riqueza e formosura!
Como pregas mimosas e pudicas
De tunica espartana, a regia adornam
Estriadas columnas, onde em fitas
O lume e as sombras pelos fustes descem,
E no chão se prolongam reflectidas.
Nos angulos e nichos gesticulam
Estatuas achilléas; e nas mesas
Vasos murrhinos tressuando aromas,
E aureas taças, de gemmas apinhadas.
Aqui e alli se viam desdobrados
Babylonios tapetes; véos do Egypto,
Recamados de perlas; sedas do Indo,
Sobre punicos moveis, e aureas tripodes
Soltando em ondas a panchaia odora.
Animando as paredes, resplendiam
Paineis sem preço, que adorara a Grecia
Em seus templos, e porticos formosos,
E a Roma transportados nos triumphos

De Paulo Emilio, e do famoso Cesar.
No solio eburneo, em firmamentos brilham
Sobre a espalda e coxim floridas joias:
Aqui fluctua o corindon brilhante,
E a saphyra que o céo da Ausonia imita;
Alli flammeja a opála em mar de leite,
E o carbunclo que á noite resplandece!
Pendem, no recruzar das architraves,
Louros topasios, pyropos ardentes,
A esmeralda que offusca a primavera,
O rubim que não teme o horror da noite,
E o brilhante sem par, da terra estrella,
Manando soes das naturaes facetas.
Sobre tóros de marmor precioso
Pesam vasos que em zonas sinzeladas
Dithyrambos formosos representam,
Historiam no bojo o amor dos deoses,
E o vicio exaltam pela mão das artes.
Por toda parte, na cesarea estancia
Em concurso o engenho idealisa,
E aviventa a materia em bellos hymnos.
De Amulio e Ludio pelos tectos voam,
Formosos genios em douradas nuvens:
Pamphylo e Zeuxis nas paredes vivem;
No chão a pedra multicôr desenha
Primorosos paineis, lindos grutescos:
Por toda parte, em animadas tintas,

Homero canta aos avisados olhos:
Em cada objecto redivive um fasto,
E em cada fasto se engrandece Roma.

Penetram no aposento em que descança
O vaidoso cantor, senhor do imperio.

A luz pendente do rasgado tecto,
Tudo se anima e multiplica em brilho!
Parrhasio falla co'as divinas côres;
Perseo respira, libertando Andromeda;
Meleagro conculca o calydonio;
E Alcides o leão nemeo suffoca:
Neste quadro, que um raio chamuscara,
Jove assellara do pintor a gloria!
Fronteiro ao mestre da loquaz palheta,
Brilha Timantho, revivendo Ajace,
Que a Ullisses péde as bellicosas armas
Do filho de Pelêo. Entre pilastras
De vitreo serpentino, está Campaspe,
A escrava de Alexandre, primor d'arte
Do enamorado Apelles; apar della
A Venus que vencêo a de Protogenes!
Formando a base e pavimento, brilham
As pedras da Laconia, Chio, e Thasos,
E as gemmas da Carmania e da Thebaida.
Manando lume das polidas faces,

Alvos plintos se alinham, sustentando
Formosos vasos de odoroso electro,
Feitos em Tyro. Além sobre outras bases
Movem-se bronzes, pensamentos bellos
De Phidias, de Appollonio, e de Agesandro:
Ve-se a Phryne, e o Amor de Praxiteles,
Esse Amor por dous povos disputado,
Que houvera Cesar, que voltara á Grecia,
E que alfim Nero obteve a peso de ouro.
Fronteiro ao leito imperial, n'um plinto
De verde ophito, o espantoso grupo
Em que o triplice escopro reanimara
A dôr e a morte do superno antiste,
Victimado por Pallas. A seu lado,
Dardeja Apollo com divino garbo
A serpente de Juno; e d'outro lado
O arco dobra nos vergeis de Delos
A casta irmã na divindade e arte!

Com vestes apollineas, reclinado
Sobre a esponda purpurea, mesto pousa
O cesareo cantor, algoz de Roma.
Da fronte joven, pantheão de crimes,
Endeosados por elle, ovante pende
O nastro imperial; nas faces tumidas
Ressumbra a pallidez, noites de orgias,
Auroras de torpor, dias de crimes:

Nadam-lhe as phrases no halito corrupto,
Asco e medo incutindo, qual veneno;
Pende-lhe ao flanco a criminosa lyra
Com que outr'ora de Troya o caso infando
Cantara á luz da incendiada Roma.
Velada e juncto ao leito transluzia
A fórma divinal da bella Eucmene
De Strongílion, estatua inseparavel
Do monstro sensual, labeo do esposo.

Com mímica estudada, Nero se alça,
Vagueia os olhos pela regia inteira,
Em que pesa um silencio pavoroso;
E onde Scythas armados, quedos, velam.
A seus pés, genuflexo e mudo, finge
Tigellino dormir placidamente.
Na cerviz põe-lhe Nero o pé, e lhe une
A fronte ao pavimento, assim bradando:
„Juncto a Cesar tu dormes, miseravel?"
E o vil erguido com esgar medonho,
Interroga o senhor co' os tredos olhos
Si um novo crime perpetrar já deve?

TIGELLINO.

Juncto a Cesar não dorme, só repousa
Aquelle que mil vidas trocaria
Por um dia de Nero, e que em seus labios

Vê o céo entreabrir-se em harmonias,
E n'elle Apollo endeosando Roma!

NERO.

Honrei-te, porque te amo; porque vejo
Que em teus olhos bondosos a amizade
Me embelleza e deifica.

TIGELLINO.

Nego, oh Cesar,
Por Jove; que á lisonja sou avesso!
Não foi ungido de aulicos perfumes
O berço do teu servo, e ... teu amigo.
Tu, que o ar sanctificas com teu bafo,
O céo revestes de ineffavel brilho,
E a terra sagras com teus pés divinos,
Delicias do universo, ah! não confundas
A voz afeita á consciencia, ao justo,
Co'a mentira de argutos lisongeiros.

NERO.

Alto em mim se revela o grande Apollo;
Sei isso, amigo, e a Italia e a Grecia o dizem
Nas c'rôas triumphaes que me offertaram!
Sei que se curva o mundo a um meu aceno,
Que a terra é meu Olympo, e que si os astros
Me podessem ouvir, estacariam
Nas orbitas celestes! Sei, amigo,
Que igualo na grandeza á piedade,

No valor á belleza, e nos talentos
Aos proprios deoses! mas eu soffro, amigo...

TIGELLINO.

Ciosos deoses tua gloria impedem?

NERO.

Ciosos deoses minha gloria invejam!
Sinto em mim declinada a diva essencia,
E viver qual tu vives ... como escravo!
O valor impassivel da justiça,
Minha força de outr'ora, se quebranta,
Sem que eu possa animal-o! Escuta, e guarda:
O incendio de Roma aqui se ateia,
Aqui, dentro do peito, e eu o não posso
Corajoso extinquir! A cada instante,
Como ingentes trovões, nos meus ouvidos
Ruem columnas, inflammados tectos,
Estalam prantos e crueis vagidos!
Si a fronte encosto, voltear pareço
Sobre um charco de sangue putrefacto!
Eu não durmo n'um leito, mas em puas
Invisiveis, que o imo me laceram!
Este bello palacio é um precipicio
Funesto e movediço; tudo é oco!
Só encontro a mudez que atrista as almas,
E a noite pavorosa, horror dos deoses!
De cada pedra maldições rebentam,
Em cada passo um homicidio encontro.

As estatuas se animam, vociferam,
Voam, regressam, fulminando olhares,
E os seus olhos de morte me traspassam,
Como os olhos da serpe cyrenaica,
Que estala as penhas e fenece as flores,
E ao longe mata o cavalleiro armado!

TIGELLINO.

São ligeiras visões, fructos da mente:
Tive-as um dia, mais de um dia, e hoje
Afiz-me a ellas, e tranquillo durmo.

NERO.

Es feliz, pois que dormes! Eu não durmo:
Convulsando, gemendo passo as noites
De luridos espectros rodeado.
Vejo irosa bradar-me por seu templo
Vesta, e a flamma das virgineas aras,
Como ardente licor, verter-me n'alma!
Vejo Evandro, e a seu lado o claro Numa,
Pedindo a pyra consagrada a Hercules,
E o nympheo em que Egeria leis dictava.
Aquelle Jove, que o divino Homero
Vio do empyreo toldar a eternidade,
Suspenso vejo,anathemas lançando,
E seu templo, de Roma coetaneo,
Furioso exigir-me! Sinto n'alma
Arietes de fogo concutirem . . .

TIGELLINO.

N'um aureo cofre recebi do Egypto
O nepenthes de Hellena, o philtro amavel
Da real Polydomna: o ar serena
Da vista espana pavorosas sombras,
E na mente derrama altos encantos.

NERO.

Bebi-o ha pouco, e redobrou-me os males!
Locusta, a infame, me illudio traidora!
Eu dera um reino por um copo da agua
Do somnifero Estige, ou das tres fontes
Que o Libroso derrama em Chersonesa;
Ou da gruta de Apollo colophonico,
Dessa veia prophetica que as almas
Em suaves visões leva aos Elysios.
Eu dera toda a Gallia, e mesmo a Iberia
Pelo mystico annel do antigo Gyges:
Invisivel de Roma eu fugiria
Té que o tempo abrandasse meus remorsos.
Mas não; ficara em Roma, sim, ficara,
E então, ... entre os Romanos, invisivel,
Mór justiça faria: o pensamento
Seria igual ao crime no castigo!...
Ai de mim, Tigellino! eil- a que volta
Em seu leito sangrento...

TIGELLINO.

Vesta?.. e ousa?

NERO.

Minha mãe, Agrippina!... De seu ventre
Um esguicho de sangue vem cegar-me!
Dá-me luz, que não vejo! Não é sangue,
É lava do Vesuvio!... eu desfalleço...

TIGELLINO.

Pasmo de ver-te emmeninado e fraco!
Tu, que exclamaste no festim de Flora:
„Ah! si a terra tivesse uma só fronte!...
E na dextra o punhal, na esquerda a taça,
Foste mais alto que a aquilina serva
Do filho de Saturno! Oh! todos vimos
Raiar nos olhos teus um firmamento,
E em teu ferro um cometa. Ah! si eu fosse
A formosa Cyprina, nesse instante
Tua alma sorveria em igneos beijos,
E morrera em teus braços dessa morte
Em que a phenix de amor feliz se abrasa.
Com tua alta razão, com teu imperio,
Domina o vão terror. Fita meus olhos,
Os olhos da amizade, onde teu rosto
Com amor e respeito se reflecte,
Qual tu és, grandioso, bello e divo!
Oh Nume tutelar de Roma e de orbe!
Alvo da terra, equiparado aos deoses!
No céo se estampam teus edictos sacros,
A Curia inteira innocentou-te, e o mundo

Convencido calou-se! . . Sim, perdôa
Si ás virtudes de um filho agora opponho
A paz do imperio, e a justiça eterna.
Essa morte, que tanto te magôa,
Todo o imperio a exigia. Foi justiça,
Bem severa talvez, porêm precisa:
Seneca o dice, e unanime o Senado!
Ouço uma voz do céo que assim me falla:
Aos olhos do porvir Nero está salvo.
Salvou o orbe romano, e deificado
Ás aras sóbe, que usurparam deoses
Mais frageis do que o lenho que os figura,
Mais debeis do que o verme que em carcoma
Sua imagem reduz.

NERO.

És meu palladio,
Minha guarda, razão, poder e gloria!
D'ora avante, Prefeito das cohortes,
Sôe em teus atrios a trombeta augusta
Do Pretorio invencivel. Nessa fronte,
Thesouro infindo de leaes recursos,
Uma crôa porei. Escolhe o reino,
Satrapia ou provincia! Tudo cedo
Ao amigo fiel!

TIGELLINO.

Grato obedeço
A tão nobre pensar que iguala ao fado,

E ultrapassa o destino na vontade!
Escuta-me, Senhor! salva o imperio.
Temos em Roma uma serpente occulta,
Que ameaça tragar o mundo inteiro!
Uma seita infernal de Nazarenos,
Escravos de um Judeo, a quem outr'ora
Em Solima Pilatos condemnára
Ao supplicio do escravo, á cruz infame.
Avessa á Roma, menospreza os Deoses,
Destroe as leis, e desconhece a Cesar...

NERO.

A mim, superno protector do mundo?!
Não é possivel; tu deliras..

TIGELLINO.

Ouve;
Em antros vive; o atheismo segue;
Absconsa em trevas, evocando os mortos,
Infesta o solo da feliz metropole
Que aditas generoso e bemfazejo!
Serpente multifronte, que envenena
De Roma os templos, o poder de Cesar,
E a unidade do imperio! O monstro chora,
Si Roma exulta de alegria....

NERO.

Morra
Antes que o sol renasça! Vamos, dize?

TIGELLINO.

Fóge do circo, do theatro, e fôro;
Não tem patria, familia, nem nobreza;
Proclama a caridade; iguala os homens;
Nivela-te ao plebêo e ao vil escravo;
Compra os pobres com dadivas occultas;
A magia professa, e illude os nescios
Com fingidos milagres, e a promessa
De uma vida futura; traiçoeira,
Perturba a ordem, o porvir complica,
E um estado no estado constitue-se!
Cresce, e já tem no exercito e na curia
Fanaticos aos mil!...

NERO.

Por isso augmenta
Dos traidores a massa!.. Morram todos
Em supplicios infames, em torturas.
A Nitocris imita. Quando os impios
Em seus antros, á noite, conspirarem,
Entorna-lhes o Tibre, afoga-os todos!
Os que a salvo ficarem,.. fogo e ferro:
A uns no leito de Procruste estende,
A outros manda delirar nas cruzes,
E ao resto,.. inventa, que o teu genio é fertil.

TIGELLINO.

Como sei que em seus actos todos cantam
Judaicos psalmos e orações impías...

NERO.

Dá-lhes por lyra as cordas de um equúleo.

TIGELLINO.

Não pára aqui a perversora seita.
Audaz já falla de um futuro reino,
Que o de Nero não é! e por disfarce
Chama-o reino dos céos! Si a deixas livre . . .

NERO.

Si a deixo livre, preará o imperio:
As idéas triumpham mais que as armas!

TIGELLINO.

Discorres como um deos! Escuta o resto:
Eu vi naquella noite, noite infanda,
Em que Roma não vio trevas nem somno,
Esses vis Galileos com braço ardente
Meu palacio queimarem! Que mais queres
Sobre o incendio de Roma?

NERO.

Dize: viste-os?!
Ou mentes por salvar-me desse opprobrio?

TIGELLINO.

Por Jupiter, que os vi, quando dei ordem
Á guarda scytha de os ferir de morte.
Patricios e plebêos commigo o affirmam.

NERO.

Pereçam todos em crueis torturas:
Pereçam todos com aquella morte
Que Peryllo soffrêo no touro ardente.

TIGELLINO.

Entre a tua sentença e a morte d'elles
É crime mediar um breve instante.
Amanhã dormirás sem detractores.

NERO.

Já me sinto melhor; respiro alegre.

TIGELLINO.

Roma, a ingrata Roma, póde acaso
Prestar valia ao generoso intento
Que tu, divino artista, em mente houveste,
Quando á flamma entregaste os pardieiros,
Brazões ignobeis da rudeza antiga?
Será grande a nação que odeia as artes,
Permuta Athenas e Corintho e Thebas
Pela choça de Numa, e por cabanas
Que infamam inda a capital que reges?
Merece acaso concessões e indultos
Quem voluvel adora estranhos deoses,
E nas aras paternas, livres, nobres,
Do escravo assenta as barbaras deidades,
Que o não poderam libertar na patria?!
Eu tremo do futuro . . .

NERO.

Não, não tremas,
Que eu vou regeneral-o!

TIGELLINO.

Estou tranquillo.
Agora, oh semideos, sublime engenho,
Apresta a lyra, que a teus labios chama
Divinal harmonia! Canta, oh genio,
O céo aclara, emparaiza a terra,
Exorna a Italia, e felicita Roma!
Enche o espaço em que minha alma adeja,
Co'as olympicas flores de teus hymnos!
Si em teus olhos divinos tremulasse
Uma lagrima só, n'ella veria
O mundo consternado um cataclysmo;
Tanto amor te consagra o orbe inteiro!

NERO.

Do incendio apague a idéa o sangue impuro
Desses vis nazarenos, que nas cryptas,
Mercê das trevas, heterías formam,
Em que novos Lysandros refalsados
Conspiram contra mim, e contra o imperio;
Assim ao menos salvarei meu nome,
Té que o tempo mitigue a dôr interna?

TIGELLINO.

Contra o mal que te punge, immerecido,
Tenho um meio infallivel, já previsto!
Hontem, á hora em que se mostra Vesper,
Surgio em Ostia com festivas galas
A bireme, a que dei o nome de Argos:
Trezentas jovens de Corintho importa,
Por bom mestre escolhidas, mais formosas,
Mais bellas e lascivas do que Lais,
E Phryne a diva, que ao sahir do banho
Fez Athenas bradar: renata é Venus!
São de sangue real; beberam todas
Nas sacras ondas de Pyrene o estro!
Sobre a escuma do mar brincam serenas
Como o livre alcyon, ou como o cysne
Do Eurotas, que amou Leda formosa;
Na dança vencem as aéreas aves,
E no canto a suave philomela!
Nos segredos de amor adoram Venus . . .

NERO.

Meus alados corseis á Via Ostiense
Sem perda vôem com trezentos plaustros.
Renascêo-me a alegria! O céo te inspira!
Sessenta crôas, das que dêo-me a Grecia,
Em aureo thyrso cada uma ostente
Nas choréas gentis, nos dythirambos,

Qual da amorosa Ephyra as filhas sobem
Com almo accento festejar Bimater.
Es o meu salvador. Ah! vê si exhumas
Do passado Oriente algumas scenas,
Uma festa que iguale a Nero em lustre,
Que o mundo a inveje, e os posteros a guardem!

TIGELLINO.

Com ella irás á eternidade, oh Nero!

COLOMBO.

CANTO XV.

Pelas curvas sonoras das arcadas
Transluz a festa: da harmonia as ondas
Vai o vulgo alentar, que inunda o adro
Do vasto ingresso da neronea estancia.
Do almejo innato por festivas horas
Vencida a turba, com silencio e medo
Escuta immovel as canoras flautas,
O ledo arpejo das consocias lyras,
E a voz que vôa na amplidão da regia.

Na sala orbicular o dia entornam
Odoros lumes, duplicando o brilho
Nas gemmas e metaes. Domina a festa,
Compondo o gesto sobre um leito eburneo,
Nero cantando com accento grave
Da invicta Pallas, do manhoso Ulisses,
O triumpho, a injustiça dos Atrides,

E a furia insana do valente Ajace.
No sinistro volver soltam seus olhos
Como o ferro do algoz lampos funestos.
A seu lado, n'um solio enthronisada,
Fulge Poppea, endeosando o crime;
E em torno Scythas com desnudas armas
Promptos e á mira do mais leve aceno.
Simula a côrte na composta face
Pasmo e sorriso, para assim o corpo
Furtar ás virgas dos crueis lorarios,
Que a sala inundam com as mãos alçadas!

COLOMBO.

Como póde a natura em tal verdugo
Alliar da harmonia o sentimento?!

PAMORPHIO.

Foi obra minha! fil-o vão e fraco,
Cruel e louco, intolerante e perfido,
Mas com prendas do vulgo sempre amadas.

COLOMBO.

Nada tenho que ver neste malvado,
Si da Igreja os triumphos me não mostras.

PAMORPHIO.

A elles vamos, si seguirmos Nero.
Dous mundos te apresento: o que se escôa
Na descrença e no crime, e o que desponta
Nas virtudes da fé e da humildade!
Não ouves a cadencia dos applausos,

Que ora imita das ondas o murmurio,
O tinido das conxas, e o pipito
Amoroso das aves?... La rebôa
O *Io* triumphal, e o borborinho
Do vulgo estulto, simulando os echos
De ingente vagalhão que açouta as penhas.
Olha o Senado da devassa Roma,
Bastarda estirpe do immortal Quirino,
E a prole regia de Anco, Servio, e Numa,
Como beija submissa, leda, e escrava
A alparca de ouro da manceba infame,
Digna esposa de Nero, que tressua
Em cada poro de seu corpo um crime!

COLOMBO.

O exemplo deprava mais que o verbo!

PAMORPHIO.

Quanto mais alto leva o lume a fragoa,
Tanto mais breve se consome e extingue.
O crime e a impunidade são as causas
Da agonia de um povo; a crôa de hera
Pendente ao berço, cobrirá sepulchros;
O cadaver de Clito, o de Menandro,
São arautos ultrizes, como o sangue
De Lucrecia e de Cesar! Quando um povo
Curva o collo ao algoz, e adora um monstro,
Não ha leis, nem valor, ha só escravos;
E o escravo não tem gloria, e nem tem patria."

No fundo do salão rasgam-se as telas.
Pelos olhos as almas convergidas
Á scena voam, de explendor não visto!
Em chorégicas vestes se apresenta
Tigellino, e no palco arroja a c'rôa
Olivaria que o cinge; o chão beijando,
Humilde e genuflexo a Nero falla:
Expõe-lhe o drama, as variadas scenas,
E a surpreza final; celebra as graças
Das filhas de Corintho, e péde indulto
Para quem estreiar em Roma tenta
Ante o filho de Apollo, que no berço
As nove irmães e as graças embalaram.

No fundo e no proscenio se afiguram
Os atrios eleusinos. Cessa o lume;
Domina a escuridão no sacro asylo.
Em silencio penetra a turba hellenea,
A quem brada um arauto: „Ouvi-me, oh Mystes
Si impuro coração vos traz ao templo
Da severa deidade, retirai-vos;
Que aos bons somente seus mysterios dôa
A filha de Saturno!“
Em duplas alas
Os actores se movem, sacudindo
Funereos fachos, descrevendo discos,
Murmurando palavras mal ouvidas.

O sagrado hierophante, e o pio archonte
A um throno sobem: com sonoro accento
Os mysterios de Ceres patenteam.
Cantam-se os hymnos, os brandões se apagam,
E o silencio e as trevas reapparecem!
Cobre a noite confusa toda a regia:
Um ruído sinistro recrescendo,
Pela sala troveja; treme o solo.
Qual enxame fugaz de pyrilampos,
O ar golpeam com ardentes gladios
Legiões de phantasmas remoinhando!
Grasnam, crocitam corvos, piam mochos,
Uivam lobos, e rugem feros tigres;
Vagueiam pela estancia mil espectros,
Transluzindo o esqueleto descarnado!
Aqui e alli, a furto phosphorejam
Negros abutres com feroz remigio,
Bebendo os lumes que no ar recruzam.
Contra a voz do trovão que a mais rebomba,
Pellejam ais, imprecações, gemidos,
Doridas ancias, estertor funereo,
E vagidos pungentes! No proscenio
Passam, repassam, fogem, reapparecem
Odiosas imagens! Tremem damas,
E varões, presumindo alta cilada;
Applaude Nero a maravilha, e todos
Tremendo cobrem co'um applauso os d'elle.

A espaços, sonorosa, clara, aguda,
Se ouve a voz do antiste, doctrinando
A cada vicio que o proscenio invade;
Explica as dores, e o tormento ínterno
Dos que offendem ao Deos maior que Jove.
Passam as larvas, na odiosa fórma
Revelando do crime as consequencias!
Passa a Suberba devorada em odios;
A Gula vomitando ardentes serpes;
A Preguiça esmolando entre thesouros;
Fendendo o seio da amizade a Ira;
A escarnada Avaresa ouro roendo;
A Luxuria vertendo halito podre;
N'um antro a Inveja a distillar veneno;
O Suicida a morrer de eterna morte;
A Calumnia a engolir os proprios vomitos;
O Ingrato a morder as mãos que o amparam;
A Adultera morrendo as mãos do filho;
O Juiz mercenario atado ao poste;
A Mentira a cuspir a lingua em lodo;
O Amigo infiel n'um leito ardente;
A Traição a rolar entre mil puas;
E o Ministro venal, qual cão damnado,
A sí proprio mordendo cruelmente:
N'um limbo escuro o Parricida atado
Ao cadaver do pae, todo ríodo
Dos vermes que sobre elle o morto exhala.

Rebenta a luz, e o côro um hymno entôa.
Nero urtigado, péde vinho, e bebe;
Soffreia a custo os impetos ferozes
Da procella que o bate, e que o fustiga
Com flagicios crueis e ultriz remorso.
Alvo do pensamento do auditorio,
Encara a todos, mas ningume o encara!

Brilha na fronte do hierophante um astro;
Os vicios fogem; resplandece a deosa
N'um claro elysio que deifica as almas.
A scena é outra! a formosura a esmalta,
Vivem as graças em paineis divinos,
Matizados de luz, de amor, e encantos.
Como um chuveiro de brilhantes flores,
Instantaneas movendo os aureos thyrsos
E as corôas que a medo dera a Grecia,
As Corinthias formosas se apresentam!
Quanto sonhara nas divinas horas
O factor immortal que a pedra anima,
E o que a luz do empyreo arrebatara
Co'a palheta vital, alli fulgura!

Gemeas do céo, a graça e a formusura
Em seus vultos gentis se harmonisavam:
No ligeiro volver de amaveis gestos,
No morbido pendor de aéreos grupos,

Havia um mundo de amoroso encanto,
De uma arcana attracção, de um captiveiro
Melhor que um throno de ovações cercado.
Todas da idade seductora, tinham
No magico sorrir, nos diamantinos
Olhos um céo de perdição da mente!
Nos lindos seios, suspirosos, lacteos,
Nesses ninhos de amor em que se acolhem
Lascivos beijos, tremulavam pomos
De grato nectar que o tyranno ameiga,
E lhe abafa nos labios sanguinarios
O respiro que exhala sempre a morte!
Nesses thronos de amor em que dormita
O vulcão dos desejos, . . ah! si os vira
Agathon, olvidara Helicia bella,
E nova lyra pediria a Venus!
Todos fitos e absortos, pasmos todos
Nossa côrte encantada, nesse enxame
De phalenas sidereas, emulando
Na belleza, no encanto, n'arte, em tudo,
Sentiam pelejar n'um mundo occulto
Almejos indiziveis.
Oh belleza,
Flor celeste da eterna primavera,
Que em cada instante novo Eden geras,
Quanto vences na terra, quanto imperas
Co'a ineffavel magia?... Alli as jovens

Semivoando co'as mimosas plantas,
Como lyrios que o zephyro balança,
No ar teciam movediças flores,
Arcos, grinaldas, e festões suspensos,
Filigranas de amor, paineis lascivos,
Grupos ethereos, que não vira Nicias,
Nem Pamphilo, das Graças inspirados!
Mais ligeiro e subtil, ah! não voeja
O mimoso colibrio a flor beijando,
Nem á tona do lago a borboleta,
De iriados metaes apavonada,
Do que as filhas gentis d'alta Bimaris.
Não eram carnes, mas divinas sombras,
Visões aéreas, seductoras fórmas;
Eram aves do céo, circumvoando
Em cadente harmonia! Applaude a sala
Com delirio estrondoso!

Nero se alça;
Péde vinho phalerno, bebe, e o cospe
Pela face dos seus; péde mais vinho,
Emborca, e arremessa a taça em terra;
Arfa o peito, e no senho estampa o riso
Das furias infernaes, que a todos gela!
Cai sobro o leito, contorsões fazendo,
Treme, qual treme da serpente a cauda,
Quando a morte nas presas já distilla!
O monstro offega, e das profundas orbitas

Seus olhos saltam, fulminando tudo!
Levanta-se, braceja, e tripudia,
Sóbe ás alturas do furor nefando,
O manto rasga, despedaça a lyra,
E o triclinio fronteiro arroja em furia!
Co'o pé, n'um lampo, a barregan suberba
Do solio arranca, e a precipita em terra:
Poppéa beija o marmor!
Brada o monstro
Pelos Scythas ferozes, que respondem
Á uma, em som rouquenho! — Salve, oh Cesar!

NERO.

A mim, soldados, que não soffro injurias:
Pereçam todos: corra o sangue impuro
Do infame e d'ellas! Não é esta a festa
Que o traidor fementido promettera!
Quero em sangue afogar tanta perfidia!
Onde está Tigellino, o vil escravo?
Quero vel-o morrer, abrir-lhe o peito,
Trincar-lhe o coração, cuspil-o ao monstro.
Eia, soldados; piedade é crime!
Fazei vosso dever, que esta vingança
Largo premio terá. Avante, oh bravos!"

Brandindo as armas, em tropel na scena
Os Scythas pulam, quaes bravios potros
Em mimoso jardim, e celeumando

Hyrcanas coplas que o furor alentam.
Abrem rios de sangue no tablado! . .
Que horrivel confusão! . . Nero sorria,
Como o tigre que sangue tem no olfato.
Ao tripudio cruel da soldadesca,
Ao luzir das espadas baqueavam
No chão as virgens, borbotando sangue
Pelos seios de neve. Era uma orquestra
De agonia e estertor, grata aos ovidos
Da fera imperial! . . Miseras flores,
Pelas auras helleneas bafejadas,
Sorrindo amores no alvejar da vida,
Cahiram como a ceifa da esperança,
Que o raio e o furacão junctos achanam.

Com a espada na mão, Nero cantando,
Aos atrios vôa; pisa a escada em frente
Ao lago immenso, que se ateia em fogo,
De flammantes reflexos circulado.
Em altos postes, margeando o muro,
Envoltos em resinas combustiveis,
Suspensos ardem, como ingentes fachos,
Mil christãos sem gemer! Almas eleitas,
O fogo vencem co'o poder divino!
Assim Barlaam, outrora, firme, immovel,
O tenso braço consumio no fogo,
Negando a oblata aos fementidos deoses.

„Eis o meu firmamento! brada o monstro:
Eis o premio dos reos, que a nossa Roma
Conflagraram, e a mim piedoso, e padre,
Do crime infando genitor fizeram!

UMA VOZ.

Mentes, oh Nero! Foste o proprio archote
Que Roma incendiou: foste tu mesmo,
E não estes que em chammas ora sobem
Á morada celeste, a Jesus Christo.

NERO.

Quem ousa desmentir-me? a mim?.. a Nero?

UM VELHO.

Eu, que a Deos e a Christo devo tudo!
Eu, Pedro, o Galileo, em quem o Mestre
A pedra basilar da sua Igreja
No Golgotha assentou; o que em Solima
Houve as chaves do céo... Carvões ardentes,
Christãos ha pouco, recobrai a vida,
E o symbolo christão dizei commigo:
Creio em Deos Padre, e em Christo um só seu filho!

As flammas té as nuvens se elevaram.
E os cadaveres á uma responderam:
Creio em Deos Padre, e em Christo um só seu filho!
E cahiram no chão incinerados,
Deixando a prumo os abrasados postes.

NERO.

A cruz do escravo seja o vil atado,
E morra infame, porque offende a Cesar!
Nojentos corvos, crocitando em torno,
Lhe espicacem as carnes té que alveje
O misero esqueleto."

De repente,
No céo rutila, rechassando a noite,
Um cometa, que de aguia as formas tinha!
Brada o povo romano: „Io, triumpho!
Eis o astro de Roma! Nero impera!
Jove o saúda de celeste empyreo!"

Bate as azas no céo a aguia flammante,
Troveja no remigio: as pennas voam
Pelo ar em coriscos transformadas;
E luminosa Cruz no céo resplende!

PEDRO.

Eis o astro de Roma, o signo eterno,
O pendão da futura humanidade!
Salve, madeiro redemptor do mundo!
Meu Deos e meu Senhor, eu te agradeço
A gloria do matyrio. Á cruz, marchemos."

Precipites, nas aguas abatidos
Os postes se afundiram. Veio a noite,

E tudo emmudecêo! Some-se a scena!
Aos olhos de Colombo reapparece
O longo Genitalio, e n'elle a imagem
De Pamorphio, tristonho e pensativo,
Juncto ás estatuas parecia estatua!

COLOMBO.

Contente está minha alma. Eia, partamos.

PAMORPHIO.

Não vês no fundo desta immensa estancia
Entre véos azulados um cabeço?
É o monte Pandorio, o claro assento
Da vigia infernal que tudo observa.
Não vês mais longe um globo, lá bem longe,
Volvendo em torno horizontadas massas,
E n'ellas manchas, prateados veios,
Pontos de luz, espaços variados?..
É a imagem fiel da terra inteira,
Em que tudo se vê, onde tu mesmo
Teu retrato verás, as tuas naves.
E, o que é mais, outras terras não sabidas
Que errado vais buscar.

COLOMBO.

Qualquer que seja
Da minha empresa o engano, hei de vencel-o:
„Combate, a gloria é certa“ dice o Anjo;
E era a voz do Senhor. Mostra-me a terra,
Que afouto busco, e consagrei ha muito

A Christo e a Isabel, e após conduze-me
Á frota errante, que por mim almeja.

PAMORPHIO.

Não te apresses, espera. Ao meu commando
Aquelle monte para aqui caminha.
Aqui tudo se move intelligente:
A pedra vôa, a flor discorre, e as aves
Com os peixes do mar se consorciam.
Eis do monte Pandorio o tope, e a esphera
Movendo-se a teus pés, como se move
O terreo globo no azulado espaço.

COLOMBO.

CANTO XVI.

PAMORPHIO.

Eis da terra, Colombo, eis do planeta
Em que habitas a copia mais perfeita!
Da fórma externa ao atomo invisivel
O transumpto fiel aqui se mostra!
Tudo aqui é real, tudo respira,
Tudo se move com perfeito acordo.
Arte nova, rival da natureza,
Aqui primora em tão subido esmero,
Que a Deos illudiria, si illudil-o
Podesse a criatura, ou mesmo o inferno.
Aqui verás tal qual na terra existe
As cinco zonas, variando os climas
Dos pólos ao equador; o grande oceano,
Seus mares, e seus golfos e enseadas,
As varias partes, e uma nova ainda!
Verás no monte alpestre, valle, ou campo,

No mar, río, ou lagôa, a escala viva,
Do infusorió ao polypo, e deste ao peixe,
Da larva á borboleta, e desta á aguia.
E do insecto ao morcego, e deste ao homem!
Maravilha-te em face desta obra!
Alli estão tuas naves; reconhece-as?

COLOMBO.

Perfeitas! Onde vão? que rumo buscam?

PAMORPHIO.

Quando este globo complectar um gyro
Saberás onde vão, que rumo buscam.
Vou cumprir o que dice, e revelar-te
O que nunca o mortal vio com seus olhos.
Eis o grande oceano, a campa fluida
Do Atlantida famosa, cujos restos
Bem conheces agora. Estás corrente?

COLOMBO.

Oh! sim. Diviso as fortunadas ilhas,
A plana Senegambia enfumaçada,
E o cabo Bojador, ultima raia
Do mundo tyrio, monumento agora
Do peryplo immortal da gente lusa;
Mas não vejo essa ilha onde venci-te?

PAMORPHIO.

Ninguem mais a verá sobre estes mares,
Si a marcares no mappa, por falçario
Passarás no porvir: tens outras ilhas.

COLOMBO.

Vejo um grupo mais longe, juncto á Lybia,
E além mais uma, lá na zona intensa
Como um ninho alcyoneo sobre as ondas;
E no opposto hemispherio um'outra ainda,
Deserta, alcantilada, e nemorosa.
Que ilhote é esse, só das aves pouso?

PAMORPHIO.

Uma ilha sem nome, e com destino,
Erguida como eterno cenotaphio!
Sobre o mar ficará esse rochedo
De selvatico aspecto, em cujas brenhas
Hão de os reis conjurados, como Jove,
Vindouro Prometheo atar precautos
Pelas mãos de Albion á fé traidora.
Alli o prisioneiro, já sem throno,
Voltando a fronte merencoria á terra,
Contará sua historia; e quando occidua
A luz do Capro projectar seu vulto
Sobre as nevoas britanicas, a França,
Grata serva do heroe, vel-o-ha suspenso
Como larva fatal, ultriz lançando
Eterna maldição á gente infida,
Que n'um cego rancor quebrara a honra
Descera ao charco impuro, e duplicara
A gloria do proscripto, unindo a c'rôa
Do martyrio aos laureis da majestade.

COLOMBO.

Será do Genitalio algum eleito?

PAMORPHIO.

Não, que Alcides do céo, vencendo povos,
Ha de altares erguer n'um chaos sangrento.
Auriga divinal, n'um plaustro sancto,
Ha de a Igreja abatida alçar ovante;
Mas nós, seu nato orgulho entumecendo,
O faremos cahir, como um exemplo.
Mostraremos os principes da terra,
Que nos labios do heroe reinos buscavam,
D'impio rancor armados pellejando,
E em ferros pondo as plantas que beijaram!

COLOMBO.

O futuro é de Deos, d'elle somente! . . .
Como é bello este globo, como illude!
Mais que Hypparco no céo, vejo eu na terra;
Mais que a gente phenicia, hellenea, e lusa,
De um lanço vejo! Eu te agradeço, oh filho
Do peccado immortal, si não me enganas . . .

PAMORPHIO.

Não te posso illudir, inda que o queira.
Por mim te fallarão da Hespanha os mares,
O golfo da Liguria, o de Adria, o Tejo,
A Hybernia algente, e as terras que já viste.
Neste amplo continente, em meio á terra,
Circulado de mar, á Syria preso

Por um isthmo ao norte, tens a Ophiusa,
Lybia de Athenas, e Africa de Roma.
Aqui lemos do homem a odyssea
Que vai de crença em crença, de éra em éra,
O alternado destino demarcando.
Nestas plagas de Afer, mal sabidas,
Se encerra a escala progressiva do homem,
Que vai da simia ao Cafre e deste ao Mouro,
Como sóbe na fórma idealisada
O tosco Manipanso á estatua de Isis.
Terra de luz ha sido, hoje de trevas,
Mas inda grande pela esphinge egypcia,
Que o Nilo banha co'as fecundas aguas.
Rainha do deserto e de tres mares,
Os raios zenithaes intensos bebe
Da torrida estação, e nutre as selvas
Umbrosas em que amor pudico enlaça
O trombudo elephante, e onde se acolhe
Philomela gentil, amor das flores,
Quando o pólo fustiga em Samcanda
O Laponio, e o faz descer em trevas
Á guarida de neve. Oh! quantos cultos
Immutaveis lá vivem, como a planta
Invariavel na fórma, ao chão atida! . . .
O deserto sedento abrindo o manto
De arenosos bulcões, que a morte escondem,
Protege o feiticeiro sáfio e crudo,

E adarga o marabú feliz no culto
De abusões com que encobre a vil astucia,
E o negro errante ás suas leis submette.
Que terra singular! O mesmo vento
Que em comoros de areia enterra os vivos,
Alça um côro de mortos, rebojando
Nesses antros funereos em que a mumia
Ha mil lustros espera a mesma vida
Que ao esposo troncado Isis doara,
Quando o Nilo, do lodo que arrastava,
Sobre as orlas do mar o Egypto erguia.
Não vês em meio desta plaga adusta
Qual montanha de picos coroada,
Nevada serra, pelos broncos flancos,
Bimar soltando fabulados rios,
Pasmosos lagos, que fecundam ermos?
São os Montes da lua, que separam
A semitica raça dessas tribus
A quem o sol ardente dos desertos
Na cutis infiltrara a côr da noite.
Quantos povos lá stão, nunca sonhados
Do sedento europêo nessas devezas
Que vão do Senegal ao Erythreo,
Outr'ora a porta ophyria, donde as naves
Salomonicas o ouro demandavam.
Do altivo Meroé, berço dos astros,
Contempla como desce o Nilo sacro,

Margeado de templos e moimentos
Que ao sol levantam colossaes columnas
Immutaveis no typo e nos emblemas,
Como se fossem obra de um só homem!
Inclina a tua vista, e desce attento
Ao Delta trisulcado de almas aguas,
Que Sáis ergueram sobre o mar fronteiro,
Por crença infesto á geração egypcia,
Atida ao Nilo tutelar que a nutre.

Perpassa a Cyrenaica, berço illustre
Do lascivo Aristippo, e do sophista
Carneades, e ao mar dilata as vistas.
Perfila a ourela das traidoras Syrthes,
A lybica Phazania, os negros montes,
E pousa o coração nas aras tristes
Da punica cidade. Passa avante,
Despreza a Mauritania, e segue a onda,
Que entre Calpe e Abyla entumecida,
Outr'ora os separou, abrindo os mares
A Sidonia e Carthago; entra no vasto
Atlantico oceano, nesse espaço
Hoje gloria do Luso! . . .

COLOMBO.

E talvez minha!

PAMORPHIO.

O dardo que falceia, muitas vezes
Vai um tronco ferir, onde impensada

Flue torrente de mel, e um premio outorga
Á mão que mal visara o alvo buscado.
A gloria é um litigio, que começa
No fim da vida, e vai além da morte.

COLOMBO.

Sei que a inveja a persegue além da cova;
Mas sei tambem que céde aos que se afanam
A bem da humanidade. Quando o homem
Em Deos firma a esperança, a gloria é certa.

PAMORPHIO.

Depois que a palma do martyrio exorna
O sudario da morte. Espera, e aprende,
Que a razão pelos olhos tambem ganha.
Si te apraz que eu doctrine em ponto alheio
Ao do globo que vês, e que te explico,
Mudemos de logar, e além passemos.

COLOMBO.

Nauta sou. Quero ver a terra toda.

PAMORPHIO.

Atalaia do mar, Tanger branqueia
No rude assento em que o Romano a achara
Antes do Visigodo, antes do Mouro,
E onde agora triumpha a cruz de Christo
Sobre a lança de Henrique, o luso infante,
Té que um dia eu a entregue a um outro dono.
Não vês no seu prolongo, terra adentro,

O dorso alpestre do Atlas escarpado
Voltado ao céo, e as plantas no oceano,
Origem dando ao procelloso cabo,
Já dos nautas de Sagres demarcado?
A vaidade normanda em vão se arroga
A gloria desse feito. Ahi tens a inveja
Disputando essa gloria aos Portuguezes,
Que a terão de altercar por largos annos!
Como uma aguia marina olha estes mares
Pelo audaz Portuguez já perlustrados,
O que te move a superar-lhe o escopo,
Buscando as Indias pela parte opposta,
Peryplo novo e ousado, não predicto
Por vidente Sibylla ou helio orago!
Vôa, dilata a vista, mede as raias
Que vão do Soloé ao Cabo-verde,
Gloria de Cadamosto, e nesta costa
Em que Pedro de Cintra, e João de Aveiro,
E Diogo de Cam, astros dos mares,
Afoutos navegaram, conta as cruzes
Que em nome de seus reis ahi plantaram.
Prolonga os olhos pelo golfo immenso
Da nocturna Guiné, e extrema o curso
No Cabo-tormentorio, onde implantara
As luzas quinas o famoso Dias,
Maior que os nautas das finadas éras!
Volve á sinistra; ganha o norte, e passa

Pela terra do Cafre, onde a natura
Cruel fez d'Eva repulsivo monstro,
E adeja pela crista umbrosa e aurifera
De Lupata alcantil. Vê de seus ríos
As vertentes escuras arrastando
Ás areias da foz palhetas de ouro,
Que o Malaio permuta, e leva á patria.
Sóbe aos pincaros duros e inclementes
Da abyssinia Taranta, e desce ao valle
Da prisca Meroé, patria da gente
Que vio arar Osiris, nesses tempos
Em que a messe surgia a par dos templos.
Ondula o pensamento, as aguas segue
Do río divinal á Elephantina,
Pedra que o ferro transformara em templos,
Quando n'alta Thebaida, á luz pacifica,
Conviva da natura o elephante
Vinha fruir tranquillo amor e o cibo.

Eil-o de novo o consagrado río,
Esperança do Egypto e seu thesouro,
Descendo qual um pampano garfado
Nas espumas do mar, que as praias cobrem
De Ostracina a Canopo, a alexandrina.
Eil-a, a arteria vital, Isis fluente,
Ao tantalico filho abrindo os seios,
D'onde pendem fecundas cataractas,

Ondas humosas, do cultor riqueza!
Margeada de funebres delubros,
E de altares que o tempo submergira
No deserto areal, inda alimenta,
Como outrora, esse valle pharaonico,
Onde a támara pende os louros cachos,
Onde o ibis guerreia a serpe infesta,
E o ichneumon, que evita a crua prole
Do voraz crocodilo, se apascenta.

Da marmorea Syena baixa ao carcer
Do mordaz Juvenal, e vinga a meta
Tropical, onde o ascio, no obelisco,
O insuflo vertical do sol recebe.
Passa d'Ombos sangrenta o pó revolto
Ás aras de Evergeto, consagradas
Ao amphibio voraz. Apollinopolis
Falla mais que mil livros! Eis a imagem
Do Egypto que já foi, e do que mora
Em seu templo, coberto de choupanas,
Gigante sepultado, que na fronte
Abriga um povo que não lê nas pedras
Como lia o piromis; Deixa Hermontis
Lisongeira, e a rocha columbaria,
Estancia de Horus e do somno eterno,
E nas ruinas da Thebas de cem portas
Abre as azas da mente pensativa.

COLOMBO.

Onde o Menepheteo, as maravilhas
De Kurna, o Memnonio, a regia estancia
Que os doze nomos adunava alegre?
Onde a pedra votiva, e essas legendas,
Oblatas de granito? onde o Amenophio,
Salpicado do sangue de Israelitas?

PAMORPHIO.

Nas voragens do tempo! O Amenophio,
No pó erguido, no vetusto assento
Os colossos deixou firmes, sentados,
Como dous crentes no porvir fitando
O dia em que ha de vir Amon em carne
Revocar no deserto os cem Piromis,
E os grandes Pharaós, e com seu sopro
Genitor levantar o novo Egypto!
Não vês em alas colossaes esphinges
Mostrando o ingresso do arruinado templo
Desses deoses brutaes, todos materia?
Já enigmas não teem; já não consolam
A esperança de um povo, que antevia
No sepulchro um descanço temporario,
Na mumia uma chrysalida, e na crypta
A estancia nupcial de um breve somno!
As crenças desse culto, todo nosso,
Congeladas estão no craneo inane
Da mumia millenaria! Onde as cem portas

De bronze, que lançavam n'um só dia
Armadas hostes e guerreiros plaustros
Ás tendas de Cambises, quaes não viram
O prisco Ménes, e o factor de lagos,
E nem Sesostris, o terror dos povos?
O fuste que mostrava as faces de Isis
Á onda secular do Nilo eterno
Cahio esborcinado; o obelisco,
Brazão do Egypto, foi de Roma presa;
E esses deoses de fronte bruta e fera
Irão em terra estranha, em galerias,
Captivos receber dos antiquarios
Esse culto que as pedras interroga,
E o passado restaura só na mente!

„De Thebas, pela via caudalosa,
Salvação de Moysés, penetra em Memphis.
Vê do tempo eversor, na curva margem,
O passo em ruinas té chegar ao lago
Em cujo centro pelo céo se entranham,
Como tendas navaes, altas pyramides.
Onde immensos colossos se enthronisam,
E o vulto illuminado pelo occaso
Nos espelhos das aguas reproduzem.
Olha o ingresso desse bivio humente,
Que o chão triangular do Delta inscreve,
Como nave sagrada: n'elle assente

O arcabouço de Memphis veneranda
Jaz mudo ás festas que o arado de Apis
Sobre o solo empapado promovia.
Dos Pharaós o emporio sumptuoso,
Coroado de templos, de palacios,
Inda aos evos levanta essas pyramides.
Assombro do porvir, do Egypto emblema!
Do tempo as ondas, qual do Nilo as vagas,
Sobre ellas passaram, sem que a nuvem
Nutriz da chuva a cuspide altaneira
Tocasse um dia, e de celeste pranto
Lhe ungisse o cimo em que recresce o dia!
A pernalta cegonha, que se aninha
No ingente capitel do templo de Apis,
Já não vê do seu throno de gravetos
Menes, o fabro, co' um aceno abrindo
A terra ao Nilo, e nem do alto escuta
A voz de Ezequiel, por sobre as ruinas
Mantendo ainda as maldições de outr'ora!

„Não vês á dextra das bovinas aras
A famosa Heliopolis em ruinas,
A cidade do sol, e a dos oragos,
Onde a Phenix, o mytho humanitario,
No sagrado collegio revivia?
A Phenix perecêo ás presas d'aguia,
E esta ao gume do mourisco alfange!

Tudo as névoas do tempo esvaeceram
No fluente painel da vida humana.
Bubastis, a nutante, já não colhe
Em seus atrios isíacos, festiva,
De Pelusa e Canopo os sacros hymnos;
Qual hoje o gondoleiro em Adria solta
Ao leão de aurichalco, que abre as azas
Juncto do esposo da marmorea Ondina.

„Rochas que argilla hei feito em mãos de Amasis,
O factor de colossos; deoses frageis,
Por mim troncados, cuja fronte em brutos
Adrede converti; ah! surdos fostes
Ao gemido que outr'ora da Thebaida
Descera ao Delta, e ao rumor sinistro
Das lanças nos broqueis, ferindo guerra!
Chão lodoso, em que a aurora matutina
Orvalho não bafeja; céo sem nuvens
Onde o iris não curva as lindas fachas,
Onde o raio não arde, tròa, e mata,
Onde a madida nuvem não derrama
Espadanas de lympha, eu te lamento!
És patria de dous povos: um, que errante
Gallopa e ara a terra; outro, que immovel
Na soterrea jazida em vão espera
Pela vida que eterna faça a carne!
Teu lume, arauto do labor, calou-se!

Já não desfere na manhã rosada
Dos labios de Memnon o canto á aurora,
O hymno animador, que o Nilo um dia
No berço mysterioso dispertava
Para vir fecundar a terra de Isis,
Estendendo sobre ella o pingue manto
De ledice e bondade! A esphinge immersa
Nas areias, alçando a fronte ornada
Ao teu lume incendido, já não mostra
De Cheops o orgulho atroz, infando,
Cimentado de sangue e de deshonra,
Nem revela o enigma burilado
Sobre o flanco que a areia esborcinara.

„Quando o vicio remonta em azas de ouro
Mais alto que a verdade, e que a justiça,
Do sacro pedestal ao lodo baixa
O nume tutelar da san virtude:
A moral corrompida as portas abre
Ao feroz captiveiro: patria e honra
Conculcadas vão ser de imigas hostes,
Profanas sempre na eversora marcha.
Hermes trifronte, que perdera a essencia,
Coração já não tem, nem melodias,
Nem a força e a razão: tudo é ruinas,
Sacrilegios e crimes, roubos, mortes.
Ergue-se o pharaonico obelisco

Na plaga estranha, como espolio opimo,
Como um brado ao porvir, um epinicio,
Um eterno brazão. qual lume eterno
Juncto ao funebre leito, perfumado,
De extincto lucumão. Roma aqui veio,
Bandida imperial, Typhon do Egypto,
Mil templos saquear; e hoje o alfange,
Á sombra de albernoz, tala a palmeira,
E abate as aguias que abateram o ibis.
Amanhã hão de ver em largas naves
Vir aqui o Sicambro estudioso
Em triumpho levar ao Louvre augusto
Estes deoses e reis, estes papyros,
Alphabetos da morte, em que somente
Relembra a mumia seu passado ovante.

„Com a mente na aurora interminavel
Do futuro, o Egypto quiz seus dogmas
Immutaveis levar á eternidade,
Pela fórma constante da escriptura
Do sinzel, que passava intacto aos filhos;
Mas Deos quebrou-lhe a mão, e dice á mumia
Do rei e do piromis: Dorme, dorme!

„O lume divinal que da Ethiopia
Pelas aguas nilenses fôra á Athenas,
E d'ella á Etruria, e á Roma, e que de Tyro

Velejou á Carthago, segue o rumo
Da carreira do sol. O alarve equestre,
Que os tumulos profana, arranca os mortos,
E accende o lar errante, e a tenda enfuma
Com os membros da mumia que esquartela;
O livre Beduino, que ata as redeas
Ao collo de um Anubis derrocado;
O pastor do Catillo sonoroso,
Que a avena entôa juncto a pyra antiga
Da terrivel Sibylla; e o tardo bufalo,
Que arando esmaga o cenothaphio appiano,
São os herdeiros desse triste occaso,
E avós daquelles que tambem n'um dia
Recalcando zimborios abatidos,
Feudaes castellos, saudarão a volta
Do renato esplendor, do novo lume
No vario cyclo do destino humano.

„Naquelle muro que encapella a onda,
Vês Carthago, a rival de Roma em lustre!
Na fuligem do marmor, que lhe serve
De misero epithaphio, lê seu fado!
Onde foram Megara a primorosa,
As torres desse emporio do universo,
O templo de Saturno, a altiva Birsa
De fronte redentada, o elysio paço,
As aras de Esculapio, e as sepulturas

Da semitica raça, que não bebe
Do monte as aguas? Onde o tanque ingente,
Coalhado de galeras, de biremes,
Babel equorea, porto do universo?
O xarouco offegante agora zune
Na diva pedra em que brilhava a estatua
Do Apollo colossal, que despojado
Foi do aureo manto, quando Publio em Zama
Vencêo a liga mercenaria, e as aras
De Saturno abatêo, findando o culto
Do deos infanticida, que sorvia
Nas mãos furadas os insontes filhos
De impias mães, que abafavam com descantes
O pungente vagir, dançando em torno.
Hoje em seus campos, e areaes ardentes,
Dos Philenos heroicos não vagueiam
As sombras que da patria eram vigias.
E horror do zagal mouro: agora em Cannes,
E no azul Trasimeno, o peregrino
Que busca Roma, só se lembra d'ellas,
Quando se lembra de Hannibal famoso.
O ginete palmato, o timbre ovante
Que o mar tranara da Sicilia á Hespanha,
Subira os Alpes, affrontara Roma,
Ao trovão do remigio fulminante
D'aguia do Tibre, se afundio no pégo.

„O Egypto foi um sonho millenario,
Carthago uma visão cheia de enganos:
De seus thronos e templos ora restam
Duas pedras sem culto, e sobre as pedras
Uma timida cruz e um semilunio!

COLOMBO.

Si o céo propicio realisar meu sonho . . .

PAMORPHIO.

Eis a Europa, Colombo, e a illustre Hespanha!
Queres n'ella encontrar amor e patria,
Teus caros filhos, tua amada esposa,
Isabel, e frei Peres? deixa os sonhos
Delirios da esperança, e vem commigo
Na fonte do real beber mais lume.

COLOMBO.

CANTO XVII.

PAMORPHIO.

Eis a Europa afamada, a grande arena
Onde o braço do céo contra o do inferno
Com divina firmeza tem luetado.
Sem comtudo vencer quanto deseja.
Limitada, qual é, fecunda ha sido,
E o será no porvir, emquanto os mares,
De permutas infindas conductores,
Abrir-lhe a natureza; emquanto os Alpes
Das niveas urnas despejarem rios,
E lourejar nos campos a abundancia.

Roma é seu centro, porque Roma vive
No passado, presente, e no futuro:
Monstro lupino de aquilina dextra,
Com Cesar foi a lei da iniqua espada,
E co'o Papa o poder da intelligencia.
Do eversor Palatino ao Vaticano

Vão dous mundos, diversos na apparencia
E nos meios, mas não no intimo escopo:
A corôa real cobre o cercilio,
A purpura a estamenha; o rei é tudo.
Si a bandida feroz, cruel harpia
Das nações, se emergio no pó dos tempos,
Sua alma ambiciosa permanece
No burel incarnada, e pela argucia
De ostensiva humildade rege o mundo!

„A materia cedêo á idéa o sceptro.
A espada ao verbo, e o pretorio ao claustro.
A sciencia infernal, que vela o orbe,
E omnimoda o pondera, esperanceia
No luxo e corrupção, atrios do crime:
Na descrença, placenta da heresia,
E nos scismas, arautos do exterminio.
Ao principe, e ao padre, e ao nobre, e ao povo,
E ás luctas reactoras do egoismo,
E ao tempo, e aos odios o exito entregamos.
Aquelle raio productor de ruinas,
Que a cada instante uma estação de crimes
Sobre as mãos de Abbadão prompto rebenta,
Inda não estalou sobre o zimborio
Da primaz do evangelho, inda respeita. . .

COLOMBO.

As columnas de Christo, esses esteios

Que intactos ficarão na sancta Igreja,
Té que o tempo dos homens despareça!

PAMORPHIO.

As entranhas do tempo são fecundas.
Quando a phalena busca o lume, ai d'ella!
Cresta as azas, e expira sobre a flamma:
O Rei ha de matar o Padre em breve!
Casulo de ambições ha sido o claustro.
E o psalmo um epinicio ás vezes impio.
O peito humano é como um labyrintho
De avenidas confusas tão contrarias,
Que vão aos pólos d'onde o céo e o inferno
Os seus raios de luz e trevas cruzam:
O fio conductor tem nos extremos
Uma rosa e um espinho; o espinho mata,
E no transito a rosa se desfolha.

COLOMBO.

Como esse labyrintho insidioso,
É van tua sciencia: ardil, e enredo,
Somente encerra. O coração singelo
Juncto á cruz salvadora tudo vence;
Porque a fé muda os montes, dice Christo.

PAMORPHIO.

Criança encanecida morre o homem!...

COLOMBO.

Desejas converter-me á fé do inferno?!
Não abuses da minha tolerancia.

Discorre, que me apraz teus infortunios,
Mas não ouses ferir o amor sagrado
Que firme presto a Deos e á sancta Igreja.
Abrevia e conclue. Tarda-me a hora
De alçar a cruz no Sindo e Ganga, e vel-a
Nas plagas de Cathay.

PAMORPHIO.

Dice-te ha pouco:
— O dardo que falceia, e não dá morte,
Vai n'um tronco ferir, onde impensada,
Flue torrente de mel. — Eis tua sorte!
Serve de guia á porta da verdade
Um acaso feliz, um erro ás vezes,
Quando Deus a seus fins conduz o homem.
N'um passo á esquerda medirás de um lance
A Europa inteira, desde o Tejo ao Volga,
De Candia a Zemlba, e dos Uraes á Islandia.
Não vês naquelle mar romper a Grecia,
Como uma dextra paternal aberta,
Ao céo erguendo o celebrado Olympo,
Cantando o hymno criador das artes,
Espalhando nas ondas seus thesouros,
E á terra dando generosa a flamma
Que houvera Prometheo, máo-grado a Jove?
Olha essa Ausonia, que primeira corre,
Como um braço que avança, indigitando
A formosa Trinacria, onde flammeja

Como uma pyra o Mongibello, centro
Da cadeia que liga Cypre á Sarda,
E esta ás Baleares, e na Iberia
De Oreto vai ao Calpe, raia herculea,
E porta de um emir! É esta a róta
Do luzeiro que foi do Egypto á Athenas,
E desta á Roma, que o levou ás terras
Onde sua aguia marcial pousára.
Luz que através de successivas éras,
O mar transpondo, que ora incerto vogas,
Na selva ignota brilhará mais bella,
Quando o eleito de um futuro imperio
O diadema dos reis cingir, e grato
Der á mãe patria a filha e a liberdade.

COLOMBO.

Lisongeias o meu commettimento,
Si a mentira em teus labios não vangueja.

PAMORPHIO.

Anjo fui, e o porvir inda antevejo.
Perdi a graça, é certo, mas da essencia
Primitiva conservo esse attributo.
E sem elle, onde o alvitre dos infernos?
O que dice ha de ser; antes não fòra.

COLOMBO.

Conchega o globo, quero ver na Hespanha
Isabel, minha esposa, e os caros filhos.

PAMORPHIO.

Fragil natura! Que te importa agora
Gente que morre, quando tens á vista
A inteira humanidade? Dou-te um mundo,
Um quadro novo, gerações extinctas,
Futuros casos, o universo inteiro,
E tu desces, qual desce o vulgo ignaro?!
O que almeja na esphera sobrehumana
Ao chão não baixa a contemplar rasteiro
O precario labor dos infusorios.
Rainha, esposa e filhos, neste instante,
Não se lembram de ti: uma tenteia
Os seios d'alma do versuto esposo,
E a outra ri-se aos filiaes gracejos.

COLOMBO.

Amor e gratidão, que desconheces,
Deram-me o nobre impulso. Avante, vamos,
Que o tempo é longo a quem deseja a estreia.

PAMORPHIO.

O tempo e a extensão aqui são outros:
Uma hora do inferno é mais que um anno
Sobre a terra. Socega: a impaciencia
É fructo que madura apodrecendo.
Colhe mais a visão aqui n'um dia,
Do que a mente n'um lustro á voz dos Plinios
No cimo do Vesuvio, outr'ora um antro,
Sombreado por selvas millenarias,

Existia! Covil de infandos crimes,
Jaula fôra de tigres, quando Roma
De Espartaco a vindicta repellia.
Alli concilio abri, depois que ovante
De Tito a espada nivellou co'a relva
O templo de Solima, e no Calvario
Á mãe de amor erguêo altar e templo!
Alli, troando a tuba dos infernos,
Em um dia ajunctei, vizinho a Roma,
Quantos monstros gerei, quantos no abysmo
Cadimas artes, emulando, exercem,
E as cohortes infestas que dormitam
No amago do raio, e as que devoram
A luz por onde passam, e as que vertem
Discordias e traições na terra inteira!
Presidia Abbadão! Rompendo o acto,
Propuz, que, por tal feito, a Tito dessem
O nome de Delicias do Universo,
Certo que o mundo sempre abraça o erro,
E jamais nega adulações aos grandes.
Aceita á uma, com a mão do tempo
Assellou-se a moção. Propuz os meios
De a lei de Christo exterminar em breve,
Um culto erguendo, todo amor e ocio,
Dando á carne o poder, ao vicio a gloria,
Ao crime o céo, e ao desvario o sceptro.
Mas o inferno só tem desharmonias!

O orgulho nos perdeo, e nos desouve.
Longo foi o debate; o orbe inteiro
Sentio a discussão! Milhões de vozes
Recruzadas, por odios encendidas,
Trovejaram no espaço, e o conturbaram!
O Vesuvio tremêo; da fauce o tampo,
Ao tripudio feroz, cahio no fundo,
E do abysmo subio um mar de fogo,
Que em Danubios ardentes se garfara,
A morte e o deserto em sí levando.
Parthenope, convulsa, vio sepultas
Hercolano, Pompei, Resina, e Stabia,
E a secco o golfo da risonha plaga
Mostrar nas tocas moribundos peixes!
Troncado cupineiro, vomitando
Myriadas de insectos voadores,
O monte similhou, jorrando nuvens
De demonios, que a terra escureceram!

„Baldo o plano e intenção, voei á Roma.
Prompto de um surto ás esquilinas thermas,
Onde Tito se achava entre esculptores,
O animo inflammei do heroe piedoso,
Que logo ao meu impulso obedecendo,
Com sangue de christãos lavou as pedras.
Tito já não prestando, dei-lhe a morte;
E o neroneo punhal, então já sceptro,

Ao irmão confiei, e d'elle obtive
De sangue uma olympiada. Trajano,
Cesar e architector, rival de Amasis,
Holocaustos me fez. Alcei-lhe em premio
No mais bello recinto dos infernos,
Do marmoreo padrão, que a sí erguera,
Copia fiel de coagulado sangue.
Inspirei Marco Aurelio, e o gran Severo,
O pannonio e infeliz Maximiano,
E Decio, que os venceo em curto biennio!
Após elles, fieis á crença antiga,
Elevei ao fastigio Aureliano,
Valerio, a oitava estrella precursora
De outro astro maior; e quando ufano
Preparava Licino, alma plebéa,
Do fundo da Dardania infortunosa
O revel Constantino veio, oppondo
Ao labaro de Roma a cruz do escravo,
E aos altares de Numa as catacumbas;
Mas Sapor ressarcio-me n'Asia a perda.

„Meselei, sagaz, descrenças ao martyrio,
E heresias brilhantes, que medraram,
Porque mais do que a morte a idéa vinga,
Si com arte infundida os sabios ganha.
Revoquei de Simão, — meu Paracleto, —
E do astuto Menandro, — o Antichristo, —

As almas que eduquei, e á luz voltaram
Na fórma de Apollonio, ubiquo e bello,
Na do eunuco Montano, doctrinado
Por mim nos gymnecêos voluptuosos.
Com o novo Moysés, monotheista,
Pae do lybio Sabelio, o gran Noéto,
Veio o firme Seleuco, que em Deos via
Coeterna a materia; e após o livre
Antipapa Novacio, o dissoluto,
Que o crime aos céos levou, não só co'o exemplo,
Mas tambem co'a palavra! Á luz romperam
Manés, e os bialmados Manicheos,
Arautos da doctrina planetaria,
E aversos ao consorcio; Samosathas,
O amigo de Zenobia; o grande Ario,
Que os pólos invadio, batêo concilios!
Photino, mais audaz, e Joviano,
Destructor do Evangelho, e de seus dogmas;
Macedonio, o inimigo da Trindade;
E Lucifer, que tinha alma de carne;
Pelasgio, de Albion a estrella d'alva,
E o facundo Celesto, combatido
Pelo bispo Agostinho; o bom Nestorio
Da doctrina dual, de quem não poude
Christo vencer a verminosa lingua.
Nas sementes do céo mesclando as minhas,
Inflei os patriarchas, que immolaram,

Por orgulho e despeito, o altar, a patria,
E o morgado da cruz na Armenia esquiva.
Antipapas e papas puz em campo
Soltando excommunhões. Vi novas Julias,
Como aquellas que o throno a Heliogabalo
E a Severo doaram, legislando
No Conclave amoroso, e este em seus labios
Oito vezes colher o voto, e os nomes
Dos que o solio da Igreja profanaram.

„Para Roma prear, ser minha em tudo,
Despejei-lhe a torrente de mil hostes,
Que o Foro e o Campo-marcio derrancaram
Do saturnio alicerce. A Via appiense,
Ladeada de estatuas e moimentos,
Profanada cahio; e as bronzeas portas
De Jano e Jove pelo chão correram
Em regatos de fogo! Nos prostylos,
Inda cheios do incenso, veio a aranha
Sentinella das ruinas grinaldal-os!
E a lucifuga estrige incuba os filhos,
Sobre a pyra de Vesta, tão zelada!
Tanto, jamais sonhei! Mil Incitatus
Nos suggestos da Curia relinchavam,
Emquanto escrava se esquecia Roma
Do dialecto de Horacio e de Virgilio!
Crente em meu poderio, em meus recursos,

Só vi de Roma as duas faces priscas,
Do escravó e do patricio, deslembrado
Que outra Roma subterrea inda existia,
A Roma dos christãos, hoje dos papas!

„N'um dia, em que recubito na empena
Do fastigio suberbo do alto templo
De Jove Olympio, sobranceiro via
A meus pés encurvado o Capitolio,
O Tibre serpeando as louras aguas,
E aquelles montes que venera o mundo,
Extatico fiquei! Na mente urdia
Uma outra Roma, uma cidade imperio,
Babylonia de amor e de descrença,
Perpetuo jubilêo dos vicios do orbe,
Que unisse aos gozos da Campania e Lacio
Ás delicias do Assyrio! e quando absorto
Na visão colossal, já prelibava
Entre nuvens de aroma e de harmonia
O ledo riso dos festins desnudos,
E o som languente dos lascivos carmes,
Umas vozes ouvi, ferio-me um quadro,
Que o meu sonho enluctou, e o enchêo de dores!

„Juncto á porta Capena, das entranhas
De um chão em ruinas, vi a passo lento
Sahir um padre e numerosa gente!

Macerado ancião, curvada a fronte,
Co'o baculo na mão e a cruz no peito,
Para mim caminhava. Ante elle vinham
Candidas virgens, anciãos, mancebos,
E matronas cingindo ao seio os filhos.
Era a hora em que o sol as aguas tinge
De tristonho rubor nuncio das trevas.
Si não fôra quem sou, voara a elles,
Tanto em seu canto respirava a graça,
A graça que perdi por meu ergulho!
Concentrados em sí, calmos, passaram
De Flavio a mole, a colossal arena;
O de Tito padrão, que exara a queda
Da famosa Solima; a via sacra,
E o Foro povoado só de estatuas.
Genuflexos no carcer Mamertino,
O chão beijaram, lagrimas vertendo;
Vingam o clivo que flanqueia os muros
Do antigo Capitolio; e ahi, no alto,
Ad Urbe et orbe, sua bençam lança
O antiste, e se encaminha ao Campo-marcio;
Passa o Tibre na ponte palatina,
E além conculca os celebrados hortos
De Caligula, e pára juncto ao Circo
De Nero, que obeliscos pompeava.
Acurvos, e collando ao solo as faces,
Em conjuncto fiel sobre as reliquias

De Pedro e Paulo repetiram threnos.
Ah! não sei como o diga! Abrio-se o ether;
Um globo como um sol baixou sobre elles!
De cada labio uma columna ardente
Subio ao globo, construindo um templo
E o zimborio mais bello do universo,
E alli ficou sanctificando a terra!!
Vi, pelos Anjos, coroada a cupola
Com a cruz do calvario; ouvi seus hymnos,
Que saudades e furias me arrancaram . . .
Cerrei os olhos, e na dôr infanda,
Como um homem chorei! Misera Roma,
Rainha do universo, ah! quem diria
Que aos pés de um padre te viriam serva?!

COLOMBO.

De um Padre doador dos céos á terra!
Que diz aos reis: Eu quero; e estes se curvam!
Aos fracos: Levantai-vos; e aos humildes:
Vinde ao meu seio paternal, oh filhos!
Desse Padre serás vencido sempre.

PAMORPHIO.

Vencido fica quem depõe as armas,
Ou fronteiro ao imigo o campo deixa.
Fiz-me amigo traidor; entrei no claustro;
Encostei-me ao altar para aluil-o,
E a fé emmaranhei co'o fanatismo
Impiedoso e cruel! Ao fumo odoro,

Consocio da oração, do templo aroma,
Meu halito mesclei, e fiz do incenso
Um philtro corruptor, e do adro um templo
De Venus aphrodita. Puz no throno
Da igreja um Bonifacio, que gravara
No seu baculo: Ecce duo gladii;
Clemente, que co'um pé pisava o globo,
E curvava a cerviz ante Philippe,
Carrasco dos Templarios! Nas ribeiras
Do lacteo Rheno consagrei o Physico
João, a quem Luiz de Baviera
Depoz do solio, levantando em Roma
Nicoláo antipapa, o miseravel
Que se deixou vencer por toda parte.
Duzentos lustros combati, e o dogma
De Novacio a Clemente se manteve!
Nem os trinta antipapas, nem seus crimes,
Nem os trez rios confluindo ao scisma,
Arrastando torrentes de heresias
Ao Lacio, á Etruria, á Gallia e á Germania,
Vencer poderam! Sempre intacto o dogma,
Qual archanjo invencivel, triumphava!

„Um momento, porêm, victoria ephemera,
Cuidei vencer, quando Avinhão rhodania,
Pisa a etrusca, Peniscola a fragosa,
Sédes ergueram; quando contra Roma,

Babeis pontificaes tudo embrulhavam,
E as luctas-reviveram dos concesares;
Quando Gil tarragonio, enthronisado
Na rocha hispana, anathemas lançava;
Quando o sangue albigense, em mar converso,
Contra a barca de Pedro alcei furioso;
Quando o braço do algoz cançou, e a fragoa
A carvões reduzio povos inteiros!
Foi van minha esperança, vão meu plano!
Pude ainda salvar da terra, e a tempo,
Os grandes continentes e seus povos,
Cedendo á cruz a pequenina Europa.

COLOMBO.

A mim pertence a sacrosancta gloria
De teu reino encurtar, como ora fazem
Os nautas lusos, balisando os mares
E as novas terras com a cruz de Christo.

PAMORPHIO.

Illusão! illusões! Os teus triumphos
Inquinados verás, e os teus almejos
Um por um dissipar-se: o cavalleiro
Tem na espada que cinge a cruz e a folha,
Mas o ferro é mais longo do que o punho;
Mercenario o verás, sordido, e ingrato.
O balção ha de ser da cruz peanha,
Porque o ouro seduz a fé dos homens!
A sciencia é uma espada de dous gumes

Na mão do lidador e arguto mestre.
Juncto ao deismo o pantheismo vela,
E a descrente materia, em torno deste,
Patrifica a razão! Larga os teus sonhos.
Si o passo humano vai polindo a terra,
Tambem ermos espalha. Ha oito lustros
Em Byzancio assentei o novo culto,
Que Huris promette ao crente, e fecha as portas
De Sophia aos Gregorios e Chrysostomos!
Aquelles cyrios de ouro se fundiram
Em funereos brandões ante o cadaver
Da extincta igreja, jugulada ao ferro
Do filho de Amurat! . . .

COLOMBO.

Cahio Byzancio,
Mas Granada se erguêo. Christo compensa.

PAMORPHIO.

Granada, a perla do occidente, em breve
Nas mãos do fanatismo ha de estragar-se.
Conheço o genio iberio: como a Europa,
Se alimenta de insanos preconceitos,
Que eu farei reviver, para abatel-o.
Não vês juncto de Erin, d'algente Hibernia,
O Menapio feroz que entronca a prole
Nos rochedos do Mosa, e nas lizirias
Do frio Escalda, nebuloso, e triste?
Não vês no flanco da ouriçada serra,

Throno de Kenetêo, fonte do Glota,
O rochedo de Mona envolto em lucos
Inda tintos de sangue, e o altar do Druida
Que Eduardo abatêo, matando os bardos?
Não vês nesse mosteiro juncto de Hastings,
Dous povos repolindo as armaduras:
O Saxonio cantando hymnos de guerra,
Co'a mão na taça que espumante alveja;
Emquanto o Franco, harmonisado em crença
Ante a cruz, supplicante, espera a gloria?
Dous mundos e dous odios tens presentes!
Harold em sí resume antigos fóros,
E Guilherme a conquista e a servitude:
O Bardo e o Sacerdote estão fronteiros;
Agonisa uma idéa, outra já nasce:
O sangue vai correr, e nestes campos
Vão mil odios brotar, odios fecundos,
Que ao scisma hão de servir e ao regicidio!
Nesse longo esteirão que o Isis forma,
Onde as aguias de Roma se empaparam
Depois de em Kent espiçarem Pictas,
Londres se assenta, enfumaçada e grande
Entre redentes de altaneiras torres.
Gigante do porvir, do mundo emporio
Será, quando o leão croado unir-se
Ao ginete, e os dardos caledonios
Com as harpas de Erin se unificarem

No triplice brazão; quando elle aos mares
Dicer ufano: — Deos e o meu direito!
Eu o vejo, ouriçado de mil tubos,
Despedindo bulções, bebendo ferro,
Vomitando artefactos, refundindo
As materias do globo nas entranhas
De aço e fogo; e tyranno, e iniquo ás vezes,
Egoista prear terras e ilhas,
E quantas joias o universo encerra!
Nesse corpo robusto, altriz, e arguto,
O scisma infundirei, já que não posso
Arrancar-lhe as raizes do Evangelho.

COLÓMBO.

Mas como florecer longe da Igreja,
Da sancta comunhão, e da unidade?

PAMORPHIO.

Co'um principio, e um culto mui diverso.
Terá no amor da patria e liberdade
Dogmas vitaes, poder, força, e dominio;
Mas depois seguirá de Roma a sorte.
Roma abarcou a terra, e esta a engole;
E Londres n'uma onda ha de emergir-se,
Onda interna, de barbaros famintos,
Que a miseria devora juncto ao luxo.
Sua grande rival lá stá fronteira,
Reclinada no Sena generoso,

Que ao mundo leva nas sonoras aguas
A sciencia e o bello, o serio e o futil.
Lá está Pariz, a deosa incomparavel,
A fada seductora, contrastando
Em sí mesma, incessante, os seus prodigios!
Si innocente Pastora afasta os Hunos,
E inspirada Donzella vence os Anglos,
Aspasia e Phryne n'académia assenta
Junto ao sabio sisudo o louco amante!
Si a vês, em casa, mãe severa e extrema,
Nutrindo um bravo ou sapiente filho,
Dançarina veloz no palco a encontras,
Attrahindo co'as graças mil applausos!
Si á noite a vês ruflar as leves sedas
Na valça delirante, ao sol a admiras,
Já de rude avental na fragoa ardente
Batendo o ferro, modelando o bronze
Co'a mão que enlaça as fitas e as grinaldas;
Já de escopro, animando a bruta pedra,
Ou em finos crystaes coando essencias,
Ou de gemmas tecendo aureos enfeites!
Entre a Sorbona e o toucador sentada,
N'uma face a ironia e n'outra o serio,
Da natura dual seu gesto estampa:
Modista e Pallas, rege o mundo inteiro!
Guardada por seus filhos generosos,
Não teme as prôas do Britano undoso,

A lança do Brabante, e nem as Aguias
Bifrontadas, terror de tantos povos.

„La está Sevilha, a convertida Moura,
Throno de Torquemada, a quem o inferno
Deve mais do que a Nero, e seus consocios.

COLOMBO.

Zela a fé, serve a Deos, e une a Hespanha
Em torno de um altar. Sei que o detestas.

PAMORPHIO.

Detestal-o! porque? si assim me serve?
Um fanatico vale um criminoso.

COLOMBO.

Oh! lá vejo Isabel, minha rainha!
Como em seu rosto a majestade esplende!
Como piedosa e justiceira falla!

PAMORPHIO.

Escuta; que o teu nome pronunciam . . .
Uns inquirem de ti, e outros motejam.

COLOMBO.

Isabel é por mim; despréso o resto.

PAMORPHIO.

Não desprezes o verme, que em carcoma
Reduz os sanctos, e desfaz altares.
A voz do cortezão, perfida gota,
Atravessa o granito: um erro acorde
Formúla a opinião, e esta domina.

O esqueleto da victima não goza
Dos triumphos tardios da verdade.

COLOMBO.

O Juizo de Deos vence o dos homens.

PAMORPHIO.

Olha Lisbôa! Como se afervora,
Como se apresta a conquistar os mares?!
Janifante voltou, vio novas terras,
E se anima a vingar d'Africa o termo.

COLOMBO.

Vingarei antes d'elle o mar das Indias.
Gonsalo, o Canarim, morrêo; e Pedro
Retido fica nos sertões da Lybia.
O que Lysia não quiz já dei á Hespanha:
Quem o lume afugenta morre em trevas.

PAMORPHIO.

Perece o homem, mas a idéa vive.
Aquella esphera, que a Manoel doara
O Segundo João, envolve arcanos,
Nas entranhas do tempo inda encubados.
Não temo essa conquista, porque vejo
A cruz junctar-se ao mercador avaro;
Mas sim um' outra, que dará ao mundo
Um novo Imperio, co'um altar somente!
Quando tu e o Luso a terra inteira
Precintarem de um sulco no oceano,
Toda esta Europa mudará de aspecto.

O mosteiro e o castello, hoje atalaias
De um poder combinado, hão de ao commercio,
Pae da riqueza, e troeador de idéas,
As grimpas inclinar; a raça franca,
Que une ao sangue o direito e a primazia,
E em dous campos divide a humanidade,
Concessões á riqueza ha de ir fazendo,
Té que o ouro a nobreza humilhe e vença.
Outra Europa virá, quando o piloto
De sobre um vaso ardente, não por mezes,
Mas por dias medir o grande oceano!
Quando as aguias do norte ao sul descerem,
E o Panonio, e o Burio, e o Moscovita,
E o Anglo, á testa d'elles conjurados,
As tendas assentarem juneto ao Sena,
E arrancarem-lhe as palmas das victorias
Que elle colhera nos seus proprios campos.
Outra Europa virá, outros eventos!
Como Byzaneio, cahirá Veneza:
A espada e o livro do leão alado,
Aguia bifronte os levará nas garras;
E apenas se ouvirá do Rialto ás ilhas
Cantar o gondoleiro de Adria as lendas,
E o echo em seus palacios repetil-as!
Florença, a deosa do Arno, que primara
Na cythara e pincel, livre e fecunda,
Athenas seguirá, vivendo apenas

Nas portas de Ghiberti, no zimborio
Do mestre Brunelescho, e nos escriptos
De seus filhos sublimes, e engenhosos.
Sombra da Etruria independente, altiva,
Relembrando o exilio amargo e iniquo,
De Dante o espectro pesará sobre ella,
Como a torre de Giotto, té que a Italia
O guelfo diadema aos pés arroje;
Com ellas cahirão, Genua a suberba,
Por minha inspiração; Varsovia . . .

COLOMBO.

Pára!

PAMORPHIO.

Leio o teu pensamento, e a elle acudo:
Omnimode detesto a liberdade,
Amo a anarchia, e adoro o despotismo!
Veneza industriosa espalha livros!
N'ella Manucio, qual um verme occulto
Que bebe a seiva de carvalho annoso,
Da força e da nobreza alue o veto.
Florença, bem o sabes, ama as luzes,
Discute e raciocina, cobre Rienzo
Co'a estamenha de um frade. Tua patria
Dando homens como tu, transporta o genio
Que anima a renascença em suas naves!
Quanto a Varsovia, não me agrada o Kolo:
Do voto equestre ás urnas populares

Só dista um passo, e esse passo arranca
Contra o systema que tracci de novo,
E que o céo abrandar tenaz procura.
Ha de vir outra Europa, outra mais bella,
Menos feroz talvez, mas sempre impura.
Juncto ao Illysso o rouxinol gorgeia,
Igual ao canto que Thesêo ouvira
Quando o monstro vencera, antes do throno;
Mas a virgem do Hymeto hoje pranteia!
Despida a fronte da olivaria crôa,
Não une o canto ao festival concento
Tão grato á deosa tutelar de Athenas;
E curva ao jugo do profano Turco,
Geme, e com ella a decahida estirpe
Do Archonte egregio e de Platão divino!
No fastigio do Templo maravilha,
D'onde a estrige de Pallas aclarava
A noite d'alma co'os sidereos olhos,
Crocita o corvo, que fareja a morte,
E na empena, e no gremio das estatuas
A cegonha do Nilo aquece a prole!
Nesses restos tão bellos, tão facundos,
Typos sublimes, beberá o engenho
Os arçanos do estylo e da harmonia;
E assim versado mudará o aspecto
Dessas cidades, onde o homem, preso
Entre muralhas e guerreiros vallos,

Tem juncto ao leito as defensivas armas,
Qual na tenda campal, ao pé do imigo.
De helleneas graças, de romana pompa,
Com largas vias, surgirão mais bellas
Pariz no Sena, Londres no Tamisa,
Roma no Tibre, e Napoles no golfo;
Após ellas virão, juncto ao Danubio
Vienna, a cesarina coroada
De doze diademas; Dresda, a culta
Flora do Elba e resplendor das artes;
Berlim, que allia a espada á penna, e exorna
As areias do Spré com nobres artes;
Petersburgo, a polar, que o Neva banha,
Pela mão de um gigante planejada;
Moscou, a byzantina, orgulho slavo,
Senhora do Kremlin, obra dos cesares;
A hibernosa Stokolmo, a terra do aço,
Que o Melar não tempera; Copenhague,
Patria do undoso Scandinavo; Hanover,
Que ha de um dia mandar reis á Britannia;
Munik, a maravilha de um só homem,
Prova do quanto póde um rei que sabe;
Bruxellas, capital de um novo reino;
Genebra, a ondina do formoso lago;
Milão, que aos céos levanta a Virgem de ouro
No branco corucheo da Sé marmorea,
Entre um povo de estatuas, e harmonias!

Bolonha, aonde inveja causa a morte!
Turim, filha dos Alpes, que ha de um dia,
Como elles, no mundo alçar a Italia;
Madrid, a cavalleira; e lá no extremo,
Sorrindo á margem do formoso Tejo,
Lisbôa, a mãe de adamantino Imperio,
Cidade de missão humanitaria,
Grande na historia, e nos annaes do oceano!

„Penetra no Hellesponto; passa as aguas
Do Mar Negro, e d'Asof; e segue a espinha
Nebulosa do Caucaso afamado;
Volve o Caspio á sinistra, deixa as ilhas
Sentinellas do Volga; a foz invade
Do Ural, nascido em alcantis nevados,
Muros da Europa, e pelos aureos flancos
Caminha ao pólo, á glacial estancia,
Onde a mirage do deserto vaga
Sobre os serros de neve; o Oby monta,
Que n'Asia enrama as colossaes vertentes,
Bebendo as ondas do Baikal medonho.

„Eis o berço do homem, das sciencias,
A patria do mysterio, a estancia rica
De antigas crenças, secularia fonte
De tudo quanto é bello e grandioso!

COLOMBO.

CANTO XVIII.

PAMORPHIO.

Salve! terra querida, Asia fecunda!
Salve! por Siva, Mafamede, e o Drago!
Não te quero exaltar . . .

COLOMBO.

Nem eu ouvir-te,
Fonte da idolatria, e de mil erros.

PAMORPHIO.

Si adoras a verdade, não desdenhes
Estes grandes momentos, teus somente!
A par caminha da sciencia o erro,
E este de escalão lhe serve ás vezes.
Si um Edipo não és, na mão estende
A palma supplicante: escuta o verbo
Da esphinge humanitaria, que transforma
Em turvo enigma a tradição, e a entrega
Assim ao homem, que a converte em mythos.

Confessei-me piloto de naufragios;
Rasguei-te os véos do inferno; dou-te a gloria
De ver um mundo denegado aos anjos,
E tu me ultrajas como a vil mendace?

COLOMBO.

Fallaste em Siva, Mafamede, e o Drago . . .

PAMORPHIO.

São os cultos que estimo. Isto te offende?
Como pois offender-te, eu, que te ensino
Com o livro da mente e o da materia?
Confessando o que faço, assim doctrino!

COLOMBO.

Tens razão; continúa.

PAMORPHIO.

Bem; prosigo.
Asia! que encerras da natura os dotes,
E do mundo moral a prisca origem,
Revela-te, e demostra ao Almirante
Quão vasto ha sido o mar da humana róta,
Onde os tufões de orbicular mysterio
Gyram n'um ponto, que é seu berço e tumba;
Onde a luz e as trevas se confundem,
Como os termos da vida n'uma lagrima.
Juncto ás portas do céo teus sons echoam
No infinito e no tempo, e d'ellas descem,
Quaes sonoros Memnons na aurora infinda,

Ao homem, formulando varias crenças,
Crenças que envolvem no matiz verdades.
Por ti mesma, teus sete montes fallem,
Discorram, mostrem as divinas tripodes
Dos mysterios que eivara o tempo, e o homem;
Falle teu solo de sonoros valles,
Fallem teus ríos, portentosas moles,
E teus vates que o mundo esclareceram."

Debruçado gigante, de altos montes
Composto, e o céo tocando co'aspro dorso,
O Himalaya se erguêo! Da fronte algente
Sacudio os bulções, e o raio appenso
Ao flanco alpestre, em que luzia a morte!
No sendal nemoroso, precintado
De eternas estações, alçou a tromba
O elephante espantado, e, trovejando,
Despenhou-se ás lezirias do almo Ganga,
Cercado de mil aguias aturdidas,
De tigres e leões, como elle em sustos.
Bem como um brado de milhões de vozes,
Unido ao baque de alpendrados ríos,
Se ouvio no espaço discorrer o monte!

O HIMALAYA.

Sobre a nava cerulea do infinito,
Na serena mansão do lume ethereo.
Diluí vossos hymnos perfumados,

Estrellas do Indostão, amaveis flores;
Cantai, virgens da olente primavera,
Madres nectareas do abundante outono,
De Brama a gloria; pela esphera subam
Onde os sete planetas cadenceiam
Trisagio luminoso ao grande espirito!
Aves canoras, nymphas das florestas,
Bailadeiras do céo, vernaes coréas,
Adejai gorgeando, uni as vozes
Ao hymno sideral! de cada pedra
Ressumbre uma harmonia; em cada valle
Ondule um epinicio; brilhem, subam
Das gemmas iriadas os cabellos
Do sol, harpa de luz que a nuvem tange;
Tintinem os metaes nas profundezas
Festivo acordo ao tripotente nume,
Que os Vedas inspirou, e poz nos labios
De Valmiki divino a voz dos deoses!
Abram-se as portas d'Alaká divina,
E em ondas radiantes se despenhe
De Siva e Durga no universo a gloria!
E tu, Ganges que as almas purificas,
Que a origem bebes na celeste fonte,
Corre ao seio do mar, abre as cem bocas,
Entorna no oceano illimitado,
Nesse plaino sem fim, de Brama a gloria!
Propicias alvas éra nova estreiem;

Nas fluidas orlas do oceano bebam
Candidas nuvens arrebóes serenos;
Dias de paz e noites de venturas,
Festins alegres e donosos sonhos
Gratos adornos da existencia sejam!..
Sindo formoso, diamantina raia
Do meu reino sem par, que ultriz alçaste
A onda illustre ao Macedonio fero,
Como outr'ora, de Trôade nos plainos,
O louro Xanto ao semideos da Grecia;
Entra sonoro no azulado golfo,
Nessas ilhas do mar, plagas escuras,
Inda vedadas á cubiça estranha,
E os louvores de Siva e Durga espalha."

Calou-se o rei dos montes; e a natura
Fiel ao rogo, edenisou-se inteira,
Tal como a vira nos virginios dias
Os puros olhos dos mortaes primévos.
No meio desta scena bella e calma,
Vio-se ao longe romper o cimo excelso
Do Merú quadrifronte, abrindo um lago,
Que em despenhos caudaes aos quatro ventos
Ríos lançava, fecundando a terra.
No tope abrupto com sinzeis flammantes
Entalhara a natura aureo juvenço,
Lançando ao austro o facultoso Ganges;

Atro ginete, pelas crinas soltas,
Ao poente vertendo o Amú fervente;
Rubro leão, pela garganta, ao boreas
Vomitando em lenções o Genisséa;
E á estrella d'alva, pela tromba etherea,
Niveo elephante o Sitaganga em jorros!
No cavo cimo, reflectindo o pólo,
Resplende o Manassá sereno e divo!
Fluctua em suas aguas sempre mansas
A flor que exhala emanações eternas,
O loto divinal, berço dos deoses.
Brama lhe excelle o perfumado centro,
Sentado, o céo medindo, e compassando
Nas mãos os astros, e o porvir na mente!
Qual sobe na primavera a nivea prole
De brandos cysnes converter em carmes
O mutuo amor, a natural delicia,
Assim aos pés do pensativo Brama,
Coros voejam de gentis Gandhabras,
Cantando coplas, que, em conjuncto alegre,
Apsarás côr do céo correspondiam.

OS GANDHABRAS.

É elle, o rei dos céos! Sentado, ovante,
No loto, amor da luz, calmo contempla
A propria criação, como o artista
Que infundira na pedra a divindade.
É elle, alma dos céos, rei do infinito,

O que tem no seu peito os deoses todos,
No olhar o sol, no pensamento a vida,
No sopro os ventos, no cabello os raios,
Nos pés a terra, e na palavra os Vedas.
Semente eterna, incarnação deífica,
Trindade, pensamento, fórma, vida,
Fecundo germen de incessantes proles,
Desce á flor, ao insecto, ao peixe, ás aves,
Á fera, e ao homem, renovando os seres!
Da cabeça sortio-lhe o sacerdote;
Dos braços o guerreiro; da barriga
O colono, e dos pés sahio-lhe o artista!

AS APSARÁS.

É elle, é elle, o rei da luz, é Brama!
Elle! o que dobra na incorporea nuvem,
Co'os dedos fluidos da illusora Maia,
O arco de Indra, e as fulminantes flechas
Manda no sopro do iracundo Siva,
Quando ciosa Satyabhama á Chrisna
Pede a filha do mar, a sempre flórida
Paridjata celeste, causa insonte
Da celeste discordia! É elle! o lacteo
Elephante Eravata, a quem o brilho
Pede a lua na hora em que elle bebe
Nos doces favos da mangueira olente
A par da abelha o perfumado nectar.
É elle o germem da affeição mais pura,

O sancto beijo dos maternos labios,
O espelho da virtude e da belleza,
A flamma do heroismo, o doce amparo
D'amizade, a harmonia do universo!
Desde a plaga da luz, mãe da palmeira,
Té á noite polar, que alenta o pinho,
Sôe o seu nome, para gloria eterna!

TODOS.

Desde a plaga da luz, mãe da palmeira,
Té á noite polar, que alenta o pinho,
Sôe o seu nome, para gloria eterna!

O ALRORDI.

Mentis á luz e ás trevas, e aos principios
De toda a criação! No Zenda-Avesta,
Pelas settas do sol escripturado,
Quando o Mago supremo a Ormuz ouvia,
O verbo existe, antenascido aos tempos!
D'elle em Mithras colhera a raça humana
Esse lume dual, quando nas éras
Pastoris, venerandas, sem altares,
De mim descera a pelejar a noite.
D'elle fruira, pelo pio Homanes,
Toda a estirpe de Sem a crença maga,
Emquanto o Sindo se alliava ao Taurus,
E no Euphrates, no Tigre, o Touro alado,
Pae de dous povos, levantava templos.
Antes que Budha, o poupador de sangue,

Em Benares, errante a fé plantasse.
Já do meu seio a presciencia eterna
Zoroastro mostrava, dando ao mundo
A face da verdade immaculada,
E as leis do Criador! Antes de Brama,
Já no reino de Islan aguia celeste
As protectoras azas estendia,
E no annel, que suspende, encadeava
As ôcas trevas de Ariman perverso.
Quem supplantou no desolado Cobi
Esses Deves de Eschen, gryphos infestos,
Centauros voadores, negras serpes
Sibilando em desertos, pondo a noite
Sobre a terra e o mar?.. Ormuz, o bello!
Ormuz, fonte perenne de bondade,
Que iguala na prestesa ao pensamento,
E ao raio no punir! Quem, penetrando
Como o lume nas trevas, como o ferro
Nas entranhas do monte, alçou a terra
Do pégo escuro, e a levantou aos astros,
Firmando n'ella as estações harmonicas?
Quem, como um río, fecundou a Thracia,
A Syria, a Grecia, as regiões nevadas,
Si não o gladio productor do Persa?..
Abre o seio da terra; estuda as ruinas
Desse immenso arcabouço de cidades,
Desses templos e paços, dessas aras

Mutiladas, immersas, e na escripta
Cuneiforme, verás que vero hei sido.
O diadema de neve que te adorna
Lume não tira da vizinha nuvem,
Como o seixo divino de meus flancos;
Nem aos homens, em castas separados,
Presta a força e união, tão necessarias
Á concordia, e ao progresso! A humanidade
Desunida por ti, votou-se ao odio.

PROMETHEO.

Não vos conheço, gerações de numes,
Que ante mim disputais a preferencia,
E a gloria de haver dado um berço aos deoses!
Quando no empyreo arrebatei a Jove
A centelha vital, que dei á estatua,
E ouvi de Pallas o começo do orbe;
Não dice a deosa, que a sciencia encerra,
De Ormuz e Brama os tenebrosos nomes!
A mim, gémeo de deoses, pae do homem,
Pertence a lei de revelar o arcano,
E não á estranha, escurecida prole!
Daqui, maniatado, exposto aos tempos,
E o flanco vivo renovando ao impio
Rostro sangrento de typhoneo abutre,
Cuspi a Jove maldição eterna,
Que o fez descer a injurioso olvido!
Saturno, o lento vingador de crimes,

Sem d'insidias usar, quebrou-lhe o dogma,
Abrio-lhe os penetraes do sanctuario,
Humanou-o na lyra, e dice ao vate:
Tu, que fallas co'um deos sempre na mente,
Desthrona esse tyranno; prophetisa
De um novo Deos, de puro amor formado,
A vinda á terra, para allivio do homem;
Mostra na aurora do porvir a imagem
De um Ser mais puro, omnipotente, e eterno,

O ALBORDI.

Que não, por Mithras! e o comprovo, oh misero
Factor de embustes, pregoeiro insano,
Ligado á rocha por negado crime.
Huschengo, o patriarch, aantes da escripta,
Vendo de um seixo rebentar o fogo,
Foi quem dice: „Adoremos, isto é Deos!
E não tu, de Turan raça abatida.
Antes que Homanes se incarnasse, e á terra
A palavra divina désse ao homem;
Antes que as trevas do poente o monstro
De serpigeros labios vomitassem,
E o pae dos evos, o ancião Zervane,
O visse aos pés de Feridun calcado,
Aras já tinha a luz, a pura imagem
De Honover sancto, que embalaram astros!
Bebendo o frio que poreja a rocha,
Estatua ficarás, como os teus deoses,

Té a hora tremenda e inevitavel
Em que Ormuz, por Bahmane secundado,
Unindo a carne aos ossos, ponderando
As virtudes e os crimes dos humanos,
Ha de os mortos julgar, dar premio aos justos,
E no abysmo do horror, em fluido bronze,
Ahriman confundir eternamente!

O ARARAT.

Calai, oh filhos do erro, as loucas vozes
Da fé polluta, que attrahio á terra
As iras do Senhor. Nunca as ouvira
O filho de Lamech, o Adão segundo,
Antes de eleito pae da humanidade;
Nem quando o Eterno suspendêo nos ares,
Após o cataclysmo, o arco ethereo
Emblema da alliança, e no meu dorso
Pousou o lenho salvador, e as aguas
Prendêo no abysmo, sepultura do homem!
Nunca nas tendas pastoris ouvira
O filho de Jabel tamanho engano;
Nem a prole de Adá, a mãe da lyra,
Em seus desvio desaslinhos tantos!
O corvo ingrato vos servio de nuncio,
E nunca a pomba de fiel exemplo!
E que o diga o Sinai, clavicularío
Dos arcanos da genesis, do verbo
A Moysés revelado, antes que a morte

Sobre o Nebo ostensor o arrebatasse.
Eil-o! atalaia na deserta plaga,
Entre dous golfos, qual nilense esphinge
Alçando a fronte esborcinada aos evos,
Testemunha fiel do horror das tendas,
Quando através do nevoeiro espesso,
A voz flammante de Adonai troara
Entre raios, e o som fulgente ouviram
Da trombeta de Anjo, que na dextra
Alçava a espada sideral, e a morte
Pendia ao réo que profanasse o monte.

O SINAI.

Triste, immutavel, não deslembra o ermo
Tempos que foram! ancião robusto,
Fiel, memora os juvenis prazeres,
E n'elles, grato, reconstrue a vida.
Essa, que em luz, mirage, delineia
Plagas errantes e vergeis fugazes,
Illusão das sedentas caravanas,
É minha alma, narrando entre saudades
O que fui; é minha alma vagueando,
Vestindo os ermos do deserto esteril
Co'a sombra amada da primeira vida,
Antes que as aguas do mortal diluvio
A esperança vernal me destruissem!
Assim mesmo, qual sou, inculto e aspero,
Eu vi Aquelle que medio a terra,

Olhou e derretêo as gentes todas;
E fez n'um torvelinho o pó dos montes
Condensar-se nos céos em noite escura,
Quando á terra fechou as mãos radiantes,
Colheo-lhe a vida, e despenhou as aguas!
Ouvi a sua voz de vida e morte.
Eu fui a pedra basilar do templo
Do Senhor d'Israel! De mim se ergueram,
Pelo dedo divino buriladas,
As duas táboas da moral eterna,
O rescripto de Deos, a nova fórma
De um povo tão querido e tão ingrato!
No Himalaya, Merú, Albordi, e Taurus,
Refrangeo-se a verdade, mas a essencia
Revelada e perdida, formulei-a,
Antes que o neto de Levi sentisse
Soprar-lhe a morte na sagrada fronte
Os dous lumes com que Deos o c'roara
Rei, Demiurgo da missão divina.
Feliz quem no Jordão se purifica,
Feliz quem no Calvario doloroso,
Altar de Jehovah, corôa eterna
Do Agno divinal, firmou sua alma:
É d'elle a Sião sancta, e a paz celeste.

O HIMALAYA.

Que não, por Brama, fementidos echos
D'hybridas crenças, passageiras aras!"

E nisto, o monte sacudindo a fronte
De gelo secular, calvo se mostra;
Como si ao sopro de Adonai um astro
Granizasse no céo penhas de neve,
Que delidas ao sol, turbando o espaço,
Sobre a terra em diluvios rebentassem.
Vio-se o Ganga subir toldadas ondas,
Volver o golfo de Bengala em lodo,
Emquanto o Sindo pelo mar da Persia
De espessa vasa saturava o Tigre!

O HIMALAYA (continuando).

Que o diga a eternidade, e que o conteste
O tempo, a terra, a humanidade inteira.
Pariás do céo sereis, bastarda estirpe,
Do loto divinal espuria raça!
Onde estão vossos templos, vossas aras,
Vossos brames e vedas, vossos crentes?
Si o globo meço, disparates vejo,
Si os homens conto, só discordia encontro!
Um sonho foi o Albordi, um sonho o Olympo;
As tendas do Sinai profugas erram;
A Cruz flue e reflue n'um mar de sangue;
O fatal alkorão vive da espada;
E Brama existe, atravessando os tempos,
Como um rijo padrão da eternidade!

O GOLGOTHA.

Perdoai-lhes, oh Padre: insanos fallam!"

E o Golgotha gemêo, chorando sangue!
Cerram-se os véos de mortuaria noite;
O dia foge! Em tenebrosos montes
Rolam as nuvens, trovejando horrisonas,
Cortando a escuridão, como uma espada,
Cai rebombando com funesto estrondo
Sobre a triste Sião ignea serpente,
Que enlaça o templo, e o desfaz em ruinas.
Sóbe o incendio, e de Solima a face
De fumo e cinza cobre, ao chão levando-a,
Como a virgen que expira angustiosa!
Oh prodigio dos céos! visão sublime!
Naquelle temporal, todo mysterio,
Como duas imagens luminosas,
De improviso rutilam sobre as ruinas
David e Salomão! acorde o filho
Co'a cithara paterna, invoca a esposa,
Que desce do Thabor, do Hermon sagrado,
N'uma nuvem de estrellas radiantes!
Quaes palmeiras de luz sóbe o concento,
Espana a escuridão, derrama auroras,
E ao recesso dos céos mystico vôa.
Trajando o linho sideral, que offusca
A estrella da manhã, Christo resplende
Calmo e sancto no meio do infinito,
Calcando um sol de seraphins composto!
Beija a terra Colombo, e prosternado

Nos enlevos do amor e da humildade,
Com alma e coração, diz ao Messias:

„Agno sagrado! divinal insuflo
Da Trina Omnipotencia indivisivel,
Meu Deos, minha esperança, e meu conforto,
Eis-me a teus pés, humilde e agradecido
Por tanta graça, concecida ao fragil
Instrumento de teus grandes designios!
Ampara-me, Senhor, nesta alta empresa,
Pelos ventos do inferno rebatida;
E si eu tenho de ser, como m'o inspiras,
Mensageiro da Cruz, não me abandones
Ás ciladas do imigo! Escuta, oh Christo:
Si hei descrido um momento; si hei fraudado
Meus puros votos, e a missão divina;
Tempera no relampo o gladio ultrice,
E com elle em meu seio embebe a morte.

COLOMBO.

CANTO XIX.

No abysmo da oração, immerso e immovel,
Colombo ficaria, si Pamorphio,
Depois de isento da visão molesta,
Não quebrasse o silencio, isto dizendo:
„Tu não és generoso; porque augmentas
Meu infando soffrer, quando triumphas!
E, por cambio de tantas maravilhas,
Embusteiro e traidor me consideras!
Bem quizera parar neste peryplo;
Mas um fluido invisivel, uma força,
Uma lei, não sei que, me impelle, e ordena
Que a obra finde com sincero peito.
Perdi o livre arbitrio! e como o escravo
Deponho orgulho e odio aos pés do homem
Que cuidei captivar! Ah! si algum dia . . .
Levanta-te, Colombo. O globo gyra;

Temos inda que ver. A luz sumio-se,
E com ella a visão, que não foi minha,
Mas sim desse Anjo que te escuda a vida,
E que aqui penetrou por ver-me escravo!
Vamos findar o quadro humanitario,
E observa o que ahi vem, pois tudo é novo!
Da India, Persia, Grecia, e Palestina,
Ouviste as almas, dissonoras biblias
Na fórma, mas no fundo harmonisadas:
Um Deos eterno! e sempre a lucta eterna
Do bem e o mal, do espirito e da carne,
Do universo moral contra a materia.

COLOMBO.

Comprehendo o que has dicto: A par caminha
A sciencia e o erro, e este lhe serve
De escalão muitas vezes?

PAMORPHIO.

Certamente:
A essencia é uma, mas refracto o lume.
Na luz ao Indio e ao Persa revelou-se
O principio incriado, como o vira
Moysés na sarça ardente e no relampo;
Israel na columna que o salvara;
Abrahão no facho; Elias na fogueira;
E o filho de David nos holocaustos!
A mão do homem rebaixou-lhe a essencia
Á materia finita, e deste vacuo

De esperança e consolo, insana eleva
O eviterno criado, o incompleto,
Nesses deoses carnaes de um céo terreno.
Na dubia escuridão, no chaos da crença,
Lancei o meu brandão: por sol aceito,
A materia fulgio! Eis meu triumpho.
Brama e Zervane resplenderam logo!
Belus, Osiris, Hercules, Saturno,
Foram meus filhos, como Apollo em Delphos,
Movendo a Grecia, e a guerreira Roma,
Voluvel serva de captivos deoses.
O infinito Jehovah, o Deos eterno,
Sem principio nem fim, só, tudo sendo,
Limitou-se e cahio, paixões trajando,
Porque o homem se fez deos em seu nome.
Veio o bramene, o mago, o adivinho,
O pyromis, o bonzo, o druida, e outros
Prear o mundo, avassallar o sceptro,
Submetter o poder ao fanatismo,
O altar á tyrannia, o dogma ao crime,
A justiça ao rancor, a lei ao ouro,
E assim oppor, com refalsado zelo,
Perpetuas trevas á razão humana.
Marco Polo te dice o quanto basta
Ao deleite e instrucção sobre esses Tartaros
Que as aguas bebem que o Altai e o Gurbi
Mandam ao pólo glacial, á estancia

Em que o dia n'um anno se converte!
Deixemos esses povos cuja mente
Á feroz hombridade se prosterna.
Vês este mar coalhado de navios,
Fluxo e refluxo de permutas varias,
Jubilêo de mercantes, demandando
As plagas de Cathay, d'ellas levando
Os thesouros da industria a essas ilhas
Que em numero e grandeza ás náos igualam?
Vês o Celeste Imperio?

COLOMBO.

Vejo a China,
O murado redil, a terra impervia,
Retrahida dos povos pelo orgulho
Do bonzo mercenario, á cruz avesso! . . .

PAMORPHIO.

O juiz prevenido é sempre injusto.
Não julgues que o pagode, altar do bonzo,
Encerra a escuridão. Confucio, o mestre,
Nesse imperio doctrina como Socrates!
Antes que a nave do Pirêo colhesse
Sobre as margens do Nilo a sapiencia,
Já Chuking impetrava ao demiurgo,
As leis do Grande-estudo, e a unidade
Da existencia moral do grande imperio!
A palavra é fecunda quando o homem
Une a pratica á lei que ella proclama,

E não quando, através de preconceitos,
Procura um lume de antemão nublado.
Appensos ao commercio vão os vicios,
E as idéas; mas estas, sempre tardas,
Seus triumphos no tempo só baseam.
Dia virá em que da Europa os filhos
N'Asia descobrirão a prisca essencia
Desse mundo moral, dos céos insuflo,
Que a Grecia herdou, e transmittio á Roma.

COLOMBO.

Quem este imperio, de feições tão suas,
Fundou, e engrandecêo com leis fecundas?

PAMORPHIO.

Fou-Hi, seu criador! Ha vinte seculos
Que ovante zomba dos vaivens do tempo!
Hoa-Sin, sua mãe, Flor - esperada,
Em Honan, sem gemer, o dêo á patria,
Por minha inspiração.

COLOMBO.

Como? repete!

PAMORPHIO.

Passeava indolente a bella virgem
Na margem loura do caudal Hoango,
Futurando venturas, confiando
Ao favonio vernal seus devaneios.
Descuidosa, colhendo alvas conchinhas,
Vio n'areia uma flor, e juncto desta

Impresso o passo de um gigante enorme!
Attonita medio a estranha fórma
De pé tão grande, que igualava um leito;
Abaixou-se a medir do tarso ingente
Os dedos, que o seu palmo amesquinhavam!
E alli pruio-lhe o femenil capricho
De em tal molde deitar-se, por estudo;
E apenas resupina sobre a cova,
Sentio de um somno a salutar brandura
Coar-lhe o corpo, e sobre a fronte eburnea
Baixar-lhe o véo mysterioso, aéreo,
Que presta as tintas das visões da mente.
Dormio; em sonhos vio a nobre imagem
De um bello joven, colossal, divino,
Montanha humana, sobranceiro a um pinho,
Braço de ás nuvens disputar o raio,
Passo de a terra percorrer n'um dia!
Ao cinzento lacní, prodigio alado,
Que falla, canta, joga, e representa,
Offuscava na voz, discurso e graça!
Tinha no rosto, espelho de bondade,
A candura do jade e o brilho do ouro;
No gesto o collear mimoso e fluido
Da serpente, e no móto e curso ethéreo
O vôo do dragão, labéo dos ventos!
Chega-se a ella, e genuflexo canta
Uma endeixa de amor, jamais ouvida!

Toma-a nos braços, carinhoso a beija,
Ás estrellas a eleva ao som do canto,
Vôa com ella ás regiões celestes,
Amor lhe jura, e n'um suspiro esvai-se,
Como a sombra da mente no infinito!
Louca de amor acorda a virgem, marcha,
Segue a pista anciosa, vôa, vence
Do río as voltas; mas o curso estaca
Na orla a pique de affluente lympha,
Que entre pedras cavadas removia
Rugidora espadana! Um ai soltando,
Lacrimosa bradou: „Perdi o esposo,
Que n'um sonho traidor veio illudir-me!"
E assim perdida vio cheia de assombro
Descer do céo, abrilhantando as fachas
O arco-iris, que a cingio em torno,
Como um braço de amor, laço de encantos!
Flammante aurora a vista lhe deslumbra
Batem-lhe as veias em sonoros hymnos,
Sente a vida fugir-lhe entre delicias,
E qual si fosse reclinada em nuvem
Que ao som desliza de concento ethêreo,
Cai n'um enlevo, que invejara sempre!
Fagueiras ondas de indizivel fluido
Seu corpo embalam, envolvendo-lhe a alma
De ineffaveis delicias! Languorosa,
Os olhos fixos, respirando encantos,

Como nunca sentira, immovel fica,
Semimorta algum tempo, reflectindo
Em seu rosto um sorriso extasiado!
Mas eis que manso e manso, como a onda
Serenada, seu peito cadenceia
Ao respiro vital; acorda, e se alça
Do deliquio feliz. Turbada ainda,
Entre o mundo que vê e o sonho havido,
Saudosa e triste de tão breve dita,
Volta o passo indeciso ao lar paterno.
Com rubor virginal, toda tremente,
Á mãe confia todo o caso, e ainda,
O secreto pensar de haver um filho
Daquella norma divinal que adora.
Em vão nas horas do repouso a virgem
Com saudosa esperança provocava
A um sonho o joven; nunca mais o vira!
Um anno decorrêo, anno de angustias!..
N'um dia em que olvidara, — unico dia! —
Aquelle sonho, o loriol ouvindo
Cantar na rama do vergel paterno,
Sentio no seio a sensação de um corpo
E aos pés um monstro meneando a cauda!
Horrendo drago de bovina fronte,
Dorso espinhoso, e catadura infesta!
Quer fugir pavorosa; o monstro a prende
Com a cauda, e lhe canta aquelle carmen

Que ella em sonhos ouvira; extasiada
No grato enlevo da feliz memoria,
Vê nos olhos do monstro reflectida
A bella imagem do sonhado amante!
O monstro era Fou-Hí, excelso tronco
Dos duzentos monarchas deste imperio
Inconcusso na crença, leis, e rito,
Que nunca a espada da conquista e o sceptro
De estranha raça lhe alterou a fórma.
Término d'Asia, como um grande exemplo,
Eterno o guardarei. Ahi tens a causa
Porque imperam dragões, e kingues velam
Ás portas de Cantão, que afouto buscas.
Lá stá ella! a cidade amphibia, a nobre
Rainha d'Asia no seu throno mixto,
Coroada de nivea porcelana,
Pisando o ouro e o charão lustroso,
Abrindo ás lettras os degráos do solio,
Movendo gente que equivale a um reino,
Maior que Roma, Babylonia, e Thebas!

COLOMBO.

Maior que tudo! Pela terra alonga,
Como Sevilha, populosas ruas,
E nas aguas do río, outra Veneza,
Igualmente fluctua! Como é grande
Este imperio das trevas, sendo a terra
Que primeira do sol recebe o lume!

Quantas terras no escuro! ilhas sem conta
Juncando o mar em grupos, povoadas
De estranhas raças com diversos cultos!
Serão da Igreja em breve, assim o espero:
Por mim virão plantar a cruz de Christo
Piedosos varões nestas devesas,
E a palavra de Deos firmar nos peitos.
Vel-o-ha o porvir, no mar, na terra,
Como um só individuo, uma só raça,
No gremio da oração unificadas.

PAMORPHIO.

Plantei de Mafamede a invicta espada
De um mar a outro mar, já presentindo
A cruz nas mãos do Luso, não nas tuas.
De uma lucta sem fim, de mutuas glorias,
Atalaia serei no campo odioso,
Pharol nos cabos, temporal nos mares,
Insidia, guerra e morte em toda parte.
Ao pipal baniano, a planta sacra,
Opporei a bohupas javanense,
Que alastra e cobre de veneno a terra.

COLOMBO.

Por mim abertas do Oriente as portas,
Que mão a Christo as fechará ovante?!

PAMORPHIO.

Ninguem t'as fechará; crê no que digo:
Ephemeros triumphos hão de o Tejo

Orgulhoso exaltar; e esses triumphos
Sua queda farão! A cruz e a espada
De Ourique e Aljubarrota hei de inquinal-as
No balção mercenario. O heroismo,
Esse gigante que avassalla a terra,
Enche o mundo ideal, e aspira á gloria,
Ao riso mofador da côrte estulta,
Co'um sordido capuz hei de abafal-o!
Darei ao mercador o mando, e a espada
Á lisonja servil, cancro das regias.
A nave que singrar do Sindo ao Ganga
Todo o mar do Indostão, e alçar briosa
As Quinas em Malaca, Dio, Sumatra,
Na grande Papuasia e ingente Australia,
E nesta Adria de reinos espalhados,
Afundida será aos pés da Hespanha,
Quando Lisbôa em dó um padre imbele
Sobre um chão abalado erguer ao throno.
Em vão do Vaticano ás portas aureas
Auxillo pedirá. Fronteiro a Lysia,
Eu, incarnado no Senhor de Roma,
Allegando um direito, o sceptro antigo
De seus reis pedirei, qual sacro espolio,
Si não, em cambio do oriente as pareas!
Pedirei á rainha do oceano,
Da antiga Lusitania, dos Algarves,
D'aquem e d'além-mar, senhora ufana

Da Ethiopia, da Arabia, Persia, e India,
Lagrimas de ouro, diamantino pranto.
Pedirei de Orixá outro elephante
Carregado de joias e perfumes,
E um tributo annual, que valha o reino!
E Lysia! — oh que vindicta dos infernos!
Abatida dirá: „Os meus thesouros
Perderam-se na infausta Mauritania!
De tantas c'roas, só te peço a antiga,
Que mãos compradas vão vender á Hespanha!
Egoistas sem patria, raça ingrata,
Escoria da nação, eis o que resta!"

COLOMBO.

Assim será emquanto viva a escola
Do bispo Ortiz e dos imbeceis mestres
Juncto ao solio existir, e n'elle actuarem
Homens que buscam no poente a aurora,
No passado o porvir, na campa a vida.

PAMORPHIO.

Agora só te resta o curto imperio
Do Nipon bicroado, sufraganeo
Da China em culto, mas rival no entono.
Estas ilhas que vês são do oceano,
Que ha de mais tarde, como vou mostrar-te,
Ser do globo terraqueo nova parte.

COLOMBO.

Findou-se a terra! só diviso mares,

Horizontes vazios, céo, o espaço,
E alêm d'elle . . . o infinito interminavel!
Neste largo oceano vejo ilhas
Alli e alêm grupadas. Vejo as naves
Do Niponio e Malaio costeando
Estes restos do mundo, sem que ao longe
Minhas naves apontem, demandando
As plagas de Cathay, por mim buscadas.

PAMORPHIO.

É cedo, não te afoutes; calmo espera;
Que a pressa só na fuga é bom conselho.
Tens ainda que ver. Dice-te ha pouco:
Abrirei a teus olhos o thesouro
Da universal sciencia, estranho ao homem,
Inda preso á materia que o abate.
Verás o que não vio a Aguia de Pathmos,
Nem soube Salomão. — Cumpro a promessa.
Viste o homem da noite, o sempre escravo
No solo ardente da calmosa Lybia:
Viste o homem do dia, o branco ousado,
Senhor da Europa, e no porvir, da terra:
Viste o filho da aurora, o que primeiro
As luzes diffundio do engenho e d'arte;
Mas não viste o do occaso, o homem rubro,
Que adora o sol em theocallis de ouro,
E a quem preparas um cruel destino!

COLOMBO.

A teu ver, inimigo do Evangelho!

PAMORPHIO.

Não nego; mas espera: o tempo é fertil:
E as tuas illusões, qual branda neve,
Hão de aos raios do sol evaporar-se.
Viste parte da terra, não inteira,
Porque a terra é maior do que imaginas.
Sobre ella passarão centos de lustros
Antes que o homem lhe demarque as zonas,
Perlustre os ermos e compasse os mares.
É tarda a grande luz da intelligencia,
Mas constante em vencer da mente as trevas.

COLOMBO.

Regeitar sem criterio quanto hei visto,
Não é meu natural. Si em teus discursos
Fallacia suspeitei, vendo quem eras,
Melhor fui doctrinado quando conscio
Transluzio-me a verdade. Vi-a errante,
Incerta, vaga, emmaranhada ás vezes,
Fulgir nos tempos através da noite,
Qual relampo fugaz por entre nuvens,
Mas divina surgir com lume eterno
No alto do Sinai! Moysés firmou-a,
Sem dar-lhe adejo á eternidade, e á vida
Desse outro mundo repulsor da carne.
Job a não deificou, quando blasphemo

Com torvo coração a discutira,
Abrindo n'alma um vacuo tenebroso!
Da lyra dos prophetas, remontando
Aos pés de Jehovah, crescêo em lume,
Raiou na estrella de Belem, e Christo
De luz divina enchêo e de esperanças
Este vacuo tristonho, incerto, e escuro,
Sem as leis abrogar da fé moisaica.

PAMORPHIO.

Foi proficua a lição, que dei forçado.
Voltemos ao planeta. Eil-o gyrando!
Sobre este pégo, semeado de ilhas,
Vamos caminho de um mais bello mundo,
De um mundo que jamais sonhara Strabo.
Não viste á entrada das nilenses aguas
Do fabuloso Egypto mil esphinges
Seus ádytos guardando? Nestas ilhas,
Outras tantas esphinges tens, que entestam
Co'o novo sanctuario, onde se occulta
Um thesouro maior do que procuras!
Esta ilha, que á Europa iguala em geiras,
Permeada do Capro, a fórma tendo
Da pelta scytha, de Papús ignobeis
Ora habitada, sem cultura e artes,
Mais que o Luso christão ha de algum dia
Nestes mares fazer, quando o Britanno
Mercador abater as leis e as aras

Do Cafre, do Indio, e das nações que bebem
As aguas tressuadas nos recostos
Do Himalaya, do Altai, do Ural, e Gates;
E eu a elle me unir, para do scisma
Á descrença leval-o pelo egoismo.
Darei, é certo, á humanidade campo,
Mas á fé, só a fé do mercenario.

„Vai vendo estes ilhotes, estes oasis,
Vergeis nutantes, formosura e vida
Do salso descampado, em que formigam
O Endamenio sem lei, o bronzeo Alfura,
O negro Otaitiano, e o Polynesio,
Do cruento Tabú vendado escravo.
Repara nestas raças variadas
Em côr, em brios, crenças, leis, e usos,
Frizando da alimaria o bruto instincto,
Sem industria, sem arte, declinando
Do pagode á choupana, e desta á lapa
Da fera abrigo, e tenebroso asilo
De embusteiros crueis, que o mal augmentam?
Assim foram teus paes, antes do fogo,
Na idade saxea, precedente á bronzea,
E á ferrea, a quem o mundo as artes deve.

COLOMBO.

Que noite d'alma! Como a triste planta
Do sol imiga, que em Sumatra avulta,

Assim os vejos pulular nas trevas.
Desgraçados mortaes! tão afastados
Do piedoso Messias! Ah! quão tarde
Fructifica a verdade, e resplandece!
Muito tem que subir neste orbe ingrato
Dos homens a porção mais numerosa!
É nelle exilio e expiação a vida,
Lucta e gemidos, um soffrer contínuo!
Porque, Deos e Senhor, á franca margem
Do oceano, que tudo multiplica,
Tua cruz não firmaste? porque á sombra
Do Libano, e pendente a escuso lago,
Que bebe as proprias aguas, escondeste-a,
Como o avaro colono os seus thesouros?

PAMORPHIO.

Porque Roma era o mundo, e em Roma estava
A sagrada Sião; estava escripto
O tempo azado á lucta e ao martyrio.
Das leis celestes os secretos meios,
E arcanos fins só Deos conhece o alcance,
E nós, que em combatel-o porfiamos.
Quando a acção do vulcão e a do polypo,
Ao lento esforço de cumpridas eras,
Neste largo oceano se alliarem,
Formando um vasto imperio; quando o verbo
Do Calvario sagrar o Ganga e o Sindo,
E á pia baptismal subirem ambos,

Então a lei de Christo . . . Temos tempo.
Medir as phases deste cyclo immenso
Não é dado aos mortaes. A nós incumbe
Espaçal-as somente, o que é ja lucro.
Estas ilhas, um dia, suspendidas,
Altos montes serão da nova terra
Que este mar banhará, como hoje as lava!
O planeta em que estás é um gigante,
Ao sol, por fio ethéreo, ha muito atado,
Que vigia de um lado e dorme do outro,
Sonhando as estações; tem vida e alma:
É um ente progressivo, que melhora
De billennio em billennio, como has visto
Ao descer a seu centro. O homem de hontem,
De feras domador, não é o de hoje,
E o de hoje não será o do futuro.
De auras mais puras bafejada a carne
Menos lodo será, e seus instinctos,
Filhos da terra, subirão á esphera
De um mais doce viver, sem tantos crimes.
Cada invento que faz é um passo d'alma,
Combatido por nós, que tudo vemos.

Prepara o coração. Eis, no horizonte,
Do Novo Mundo as precursoras mostras.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.